

MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO GERAL  
**FUNDAÇÃO IBGE**  
INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA

# Boletim Geográfico

## 230

Setembro-Outubro de 1972 — Ano 31

### **FUNDAÇÃO IBGE**

*Presidente:* ISAAC KERSTENETZKY

### **Instituto Brasileiro de Geografia**

*Diretor-Superintendente:* MIGUEL ALVES DE LIMA

*Diretor Responsável*

MIGUEL ALVES DE LIMA

*Secretário*

NEY STRAUCH

Edição do

### **DEPARTAMENTO DE DOCUMENTAÇÃO E DIVULGAÇÃO GEOGRÁFICA E CARTOGRÁFICA**

*Publicação bimestral / exemplar Cr\$ 2,00 / assinatura Cr\$ 10,00*

*Redação: Av. Beira Mar, 436 — 12.º — Rio de Janeiro — GB  
— BRASIL*

*Pede-se permuta — on demande l'échange — we ask for exchange.*

|   |     |
|---|-----|
| 1 — A CIDADE DE TERESINA  | 3   |
| <hr/>   |     |
| 2 — AS DIMENSÕES REGIONAIS DO ESPAÇO BRASILEIRO   | 186 |
| <hr/>   |     |
| 3 — A PRIMITIVIDADE DOS CAMPOS CERRADOS BRASILEIROS E<br>NOVAS OBSERVAÇÕES EM SEU LIMITE MERIDIONAL | 215 |
| <hr/>   |     |
| 4 — BIBLIOGRAFIA  | 227 |
| <hr/>   |     |
| 5 — NOTICIÁRIO  | 231 |
| <hr/>   |     |
| 6 — LEGISLAÇÃO  | 241 |
| <hr/>   |     |

*O Boletim Geográfico não insere matéria remunerada, nem aceita qualquer espécie de publicidade comercial, não se responsabilizando também pelos conceitos emitidos em artigos assinados.*

## sumário

|   |  |     |
|---|--|-----|
| <b>A CIDADE DE TERESINA</b>   | AMÉLIA ALBA NOGUEIRA MOREIRA   |     |
| <b>AS DIMENSÕES REGIONAIS DO ESPAÇO BRASILEIRO</b>  | MIGUEL ALVES DE LIMA<br>MARÍLIA VELLOSO GALVÃO<br>SPERIDÍAO FAISSOL                              | 186 |
| <b>A PRIMITIVIDADE DOS CAMPOS CERRADOS BRASILEIROS E NOVAS OBSERVAÇÕES EM SEU LIMITE MERIDIONAL</b> | KURT HUECK   | 215 |
| <b>BIBLIOGRAFIA</b>   | LIVROS   | 227 |
|   | Oceanografia   | 227 |
|   | Divisão do Brasil em Regiões Funcionais Urbanas  | 227 |
|   | Geografia das Paisagens  | 228 |
|   | Cultural Change in Brazil  | 228 |
|   | Deslocamento das Indústrias Cariocas e os aspectos da Geografia das Indústrias do Rio de Janeiro | 229 |
|   | Periódicos   | 229 |
|   | Revista de Geografia   | 229 |
|   | Journal of Geography   | 229 |
|   | Photogrammetric Engineering  | 230 |

|                   |  |            |
|-------------------|--|------------|
| <b>NOTICIÁRIO</b> | <b>Presidência da República</b>  | <b>231</b> |
|                   | <b>Certames</b>  | <b>234</b> |
|                   | <b>Unidades Federativas</b>  | <b>238</b> |
| <b>LEGISLAÇÃO</b> | <b>Atos do Poder Executivo</b>   | <b>241</b> |
|                   | <b>Decreto n.º 1.207, de 7 de fevereiro de 1972</b>                              |            |
|                   | <b>Cria Programa especial para o Vale do São Francisco (PROVALE)</b>             | <b>241</b> |
|                   | <b>Decreto n.º 70.210, de 28 de fevereiro de 1972</b>                            |            |
|                   | <b>Dispõe a respeito da coleta e apuração das estatísticas do registro civil</b> | <b>243</b> |
|                   | <b>Decreto n.º 70.231, de 3 de março de 1972</b>                                 |            |
|                   | <b>Dispõe sobre a revisão do cadastro rural</b>                                  | <b>243</b> |
|                   | <b>Decreto n.º 70.296, de 17 de março de 1972</b>                                |            |
|                   | <b>Dispõe sobre o Parque Nacional de Aparados da Serra</b>                       | <b>244</b> |

Boletim Geográfico. a.1- n.1- abril, 1943-

Rio de Janeiro, Instituto brasileiro de geografia, 1943-

n. ilustr. 23,cm bimestral

Ministério do planejamento e coordenação geral.

Fundação IBGE...

mensal, a. 1-9, n.1-105, 1951.

a. 1, n. 1, 3, abril/jun., 1943, Boletim do Conselho Nacional de Geografia.

1. Geografia — Periódicos. I. Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia.

Biblioteca  
do  
I.B.G.



SWB kpal B688

Representando a maior concentração de bens e serviços à economia e às populações da capital, bem como de outras áreas do interior do Piauí e do Maranhão, a cidade de Teresina foi selecionada como um dos centros dinamizadores do Nordeste pela política de desenvolvimento da SUDENE. Por essa política a Fundação IBGE firmou contrato com aquela entidade para levantamento geográfico em regiões-programa e centros dinamizadores do NE. Este artigo é parte dos resultados alcançados. O texto referente à cidade de Teresina dentro de sua dimensão regional será publicado no BG.231.

## A cidade de Teresina<sup>\*</sup>

3

AMÉLIA ALBA NOGUEIRA MOREIRA\*\*  
GEÓGRAFO DO I.B.G.

### Introdução

O presente relatório teve o objetivo de sistematizar um conjunto de informações geográficas que pudesse ser útil ao planejamento do desenvolvimento da cidade de Teresina, importante capital regional do Meio-Norte.

Selecionada como um dos centros dinamizadores do Nordeste pela política de desenvolvimento do IV Plano Diretor da SUDENE, e de acordo com os objetivos e fundamentos do citado Plano,

o estudo da cidade foi orientado para dois aspectos principais:

- conhecimento da cidade através do levantamento de seus recursos humanos, equipamentos de serviços e infra-estrutura econômica.
- diagnóstico do conteúdo de seu espaço regional ou de sua área de influência em seus aspectos e condições naturais, recursos humanos, infra-estruturais e dados sobre a vida agropastoril.

\* O presente trabalho faz parte de relatório elaborado para a SUDENE, resultante de contrato entre a Fundação IBGE e aquele órgão regional. O texto referente à cidade de Teresina, dentro do seu contexto regional, será publicado no próximo número do *Boletim Geográfico*.

\*\* Participaram da elaboração deste trabalho: Beatriz Celia Correia de Melo Pety — *O Setor Educacional*; Maria Alice Lanari Ferreira — *Os Serviços de Saúde*; Ele-Nice Peixoto da Silva — *O Setor Bancário*; Irene Braga de Miguez Garrido Filha — *As Atividades Industriais de Teresina*; Fany Rachel Davidovich — *As Atividades Comerciais, o comércio de abastecimento e os fluxos comerciais de Teresina. O comércio e as condições de dinamização da cidade.*

É sabido que as cidades exercem o comando de suas áreas de influências, de tal modo que as programações e inovações levadas aos centros urbanos seriam capazes de, por irradiação ou difusão, vir a beneficiar os espaços polarizados.

Como capital administrativa, Teresina é, por natureza, um centro dinamizador. Através do setor governo, vem sendo envidados esforços para melhorar a infra-estrutura econômica e o equipamento de serviços, de modo a favorecer a locação de novos empreendimentos do setor industrial, tanto na cidade quanto no interior. Paralelamente, a cidade representa no Estado a maior concentração de bens e serviços à economia e às populações da capital e de sua área de influência, bem como de outras áreas do interior do Piauí e do Maranhão.

4

Constituindo a cidade o reflexo de sua região, em suas forças dinâmicas e inibidoras, Teresina apresenta-se naturalmente como uma cidade de sua região. A paisagem urbana é de modo geral pobre: as construções urbanas não refletem a prosperidade e riquezas legadas do passado, como São Luís; sua população trai, pelo subemprego e desemprego visíveis nas ruas, a saturação da capacidade de suporte da cidade, fato comum a outras cidades nordestinas; o comércio e os serviços aparecem como as atividades mais dinâmicas e mais elásticas e a indústria apenas incipiente.

Concentrando 190.292 habitantes na área urbana, a cidade possui, entretanto, forças internas capazes de lhe conferir dinamismo próprio, traduzidos na dimensão de sua vida comercial, voltada em parte para os mercados de consumo urbano, que vão se ampliando pelas migrações de populações para a capital e para os centros urbanos do interior. Nestes, as solici-

tações, embora fracas, abrangem no espaço regional cerca de 347.941 habitantes, a que se somam as populações do espaço extra-regional que extravasa pelo Maranhão, indo alcançar as populosas áreas pioneiras do Mearim e do Pindaré.

Capital de um estado considerado como isolado e marginalizado, de transição entre o Nordeste e a Amazônia, com problemas comuns as duas Grandes Regiões, nela os aspectos do subdesenvolvimento nordestino são agravados. Com problemas de supovoamento inerentes às regiões vazias, o Piauí e sua capital aparecem como um verdadeiro desafio aos programadores do desenvolvimento. Possuindo um regime fundiário dominado pelo latifúndio, uma pecuária extensivista, a agricultura voltada para a subsistência e uma complexa problemática extrativista, é de se esperar que os estímulos e incentivos oriundos do setor público somente lenta e indiretamente venham inovar o setor privado, dominado, de maneira geral, por uma mentalidade conservadora e tradicionalista.

Acrescentam-se aos problemas mencionados o desconhecimento das potencialidades virtuais do meio físico, o que faz com que o Piauí não apresente nenhum *handicap*, mas sim um conjunto de condições supostamente desfavoráveis. Assim, os problemas econômicos são acentuados pelas condições naturais que apenas determinam, agravando a fragilidade da vida regional.

## A Posição de Teresina

### a) Antecedentes:

Teresina foi fundada em 1852, com o objetivo de abrigar a função de capital do Piauí, antes exercida por Oeiras (então Nossa Senhora da Vitória da Mocha). Foi localizada na margem direita do médio curso do rio Parnaíba,

então principal eixo de circulação e de exteriorização do Estado.

A posição da cidade afigurava-se estratégica em relação ao Piauí, pois, através dos aglomerados ribeirinhos no médio e alto curso, poderia comandar a vida do Estado. Os caminhos terrestres garantiam as ligações entre os entrepostos fluviais de comércio e localidades situadas nos altos cursos dos rios Poti, Canindé—Piauí e Itaueira que, com suas fazendas e povoados, foram ocupados antes de se processar o povoamento do Parnaíba.

Estratégica foi também a posição de Teresina em relação ao Maranhão, importante foco da vida econômica colonial, ao qual o Piauí esteve administrativamente vinculado até 1810. A antiga capital Oeiras, dependente das mercadorias vindas do Maranhão, ou de Parnaíba, ressentia-se então do isolamento, e não pôde concorrer com as vantagens locais que justificaram a transferência da capital para seu sítio atual, próximo dos centros dinâmicos da vida maranhense, localizados no médio Itapicuru.

Teresina colocava-se igualmente próxima das tradicionais áreas pastoris do rio Longá e de Campo Maior. A confluência do Parnaíba com o Poti apresentava também a vantagem de colocar-se a cidade próxima de terrenos agrícolas de várzeas, nos quais os cultivos de alimentos e do algodão poderiam se desenvolver. Como reflexo da situação do Itapicuru, os cultivos algodoeiros se espalharam em áreas próximas de Teresina, Amarante e de União, sem contudo levar esses centros à esperada prosperidade. As tentativas feitas para instalar uma fábrica de tecidos na cidade datam de 1874, e sua inauguração em 1893 constitui réplica do que ocorria em Caxias na mesma época.

Como o algodão, o extrativismo iniciado em fins do século XIX foi in-

capaz de favorecer uma maior articulação de Teresina com a vida regional do Parnaíba. A maniçoba foi inicialmente explorada em terras devolutas e do seu comércio beneficiou-se Teresina, Barras, Floriano e Parnaíba. Esta, localizada no delta do Parnaíba, passou a constituir centro de convergência e exportação da produção regional de cera de carnaúba, babaçu, resina de jatobá e de outros produtos, além de distribuidora para o interior dos produtos importados.

Interiorizada, Teresina tinha o comando da vida administrativa, dos serviços de educação, saúde e lazer e menos da vida econômica do Estado. O extrativismo voltava-se para a exportação, e a agropecuária, pelo isolamento e pelas secas, involuía para a subsistência. Ambas não chegaram a constituir atividades polarizáveis pela cidade, que apenas afigurava-se como centro de consumo para excessos da subsistência.

Teresina, apresentou-se, no entanto, desde o passado, como centro de atração das populações do interior do Estado, tanto para as que preferiam seus serviços quanto pelas populações flageladas pelas secas que buscavam os serviços assistenciais do governo.

Desarticulada da vida econômica regional, Teresina, embora possuísse posição favorável no meio das áreas agrícolas do Itapicuru e áreas pastoris do Longá, foi incapaz de centralizar essas atividades em seu proveito.

#### b) *O advento da rodovia*

Com a implantação da malha rodoviária, a partir de 1940, novas perspectivas se abriram para Teresina como entroncamento rodoviário do Meio-Norte.

A cidade, no período que vai de 1940 a 1960, foi, através da rodovia, posta

diretamente em contato com regiões diferentes, a saber:

- interior do Nordeste seco e Fortaleza, pelas BR-222 e 343;
- Zonas pioneiras do Pindaré-Mearim, então centros vitais da economia maranhense, pelas BR-316 a 343;
- áreas agrícolas do sudeste do Estado, pela BR-316 que também facultou o acesso a Pernambuco, Bahia, e áreas dinâmicas da vida brasileira situadas no Sudeste do País.

Ponto de convergência de rodovias, a cidade de Teresina teve assim firmada e ampliada sua área de influência, e intensificada a vida de relações com as localidades servidas pelos eixos rodoviários.

Assim, a área atendida por Teresina passou a ocupar o território que vai de leste para oeste, da Ibiapaba ao Mearim—Pindaré; ao norte atinge Parnaíba e, para o sul, entra em contato com as áreas de influência de Picos e de Floriano.

Ao mesmo tempo em que se foram implantando as grandes ligações rodoviárias federais, de articulações de pontos estratégicos do território brasileiro, Teresina perdia sua condição isolada e interiorizada, vinculando-se, através dessas ligações, a outros centros da vida nacional. Concomitantemente à abertura da malha rodoviária federal, melhoraram-se as ligações entre os pequenos centros do interior, pela abertura de vias estaduais e municipais. Convergentes para os grandes eixos rodoviários, essas estradas secundárias passaram a ligar os centros locais aos centros regionais, e estes à capital regional, no caso, Teresina. Deste modo, contribuíram as rodovias para a estruturação da incipiente organização e hierarquização urbana de Teresina e seu espaço regional em relação à rede urbana do Nordeste.

Na atualidade, ante os grandes eixos que vão sendo planejados, Teresina guarda sua posição de entroncamento ao longo da BR-226, que deverá ligar o porto de Natal e o sertão nordestino às áreas pioneiras da Amazônia, através da Transamazônica, além de etapa para a rodovia BR-316 que deverá atingir Belém.

### c) O espaço regional de Teresina

Os limites da área de influência de Teresina, no presente estudo, foram estabelecidos tomando como fonte de consulta os trabalhos publicados pela Fundação IBGE/IBG; o Esboço da Divisão do Brasil em Espaços Polarizados (1967) e a Divisão do Brasil em Regiões Funcionais Urbanas (1971), ambos apoiados na consulta ao Questionário CNG-EPEA, de 1966. Tendo em vista a pesquisa de campo realizada para a elaboração dos relatórios sobre a Região Programa de Picos (1968) e para os Centros Dinamizadores de Floriano (1968), Teresina (1970) e Parnaíba (1970), foram corrigidos os dados fornecidos pelo referido Questionário. Concluiu-se por definir a área de atuação direta a Teresina como composta de 55 municípios, entre os quais 8 do Estado do Maranhão. (Mapa — Posição de Teresina no Meio-Norte)

Acrescentam-se a esta área aquela de influência indireta, que inclui todo o norte do Estado do Piauí e maior número de municípios maranhenses.

Para o cômputo geral dos relacionamentos da cidade com a sua região de influência direta foram levados em consideração os mesmos indicadores adotados pelo IBG em seus trabalhos:

- os fluxos agrícolas;
- a distribuição de bens e serviços à economia;
- a prestação de serviços à população.



No relativo aos fluxos agrícolas, verifica-se que em 260 ligações de Teresina com seu espaço regional, 71% representam fluxos oriundos do espaço definido como de influência direta da capital.

Do total desses fluxos mais de 50% era de *produtos destinados ao abastecimento da cidade*, principalmente o gado e o arroz, seguidos da mandioca, milho, feijão, frutas, rapadura e leite.

A menor solicitação de Teresina sobre a produção agrícola regional prende-se à concorrência e penetração de Fortaleza sobre produtos tradicionalmente exportados por seu porto. Comparados os fluxos dirigidos para esta cidade, em relação àqueles dirigidos para Teresina, verificou-se que Fortaleza centralizava 50% dos produtos destinados à exportação e à indústria regional.

8

Teresina indicava 168 ligações de serviços à economia do Meio-Norte, das quais 89% destinados à região.

A compra de sacaria, máquinas, arame, sementes e fertilizantes é feita em Teresina por quase toda a sua região, exceção feita aos municípios localizados ao longo da BR-222 e 343, como Piri-piri e Campo Maior que também vão a Fortaleza. Teresina tem a seu cargo a distribuição de *serviços bancários* a uma vasta área de seu espaço regional, penetrando também pela área de influência indireta. Certa autonomia é observada para as cidades mais populosas que dispõem de agências do Banco do Brasil, Banco do Nordeste e Banco do Estado do Piauí.

Talvez porque Teresina seja uma praça comercial varejista por tradição, sua atuação no *abastecimento do varejo* do interior sofre desde o passado séria concorrência de Fortaleza. Assim, em 32 relacionamentos do interior com Teresina, 21 indicava ir também a Fortaleza. Entre estes colocam-se municí-

pios situados muito próximos de Teresina, como os de Altos e Campo Maior.

Para os *serviços à população*, como o varejo especializado e o varejo fino, Teresina serve de modo quase exclusivo à sua região, sendo pequena e localizada a penetração de Fortaleza.

## O Método de Trabalho

A metodologia de trabalho foi determinada pelos próprios objetivos do Relatório, isto é, oferecer um conjunto de informações sobre Teresina e suas funções estratégicas.

A cidade de Teresina já foi objeto de extensa pesquisa para o Plano de Desenvolvimento Local Integrado, que recobre, em parte, os temas de interesse do presente diagnóstico. O Plano de Desenvolvimento Local Integrado de Teresina foi publicado em 1970, tendo sido elaborado mediante contrato entre a Prefeitura Municipal e a COPLAN S/A e financiado pelo SERFHAU-FIPLAN-BNH. Constitui o Plano uma análise profunda das causas de estrangulamento e fatores propulsores destinados a servir uma programação racional do desenvolvimento da cidade. Nos seus capítulos — TERESINA, Entraves e Impulsos no seu Desenvolvimento, Estratégia para o Desenvolvimento dos Programas de Ação e a Implementação do Processo de Planejamento, são sugeridas soluções para os problemas urbanos de execução imediata e a longo prazo. Trabalho minucioso que contou com a participação de 40 técnicos e consultores de diversas especialidades, com a colaboração de empresas e órgãos públicos e rica apresentação gráfica, o Plano de Desenvolvimento Local Integrado de Teresina, praticamente esgota o que deveria ser estudado em um despretencioso trabalho como este.

Assim, tendo em vista a existência do referido Plano, restringiu-se o pre-

sente estudo às mais importantes funções estratégicas da cidade, em seus relacionamentos com a sua área de influência e com os espaços extra-regionais.

Para os 56 municípios do espaço regional de Teresina foram coletados, tabulados e classificados dados que permitiram a visão geral da região sobre o qual atua a cidade, levando em consideração os seus aspectos físicos, humanos, infra-estruturais e econômicos.

A falta de informações mais específicas sobre determinados aspectos foi suprida com a pesquisa direta levada a efeito na cidade, a partir da qual foi realizado o reconhecimento exploratório da região, visando ao contato direto com os problemas regionais de maiores repercussões sobre a vida de Teresina.

Na cidade foram desenvolvidas duas pesquisas mais extensas: uma sobre a população, com o objetivo de melhor compreender o problema migratório, e outra sobre o comércio regional, visando conhecer, pela análise qualitativa, os processos e mecanismos da comercialização no Meio-Norte.

A realização de entrevistas locais com administradores e conhecedores da problemática regional constituiu, pois, elemento básico para a interpretação dos dados estatísticos e das informações coletadas.

Embora os diferentes assuntos tratados tenham sido apresentados de uma maneira sistemática, procurou-se, sempre que possível, integrar cada setor estudado dentro da problemática da vida de relações do espaço considerado.

Muito embora o presente Relatório tenha analisado os diversos temas apresentados sob um enfoque apenas geográfico, estima-se, possam as informações dadas, servir de orientação e apoio à intervenção do poder público em Teresina e no seu espaço regional.

## 1 - Aspecto Físico do Sítio Urbano

Localizada no médio curso do rio Parnaíba, em área próxima à confluência do rio Poti, Teresina tem um sítio de planície aluvial, ocupando o baixo interflúvio que se alonga entre os dois rios.

A escolha do sítio atual data de 1842, quando foi fundada a Vila Nova do Poti, elevada a categoria de cidade em 1852 com o nome de Teresina, para abrigar a função de capital até então exercida por Oeiras. A nova cidade localizada nos terrenos ribeirinhos do Parnaíba (na altitude de 65 m) teria a possibilidade de expandir-se para a área interfluvial e estaria a salvo das cheias que assolavam a área da confluência do Poti com a Parnaíba, onde já então se encontrava a antiga Vila do Poti. Esta, arruinada pelas inundações do rio, não apresentava condições favoráveis à implantação da futura capital.

Os primeiros edifícios da Vila Nova do Poti foram localizados na atual praça Deodoro (então praça da Constituição), em terrenos de 60, 70 metros, próximos do rio. Sem descontinuidades topográficas, estes terrenos vão formar a vertente do interflúvio denominado chapada do Corisco, de 80 — 90 m de altitude, a 30 metros acima do leito fluvial. As topografias que descem suavemente da parte mais elevada do interflúvio em direção dos dois cursos d'água não constituíram obstáculo ao crescimento da cidade em direção da chapada, considerada mais salubre do que as áreas ribeirinhas, geralmente inundáveis. Alongado de sul para o norte, o interflúvio favoreceu a inicial expansão nestas direções.

O sítio de planície, de topografia suave e esbatida, vem, desde então, facilitando o crescimento do espaço urbano de

Teresina que não encontra empecilhos a um amplo desenvolvimento.

Se as condições topográficas favorecem a expansão da cidade, conferem caracteres particulares ao clima urbano.

Interiorizada e topograficamente deprimida, Teresina tem sido considerada como uma das capitais mais quentes do Brasil, juntamente com Manaus\* As elevadas temperaturas reinantes não encontram nos relevos de fracas altitudes fator de diversificação, muito embora, moradores locais mencionem a atenuação das temperaturas nas chapadas de altitudes maiores de 90 metros. Assim, os bairros de Jockey-Fátima e da Tabuleta, formados pela expansão urbana recente, posterior a 1960, são reputados como se condições de temperaturas mais amenas do que àquelas do centro da cidade e das áreas próximas dos rios.

### 1.1 - As condições geológico-geomorfológicas do sítio urbano

Na suavidade das formas do modelado da área de Teresina podem ser distinguidos os seguintes aspectos geológico-geomorfológicos:

- Os rios Parnaíba e Poti.
- Os terraços aluviais.
- As vertentes.
- Os baixos níveis interfluviais.
- As chapadas.

*O rio Parnaíba e o rio Poti emolduram o quadro urbano, imprimindo-lhe beleza paisagística de que pouco se tem aproveitado a cidade.*

O Parnaíba é perene, porém seu regime é contrastado. O leito menor

possui largura variável de aproximadamente 200 — 250 metros, podendo alargar-se até 750 metros na área próxima da confluência com o Poti, sendo limitado pelos taludes que dão acesso aos terraços ou as vertentes suaves, talhadas no arenito. Embora não seja meândrico, o leito desenvolve-se através de extensas sinuosidades que facultam o erosionamento maior das margens voltadas para as concavidades, conforme observado na área fronteira ao Centro da cidade, onde o fenômeno é visível junto às pilastras da ponte metálica sobre o rio Parnaíba. Contrariamente, na convexidade em frente a Timon, desenvolvem-se extensos bancos de areia, que postos a descobertos durante a estiagem são utilizados como campo de futebol, ou como coradouro de roupa para as lavadeiras. O canal de estiagem possui pequena profundidade, correndo entre os bancos de sedimentação arenosa.

Oriundo de regiões sertanejas marcadas por semi-aridez, o rio Poti tem regime mais contrastado que o Parnaíba. Possuindo um leito menor raso, e um amplo leito maior, o Poti inunda terrenos ribeirinhos, nos quais permanecem lagoas que secam na estiagem. No leito menor observa-se extensa sedimentação arenosa.

Além de possuir regime torrencial, o Poti, tem o escoamento das suas cheias dificultado pelo achatamento do leito e pelas sinuosidades ou meandros que antecedem a confluência, do que resultam as extensas inundações que desde o passado assolam a Vila de Poti Velho.

*Os terraços aluviais são mais extensos no Poti e menos no rio Parnaíba, onde é comum o rio se entalhar diretamente nos arenitos das vertentes.*

Nos terraços são encontrados sedimentos inconsolidados, de idade quaternária.

\* COPLAN — Plano de Desenvolvimento Local Integrado de Teresina, 1970.

ria, constituídos por areias grossas e finas, seixos de quartzo e intercalações locais de argilas.\*

Dado o problema das inundações do Poti, os terraços vêm sendo evitados pela urbanização, e neles apenas são vistas alguns cultivos. Dos leitos argilosos aproveitam-se as numerosas olarias e uma cerâmica mais moderna.

As vertentes marcam a passagem do baixo nível interfluvial da Chapada do Corisco aos terraços ou diretamente ao rio, nas altitudes de 60 — 80 metros. Nelas os declives suaves são modelados em rochas da formação Piauí, constituída por arenitos e folhelhos que, decompostos, dão solos areno-argilosos com fraco teor de argila.

Porosas e permeáveis, essas formações favorecem a manutenção da topografia regular, donde a suavidade das suas formas.

As vertentes que se inclinam da Chapada do Corisco para o rio Parnaíba foram as primeiras e serem ocupadas pelo núcleo inicial da cidade e pela expansão urbana em xadrez, com ruas orientadas para o noroeste e para sudoeste, acompanhando a direção da calha fluvial.

Menos suaves, as vertentes que drenam para o Poti só foram ocupadas posteriormente com os bairros de Ilhota e Porenquanto. Mais extensas na área de Piçarra-Catarina, as vertentes foram aproveitadas, mais recentemente, pelas vias radiais de acesso ao Poti, como as Av. Higino Cunha e a Desembargador Mota Araújo.

No norte de Teresina esses relevos assumem aspectos de um baixo nível que ocupa grande parte dos terrenos situados entre o Parnaíba e o Poti (ocupado pelo Aeroporto na altitude de 66 — 68 metros) e continuando para o norte em direção do Poti Velho, que está no mesmo nível, junto ao rio. Para o nordeste esses relevos ganham dimensão em direção da parte central do meandro, onde o rio se encaixa, restringindo os terrenos aluviais.

O *baixo nível interfluvial* que forma a chamada Chapada do Corisco desenvolveu-se em altitude maiores de 80 metros. O acesso a esse nível se faz por pequena descontinuidade topográfica, sensível na praça onde se localiza a igreja de São Beneditino. A partir daí, a Avenida Frei Serafim foi traçada sobre o nível da chapada, mostrando uma etapa da urbanização mais recente, com residências ricas, em estilo de palacetes, diferentes das casas geminadas que caracterizam o antigo centro. Também, parte dos bairros de Ilhota e Cabral estão sobre a chapada, encontrando-se aí a estação da estrada de ferro, o quartel, a vila militar e os grandes hospitais da cidade.

O nível interfluvial da Chapada do Corisco é modelado em rochas do membro inferior da formação Pedra de Fogo, contendo camada de sílex oolítico-pisolítico na base e arenitos amarelo-vermelhos de estratificação cruzada e leitos de sílex e siltites argilosos e violáceos, contendo concreções silicosas. Mesmo decompostos, os arenitos da formação Pedra de Fogo são

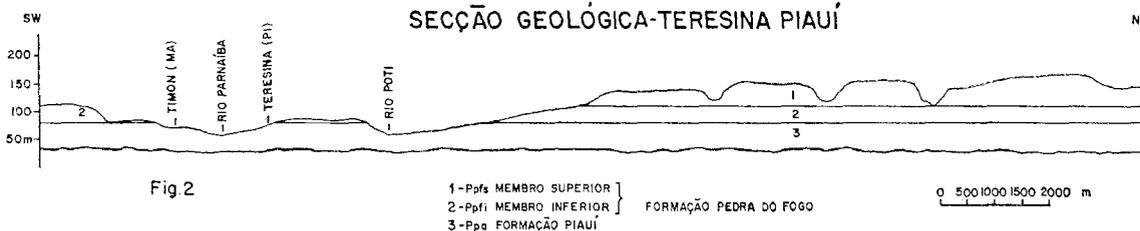
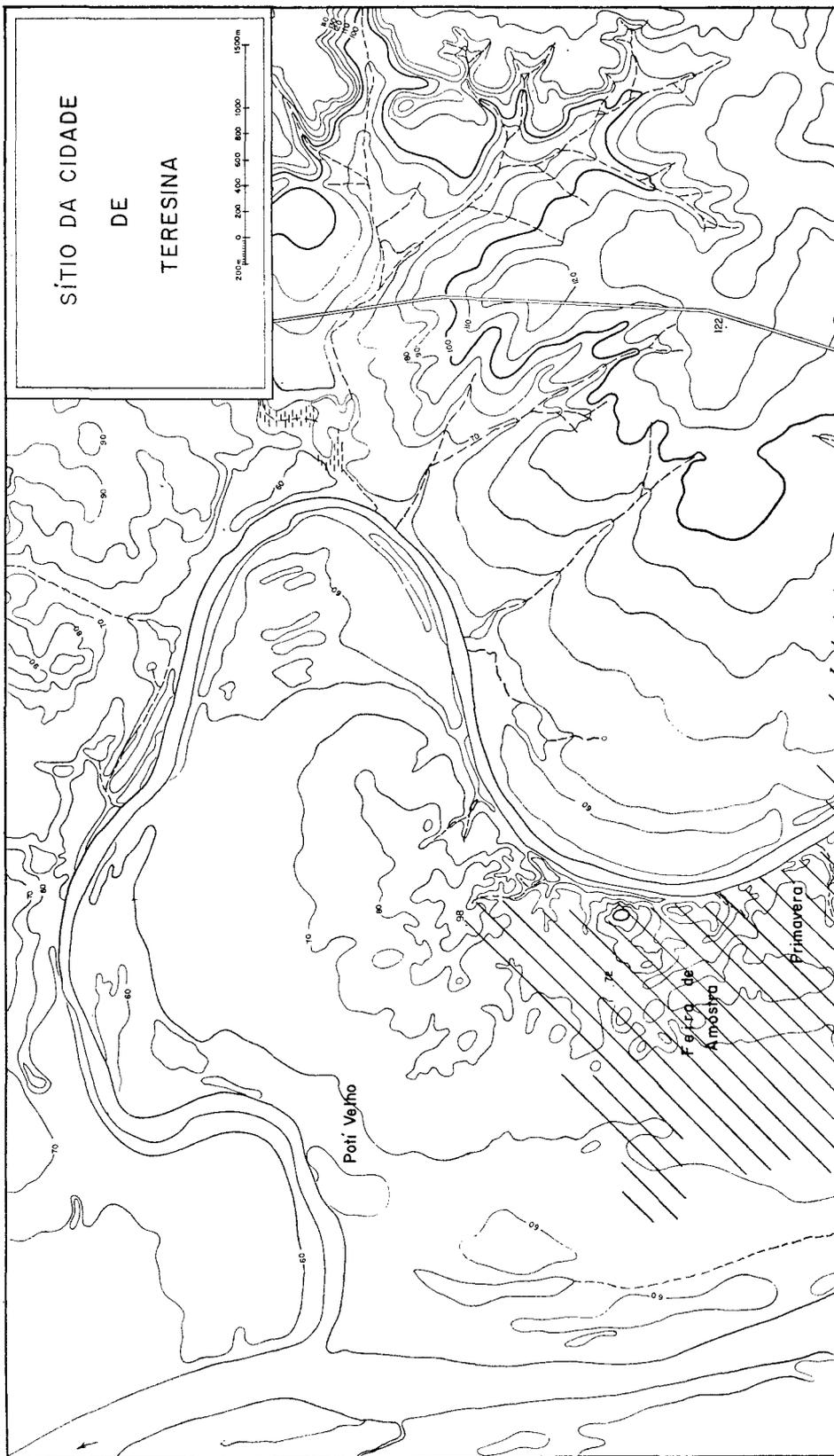
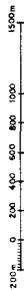


Fig 2

\* COPLAN — Op. cit. 1970

SÍTIO DA CIDADE  
DE  
TERESINA



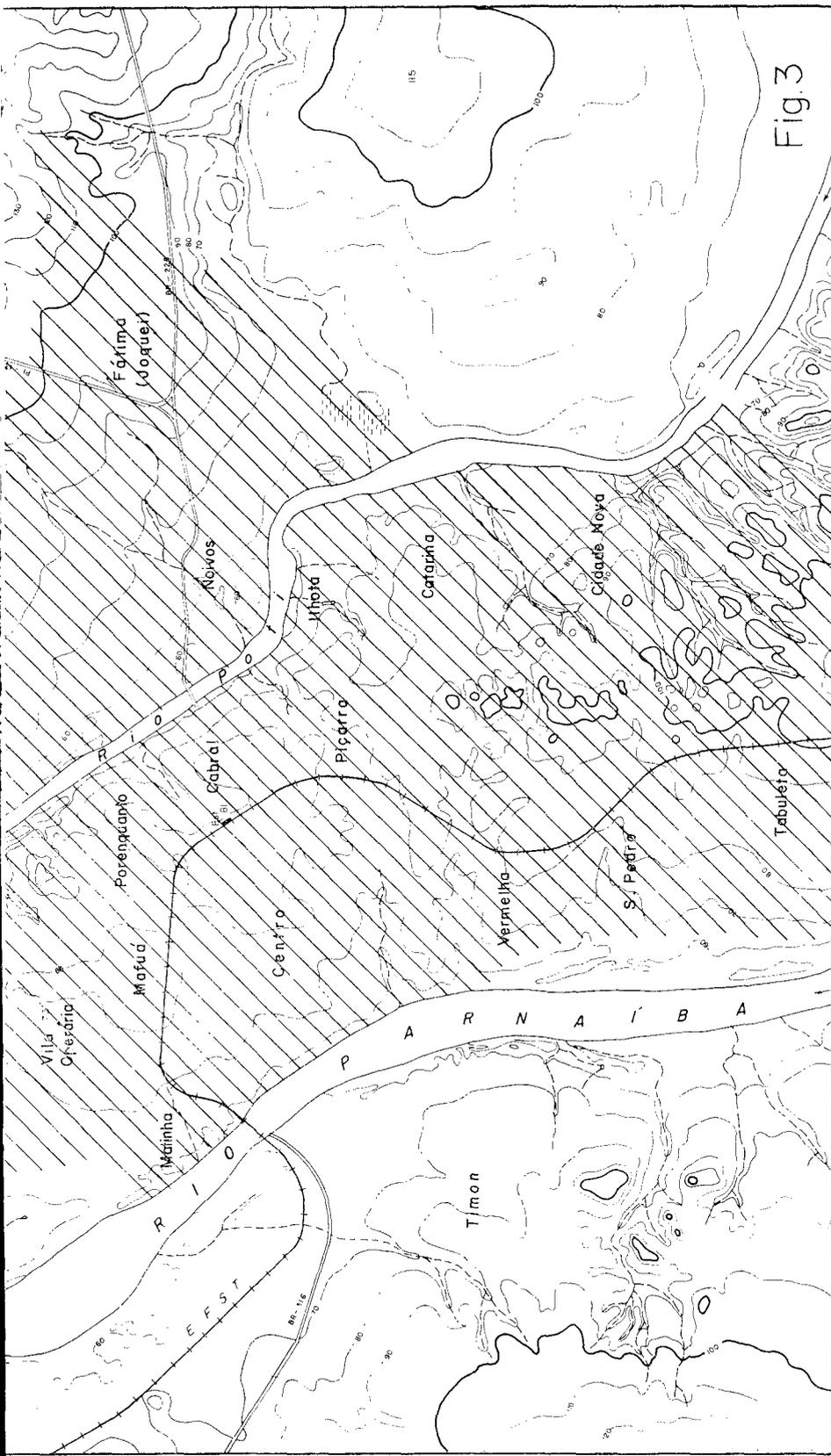


Fig.3

porosos e considerados excelentes para as fundações das construções urbanas e construções de estradas. \*

*As chapadas* são representadas por relevos de altitudes superiores a 100 metros encontrados ao sul de Teresina, no divisor entre o Parnaíba—Poti, e a leste-nordeste na cidade, além de Poti. Modeladas em rochas do membro superior da formação Pedra de Fogo, são as chapadas constituídas por arenitos que vão do vermelho ao esbranquiçado, com intercalações de siltitos roxos. Seus solos silticos possuem permeabilidade reduzida e de fácil erosão durante as chuvas concentradas.

No sul de Teresina a passagem para a chapada se faz através do nível intermediário, onde se expandiu o bairro da Tabuleta e foi construído o conjunto Parque Piauí; no leste e no nordeste da cidade, a expansão recente dos bairros de Fátima-Jockey vem sendo feita também nos níveis de acesso a chapada que atinge cotas de altitudes superiores a 130 metros. De maneira geral, os mencionados aspectos físicos do sítio favorecem a expansão urbana, processada de modo compacto na área interfluvial e descontínua na periferia, tanto das chapadas quanto das áreas ribeirinhas. (Mapa — Sítio da cidade de Teresina).

## 1.2 - Aspectos hidrológicos

Desenvolvida sobre rochas sedimentares porosas e permeáveis, Teresina conta com os excelentes recursos de água subterrânea da formação Piauí que situa no nível de base local dos rios. Considerado excelente aquífero, esses arenitos fornecem à cidade águas

de boa qualidade, por vezes, carbonatadas ou bicarbonatadas. \*\*

Situadas topograficamente mais elevadas, as rochas da formação Pedra de Fogo são compactas e consideradas como aquíferos de qualidade inferior.

Assim, os poços que abastecem a cidade atingem a formação Piauí, tendo características artesianas em profundidades médias de 100 metros, sendo obtidas vazões médias de 10.752 l/h. Água de qualidade inferior é obtida da subsuperfície, em poços rasos e cacimbões domésticos, perfurados por particulares, em grande parte das residências pobres. São também escavados em terraços de aluvião, onde obtém água de boa profundidade. Estes lençóis subsuperficiais oscilam em função do abastecimento das águas das chuvas.

O rio Parnaíba, com seu curso perene, é utilizado apenas pelas populações ribeirinhas.

## 1.3 - O Clima

Participando das condições gerais do clima de transição entre o Nordeste semi-árido e a Amazônia úmida, Teresina, por sua posição no vale do Parnaíba, guarda caracteres climáticos próprios, dos quais ressaltam as elevadas temperaturas reinantes nos meses de setembro-outubro e novembro, com máximas superiores a 35°C.

Foi o clima local de Teresina estudado por C. A. Figueiredo Monteiro \* que, para a análise dos tipos de tempo reinantes, considerou o ano meteorológico de 1966-67 como dentro dos padrões habituais e elaborou cartas de nefanálise visando a suprir as deficiências das cartas de tipos de tempo existentes.

\* COPLAN — op. cit. 1970.

\*\* COPLAN — op. cit. 1970

Foram caracterizados os seguintes aspectos climáticos da área em estudo:

a) *O período chuvoso*

Tem início em janeiro com as chuvas da CIT; em abril as chuvas tornam-se mais freqüentes, atingido o índice diário máximo de 81,5 mm, enquanto a amplitude térmica é reduzida e as temperaturas máximas moderadas. As chuvas começam a tornar-se menos freqüentes no fim de abril.

No início do período chuvoso os ventos são ora de NE ora de SE passando a N e O no mês de abril.

b) *O período seco*

Em julho já é definido, quando as chuvas se tornam ocasionais e as temperaturas diminuem enquanto os ventos de SE passam a soprar com maior freqüência. Estes ganham importância no correr da fase mais seca e mais quente do ano, de outubro a dezembro. É no mês de outubro que se tem as temperaturas máximas de 40°.

Os ventos também são citados como de importante papel no clima da cidade, onde as calmarias são estimadas em 50%; fracos e convectivos, não chegam a atenuar o calor persistente dos dias secos.

As condições naturais do sítio urbano de Teresina evidenciam favorabilidades e desfavorabilidades. Entre as primeiras colocam-se as topografias dos modelados subhorizontais da bacia de sedimentação do Parnaíba, facultando maior expansão e espraiamento da área urbana. Na monotonia da paisagem esbatida, os rios Parnaíba e Poti não têm sido devidamente valorizados, em função da torrencialidade dos regimes e das temperaturas mais eleva-

das reinantes nos terrenos mais deprimidos. A manutenção de temperaturas elevadas durante grande parte do ano constitui, sem dúvida, aspecto desfavorável do clima urbano, acentuado nas horas de maior insolação durante o período seco. Considerando-se este aspecto, foi recomendado\* o não asfaltamento das ruas da cidade, visando a não agravar o problema.

## 2 - A População

### 2.1 - A População e o Espaço Urbano

Em 1970 o município de Teresina contava com 220.520 habitantes, dos quais 181.071 estavam localizados no perímetro urbano de 4.750 hectares e 39.449 na zona rural, de 176.148 hectares.

A população do município da capital que em 1940 representava 4% da população total do Piauí, passou em 1970 a constituir 13,6% do mesmo total, evidenciando, a partir de então, a progressiva concentração no município da capital. A participação crescente dessa população é sobretudo sensível no quadro urbano, uma vez que corresponde hoje a 33% dos urbanos do Estado.

Calculadas as densidades dessas populações, verifica-se, que os urbanos possuem valores de 38 habitantes por ha, enquanto os rurais apenas atingem 2 habitantes por ha. Esses valores obtidos constituem dados médios, pouco representativos das densidades reais que, tanto em plano urbano quanto rural, são caracterizadas, ora, por maiores adensamentos, ora, por vazios, conforme indicam os variados valores de densidades por zonas ou bairros da cidade. No meio rural, os vazios das

\* COPLAN — op. cit. 1970

chapadas contrastam com as incipientes concentrações esboçadas em Comprida, Redonda, S. Raimundo, Boquilha, bem como os relativos adensamentos observados ao longo do Poti e do Parnaíba.

O crescimento da população urbana de Teresina na última década foi de 90.250 pessoas ou 90%, evidenciando a atração exercida pela cidade sobre a sua região e sobre os estados do Piauí, do Maranhão e do Ceará. É inegável também, a atração exercida pela cidade sobre as áreas rurais do seu próprio município, que tiveram seus efetivos reduzidos de 5.344 habitantes, correspondente a um decréscimo populacional de 11,9% entre os censos de 1960-70. Os decréscimos citados encontram explicação tanto na atração exercida por Teresina quanto nos desmembramentos de Demerval Lobão e Mons. Gil, a partir do município da capital.

### 2.1.1 - A distribuição da população da Cidade

Para análise da distribuição da população da cidade foi tomada como base as divisões do espaço urbano em zonas e estas em bairros, segundo o estabelecido no Plano de Desenvolvimento Local Integrado do município de Teresina, elaborado pela COPLAN. Nele, o espaço urbano de Teresina aparece subdividido em 3 zonas que podem incluir um ou vários bairros como se segue:

1 - *Zona Norte* - Formada por 11 bairros, a saber:

Cabral, Fátima, Feira de Amostra, Mafuá, Matadouro, Matinha, Porenquanto, Primavera, São Cristóvão, Vila Operária e Vila Militar.

2 - *Zona do Centro* - Sem subdivisões em bairros.

3 - *Zona Sul* - Constituída por 10 bairros; Catarina, Cidade Nova,

Ilhota, Macaúba, Monte Castelo, Piçarra, Tabuleta, São Pedro, Vermelha e N. Sr<sup>a</sup>. das Graças.

Considerada a distribuição da população por zonas, constatou aquele estudo, que o Centro concentra a maior densidade populacional, com 34,6% numa área de 12% do espaço urbano. Na Zona Sul, em área correspondente a 31% da cidade, encontra-se 32,8% de sua população, enquanto na Zona Norte esses percentuais são de 30% e 30,8% respectivamente.

Abrigando o maior contingente populacional por área construída, não é apenas o Centro que possui os maiores adensamentos populacionais, que somente vão aparecer quando focalizada a mesma distribuição por bairro.

As maiores densidades observadas são pois, características do Centro e sua periferia imediata, correspondendo a áreas de ocupação antiga, ao passo que as fracas densidades são características das áreas periféricas, embora em algumas delas a presença de conjuntos habitacionais eleve as médias obtidas para Cidade Nova, Monte Castelo, Ilhota e Vila Operária.

O Centro, em 1960, possuía densidades de 93 hab/ha, valor esse superior aos 78 hab/ha indicados para 1968, evidenciando a progressiva "descentralização" da cidade que se processa pelo crescimento do comércio e dos serviços em detrimento da parte residencial. Idêntica diminuição teria ocorrido no bairro da Piçarra, onde vem sendo estruturado um segundo centro comercial da cidade.

De maneira geral, guardada a divisão da cidade por zonas, verifica-se que, se o Centro sofreu decréscimo, as zonas Norte e Sul tiveram suas populações aumentadas.

Assim, do mesmo modo que o Centro decresceu entre 1960-1968, de 36,4% da população total da cidade para

30%, a Zona Norte, que possuía 30,8% da população em 1960, elevou seu total para 34,5% em 1970. Na Zona Sul o acréscimo foi de 32,8% para 37,2%. \*

### 2.1.2 - A expansão do espaço urbano

Criada como capital para abrigar a vida administrativa do Estado, Teresina é uma cidade que se desenvolveu inicialmente dentro de um plano rígido estabelecido em xadrez. O crescimento da malha urbana se fez lentamente, de modo compacto em torno do centro administrativo que passou também a centralizar as funções do comércio e serviços necessários à vida administrativa implantada.

É verdade que no passado a cidade constituiu, por seu próprio papel de capital, centro de atração para populações que deixavam o interior em busca de serviços educacionais, de saúde, e no presente pela repulsão que o campo exerce sobre os rurais. Este último aspecto mostra que o Estado vem participando da problemática do êxodo rural, processo desencadeado com maior intensidade no Nordeste oriental a partir de 1950/60.

Comparativamente ao que vem ocorrendo no Nordeste ocidental, verifica-se que o processo piauiense é menos intenso, relacionado naturalmente ao subpovoamento dominante e às características de fragilidade de que se reveste a vida econômica da capital e, conseqüentemente, de atrativos.

Resulta que o crescimento da cidade se processou lentamente, estimulado na fase inicial pela implantação dos serviços administrativos; no fim do século, às custas das grandes secas que assolaram o Nordeste e, nos dias atuais, em relação ao próprio êxodo rural. Decorrente do aumento de populações, po-

dem ser distinguidas as seguintes etapas na expansão do espaço urbano:

— Localização da cidade na Vila do Poti, por lei de 1844, revogada em 1850, quando foi a mesma transferida para a Vila Nova do Poti, às margens do Parnaíba, e erigida em capital em 1852, com o nome de Teresina. Em torno da praça da Constituição (atual Deodoro) começou a cidade a crescer a partir de 1872, quando a capital, com 21.642 habitantes, já possuía cerca de 10,2% da população do Estado; estima-se para o período que vai daquele ano até 1890 um incremento demográfico de 2,5% ao ano. As concessões de terrenos por aforamento, além do Centro de então, se fizeram obedecendo plano em xadrez.

— Durante a fase que vai de 1889 a 1900 o crescimento da população de Teresina foi maior que no período anterior, com valor estimado de 4,5% ao ano. Foi possivelmente nesse período que começou a maior expansão da cidade a partir do núcleo inicial. Aparentando ritmo de crescimento superior ao do Estado, Teresina deve ter constituído foco de atração para as populações do interior semi-árido, vítimas das secas do final do século passado.

— Entre 1900 a 1920 o crescimento demográfico de Teresina ficou reduzido a apenas 1,3% ao ano, enquanto no período subseqüente, de 1920 a 1940, torna-se menor ainda, com 0,8% ao ano.

Acompanhando o crescimento da população, a cidade se expandiu pelo Centro, limitado pelo contorno da linha férrea, obedecendo seu plano a um xadrez, transbordando para o norte, além daquela via. A expansão do espaço urbanizado se fez para o sul, em direção da rua Joaquim Ribeiro, e

\* COPLAN — op. cit. 1970

42°50'

42°49'

42°48'

42°47'

42°46'

-5°02'

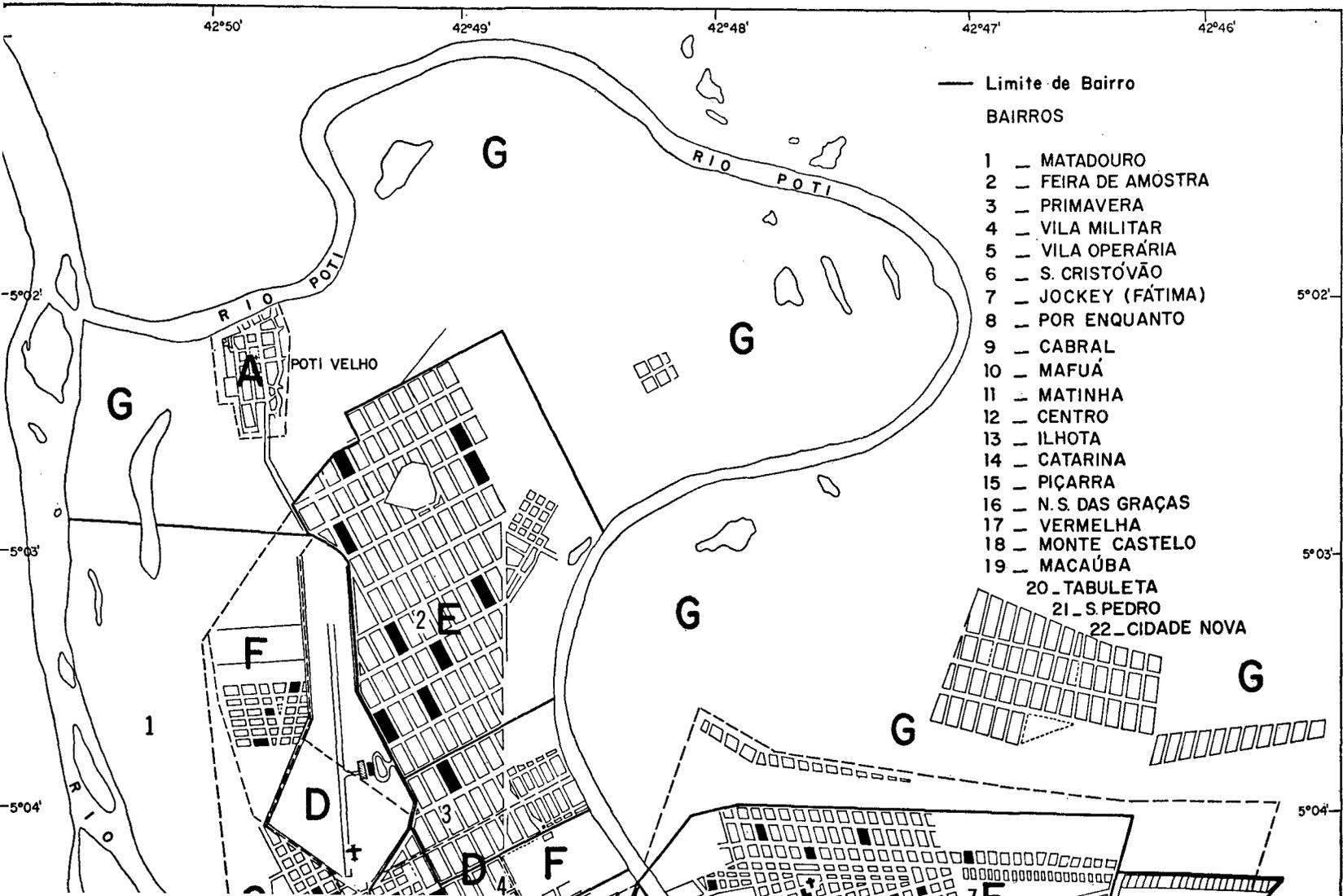
5°02'

-5°03'

5°03'

-5°04'

5°04'



— Limite de Bairro

**BAIRROS**

- 1 — MATADOURO
- 2 — FEIRA DE AMOSTRA
- 3 — PRIMAVERA
- 4 — VILA MILITAR
- 5 — VILA OPERÁRIA
- 6 — S. CRISTÓVÃO
- 7 — JOCKEY (FÁTIMA)
- 8 — POR ENQUANTO
- 9 — CABRAL
- 10 — MAFUÁ
- 11 — MATINHA
- 12 — CENTRO
- 13 — ILHOTA
- 14 — CATARINA
- 15 — PIÇARRA
- 16 — N. S. DAS GRAÇAS
- 17 — VERMELHA
- 18 — MONTE CASTELO
- 19 — MACAÚBA
- 20 — TABULETA
- 21 — S. PEDRO
- 22 — CIDADE NOVA

POTI VELHO

RIO POTI

RIO POTI

F

2 E

3

D

F

G

G

G

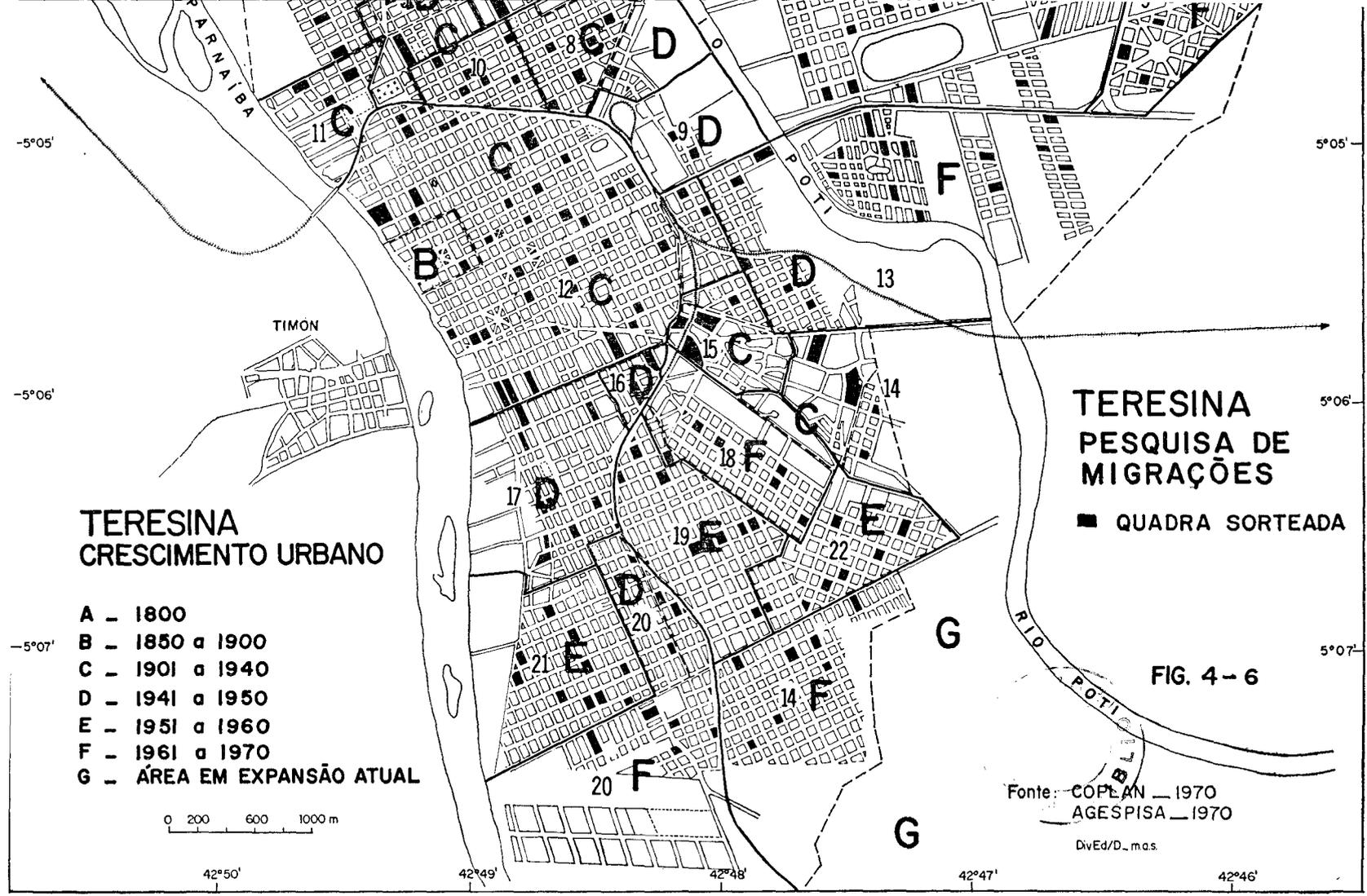
G

G

1

G

7 E



para o norte, mediante a incorporação das áreas que foram dar origem aos bairros de Matinha e Mafuá. As vias radiais, como a Av. Rui Barbosa, ao norte, e a Av. Jacob Almendra, ao sul, orientem essa expansão. Em 1940 a cidade possuía 34.695 habitantes, e área do Centro integralmente ocupada.

— De 1940 a 1950 o espaço urbano cresceu pela zona Norte através da Vila Operária, Vila Militar, Feira de Amostra e Matadouro, nestes dois, de modo descontínuo, com áreas mais adensadas e áreas vazias. Os bairros do Cabral e Ilhota desenvolvem-se em direção do Poti, mais densos na periferia do Centro e rarefeitos na área próxima do rio.

Na zona Sul, em torno da Av. Barão de Gurguéia e da via férrea, foram incorporados à cidade parte dos atuais bairros de Vermelha, S. Pedro e Tabuleta, a partir dos quais a cidade cresceu em direção ao Poti e ao Parnaíba, sendo o perímetro urbano limitado ao sul, pela Av. Industrial. A expansão do espaço urbano de Teresina é mais representativa de 1950/60 e de 1960/70 quando são acrescentados à vida da cidade 45.588 e 81.065 pessoas, respectivamente.

A intensificada expansão do quadro urbano da cidade se fez então através de duas direções principais:

— para o sul, a partir do bairro da Tabuleta para a convergência das rodovias BR-316 e PI-3 e da própria estrada de ferro. Na área entre essas vias está implantado o Distrito Industrial, junto ao qual foi localizado o conjunto habitacional Parque Piauí, que força, de certo modo, o crescimento da área urbana nessa direção.

— para o leste—nordeste, a expansão da cidade se fez transpondo o Poti e facultando o desenvolvimento dos bairros de Fátima, Jockey e São Cristóvão.

Dispostos ao longo da BR-226, estes bairros se comunicam através da rodovia com a Av. Frei Serafim e consequentemente com o Centro.

Se o Distrito Industrial e o Parque Piauí contribuem, ou foram feitos para forçar a expansão da cidade para o sul, o mesmo não ocorreu com a direção leste-nordeste, de ocupação espontânea, que vem, entretanto, sendo reforçada pelas novas construções e novos conjuntos habitacionais aí localizados e pela presença de clubes de lazer. Inicialmente ocupada por sítios e granjas de residentes no Centro, esta área além do Poti vem, em parte, sendo rapidamente urbanizada por residências ricas, de antigos moradores do Centro. Sua ocupação guarda bem as características de áreas de sítio e residências de lazer, de ocupação dispersa, porém concentrada em loteamentos residenciais. Esta área de expansão, além de ser favorecida pela topografia, o é pelas condições climáticas indicadas como mais amenas do que no bairro do Centro.

Em direção da zona norte da cidade a expansão foi ampla em área loteada, porém menor em ocupação efetiva. Assim é que o bairro de Feira de Amostra (Memorare) loteado desde a década de 1950/60, vem tendo sua ocupação feita de modo mais tímido que os precedentes. A melhoria e o asfaltamento do aeroporto de Teresina e da avenida de ligação com a cidade, em continuação à Av. Santos Dumont, veio favorecer a posição dos bairros da Zona Norte e densificar a sua ocupação, principalmente onde está localizado o conjunto residencial de Primavera, em área próxima ao Aeroporto.

A planta da cidade de Teresina deixa perceber que o traçado original em xadrez constituiu a diretriz básica do crescimento e ocupação do Centro, contido entre o rio Parnaíba e o anel ferroviário; aí, as ruas são orientadas,

a grosso modo, de norte-sul e leste-oeste, com ruas estreitas e quadras geralmente de 100 m. Esta orientação é percebida nos bairros de ocupação anterior a 1950. Naqueles de ocupação mais recente, a urbanização se faz de modo menos rígido, em torno de avenidas radiais, como no sudeste da cidade, ocupado de 1950/60.

O sítio favorável não tem dificultado o crescimento do espaço urbano, exceção feita às margens dos rios Poti e Parnaíba, sujeitas a inundações. (Mapa — Crescimento Urbano — Pesquisas das migrações).

Concentradas no Centro e em determinados bairros, as populações da cidade e a continuidade do espaço urbanizado tornam-se dispersas na periferia urbana, rarefações essas que decorrem do próprio processo de ocupação e não por obstáculos determinados pelas condições naturais.

### **2.1.3 - Contribuição do migrante no crescimento da população e na expansão do espaço urbano**

Considerando que Teresina se afirmou verdadeiramente como pólo de atração de interioranos a partir de 1950/60/70, do que resultou, em parte, os elevados valores do seu crescimento demográfico, e que, a maior expansão do espaço urbano ocorreu na década de 1960/70, procurou-se estabelecer confronto entre os dois aspectos e a chegada de migrantes à cidade.

Pesquisa direta levada a efeito em 1970 permitiu constatar que 46% da população da capital (ou cerca de 85.070) é constituída por não nascidos na cidade. Dos não nascidos na cidade, 55% teria migrado no período

de 1960/70,\* 27% de 1950/60, e os restantes 18% nos anos precedentes. A maior proporção de migrantes chegados à cidade ocorreu de 1960/70, fase que corresponde à maior expansão do espaço urbano.

Este fato é evidenciado quando feito o desdobramento da década em 2 fases que vão, respectivamente, de 1960/65 e de 1966/70. Na primeira fase chegaram à cidade 23% dos não nascidos na mesma; na fase seguinte, no entanto, observa-se que o processo foi intensificado, atingindo 32%. É também nesta segunda fase que a cidade se expande amplamente em toda a sua periferia, e com maior destaque pelos bairros da Zona Sul.

Estabelecido o ano de chegada do migrante, segundo a estruturação interna da cidade por bairro, verificou-se que a contribuição da migração varia no tempo e no espaço através dos diversos bairros. O Centro, por exemplo, apesar de encontrar-se praticamente ocupado em 1940/50, recebeu, no período que vai de 1950/60, a maior proporção de sua população não nascida em Teresina. De 1960/66 o número de migrantes que chegou ao referido bairro decresceu, para aumentar de 1966/70, sem contudo alcançar os máximos encontrados de 1950/60. Relaciona-se a este fato ter também o Centro atingido suas densidades máximas de 1950/60.

Na Zona Norte, a chegada de migrantes cresceu a partir de 1950 numa proporção de 26% dos mesmos; em 1960/65 esse valor foi aumentado para 29% e em 1966/70 para 31%, o que perfaz 60% para o último decênio.

Observada a compartimentação interna da Zona Norte por bairro, verifica-se que o bairro de Fátima—Jockey destaca-se, entre os demais por concentrar

\* Até o mês de julho de 1970.

42°50'

42°49'

42°46'

### NÚMERO DE PESSOAS

549

400

300

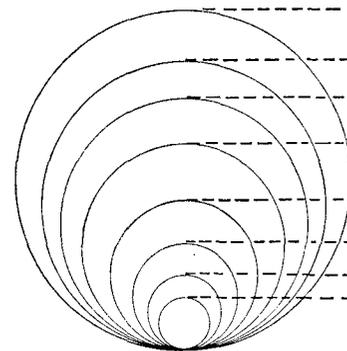
200

100

50

25

10



### ORIGEM DA POPULAÇÃO

- 1 - ORIGEM LOCAL  
(DA CIDADE E DO MUNICÍPIO)
- 2 - DE OUTROS MUNICÍPIOS  
DO PIAUÍ
- 3 - DO CEARÁ
- 4 - DO MARANHÃO
- 5 - DE OUTROS ESTADOS
- 6 - DO ESPAÇO REGIONAL  
DE TERESINA

5°03'

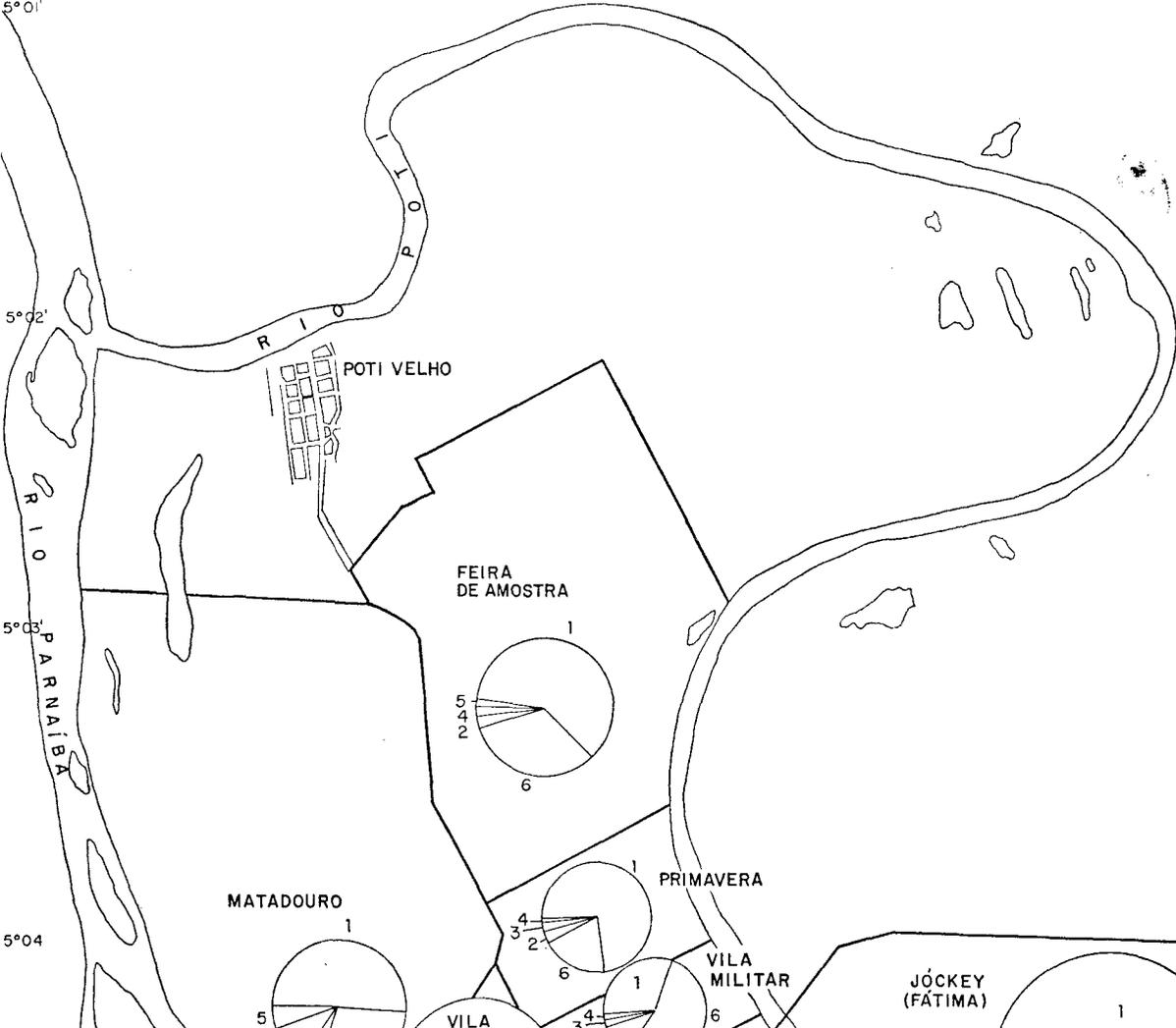
5°04'

5°01'

5°02'

5°03'

5°04'



POTI VELHO

FEIRA DE AMOSTRA

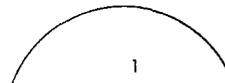
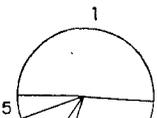
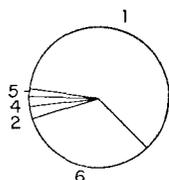
MATADOURO

PRIMAVERA

VILA MILITAR

JÓCKEY (FÁTIMA)

VILA CEBÁCIA



5°05'

5°06'

5°07'

5°05'

5°06'

5°07'

# TERESINA

## ORIGEM DA POPULAÇÃO

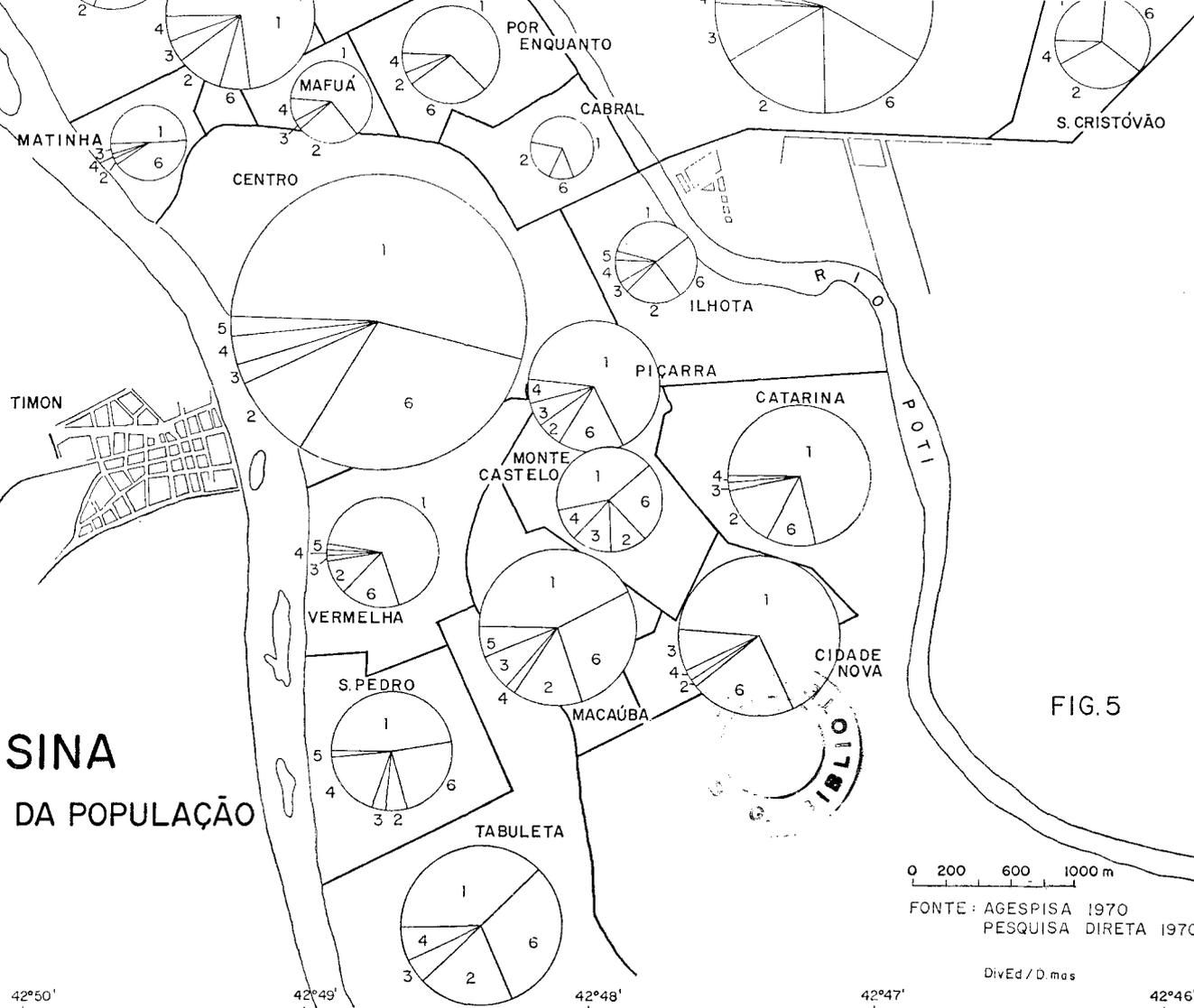


FIG.5

0 200 600 1000 m

FONTE: AGESPISA 1970  
PESQUISA DIRETA 1970

DivEd / D. mes

42°50'

42°49'

42°48'

42°47'

42°46'

50% dos migrantes chegados à referida zona durante os anos de 1966/70.

Também na Zona Sul da cidade o maior número de adventícios aí se instalou de 1966/70 (36%) e de 1960/65 (28%), dando um total de 64% dos não nascidos na cidade e residentes nesta zona. Os bairros de Tabuleta, Macaúba e S. Pedro absorveram cerca de 68% dos migrantes residentes na Zona Sul.

A contribuição do migrante ao crescimento do Centro da cidade é sensível de 1950/60, porém reduzida na década seguinte; nos bairros periféricos ao Centro essa contribuição recente é sensível e correlacionável à própria expansão do espaço urbano e ao crescimento das populações dos mesmos.

## 2.2 - Estrutura da população de Teresina

Mediante enquete efetuada em julho de 1970,\* respondida por 2.458 pessoas residentes em Teresina, foram pesquisadas a composição etária, as atividades profissionais e o nível de vida em seus aspectos de grau de instrução e renda.

### 2.2.1 - Composição por sexo e idade

O contato direto com a população de Teresina revela, à primeira vista, sua extrema juventude, com os jovens menores de 14 anos participando com 44,5% da mesma.

Pesquisada a composição etária dos efetivos residentes na cidade, verifica-se que os valores obtidos para a capital

não se afastam muito da composição etária do Estado, conforme pode ser verificado no quadro abaixo:

**QUADRO I**  
**COMPOSIÇÃO DA POPULAÇÃO**  
**POR FAIXAS ETÁRIAS**

| CLASSES E IDADES       | Teresina* | Piauí** |
|------------------------|-----------|---------|
| Menos de 1 a 4 anos... | 15,3%     | 18%     |
| de 5 a 9 anos...       | 15,0%     | 16%     |
| de 10 a 14 anos...     | 14,2%     | 14%     |
| de 15 a 19 anos...     | 13,4%     | 11%     |
| de 20 a 29 anos...     | 14,6%     | 17%     |
| de 30 a 39 anos...     | 12,2%     | 12%     |
| de 40 a 49 anos...     | 7,4%      | 7%      |
| de 50 a 59 anos...     | 4,2%      | 4%      |
| de 60 anos e mais...   | 3,7%      | 2%      |
| TOTAL...               | 100%      | 100%    |

Fontes: \* Pesquisa direta, 1970.

\*\* Estudos de Desenvolvimento Regional (Piauí) - 1959.

A grande proporção de jovens na população (embora seja menor que a do Estado) sugere a sobrecarga que os mesmos representam para os adultos, ao mesmo tempo que o percentual de 29,2% relativo à população em idade escolar de 5 a 14 anos sobrecarrega os serviços educacionais da cidade.

Os adultos, com 54,4% da população total, são bem mais numerosos que os do Estado (52%), fato que poderia estar relacionado à atração exercida pela cidade sobre as populações maiores, do interior, que migram em busca de melhores condições de vida e de trabalho, e menor por uma mudança estrutural na composição da população do Piauí nos anos considerados (1959 e 1970).

\* No mencionado inquérito foram visitadas 328 residências com 2.458 habitantes, correspondentes a 1,3% da população total da cidade naquele ano (181.071). Numa tentativa de englobar toda a cidade, foi a amostra feita mediante sorteio de 10% do global de quadras da cidade, cabendo respectivamente 38 quadras ao Centro, 50 à Zona Norte e 98 à Zona Sul. Em cada quadra sorteada foram feitas entrevistas em 10% das casas. Destinado a pesquisar a origem da população, as questões foram respondidas pelo responsável pela família. (Mapa - Pesquisa das Migrações para Teresina).

Analisada a composição por sexo para a população maior de 14 anos, constata-se que as mulheres são mais numerosas, formando 53% dos adultos, cabendo aos homens, 47%.

A pirâmide de idades com as faixas etárias masculina e feminina deixa transparecer aspectos interessantes da composição e dinâmica da população da cidade. A base amplamente achatada evidencia a grande proporção dos jovens em idades até 19 anos. Os homens — mais numerosos nas primeiras idades — diminuem na baixa que vai de 10 a 19 anos, aspecto este contrário à composição da população feminina, menos numerosa na faixa até 9 anos, e bem mais numerosa que os homens na faixa de 10 a 19 anos.

O maior número de mulheres na faixa de 10 a 19 anos pode ser explicada, em parte, pelas migrações femininas em direção à capital e pela evasão da população masculina no mesmo grupo de idade. As mulheres apresentariam, no caso, maior capacidade de fixação do que os homens, desfalcados pelos que saem da cidade em idade de trabalho.

Observada a idade média do migrante masculino, constatou-se ser de 18 anos

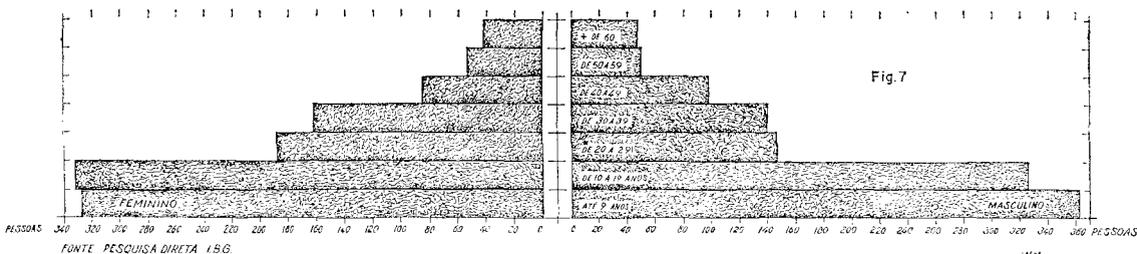
e, para a mulher, 19 anos, sendo esta mais numerosa, de modo a compor 54% dos migrantes radicados na capital.

A população feminina é também mais numerosa do que a masculina na faixa etária de 20 a 29 e de 30 a 39 anos, idades em que os homens apresentariam-se diminuídos pelas migrações a partir da capital. Pequenos empregos de domésticas e, em geral, de um terciário primitivo mal remunerado, contribuiria para alargar a faixa feminina nas idades mencionadas.

A partir de 40 anos a pirâmide estreita-se, apresentando os maiores de 60 anos apenas cerca de 4% da mesma população, indicando as fracas esperanças de vida depois dos 50 anos.

As migrações para Teresina contribuem para a irregularidade da pirâmide de idades, com desequilíbrio entre os componentes masculinos e femininos da mesma. O lado masculino, mais irregular, trai a mobilidade maior dessa população, sobre a que a cidade exerce atração e repulsão, enquanto que as características da população feminina indicam sobretudo atração e retenção (Gráfico — Composição da população por Sexo e Idade).

TERESINA - 1970  
COMPOSIÇÃO DA POPULAÇÃO POR SEXO E IDADE



A composição da população por sexo e idade varia dentro do espaço urbano de Teresina. Os adultos são proporcionalmente mais numerosos no Centro, e menos nas Zonas Norte e Sul da

cidade. O percentual feminino é também menor nestes dois bairros e maior no Centro, conforme visto no quadro II.

**QUADRO II**  
**COMPOSIÇÃO DA POPULAÇÃO**  
**POR ZONAS DA CIDADE**

| POPULAÇÃO ADULTA     | ZONAS      |       |        |       |          |       | TOTAL GERAL |
|----------------------|------------|-------|--------|-------|----------|-------|-------------|
|                      | Zona Norte |       | Centro |       | Zona Sul |       |             |
|                      | N.º        | %     | N.º    | %     | N.º      | %     |             |
| Masculina.....       | 248        | 48,0% | 159    | 46,2  | 243      | 48,0  | 650         |
| Feminina.....        | 268        | 52,0  | 185    | 53,8  | 263      | 52,0  | 716         |
| TOTAL.....           | 516        | 50,9  | 344    | 62,7  | 506      | 56,4  | 1 366       |
| População menor..... | 496        | 49,1  | 205    | 37,3  | 391      | 43,6  | 1 092       |
| TOTAL GERAL.....     | 1 012      | 100,0 | 549    | 100,0 | 897      | 100,0 | 2 458       |

Fonte: Pesquisa direta. 1970.

26

A mais fraca proporção de menores é vista no Centro, com 37,3% da população total; nas zonas Norte e Sul esse percentual cresce para 49,1% e 43,6% respectivamente, decrescendo, portanto, o número de adultos.

Relativamente às populações adultas masculina e feminina, verifica-se que as mesmas mantêm valores próximos das médias obtidas para a cidade, sendo as mulheres mais numerosas que os homens em todos os bairros.

Causas gerais já apontadas explicariam o maior número de mulheres e o menor de homens na população de Teresina. No caso das três zonas da cidade, as diferenças de percentuais para os contingentes masculinos e femininos poderiam estar relacionados, entre outras causas, à época de chegada do migrante à cidade. O Centro, de ocupação mais antiga e, portanto, de migrações anteriores às das demais zonas, teria seus contingentes masculinos diminuídos por emigração e maior re-

tenção dos efetivos femininos. Nos bairros periféricos das zonas Norte e Sul as migrações mais recentes seriam responsáveis pela maior proporção de homens no conjunto da população adulta.

### 2.2.2 - Estrutura profissional

Inquérito visando conhecer a estrutura profissional dos habitantes de Teresina revelou que os ativos maiores de 14 anos compunham 51,2% da população adulta pesquisada, (ou 1.366 pessoas).

No conjunto da população jovem e adulta, esses ativos correspondem a 27% da mesma, cabendo 27,5% aos não ativos, maiores de 14 anos.

Pesquisada a estrutura profissional dos ativos, obteve-se maiores percentuais para os serviços, destacando-se entre eles os relativos à administração pública, que emprega maior número de pessoas. Frágeis são os totais obtidos para o setor secundário, enquanto o

setor primário está presente, mesmo em se tratando de população urbana de uma capital brasileira, conforme visto no quadro III.

**QUADRO III**  
**TERESINA — ESTRUTURA PROFISSIONAL DA POPULAÇÃO**

| SETORES DE ATIVIDADES                       | N.º de Pessoas | Percentual  |
|---|----------------|-------------|
| — Primárias.....                            | 25             | 3%          |
| — Secundárias.....                          | 28             | 4%          |
| — Terciárias.....                           | 498            | 73%         |
| — Comércio.....                             | 111            | 16%         |
| — Serviços.....                             | 78             | 11%         |
| — Administração Pública.....                | 184            | 26%         |
| — Educação e Saúde.....                     | 56             | 8%          |
| — Terciário Primitivo.....                  | 69             | 12%         |
| — Trabalhadores manuais especializados..... | 92             | 13%         |
| — Aposentados.....                          | 13             | 1%          |
| <b>TOTAL.....</b>                           | <b>700</b>     | <b>100%</b> |

Fonte: Pesquisa diétna, 1970.

As atividades terciárias são dominantes no quadro urbano de Teresina, evidenciando hipertrofia do setor que abrange 73% das pessoas ativas.

O setor secundário comparece aqui sem a participação artesanato, que vai aparecer, em parte, no ítem relativo aos trabalhadores manuais especializados. Estes poderiam ampliar o setor industrial, que em 1960 incluía 11,8% da população do município de Teresina. Convém também lembrar que as numerosas olarias situadas fora do perímetro urbano, bem como seus trabalhadores residentes fora da cidade, não foram computados entre a população ocupada na indústria. Este aspecto, juntamente com a separação do artesanato de calçados, de ferro e de carpintaria, certamente contribuiu para decrescer o setor industrial que vai comparecer com totais que se apro-

ximam daqueles relativos às atividades primárias. Estas, identificadas sobretudo nos bairros periféricos, são atividades desenvolvidas pelos trabalhadores das granjas e sítios encontrados dentro do próprio perímetro urbano. Assim, as 25 pessoas ocupadas na agricultura, entrevistadas nos diversos bairros da cidade, são, em sua maioria (23), lavradores empregados em sítios, granjas leiteiras e de avicultura, localizadas principalmente na área do Poti. Apenas 2 indicaram a condição de fazendeiro como atividade principal, apesar de exercerem uma outra profissão liberal em paralelo.

Entre as atividades terciárias foram incluídas: o comércio, os serviços de transporte, alojamento e alimentação, a administração pública, a educação e saúde e as atividades do terciário primitivo representativas do subemprego em seus aspectos visíveis e invisíveis, enfim, de atividades que decorrem da própria marginalização.

As atividades comerciais ocupam 16% da população ativa de Teresina. Nessa atividade 40% corresponde aos comerciantes e 60% aos empregados do comércio. A elevada proporção de comerciantes encontra correspondência nos numerosos pequenos estabelecimentos, alguns dos quais diminutos, como as pequenas mercearias ou bodegas conjugadas às próprias residências de seus proprietários, disseminadas pelos bairros da cidade. Por outro lado, também são comerciantes aqueles que possuem estabelecimentos maiores e que podem associar em um único imóvel as atividades comercial e industrial, como os beneficiadores de massas de milho, polvilho e café, com estabelecimentos rotulados de comércio e indústria e que declaram ser o comércio a atividade principal. Sob este aspecto, industriais aparecem computados como comerciantes, o que também desfavorece os totais relativos à indústria.

Aos comerciantes se incorporam também os que possuem um estabelecimento ou uma banca no interior ou fora do mercado municipal, geralmente com venda de alimentos — gêneros, legumes, peixe, rapadura, diversos, ou mesmo venda de confecções importadas ou locais, calçados e artigos artesanais.

Aos empregados do comércio foram acrescentados, por sua vez, trabalhadores e vendedores de carne, verdureiros que dispõem de uma pequena banca no mercado.

A atividade comercial aparece aos olhos do observador como a de maior dinamismo, embora, em sua maioria, de aparente fraca rentabilidade. A atividade é viva, sobretudo para o comércio de artigos de consumo corrente, indicando a demanda crescente dos produtos que se destinam àqueles consumidores de baixo nível de renda. Estes pequenos comerciantes, varejistas de produtos populares, têm aquele público consumidor certo, não sofrendo, portanto, concorrência dos comerciantes maiores instalados em lojas e magazines adequados.

Os serviços ocupam 11% da população ativa. Entre eles sobressaem os de transporte, alojamento e reparação, com 30% do setor; os serviços de reparação com 34% e os serviços bancários com 35%.

Os serviços de transportes são representados por motoristas de táxi que, não dispondo de carro próprio, constituem assalariados dos postos que possuem veículos, geralmente do tipo Simca, Aero Willys, e Jeeps, estes a serviço dos que se destinam ao meio rural e ao transporte de pequenas mercadorias na cidade. Aos motoristas de táxi acrescentam-se motoristas de caminhões, próprios ou de terceiros, bem como aos proprietários de carroças puxadas por burros, como um dos aspectos

mais primitivos dos transportes urbanos.

O percentual relativo aos que se ocupam dos serviços de alojamento são insignificantes, cabendo maior proporção (embora também mínima) aos dos serviços de reparação.

No conjunto dos serviços, os bancários são aqueles que ocupam maiores percentuais do setor; esses ativos são representativos do número de funcionários dos quatro bancos oficiais e nove bancos privados localizados na cidade, a que se somam os que trabalham na Caixa Econômica e entidades de financiamento e investimento.

A administração pública é, entre as atividades terciárias, a que ocupa maior parte da população do setor, com 26% do total. Funcionários públicos, federais, estaduais e municipais formam 14% da população ativa dotada de certo prestígio político e social. Apesar dos ganhos quase sempre limitados, esta classe constitui, pelo seu número, uma importante força de consumo na vida da cidade.

Em certos casos, as funções públicas mais nobres representam as elites intelectuais, havendo quase sempre coincidência entre as atividades intelectuais e as administrativas. É também frequente o relacionamento dessas atividades com a classe agrária, ou do comércio, sendo representadas por filhos de fazendeiros e comerciantes, portadores, quase sempre, de grau superior.

Para as classes menos favorecidas o emprego público constitui segurança e prestígio e, não raro, ponto de partida para ascensão.

Ao setor administrativo se incorporam numerosas pessoas incluídas no *setor educação e saúde*, que comparecem com 8% dos serviços. Estes foram isolados visando determinar o peso desses dois setores na vida da cidade.

As atividades do *terciário primitivo* aparecem entre os serviços como decorrendo do processo de crescimento da cidade em função de migrações, correspondendo quase sempre ao subemprego e desemprego resultantes da marginalização de parte da população, porém, de certo modo, à entrada desses desempregados no circuito de comercialização. É a incipiente integração dos marginalizados no processo produtivo. Por vezes o terciário primitivo mal chega a encobrir o desemprego existente.

Colocam-se no setor, em Teresina, as atividades desenvolvidas por lavadeiras, engomadeiras, empregadas domésticas, carregadores, trabalhadores braçais, ambulantes de diversos tipos, vendedores de bilhetes, lavadores de carros, sorveteiros, garapeiros, engraxates e me-retrizes.

Formam as populações do terciário primitivo um subproletariado urbano, atuando em certos casos, com independência, ou, a serviço dos proprietários da mercadoria, portanto, com papel de intermediário na comercialização, localizados em pontos fixos ou em uma atividade de biscate, sem nenhum vínculo empregatício, sem nenhuma especialização, ocupando-se de modo irregular.

Empregadas domésticas, em geral procedentes do interior e residentes nas casas de família onde trabalham, constituem um dos aspectos pouco visíveis do setor.

O terciário primitivo forma um setor de extrema mobilidade horizontal em função do próprio ritmo esporádico das atividades desenvolvidas.

Isolados dos serviços, foram destacados os *trabalhadores manuais especializados* (que participam com 13% da população ativa da cidade e que constituem classe que poderia ter sido enquadrada respectivamente em cada um dos três setores de atividade de Tere-

sina. Diferem estes do terciário primitivo, mais pela permanência ou menor mobilidade horizontal de atividades, em decorrência das especializações de cada um. Destacam-se, entre os citados trabalhadores, os mecânicos, marceneiros, pedreiros, carpinteiros, alfaiates, sapateiros, costureiras, confecção de perucas e manicures.

Como o terciário primitivo, esses trabalhadores manuais especializados possuem ritmo esporádico de atividade ou então relativa permanência, trabalhando por conta própria ou vinculados a terceiros. Em certos casos, compõem esses trabalhadores um interessante artesanato, produzindo calçados, cadeiras de ferro ou vime, móveis toscos, bordados, tecidos em teares caseiros, artigos de palha e fibras, ao gosto do mercado consumidor de baixo nível de renda.

Em resumo à rápida análise dos setores de atividades da população de Teresina poder-se-ia dizer que a progressão rápida e extensão das atividades terciárias decorre do próprio crescimento da cidade pelas migrações. (*Mapa: Teresina — População Ativa*)

E desse aspecto, resulta a proliferação do desemprego e do subemprego visíveis na paisagem urbana.

### **2.2.3 - Atividades dos migrantes na cidade e no interior do Estado**

A estrutura profissional dos não nascidos em Teresina foi estabelecida e correlacionada a dos naturais da cidade com o objetivo de conhecer como o migrante adquire e se adapta à vida urbana. Este aspecto favoreceu também a avaliação do grau de elasticidade das faixas de atividades na absorção da mão-de-obra procedente do interior.

Procurou-se identificar as modificações da estrutura profissional com a migração, a partir do conhecimento da

42°50'

42°49'

42°48'

42°49'

42°46'

NÚMERO DE PESSOAS

549

400

300

200

100

50

25

10

5°02'

- 1 - AGRICULTURA
- 2 - INDÚSTRIA
- SERVIÇOS
- 3 - COMÉRCIO
- 4 - ADMINISTRAÇÃO
- 5 - EDUCAÇÃO E SAÚDE
- 6 - OUTROS SERVIÇOS
- 7 - TRABALHADORES ESPECIALIZADOS
- 8 - TERCIÁRIO PRIMITIVO
- 9 - APOSENTADOS
- 10 - NÃO ESPECIFICADO

5°03'

5°04'

01'

02'

03'

04'

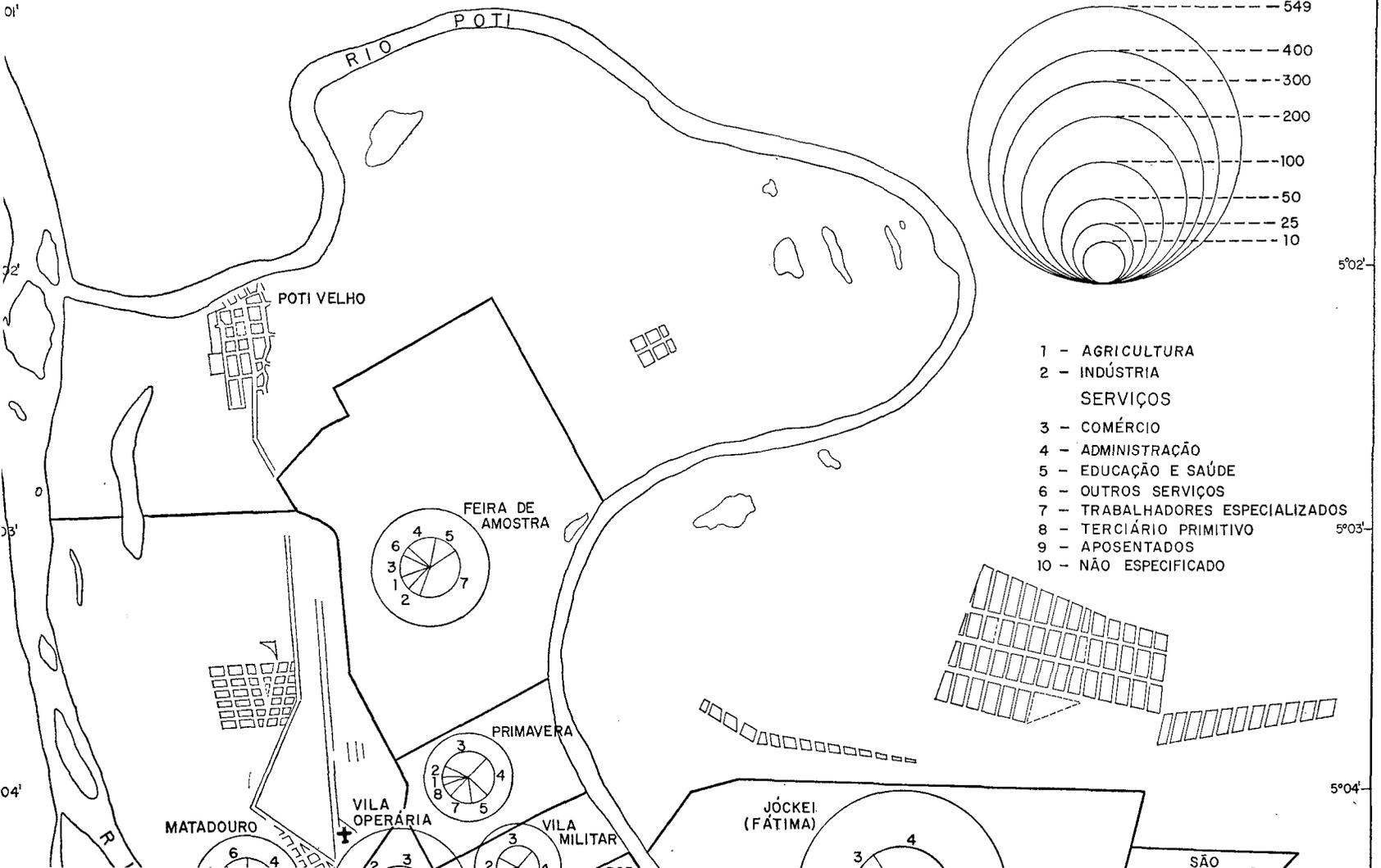




FIG. 8

ocupação do migrante em seu local de nascimento. Considerando que parte das migrações se processa através de etapas, isto é, não diretamente, tornou-se impossível reconstituir as sucessivas ocupações desenvolvidas pelo migrante entre sua terra natal e a cidade de Teresina. Assim, as transformações na estrutura profissional dizem respeito ao local de origem do migrante e à cidade de Teresina.

A população adulta nascida em Teresina representa 66,4% da população maior de 14 anos da cidade. Entre aqueles, os percentuais de ativos e inativos acusam, respectivamente, 52% e 48% (No total da população adulta, nascida e não nascida na cidade, esses valores correspondem a 51,2% para os ativos e 49,8% para os inativos).

Os migrantes representam 66,7% da população total ativa da capital (enquanto que os naturais da cidade participam com 32,3% da citada população) e 65,4% dos inativos da cidade. Os adultos não nascidos na cidade aparecem aqui mais numerosos que os naturais, fato que, se verdadeiro, indica serem as correntes migratórias que se dirigem à Teresina constituídas principalmente por pessoas adultas que vêm à cidade em busca de emprego, de melhores condições de vida.

Analisada a estrutura profissional dos nascidos e não nascidos em Teresina, observa-se que os dois aspectos não diferem substancialmente, ressalvadas certas particularidades que podem ser vistas no quadro n.º IV.

**QUADRO IV**  
**TERESINA — POPULAÇÃO ATIVA**  
**Setores de Atividades dos Nascidos e**  
**não Nascidos na Cidade**

| SETORES DE ATIVIDADES                       | NASCIDOS EM TERESINA |             | NÃO NASCIDOS EM TERESINA |             |
|---|----------------------|-------------|--------------------------|-------------|
|   | Número               | Percentual  | Número                   | Percentual  |
| — Primárias.....                            | 8                    | 3,7%        | 17                       | 3,5%        |
| — Secundárias.....                          | 8                    | 3,7%        | 20                       | 4,2%        |
| — Terciárias.....                           | 161                  | 70,9%       | 337                      | 71,3%       |
| — Trabalhadores manuais especializados..... | 24                   | 10,7%       | 68                       | 14,3%       |
| — Aposentados.....                          | 21                   | 9,3%        | 23                       | 4,9%        |
| — Não Especificados.....                    | 4                    | 1,7%        | 9                        | 1,8%        |
| <b>TOTAL.....</b>                           | <b>226</b>           | <b>100%</b> | <b>474</b>               | <b>100%</b> |

Fonte: Pesquisa direta, 1970.

Comparativamente aos nascidos na cidade, verifica-se serem os migrantes proporcionalmente mais numerosos nos setores de atividades secundárias e terciárias, bem como no relativo aos trabalhadores manuais especializados; esses três setores constituiriam os de maior elasticidade, ou capaz de suportar maior sobrecarga de mão-de-obra. Os trabalhadores manuais especializa-

dos colocar-se-iam entre os setores secundário e terciário, ora participando de um, ora de outro, por seu caráter artesanal, ligado ora à indústria ora aos serviços, como as pequenas indústrias de serviço.

A elasticidade do setor relativo aos trabalhadores manuais especializados faculta a maior absorção dos adventi-

cios como sapateiros, carpinteiros, costureiros, enfim por toda uma vasta gama de atividades de artesanato, cujo exercício exige, quase sempre, uma mínima especialização. Os trabalhadores manuais especializados não nascidos em Teresina representam 73,9% do total da mão-de-obra ocupada no setor.

Entrevistou-se na cidade 590 pessoas que exerciam atividade no setor terciário. Delas, 72,8% era constituída por não nascidos na cidade, ocupados, em sua maioria, na administração pública, no comércio e no terciário primitivo, enquanto aqueles nascidos na cidade apresentavam maiores concentrações na administração pública, serviço e comércio.

O terciário constitui, por seu caráter hipertrofiado, um setor elástico, capaz de abrigar maior número de pessoas. Nele a atividade comercial, a administrativa e o terciário primitivo apareceram como os mais capazes de absorver maior número de pessoas, o que se explica pelas próprias características dessas atividades. O comércio, com seus aspectos que vão desde o ambulante ao comércio instalado, como uma barraca de feira ou a simples venda de carvão sem nenhuma instalação adequada, fa-

vorece a integração de adventícios ao setor, mesmo daqueles despidos de qualquer poupança. O comércio comporta-se pois como um setor elástico, dinâmico e dotado de mobilidade ascendente.

A administração constitui também setor amplo e elástico, conforme indica a participação, no mesmo, de pessoas não nascidas na capital (76,6%).

Como parte parasitária do setor terciário, o terciário primitivo constitui o mais elástico dos setores, pois é através dele que grande parte dos migrantes inicia suas atividades urbanas, fazendo um pouco de tudo, ora como ambulante, vendedor, carregador, doméstica.

Do setor, em Teresina, 69,5% não são nascidos na cidade.

Comparada a estrutura profissional obtida para os não nascidos na cidade, com aquela do local de origem do migrante, constata-se, à uma primeira vista, a incontestável adaptação de trabalhadores rurais às atividades urbanas, uma vez que é a agricultura a principal atividade dos que emigram, enquanto na cidade aparecem, com destaque, as atividades terciárias. O quadro n.º XV documenta os dois aspectos.

**QUADRO V**  
**TERESINA — OCUPAÇÃO DO MIGRANTE**  
**NO LOCAL DO NASCIMENTO**  
**E EM TERESINA**

|  | NO INTERIOR    |             | EM TERESINA    |             |
|--|----------------|-------------|----------------|-------------|
|  | N.º de pessoas | %           | N.º de pessoas | %           |
| — Primárias .....                            | 65             | 46,9%       | 17             | 3,5%        |
| — Secundárias .....                          | 2              | 1,4%        | 20             | 4,2%        |
| — Terciárias .....                           | 44             | 31,6%       | 337            | 71,6%       |
| — Trabalhadores manuais especializados ..... | 28             | 20,1%       | 68             | 14,3%       |
| — Aposentados .....                          | —              | —           | 23             | 4,9%        |
| — Não Especificadas .....                    | —              | —           | 9              | 1,8%        |
| <b>TOTAL .....</b>                           | <b>139</b>     | <b>100%</b> | <b>474</b>     | <b>100%</b> |

Fonte: Pesquisa direta, IBC, 1970.

As atividades terciárias e os trabalhadores manuais especializados constituem, ao lado das atividades primárias, importante aspecto da estrutura profissional do migrante no interior, uma vez que as atividades secundárias são praticamente inexistentes.

No interior, o terciário, apesar de amplo, é pouco diversificado. Nele 56,9% de seus trabalhadores ocupam-se sobretudo do comércio. Estes, juntamente com os trabalhadores manuais especializados, devem estar relacionados às atividades urbanas, uma vez que a maior parte dos migrantes é de origem urbana.

Na cidade, o setor terciário aparece mais elástico e diversificado do que no interior, com 71,6% dos ativos distribuídos em sua maior parte nos serviços administrativos, seguido do comércio, do terciário primitivo, e finalmente dos aspectos de educação, saúde e serviços.

Os trabalhadores manuais especializados são relativamente menos numerosos na cidade do que no campo; eles passam a ser absorvidos pelas atividades terciárias (principalmente pelos serviços administrativos e pelo terciário primitivo) e menos pelas atividades secundárias fragilmente desenvolvidas.

Da comparação das estruturas profissionais de nascidos em Teresina, não nascidos, e migrantes no interior pode-se concluir:

— Há sensível modificação da estrutura profissional entre o campo e a cidade; no interior o migrante desenvolve atividades ligadas ao setor primário e às atividades terciárias do comércio. Na cidade, o terciário apresenta-se ampliado pelos serviços de ali-

mentação, transportes e financeiros, pela administração, educação, saúde e pelo terciário primitivo, este como resultante da própria marginalização.

— Os setores mais elásticos das atividades urbanas são, na quase ausência de vida industrial, os do terciário, capazes de absorver maior número dos não nascidos em Teresina.

### 2.2.4 - Distribuição da população ativa

Considerada a distribuição da população ativa pelos bairros da cidade, pode-se concluir que, percentualmente, o maior número de ativos pertence ao bairro do Centro, com 34% de ativos sobre a população do bairro. Entre esses ativos destacam-se os funcionários públicos, mais numerosos, seguidos pelos ocupados no comércio, na educação e saúde, serviços e pelos aposentados.

Nos bairros da Zona Sul, os ativos são menos numerosos do que no Centro, com 29% da população total dos bairros. A composição profissional desses ativos é dada por funcionários que também aqui são mais numerosos, seguidos pelos trabalhadores manuais especializados, pelos do comércio e terciário primitivo. Os aposentados e os ocupados na indústria ocupam posição semelhante e, finalmente, os agricultores.

Nos bairros da Zona Norte a composição dos ativos aproxima-se daquela dos bairros da Zona Sul, diferindo apenas no que concerne à população ocupada no comércio, que é superior a dos trabalhadores manuais especializados, conforme pode ser observado no Quadro n.º VI.

**QUADRO VI**  
**DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO ATIVA**  
**DA CIDADE DE TERESINA**

| SETORES DE ATIVIDADES                     | PERCENTUAIS POR ZONAS DA CIDADE |            |            |
|---|---------------------------------|------------|------------|
|   | Norte                           | Centro     | Sul        |
| Primárias.....                            | 5                               | 2          | 4          |
| Secundárias.....                          | 3                               | 3          | 6          |
| Terciárias.....                           | 71                              | 75         | 65         |
| Comércio.....                             | 18                              | 17         | 14         |
| Serviços.....                             | 5                               | 10         | 10         |
| Administração Pública.....                | 29                              | 31         | 22         |
| Educação e Saúde.....                     | 8                               | 13         | 5          |
| Terciário Primitivo.....                  | 11                              | 4          | 13         |
| Trabalhadores manuais especializados..... | 15                              | 8          | 17         |
| Aposentados.....                          | 4                               | 9          | 6          |
| Não Especificados.....                    | 1                               | 3          | 2          |
| <b>TOTAIS.....</b>                        | <b>100</b>                      | <b>100</b> | <b>100</b> |

Fonte: Pesquisa direta, 1970.

35

Comparativamente aos outros bairros, o Centro aparece como bairro de funcionários e pessoal de educação e saúde, enquanto as zonas Norte e Sul são mais caracterizadas por maiores proporções de trabalhadores manuais especializados e pelo terciário primitivo.

São estes, portanto, bairros mais pobres, uma vez que o Centro apresenta-se relativamente homogêneo, não ostentando nem residência do tipo de favela, nem nítidas e amplas áreas de degradação.

Nos bairros periféricos ao Centro observa-se maior heterogeneidade, ora concentrando residências pobres, ora vazios, ora áreas de residências afastadas como é visto no bairro de Fátima — Jockey para onde se têm transferido antigos moradores do Centro. É nesses bairros que se concentram as ocupações “menos nobres” do terciário primitivo e trabalhadores manuais espe-

cializados que, em muitos casos, ocultam o desemprego ou o subemprego.

### 2.3 - Os níveis de vida da população de Teresina

Os níveis de vida da população da cidade foram abordados dentro de dois aspectos principais:

a) o nível educacional da população adulta e seu grau de instrução, uma vez que a população escolar foi estudada em outro setor do presente relatório.

b) o nível de renda, com a renda individual e a renda familiar.

Estes aspectos foram a seguir correlacionados à estrutura profissional, às condições sanitárias e educacionais, como elementos de certo modo indica-

tivos de determinadas condições sociais e de vida dos habitantes de Teresina.

### 2.3.1 - Os níveis educacionais

De um total de 1 372 pessoas adultas entrevistadas constatou-se que 78,05%

era alfabetizada, sendo o restante 21,95% constituído por analfabetos.

Para os alfabetizados foi estabelecido o grau de instrução, conforme o quadro n.º VII.

**QUADRO VII**  
**POPULAÇÃO ADULTA DE TERESINA**  
**Grau de Instrução**

| GRAU DE INSTRUÇÃO     | PESSOAS ENTREVISTADAS |              |
|-----------------------|-----------------------|--------------|
|                       | Número                | Percentagens |
| Primário.....         | 630                   | 56%          |
| Completo.....         | 253                   | 40,1         |
| Incompleto.....       | 377                   | 59,9         |
| Ginásio.....          | 249                   | 22,1%        |
| Completo.....         | 49                    | 19,7         |
| Incompleto.....       | 200                   | 80,3         |
| 2.º Ciclo.....        | 139                   | 12%          |
| Completo.....         | 48                    | 34,5         |
| Incompleto.....       | 91                    | 65,5         |
| Pedagógico.....       | 45                    | 4%           |
| Completo.....         | 24                    | 53,3         |
| Incompleto.....       | 21                    | 46,7         |
| Comercial.....        | 24                    | 2%           |
| Completo.....         | 13                    | 54,1         |
| Incompleto.....       | 11                    | 45,9         |
| Superior.....         | 46                    | 4%           |
| Completo.....         | 27                    | 58,6         |
| Incompleto.....       | 19                    | 41,4         |
| TOTAL DE PESSOAS..... | 1 125                 | 100%         |

Fonte: Pesquisa Direta, 1970.

Predomina na população de Teresina o grau de instrução primária, abrangendo 56% da população pesquisada; seguem-se os que possuem grau de instrução secundária (ginásial, 2.º ciclo, pedagógico e comercial) abrangendo 40% da população alfabetizada, finalmente possuem curso superior 4% da população mencionada.

Apesar de ter passado pelo curso primário e pelos cursos secundários,

grande parte dessa população não chegou à conclusão dos cursos indicados no grau de instrução.

Assim é que cerca de 60% da população adulta apenas passou pelo curso primário, sem contudo concluir o referido curso. O problema apresenta-se agravado para o curso ginásial, onde 80,3% menciona não haver continuado os estudos. Apesar disso, o ensino pedagógico e o ensino superior apa-

recem com maiores percentuais de pessoas que possuem cursos completos.

Do mencionado total de 1.125 pessoas maiores que declarou saber ler e escrever, os que ainda estavam estudando correspondiam a 15,7%, cabendo os restantes 84,3% aos que não mais estudavam. A parcela dos que indicaram ainda estar estudando estava distribuída através dos seguintes graus de ensino: primário, 31,7%; secundário 64,2%; superior 4,1%.

Considerando que parte dessa população adulta é oriunda do interior, procurou-se conhecer o nível educacional dos não nascidos na cidade; nos bairros de maior número de migrantes obteve-se valores que se afastavam dos valores médios obtidos para a população da cidade.

Relativamente ao grau de alfabetização a cidade oferece aspectos variados segundo o bairro e o maior percentual de migrantes nos mesmos bairros. Assim, é o Centro que aparece com as mais elevadas taxas de alfabetização, com 4% de analfabetos; os bairros de Fátima e Tabuleta apresentam comportamento diverso do Centro, com 34% e 24% de analfabetos.

Em geral, são os não nascidos na cidade que possuem maiores proporções de analfabetos. Após alguns anos de radicados na cidade observa-se que, embora os pais e os mais idosos permaneçam analfabetos, seus filhos, mesmo tardiamente, têm chances de ingressar no ensino primário.

Entre os adultos analfabetos observa-se que há quase sempre correlação entre o problema do analfabetismo e o de sexo e estrutura profissional da população: predominam os analfabetos entre as mulheres e as atividades agrícolas e do terciário primitivo. É inegável também a relação entre o maior número de analfabetos com o de pessoas não nascidas em Teresina.

Observada a distribuição do nível de instrução da população segundo os diversos bairros, verifica-se que o Centro possui posição destacada pelo mais elevado nível de instrução completa nos diversos graus. Inversamente, os que residem nos bairros da zona Norte e da zona Sul possuem níveis de instrução com menor participação dos que possuem curso secundário ou superior. No relativo ao ensino primário é também maior o percentual dos que não têm o referido curso completo.

Levando-se em consideração apenas a parcela da população não nascida em Teresina e analisando o seu grau de instrução, obtém-se a comprovação de que o migrante apresenta grau de instrução inferior aos valores obtidos para a população da cidade ou do bairro onde reside. Desse modo é que os migrantes, localizados nos bairros da Tabuleta e de Fátima apresentam graus de instrução em que a participação dos que possuem primário completo apenas atinge 23% e 25%, respectivamente: neles os migrantes residentes compõem mais de 53% da população de cada bairro.

Analisado o mesmo aspecto para o Centro (onde os migrantes apenas formam 46% da população do bairro) verifica-se que o percentual dos que possuem primário completo é de apenas 18%; quanto aos que não concluíram o primário, o percentual é de 17%, portanto, bastante diferente dos valores atingidos pelos bairros de Fátima e Tabuleta, com 50% e 53%, respectivamente.

Em conclusão, poder-se-ia dizer que Teresina possui — razoável índice de alfabetização de adultos em seus bairros de ocupação mais antiga; nos bairros de ocupação mais recente os maiores índices de analfabetismo relacionam-se à presença de procedentes do interior.

42°50'

42°49'

42°48'

42°47'

42°46'

5°01'

-5°02'

-5°03'

-5°04'

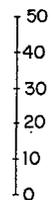
5°02'

5°03'

5°04'

### NÍVEIS DE RENDA

- A - MENOR DE UM SALÁRIO MÍNIMO REGIONAL VIGENTE
- B - DE UM A MENOS DE DOIS SALÁRIOS
- C - DE DOIS A MENOS DE TRÊS SALÁRIOS
- D - DE TRÊS A MENOS DE CINCO SALÁRIOS
- E - CINCO E MAIS SALÁRIOS
- F - BISCATE
- G - NÃO DECLARADO



NÚMERO DE PESSOAS ENTREVISTADAS



FEIRA DE AMOSTRA



MATADOURO



PRIMAVERA

VILA MILITAR

# TERESINA

## NÍVEIS DE RENDA

-5°05'

-5°06'

-5°07'

5°05'

5°06'

5°07'

42°50'

42°49'

42°48'

42°47'

42°46'

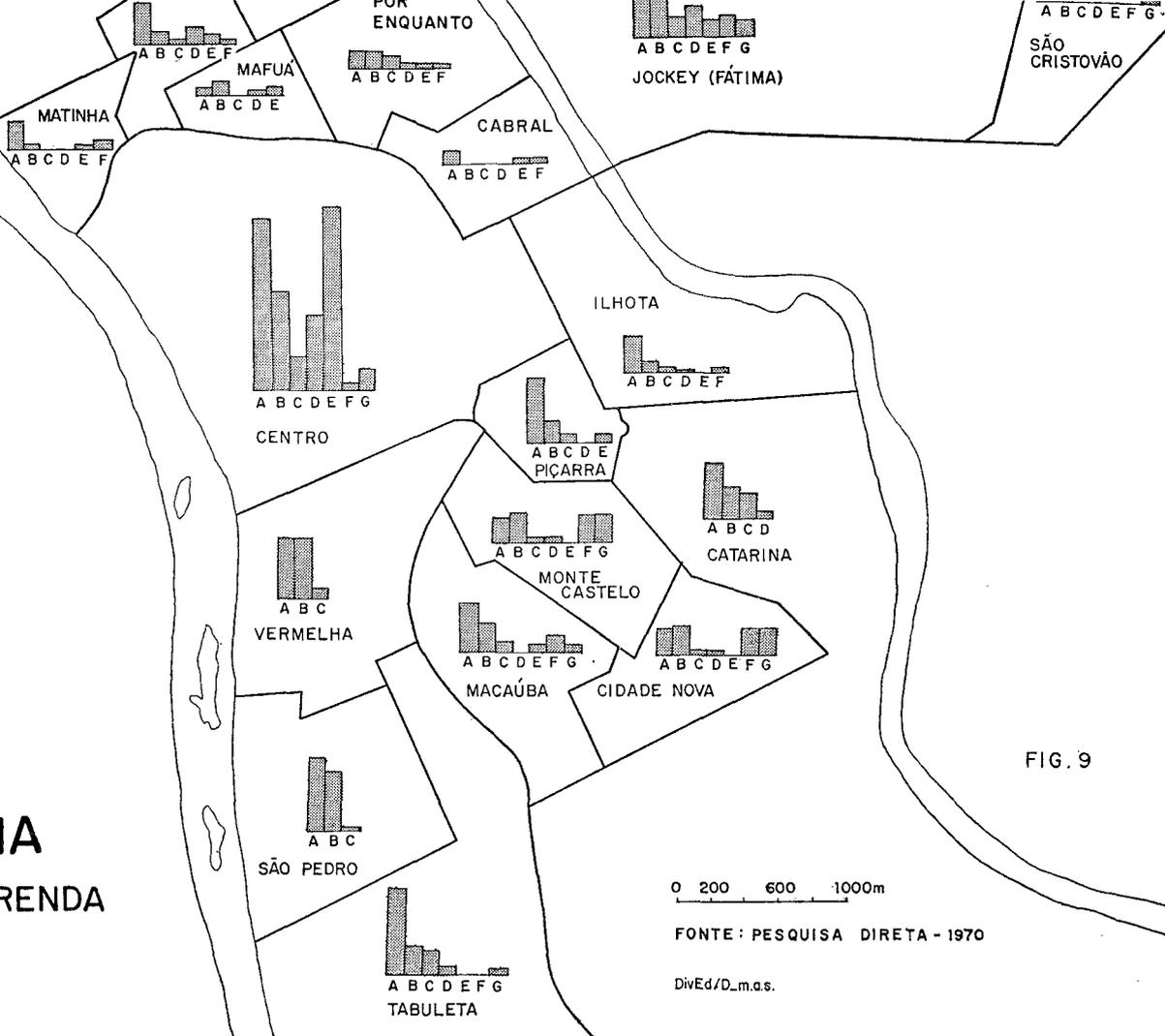


FIG. 9

0 200 600 1000m

FONTE: PESQUISA DIRETA - 1970

DivEd/D.m.s.

— como os valores da alfabetização, o grau de instrução é também variável no interior da cidade, aparecendo o Centro com um padrão de comportamento caracterizável como bairro de elites. Aí, mesmo os não nascidos na cidade têm grau de instrução superior ao das populações residentes nos bairros periféricos.

— apesar de apresentar razoável índice de alfabetização, a cidade ressent-se de problemas de ampliação da educação de base para os habitantes dos bairros periféricos ao centro, e sobretudo para aqueles que vão chegando à cidade cada dia. Favorável se afigura a situação do não nascido na cidade, que, embora analfabeto, e permaneça analfabeto, coloca seu filho na escola, mesmo tardiamente. Aliás, o estudo constitui, segundo os entrevistados, a única garantia de um futuro para a família e, portanto, uma saída para a mobilidade vertical.

### 2.3.2 - Os níveis de renda da população

O setor terciário constitui aquele de maior participação na formação da renda da cidade de Teresina através dos salários pagos pelo governo aos funcionários públicos e pelo comércio de mercadorias. Sob este aspecto a cidade difere do restante do Piauí, onde as atividades agrícolas aparecem como o setor que possui maior participação na formação da renda do Estado.

O crescimento da população da cidade e a conseqüente expansão das atividades terciárias, em sua maior parte de baixa produtividade, aparece entretanto como responsável pela presença na cidade de uma numerosa população pobre, de baixo nível de renda, identificada como pertencente a um estrato social baixo (30%) ou alto-baixo (42%) (Coplan 1970).

Em contraposição aos mencionados estratos baixos, aparecem as elites, ou

o estrato alto-alto, com as proporções reduzidas de 6%.

Levando em consideração as desigualdades de renda existentes nos diversos estratos sociais, foram estabelecidos os valores da renda mediante enquete com cerca de 24% da população da cidade, por bairro, visando localizar as disparidades internas existentes, tanto para a renda *per capita* anual, quanto para a renda familiar.

A renda média per capita para Teresina foi de Cr\$ 852,02, pouco representativa das disparidades existentes entre os bairros. Assim, para o Centro foram encontrados valores de . . . . . Cr\$ 1.158,08, correspondente ao maior, número de pessoas ocupadas na administração pública, no comércio e nos setores educacionais e aos mais elevados níveis educacionais e de instrução da cidade.

Aí também se colocam os mais elevados índices dos que concluíram os cursos secundário e superior.

Para as zonas Norte e Sul da cidade foram obtidas as rendas mais baixas, de Cr\$ 523,57 e Cr\$ 427,41, respectivamente.

A renda *per capita* varia na cidade em função do tipo de atividade, grau de instrução (indo de valores inferiores ao salário mínimo até valores maiores de 10 salários mínimos) e da própria compartimentação interna da cidade por bairros.

#### — A Renda familiar

Segundo o número de pessoas existentes em cada família e de sua correlação com os níveis de renda, chegou-se à conclusão de que o maior número de famílias de Teresina (53%) recebe mensalmente um ou menos de um salário mínimo regional vigente.

Desse percentual, 17% pertence a famílias cuja renda não atinge sequer ao

salário, enquanto 37% refere-se às famílias de renda fixada no salário mínimo.

Em outro extremo aparecem as famílias cujas rendas são superiores a 6 salários, com o total de 15,5% das famílias. Neste grupo, as maiores proporções cabem aos que têm rendas superiores a 10 salários, com 9,5% e menores proporções às famílias que declararam renda contida entre 6 e 10 salários (6%).

Correlacionadas as faixas de renda ao número de famílias, pôde-se resumir os dados obtidos no quadro abaixo:

**QUADRO VIII**  
**FAIXAS DE RENDA DAS FAMÍLIAS**

| FAIXA DE RENDA           | FAMÍLIAS ENTREVISTADAS |             |
|--------------------------|------------------------|-------------|
|                          | Número                 | %           |
| Menos de 1 Salário.....  | 67                     | 17,8        |
| 1 Salário.....           | 147                    | 37,0        |
| 2 Salários.....          | 60                     | 15,1        |
| 3 Salários.....          | 29                     | 7,3         |
| 4 Salários.....          | 17                     | 4,2         |
| 5 Salários.....          | 14                     | 3,5         |
| 6 a 10 salários.....     | 25                     | 6,2         |
| Mais de 10 salários..... | 38                     | 9,5         |
| <b>TOTAL.....</b>        | <b>397</b>             | <b>100%</b> |

Fonte: Pesquisa direta, 1970.

Verifica-se, pois, que 70% das famílias de Teresina possuem muito baixos níveis de renda, inferiores a 2 salários. Entre aquelas cuja renda não atinge sequer o salário mínimo colocam-se as famílias em que há apenas um membro ativo, geralmente ocupado com o terciário primitivo, aposentados ou pensionistas. Se os que fazem biscate declarassem renda, aumentariam certamente o número das famílias cuja renda não chega a atingir o salário mínimo. Entretanto, em certos casos, a

colaboração de vários membros da família, mesmo nas atividades de biscate e de terciário primitivo, contribui para modificar a faixa de renda da família, elevando-a.

Observa-se, pois, que nas famílias pobres, os mais baixos níveis de renda estão vinculados à presença de um único membro ativo e demais dependentes inativos e não unicamente ao tipo de ocupação.

É verdade que entre ambulantes e domésticas, mesmo com a contribuição de dois a mais membros ativos na família, pode ocorrer que o conjunto não chegue a atingir sequer o salário mínimo, em função dos baixos níveis de salários pagos às ocupações domésticas e os pequenos lucros auferidos por pequenos ambulantes do tipo vendedores de frutas.

No tocante às faixas de renda de 3, 4 ou 5 salários, incluem-se 15,0% das famílias, ao passo que na de 6 a 10 salários tem-se 6,2% das famílias.

Estes dois grupos compreendem, de maneira geral, maior número de pequenos funcionários públicos, militares, comerciantes, bem como aqueles trabalhadores manuais especializados, serviços de reparação, alojamentos e alimentação. Sobretudo da primeira faixa de 3 a 5 salários, ou mesmo na segunda, colocam-se famílias nas quais a participação de várias pessoas ativas faz subir a faixa de renda.

Finalmente, com os mais elevados níveis de renda, superiores a 10 salários encontram-se 9,5% das famílias que declararam renda. Aí se encontram fazendeiros, comerciantes, funcionários de categoria, militares e industriais. Em certos casos foi observada a acumulação de uma ocupação ligada ao comércio, indústria e agricultura com uma profissão liberal, geralmente de médico ou de advogado.

Distribuídos os níveis de renda pelas famílias residentes nos bairros da cidade, observa-se que a elevada renda familiar do Centro corresponde à predominância de 32% de famílias com renda superior a 10 salários e 15% daqueles cuja renda vai de 6 a 10 salários.

Nos bairros da zona Norte e da zona Sul a distribuição da renda familiar difere bastante daquela do Centro, aparecendo o maior número de famílias de renda igual ou inferior ao salário mínimo. Assim em 215 famílias destes níveis de renda, 92% residia nos bairros da Zona Sul e Zona Norte, com, respectivamente, 46% cada um, cabendo apenas 8% ao Centro da cidade. Se no conjunto do Centro, as famílias de renda menor ou igual ao salário eram apenas 19% dos que aí residiam, nos bairros da zonas Norte e Sul esses percentuais acusam, respectivamente, 59% e 61%, indicando a dominância de populações mais pobres nos bairros periféricos. Neles, as mais frágeis rendas familiares, ou de predomínio de rendas inferiores ou iguais ao salário mínimo, são encontradas em Feira de Amostra, Porenquanto, São Cristóvão, Vila Militar, Catarina, Cidade Nova, Macaúbas, Monte Castelo e São Pedro.

### 2.3.3 - A renda familiar e o tamanho da família

Tem sido aceito e repetido que nas regiões subdesenvolvidas os mais fracos valores da renda familiar encontram correspondência nas famílias mais numerosas. Assim, quanto maiores as famílias, mais frágeis seriam os níveis de renda existentes.

Em Teresina, entretanto, não se pôde comprovar esta observação, uma vez que as mais fracas rendas não estão correlacionadas às famílias maiores.

A família média de Teresina é composta por 5,2 membros, dado que não se afasta muito da média brasileira ou

de outras cidades do Nordeste e mesmo do Piauí. Consideradas as diferenças internas por bairros, observa-se que o tamanho médio da família não apresenta variações sensíveis como os aspectos abordados da estrutura profissional e dos níveis de renda que colocam o Centro da cidade com comportamento bastante diverso daqueles dos bairros periféricos, mais pobres. Assim é que o Centro tem família de 5,0 pessoas e os bairros da Zona Norte e Sul têm respectivamente 5,4 e 5,2. Sob este aspecto, os bairros mais pobres seriam aqueles que possuiriam famílias mais numerosas. Entretanto, quando tomamos os bairros de Porenquanto, com grande população de estrato baixo, a família média é de 4,8 (portanto inferior ao valor obtido para o Centro) e os que possuem rendas iguais ou inferiores ao salário são cerca de 75% da população do bairro. No bairro do Jockey a família média é de 6,1 pessoas e apenas 33% das mesmas possui renda menor ou igual ao salário mínimo.

Assim a relação entre o tamanho da família e a renda constitui dado relativo, devendo ser utilizado com as devidas cautelas, pois em Teresina a renda familiar média é sempre superior a renda individual, uma vez que dependendo do número de pessoas ativas em cada família, a renda pode se ampliar para uma faixa ou categoria superior.

Desse modo, correspondendo aos mais elevados níveis de renda do Centro, os ativos, além do responsável, no conjunto da população, são mais numerosos que nos bairros periféricos. Nestes, os ativos, além do responsável, representam apenas 15% e 23% dos ativos das zonas Norte e Sul, enquanto no Centro, estes ativos representam 59%. É também no Centro que encontramos uma população mais madura, com menor participação dos jovens, enquanto na-

queles outros bairros, os menores apresentam-se mais numerosos.

Correlacionado o número de pessoas em cada família pelas faixas de renda, verifica-se que em 394 famílias, 214 ou 53% possuía renda inferior ou igual ao salário mínimo; dessas famílias, 79 ou 20% correspondia a famílias grandes maiores de 6 membros. Por outro lado, as famílias pequenas, menores de 5 membros, em número de 109 ou 27%.

Em uma outra faixa de renda, os que ganham mais de 10 salários mínimos, em número de 38 famílias, apenas 8 correspondem às famílias pequenas, menores de 5 membros.

Assim, as famílias grandes, com maior número de membros ativos são proporcionalmente mais numerosas nas faixas de rendas mais elevadas, e as famílias pequenas, dominantes nas faixas das mais fracas rendas declaradas.

Poderia, no relativo à renda familiar, lembrar que no caso de Teresina as famílias que usufruem maiores níveis de renda têm seus ativos vinculados às atividades terciárias, setor que abriga maior número de ativos.

Estudo do setor Renda levado a efeito para o diagnóstico socioeconômico de Boa Esperança veio corroborar a importância das atividades terciárias na formação da renda. Englobando 92% da renda global da cidade, apareceriam como setores mais destacados do terciário, no tocante à participação na

renda do setor, a administração pública com 33,9%; o comércio com 26,9%; os intermediários financeiros com 6,5%; os transportes com 3,4% e outros com 21,3%. A participação da indústria na renda urbana seria irrisória, com apenas 6,8% do total. \*

### **2.3.4 - A renda média mensal por pessoa ocupada**

Foi encontrada a renda média mensal de Cr\$ 251,00 para a população total pesquisada. Entretanto, como para os demais aspectos da vida da cidade são observadas desigualdades quanto à distribuição interna dessa renda, cabendo maior valor ao Centro, com Cr\$ 441,00 e apenas Cr\$ 191,45 aos bairros da zona Norte e Cr\$ 122,45 aos bairros da zona Sul.

Lembraríamos também aqui, que a pesquisa antes mencionada \*\* encontrou o valor médio de 169,37 para Teresina, cabendo maiores rendas às atividades terciárias seguintes:

- 1 — Comércio;
- 2 — Serviços;
- 3 — Serviço Público;
- 4 — Outros.

O setor industrial oferecia, então, renda levemente superior ao agrícola, porém, inferior ao terciário. Este constitui inegavelmente o setor mais elástico, diversificado e principal componente da formação da renda da cidade de Teresina.

\* Diagnóstico Socio-econômico da Área de Influência de Boa Esperança. SUEDENE-UFC. COHEBE, Fortaleza, 1966.

\*\* Op. Cit. 1966.

**QUADRO IX**  
**TERESINA: RENDA FAMILIAR**

| BAIRROS                               | NÚMERO DE FAMÍLIAS | RENDA FAMILIAR     |    |                          |    |                    |    |             |    |                  |   |
|---------------------------------------|--------------------|--------------------|----|--------------------------|----|--------------------|----|-------------|----|------------------|---|
|                                       |                    | Um salário e menos | %  | De dois a cinco salários | %  | De 6 a 10 salários | %  | Mais de dez | %  | Não especificado | % |
| 1 — Cabral.....                       | 4                  | 2                  | —  | 1                        | —  | —                  | —  | 1           | —  | —                | — |
| 2 — Fátima/Jockey.....                | 57                 | 30                 | —  | 14                       | —  | 1                  | —  | 2           | —  | 10               | — |
| 3 — Feira de Amostra.....             | 18                 | 12                 | —  | 4                        | —  | —                  | —  | —           | —  | 2                | — |
| 4 — Mafuá.....                        | 10                 | 6                  | —  | 2                        | —  | 1                  | —  | 1           | —  | 1                | — |
| 5 — Matadouro.....                    | 14                 | 7                  | —  | 3                        | —  | 4                  | —  | —           | —  | —                | — |
| 6 — Matinha.....                      | 7                  | 4                  | —  | 2                        | —  | 1                  | —  | —           | —  | —                | — |
| 7 — Porenquanto.....                  | 16                 | 12                 | —  | 4                        | —  | —                  | —  | —           | —  | —                | — |
| 8 — Primavera.....                    | 13                 | 8                  | —  | 4                        | —  | —                  | —  | —           | —  | 1                | — |
| 9 — São Cristóvão.....                | 10                 | 8                  | —  | 1                        | —  | —                  | —  | —           | —  | 1                | — |
| 10 — Vila Operária.....               | 24                 | 11                 | —  | 10                       | —  | 1                  | —  | 1           | —  | 1                | — |
| 11 — Vila Militar.....                | 9                  | 6                  | —  | 3                        | —  | —                  | —  | —           | —  | —                | — |
| Zona Norte.....                       | 182                | 106                | 59 | 48                       | 26 | 8                  | 4  | 5           | 3  | 16               | 8 |
| 12 — Centro.....                      | 98                 | 19                 | 19 | 25                       | 25 | 15                 | 15 | 32          | 32 | 7                | 7 |
| 13 — Catarina.....                    | 18                 | 11                 | —  | 6                        | —  | 1                  | —  | —           | —  | —                | — |
| 14 — Cidade Nova.....                 | 25                 | 16                 | —  | 1                        | —  | —                  | —  | —           | —  | 8                | — |
| 15 — Ilhota.....                      | 10                 | 5                  | —  | 5                        | —  | —                  | —  | —           | —  | —                | — |
| 16 — Macaúba.....                     | 23                 | 17                 | —  | 2                        | —  | —                  | —  | —           | —  | 4                | — |
| 17 — Monte Castelo.....               | 15                 | 11                 | —  | 2                        | —  | —                  | —  | —           | —  | 2                | — |
| 18 — Pigarra.....                     | 18                 | 7                  | —  | 9                        | —  | 1                  | —  | 1           | —  | —                | — |
| 19 — Tabuleta.....                    | 30                 | 17                 | —  | 12                       | —  | —                  | —  | —           | —  | 1                | — |
| 20 — São Pedro.....                   | 19                 | 14                 | —  | 5                        | —  | —                  | —  | —           | —  | —                | — |
| 21 — Vermelha e N. S. das Graças..... | 12                 | 4                  | —  | 6                        | —  | —                  | —  | 1           | —  | 1                | — |
| Zona Sul.....                         | 170                | 102                | 61 | 48                       | 28 | 2                  | 1  | 2           | 1  | 16               | 9 |
| TOTAL.....                            | 451                | 227                | 51 | 121                      | 26 | 25                 | 5  | 39          | 9  | 39               | 9 |

44

### 3 - Os Serviços Urbanos

#### 3.1 - O Setor Administrativo

Criada como capital, Teresina vem exercendo o comando da vida política e administrativa do Piauí desde 1852, quando a cidade foi instalada na confluência dos rios Poti—Parnaíba, com o objetivo precípua de abrigar a função de capital. Seus primeiros habitantes foram administradores e políticos transferidos para a nova capital, juntamente

com os serviços vindos da antiga capital, Oeiras.

Em torno da igreja de Nossa Senhora do Amparo surgiram as primeiras construções. Entre 1851 e 1860 foram edificadas o Quartel de Polícia, a Assembléia Provincial, a Câmara do Juri, o Mercado, o Liceu e o Teatro de St.<sup>a</sup> Teresa, ao serviço da vida da capital que, em 1860, já possuía 863 casas residenciais, entre as quais se contavam 530 casas de palha.\* A cidade atraía, desde então, populações pobres vindas do interior que, embora instaladas em habitações precárias,

\* COPLAN — Plano de Desenvolvimento Local Integrado de Teresina, 1970.

procuravam participar das atrações do núcleo recém-criado.

A função de capital confere a Teresina poder de decisão capaz de influenciar a vida política e administrativa de todo o Piauí, mesmo das áreas do extremo sul do Estado, vinculadas por economia e tradição a outras capitais nordestinas.

Captando e centralizando, na esfera estatal, decisões, investimentos e equipamentos, Teresina tornou-se apta ao comando da vida administrativa, porém incapaz de atuar e de polarizar a vida econômica, cujos mecanismos escapam ao controle do Estado, dependentes que são das decisões dos mercados regionais, nacionais e do exterior. É, portanto, fraco o estímulo da cidade sobre a frágil vida econômica do interior.

O gado comercializado sempre foi pouco, o extrativismo dependente de condições exógenas, e a subsistência limitada inicialmente aos mercados locais, não constituindo atividades centralizadas pela capital. Nos dias presentes a lavoura se expande às custas do crescimento demográfico (pelo qual as cidades vão se tornando centros de consumo), pelas facilidades de escoamento trazidas pelas rodovias e pelos problemas da comercialização do babaçu e carnaúba.\* Esta expansão recente da agricultura do Estado vai aos poucos integrando a economia do Piauí na do Nordeste, sem maior participação da capital, se não aquela de um centro de consumo representado pelos seus 190.256 habitantes. Teresina, desse modo, permanece isolada, não se comportando (apesar de sua favorável posição) como centro de coleta e da comercialização dos produtos regionais que, em muitos casos, saem

da própria região e da periferia de Teresina para outros centros comerciais do Nordeste. Entre esses produtos podem ser indicados a cera de carnaúba, os couros e as peles e a castanha que têm seus fluxos orientados para Fortaleza. Sem capacidade de polarizar melhor a vida regional sob o ângulo econômico, Teresina tem seu papel realçado como centro de decisões na vida político-administrativa e como centros de serviços, em que pesa um comércio de distribuição de produtos industrializados, e menos por ser centro de convergência da vida econômica regional, cujo controle escapa ao poder de atração da capital. Decorre do fato serem frágeis os laços entre Teresina e sua região ou mesmo Estado, como escassos são os contingentes humanos do interior e desvinculados da capital os débeis mecanismos econômicos da região e do Estado.

Entretando, como centro administrativo e de serviços é inegável o poder de atração da cidade sobre as populações do interior, que formam cerca de 46% do total de habitantes de Teresina. Esta força de atração não é atual, mas vem do passado, dos primeiros anos de vida da cidade, quando populações do interior, pressionadas pelas secas do final do século, buscavam nas capitais medidas administrativas que lhes permitissem sobreviver.

Como centro das decisões não é menor a atração que Teresina exerce sobre os políticos do interior, quase sempre fazendeiros que, na capital, buscam estar próximos ao comando da vida política, assegurando, ao mesmo tempo, melhores condições para a educação dos filhos. Em muitos casos, a acumulação de uma função político-administrativa se faz, ainda nos dias

\* Monteiro Santana, R.N. — Evolução Histórica da Economia Piauiense. Ed. Cultura, 1964.

atuais, com a de fazendeiro, sendo esta considerada secundária.

A capital constitui, portanto, centro de atração para as populações do interior, tanto de suas elites representadas pelos coroneis fazendeiros e comerciantes, quanto pelos pequenos lavradores estrativistas e moradores das fazendas ou pequenas cidades que buscam melhores condições de vida e, em muitos casos, a estabilidade de um emprego público, geralmente ponto de partida para uma ascensão social. Para essas populações, os serviços públicos constituem importante elemento na formação de um mercado de trabalho, conforme indica a composição profissional dos habitantes de Teresina, com cerca de 25% ocupado nos serviços administrativos.

A força de atração de Teresina sobre sua região e sobre o Estado é frágil, como frágeis são os estímulos recebidos pela cidade. Sendo a capacidade de atração da capital exercida mais sobre as populações do interior, observa-se que a cidade vê crescer sua força de trabalho que, não podendo ser absorvida, marginaliza-se; decorrente do incremento populacional tem a administração que arcar com as exigências de ampliação dos equipamentos comunitários.

Conscientes dos problemas de crescimento das populações urbanas, da fragilidade da vida econômica regional, do subdesenvolvimento, tradicionalismo, periferia e desconhecimento das reais potencialidades do Piauí, vem a administração piauiense envidando esforços para uma renovação na vida do Estado, mediante a implantação das condições básicas necessárias ao processo de desenvolvimento. Iniciada em plano administrativo, empenha-se o Estado, com a colaboração das instituições federais e regionais, no estabelecimento da infra-estrutura econômica de transportes, energia e comunicações e

de uma infra-estrutura social. Prioritárias para a capital e para uma vasta área do Estado, no qual se incluem municípios da região de Teresina, estas implantações vêm, a partir da capital, melhorando a sua infra-estrutura urbana, com a renovação e complementação dos serviços de água, esgotos, energia e comunicações, ao lado da ampliação dos serviços de saúde, educação, higiene e habitação, ou de aspectos que visam diretamente o homem.

Dotado de uma estrutura descentralizada para a atuação nos diversos setores econômicos e humanos, o Governo do Piauí tem, em diversos órgãos de economia mista, os executores de sua política de desenvolvimento.

Sediando o Governo, que tem a seu cargo a renovação da infra-estrutura básica, Teresina tornou-se a principal beneficiada no processo, por seu papel de capital e de sua posição, como elemento de contato entre as instituições estaduais e federais e o interior piauiense. Reforça-se, desse modo, seu papel de capital.

### **3.1.1 - As instituições e as tentativas de desenvolvimento**

Nascida de uma decisão administrativa, que por si só representava uma tentativa de quebrar o isolamento em que vivia a antiga capital Oeiras, afastada do eixo dinâmico representado pelas zonas agrícolas do Itapicuru, Teresina procurou, por sua posição, aproveitar-se do comércio regional desenvolvido através do rio Parnaíba. Procurava-se, desde então, integrar a nova capital e o Estado nos mecanismos econômicos dirigidos para a baixada maranhense.

A própria mudança da capital, sob este aspecto, representava uma intervenção que não chegou a atingir seus

objetivos de integração por dois aspectos principais: de um lado, a posição periférica de Teresina daqueles centros dinâmicos do Itapicuru e a decadência progressiva da navegação do Parnaíba; e do outro, a política dos coronéis fazendeiros, orientando as decisões administrativas para interesses privados, desarticulados dos problemas regionais. Nesse contexto, o poder de decisão da capital ia se tornando limitado, a vida político-administrativa mais paternalística e menos guiada pelos interesses do desenvolvimento do Estado.

No início da década de 1950, no Nordeste Oriental, tem começo o processo de implantação da infra-estrutura econômica, na qual a criação do sistema de Paulo Afonso e do Banco do Nordeste do Brasil representavam os elementos de suporte aos futuros programas de desenvolvimento regional. No processo, permaneceu o Piauí isolado e marginalizado, com a agravante do declínio da navegação do rio Parnaíba e pelas incipientes ligações rodoviárias que se iam estruturando.

A seca de 1958 e a conseqüente criação do organismo regional — a SUDENE, em 1959, constituiu aspecto fundamental para uma conscientização nacional e compreensão da problemática nordestina, da qual a administração piauiense não estava alienada. Desde 1956 havia sido instituída a Comissão de Desenvolvimento Econômico, mais tarde denominada de Coordenação do Desenvolvimento do Estado — CODESE — com objetivo de planificar a atividade governamental.

O desconhecimento do Estado orientou os primeiros trabalhos da instituição para pesquisas e diagnósticos que servissem de apoio à política do desenvolvimento e às decisões da administração piauiense.

Em planos federal e regional, as intervenções consistiram até o primeiro quinquênio de 1960, na solução par-

cial e isolada dos problemas das secas, da água subterrânea e na continuidade dos planos rodoviários nacionais. A partir de 1966 foram acelerados os trabalhos de construção da represa para o aproveitamento hidráulico do rio Parnaíba como importante pré-condição do desenvolvimento.

Procurando adequar-se às implantações de infra-estrutura, adotou o governo uma estrutura descentralizada, na qual a ação governamental é executada por órgãos de economia mista, executores da política do governo nos setores de energia, transportes, águas, esgotos, telecomunicações, indústria, agricultura, habitação e crédito. Estruturado no processo de planificação, o Governo do Estado, sediado em Teresina, tem importante papel a desempenhar como disciplinador, do qual deverão partir os estímulos para a renovação da infra-estrutura econômica, social e de incentivos ao setor privado. É sobretudo, dentro desse sentido que Teresina deverá atuar como centro dinamizador.

### **3.1.1.1 - O governo estadual no processo de renovação da infra-estrutura econômica social**

A CODESE preconizava desde 1961, para os programas de desenvolvimento no Piauí, pesquisas sobre os recursos econômicos que procurassem apontar favorabilidades, a par de revalorização das estruturas administrativas e de uma maior colaboração técnica com os municípios. Possuindo atuação por demais ampla, setores específicos foram posteriormente desdobrados em outros órgãos do governo do Piauí, como o Fomento Industrial do Piauí — . . . . . FOMINPI, de estímulo à indústria; a Agroindústria do Piauí — . . . . . AGRINPISA e o Frigorífico do Piauí — FRIPISA.

Estas instituições atuam ao lado de outras posteriormente estruturadas, como a Companhia de Habitação do Piauí COHAB; Águas e Esgotos do Piauí S.A. — ÁGESPISA; Centrais Elétricas do Piauí S.A. — CEPISA; Telefones do Piauí S.A. — TELEPIISA e como executor da política de crédito do governo, o Banco do Estado do Piauí — BEP.

Os órgãos de economia mista, acima mencionados, atuam dentro do Plano de Desenvolvimento do Estado, embora possuam objetivos próprios.

A CODESE, hoje transformada em Secretaria de Planejamento e Coordenação Econômica, atua na elaboração dos planos de Governo, procurando racionalizar as aplicações dos recursos disponíveis.

Passaremos, a seguir, a uma rápida análise do esforço e tentativas de renovação a partir desses órgãos.

*O FOMINPI é o órgão que tem a seu cargo a identificação de oportunidades industriais no Piauí e a instalação do distrito industrial de Teresina. Foi instituído em 1968 e sua filosofia se apoia na valorização da matéria-prima e na substituição de importações; no apoio à pequena e média indústria através de assistência técnica e financeira, incentivos e fundos de estímulo. Possuindo um corpo técnico treinado pelo Instituto Delft em Salvador, Recife, Fortaleza e no exterior, com o apoio da SUDENE, o FOMINPI está capacitado a atuar na elaboração dos projetos industriais, no seu encaminhamento à SUDENE e aos agentes financeiros, portanto, capacitados a assistir a indústria desde sua fase processual até a instalação e manutenção.*

*Em seu programa de assistência técnica e financeira à pequena e média indústria no Piauí, vem a FOMINPI contando com a colaboração da . . . . SUDENE, tanto para a obtenção dos*

*recursos repassados pelo BNB através do Banco do Piauí quanto do apoio técnico do NAI ou Núcleo de Assistência Industrial.*

Contavam-se entre os projetos elaborados pelo FOMINPI e aprovados pela SUDENE até 1970, o de ampliação e realocação da MAPIL — Massas Alimentícias do Piauí Ltda; a implantação da INCOMA — Indústria e Comércio de Madeiras; a implantação da JUNEL — Juntas e Estamparias do Nordeste Ltda. Encontrava-se em fase de elaboração os projetos da IRNOPI — Industriais Reunidas Novo Piauí para confecções, e de uma indústria para aproveitamento do milho na cidade de Altos. Segundo informações do FOMINPI encontravam-se em estudos de viabilidade industriais de cervejas, plásticos, calçados e doces para o aproveitamento do caju e da banana.

Contavam-se, entre as indústrias assistidas pelo FOMINPI, duas em Teresina: uma de massas alimentícias e uma de confecções; em Campo Maior, o FRIPISA; em Parnaíba, duas indústrias e uma em Fronteiras.

Coube ao FOMINPI criar o Distrito Industrial de Teresina, localizado próximo ao conjunto residencial Parque Piauí, mediante desmatamento de área de 20 ha; locação do sistema viário e dos 20 lotes de 0,50 ha e a execução da rede de distribuição de energia pela CEPISA.

No Distrito Industrial de Teresina encontravam-se instaladas em julho de 1970 as industriais White Martins e em implantação a INCOMA. Na ocasião, pretendia a Cia. Antártica Paulista instalar fábrica de cerveja e sucos.

Apesar dos objetivos a que se propõe, o FOMINPI não tem sido capaz de estimular o setor industrial da cidade, que não vem reagindo aos estímulos recebidos. Corrobora a afirmativa o fato de contar a cidade com um pro-

grama técnico de treinamento de mão-de-obra — o PIPMOI, que forma soldadores, eletricitas, torneiros e frezadores, os quais não vêm sendo absorvidos pelos programas de industrialização. Esta mão-de-obra migra em cerca de 90% para outras capitais, segundo informações de técnicos do FOMINPI.

O FRIPISA foi implantado em 1967 na cidade de Campo Maior, com o objetivo de *abater e industrializar o boi, portanto uma quebra do tradicional sistema de abate por matadouros e marchantes.*

Considerado obsoleto o matadouro de Teresina, foi o abastecimento da carne entregue ao FRIPISA que, desde o início de sua experiência operacional, vem se defrontando com sérias dificuldades. Entre elas, poderiam ser mencionadas: o problema do abastecimento de gado no período da entressafra, os tabelamentos que taxam para o boi do Piauí preços mais baixos, compatíveis com o mercado piauiense; o caráter concorrente do FRIPISA com os matadouros municipais; a política dos marchantes, obrigados a levar o gado para abater no FRIPISA mediante taxaçaõ, a ausência de mercados locais para os produtos industrializados, tais como salsichas, farinha de sangue e farinha de osso.

É problemático o abastecimento de gado ao frigorífico, na entressafra, determinado pelas próprias condições climáticas. Quando, faltando pastagem, o gado emagrece. Outro problema é o da não aceitação por parte do mercado piauiense da carne congelada e a própria insuficiência de capital de giro do FRIPISA. Dadas às taxaçaõs consideradas baixas para o boi no Piauí, suas boiadas são vendidas por melhores preços para os mercados de estados vizinhos, e em função da fragilidade dos mercados locais estão os produtos

industrializados condicionados à exportação.

Luta o FRIPISA com inúmeras dificuldades que representam os naturais obstáculos levantados pelos sistemas tradicionais de pecuária (que envolvem aspectos de comercialização e consumo) a uma inovação que conta com o apoio do governo do Estado, da SUDENE, do BNDE, do BEP, e da municipalidade.

A AGRINPISA foi criada em 1963, tendo como objetivo a revalorização da agropecuária, captação de créditos bancários e revenda de produtos agropecuários.

Embora a agropecuária seja fator básico no desenvolvimento do Piauí, os objetivos da AGRINPISA se enquadram dentro de aspectos setoriais, sem integração com outros setores que vêm tentando introduzir inovaçaõs na vida estadual.

A COHAB foi instalada em 1964 como Habitação Popular do Piauí S.A., tendo iniciado a construção de casas em 1965. Com o BNH, passou a atuar como agente financeiro, quando foram construídos mais 3.000 casas, das quais 2.790 estavam localizadas em Teresina, 190 em Parnaíba e 50 em Campo Maior.

Construindo casas populares destinadas a clientes que recebem remuneração que vai de 1 a 3 salários mínimos, a COHAB vem se ressentindo de problemas no que diz respeito à desinformação por parte do comprador que, não podendo arcar com os compromissos assumidos, vai se caracterizar por ser flutuante, com rotatividade de cerca de 20%. Essa rotatividade leva ao problema maior para a COHAB, que é o de falta de retorno.

Em Teresina o problema é agravado pelo número maior de casas construídas, sobretudo no Parque Piauí, onde

o grande conjunto de 2.294 casas foi concluído sem a necessária infra-estrutura de água de boa qualidade, somente obtida após perfuração de poços de 192 metros pela AGESPISA.

Na execução da infra-estrutura de energia, água e telefones atuam a CEPISA — Centrais Elétricas do Piauí S.A., a AGESPISA — Águas e Esgoto do Piauí S.A., e a TELEPISA — Telefones do Piauí S.A. \*

A CEPISA forma sociedade de economia mista, com capital do Estado, da Eletrobrás, da SUDENE e de particulares. É responsável pela produção e distribuição de energia para Teresina, que é bem servida por 3 subestações elevadoras, já adaptadas ao sistema de eletrificação da COEBE.

Mesmo antes da implantação de Boa Esperança, Teresina era razoavelmente servida por energia de grupos geradores Diesel de 700 e 1000 r.p.m. e Asea/vapor de 3.000 r.p.m.

A CEPISA possui um programa de expansão e implantação das redes de distribuição da energia de Boa Esperança, para o que recebe recursos financeiros do Banco do Nordeste do Brasil S.A., Ministério das Minas e Energia, .... SUDENE, Governo do Piauí, Eletrobrás e dos municípios.

A partir da CEPISA vem sendo modernizado o sistema de distribuição, com rede padronizada, pontes de concreto, condutores de alumínio e luminárias a vapor de mercúrio nas praças e avenidas mais importantes de Teresina. Extensiva ao interior, a CEPISA vem incorporando empresas fornecedoras de energia elétrica municipal, devendo ultimar, até 1971, projetos relativos a 32 cidades do Piauí.

A CEPISA atua também em Timon, no Maranhão, fornecendo energia à CEMAR — Centrais Elétricas do Maranhão, e eletrificação rural aos municípios de Teresina e S. Pedro do Piauí.

A AGESPISA como a CEPISA, constitui sociedade de economia mista, da qual participam o Estado do Piauí com maior número de ações, a SUDENE e particulares. Tem a seu cargo o *Plano de Abastecimento de Água em Teresina*, onde já conta com uma rede de distribuição maior de 20 km, o que permitia um consumo local de ..... 15.000 m<sup>3</sup> e 10.569 ligações em 1968.

Segundo cálculos da COPLAN \*\* há baixo aproveitamento da capacidade de abastecimento d'água em Teresina, em virtude de apenas 42,8% da população utilizar água encanada; o restante da população não teria capacidade de arcar com os custos de Cr\$ 4,94 para a faixa de 15 a 30 m<sup>3</sup>, o que representava então 5,5% do salário mínimo local.

Em relação aos esgotos, atua a ..... AGESPISA na implantação de 82 km de esgotos, tendo saneado todo o centro urbano da capital. \*\*

Construindo os sistemas de abastecimento de água e esgotos, a AGESPISA, a partir da capital, começa a projetar, implantar, melhorar ou ampliar e manter os sistemas de abastecimento d'água de 24 cidades do interior, beneficiando entre outras as áreas de influência de Teresina: Campo Maior, Piripiri, Altos, Piracuruca, Esperantina, Barras, José de Freitas, Valença do Piauí, Elesbão Veloso, Água Branca, Regeneração, Amarante. Fora da área mencionada, contam-se Floriano, Picos, Oeiras, Simplicio Mendes, S. Raimundo

\* Helvidio Nunes de Barros — O Piauí de Hoje. Revista de Assistência Técnica aos Municípios n.º 6 — CODESE — E. do Piauí, 1969.

\*\* COPLAN — Plano de Desenvolvimento Local Integrado de Teresina, op. cit. 1970.

Nonato, Pio IX, Fronteiras, Bom Jesus, Parnaíba, Uruçuí e Corrente.

Os recursos para tão ampla programação seriam resultantes de convênio entre o Governo do Piauí, o Banco Nacional de Habitação e a AGESPISA. A TELEPISA tem a si a execução do Plano Estadual de Telecomunicações, já tendo implantado a linha-tronco Norte, construída pela Indústria Brasileira de Eletricidade IBELSA. Assim, encontram-se interligadas as cidades de Teresina, Altos, Campo Maior, Piri-piri, Pedro II, Cocal e Parnaíba que, por sua vez, vai ligar-se ao sistema de telecomunicações do Ceará, através da repetidora da serra da Ibiapaba. A linha-tronco sul encontra-se em processo de execução, enquanto as companhias existentes no interior vão sendo encampadas, passando a pertencer à TELEPISA.

O Plano Estadual de Telecomunicações foi elaborado pela Protel (da Parnaíba), prevendo a interligação de 46 cidades do Piauí escolhidas mediante diagnóstico prévio.\*

A TELEPISA tem projeto para a repetição de sinal de televisão para as cidades servidas por microondas, mediante contrato com as municipalidades.

O Banco do Piauí constitui em Teresina o agente de repasse, aos setores primário e secundário, dos fundos de financiamento procedentes do Banco do Nordeste, do Banco Central e do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico. Possui um fundo de financiamento para a elaboração de projetos que faculta ao empresário da agropecuária ou da indústria contratar serviços técnicos para implantação ou am-

pliação de sua empresa, sem inicial desembolso de recursos.

A atuação do Banco do Piauí é tratada em separado deste capítulo, no relativo ao setor bancário.

### 3.1.1.2 - Papel das instituições federais e regionais

Teresina e o Piauí são beneficiados pelo governo federal, com recursos para implantação da infra-estrutura econômica e social, além de Teresina sediar repartições responsáveis pela coordenação e fiscalização, execução de serviços e obras.

Entre essas entidades federais e regionais que atuam a partir de Teresina, destacam-se a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste ..... (SUDENE), o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas ..... (DNOCS), o Departamento da Produção Mineral (DNPM), além de numerosos outros departamentos dos diversos ministérios da União.

A SUDENE foi instalada em Teresina em 1961, tendo atuação *precípua* na coordenação geral da política de desenvolvimento, mediante apoio, fiscalização e aplicações nos setores de infra-estrutura, recursos humanos e econômicos, pesquisa e administração.

#### Atuação nos setores econômicos

Dentro de sua política de industrialização e incentivos oriundos dos artigos 34 e 18, o Estado do Piauí e sua capital têm sido pouco favorecidos em relação aos demais estados nordestinos, conforme indica a relação de projetos aprovados até 31-12-1969, e publicados pela SUDENE.

\* Paulo Henrique de A. Lima — TELEPISA integra Piauí pelas microondas. Op. Cit. CODESE, 1969.

Para aplicação em projetos industriais no Piauí, foram previstos ..... Cr\$ 33.139.399, portanto um valor inferior a todos os demais Estados nordestinos, exceção feita ao de Sergipe. Desse total previsto, apenas 14% foram autorizados e 10% liberados. É interessante lembrar que o Maranhão, que também desfruta dos incentivos da SUDAM, teve previsto ..... Cr\$ 41.743.657,00 da SUDENE, dos quais 60% foram autorizados e 30% liberados.

Os dados apontados vêm indicar, ou uma apatia por parte do empresariado piauiense ou a necessidade de uma política discriminatória, paternalística e mais liberal, de estímulo ao setor industrial do Piauí.

Desse quadro passaremos à análise sucinta do comportamento de Teresina e de sua área de influência com relação aos incentivos fiscais da SUDENE.

A Teresina foram atribuídos recursos de Cr\$ 4.966.718,00 ou 14% do total previsto para o Estado, 52% do valor autorizado, e 41% do valor liberado. Desses recursos liberados cerca de 95% foram beneficiar a Telefones do Piauí S/A, e os restantes 5% aplicados na implantação, ainda em 1963, de uma indústria de rações balanceadas e uma outra de beneficiamento de arroz, ambas de grupos locais.

Na região de Teresina apenas foram beneficiados com recursos da SUDENE os municípios de Campo Maior, com o FRIPISA, com o valor liberado de Cr\$ 1.484.937,00 em 1965. Na área maranhense, diretamente vinculada a Teresina, o município de Caxias com implantação e complementação de indústria de óleos vegetais em 1966 e complementação de beneficiamento de arroz, com valores liberados de ..... Cr\$ 791.096,00; o município de Coelho Neto com Cr\$ 13.281.785,00 para indústria de papéis para embalagem e industrialização de cana-de-açúcar. O

maior investimento feito em Coelho Neto está relacionado ao grupo Celulose e Papéis do Maranhão — CEPALM, com sede em Recife. As demais indústrias beneficiadas pertencem a grupos locais, de Caxias e de Coelho Neto.

Teresina e sua área de influência piauiense não vêm sendo, portanto, beneficiadas pela política de industrialização da SUDENE que, entretanto, liberou recursos para indústrias da cidade de Parnaíba, num total de ..... Cr\$ 533.640,00 para implantação de indústria de arame farpado, sabão, sabonete, óleos vegetais e cera de carnaúba. Em Parnaíba é prevista também a implantação de indústria de pilocarpina, com incentivos fiscais da SUDENE.

Se é pequena a participação da ..... SUDENE no estímulo ao setor industrial, papel de destaque lhe é dado na implantação da infra-estrutura, com recursos para energia elétrica, num montante de Cr\$ 20.000.000,00, e para o sistema de telecomunicações interurbano, com recursos previstos de Cr\$ 2.248.688,00, dos quais já haviam sido liberados 61%.

No setor industrial a SUDENE vem colaborando com o FOMINPI, para o treinamento do pessoal necessário à pequena e média empresa, e na implantação do Distrito Industrial de Teresina.

Em relação aos *incentivos dos artigos 34-18 para projetos de agropecuária, a situação do Piauí é aparentemente melhor* do que para os projetos industriais. Tendo sido previstos recursos de Cr\$ 26.967.092,00 para o Piauí (valor esse superior às previsões feitas para o Rio Grande do Norte, Alagoas e Sergipe), e apenas autorizados ..... Cr\$ 831.505,00 novamente o Estado apresentar-se-á como o menos benefi-

ciado entre todos os Estados nordestinos.

Os dados publicados pela SUDENE acrescentam que nenhum recurso teria sido liberado para a agropecuária do Estado, que teve 11 projetos aprovados depois de 1968.

Se a posição de Teresina e sua região é desfavorável no relativo à indústria, melhor se torna no relativo à agropecuária, pois 7 dos 11 projetos aprovados pela SUDENE dizem respeito ao próprio município da capital, e um ao de Elesbão Veloso. Correspondem seis desses projetos a implantações de Companhias agroindustriais para cria, recria e engorda, e apenas um para cria, recria, engorda e leite *in natura*. Estando previsto Cr\$ 10.635.201,00 para os mesmos, apenas foram autorizados recursos de Cr\$ 771.505,00, porém nenhum recurso liberado.

Embora aprovados pela SUDENE e contarem com o apoio financeiro do BEP, via de regra, essas empresas, não vêm sendo capazes de absorver recursos, nos termos dos artigos 34-18.

Entre os outros projetos aprovados no Piauí menciona-se a implantação de exploração bovina para cria, recria e engorda e agricultura de forrageiras em Elesbão Veloso, além de um para exploração bovina em Campo Maior. Os demais referem-se à exploração de caju e urucu em Parnaíba; cria, recria e engorda em Simplício Mendes; em Canto do Buriti, para bovino de corte e reprodutores.

A participação do Piauí nos investimentos aprovados pela SUDENE é diminuta em relação aos demais Estados nordestinos, quer nos projetos industriais quer nos agropecuários, apesar de Teresina apresentar ou vir sendo dotada das pré-condições necessárias ao processo industrial, preconizadas pela própria SUDENE, como as que se seguem:

Teresina goza de razoáveis condições de circulação, apesar de interiorizada; de condições de energia, água e circulação; de desenvolvimento das atividades comerciais que pressupõem extensa área de influência que extravasa sua própria região, indo às regiões de povoamento recente do Pindaré-Mearim, no Maranhão.

A SUDENE possui ainda, em áreas próximas de Teresina, campos de experimentação de forrageiras e de cultivo agrícola, cujos resultados e papel de difusão ainda não se fazem conhecidos.

#### **Atuação na implantação da infra-estrutura**

A ação da SUDENE se faz nos setores de energia, na implantação e ampliação do Sistema de Boa Esperança, de suas novas linhas de transmissão e subestação, beneficiando várias localidades da região de Teresina, ainda não servidas pela energia da COHEBE, e, sobretudo, aquelas de população maior de 800 habitantes.

No setor de transportes, é previsto o asfaltamento da BR-316 entre Teresina-Picos-Juazeiro (BA), uma vez que se acha asfaltado o trecho Teresina-São Luís.

No setor de telecomunicações há ligação de Teresina a Fortaleza e São Luís; no setor portuário, está prevista a restauração da navegação do Parnaíba, mediante ação coordenada com o Ministério dos Transportes e das Comunicações.

#### **Atuação no ensino e treinamento de pessoal**

A SUDENE/USAID vem prestando colaboração positiva na formação do pessoal necessário ao desenvolvimento estadual, mediante a promoção de cursos e estágios realizados no exterior, no próprio Nordeste e em Teresina.

Cooperando com o BEP durante o ano de 1969, a SUDENE favoreceu o treinamento de pessoal de consultoria industrial do Banco, através de curso do Programa Delft realizado em Fortaleza; de auditoria da Universidade da Bahia.

Para o FOMINPI, a SUDENE colaborou no treinamento do pessoal técnico necessário aos programas industriais no Instituto Delft em Recife, Salvador e Fortaleza.

Em colaboração com o Governo do Estado a SUDENE fez realizar curso de desenvolvimento econômico em Teresina, do qual participaram técnicos de diversos órgãos da administração piauiense.

Considerando o problema da falta de pessoal necessário ao funcionamento da Universidade do Piauí, no relativo à implantação dos cursos da área de ciências, vem a SUDENE financiando os cursos de física e matemática, ministrados por professores das universidades de Pernambuco e Ceará.

O DNOCS possui distrito em Teresina com programação voltada para projetos de irrigação, visando ao aproveitamento dos recursos de água e solos.

Dois projetos estão em fase de implantação: um em Piripiri na área de influência de Teresina, visando ao aproveitamento da várzea de irrigação do açude Caldeirão, localizado na bacia do rio Longá. A área global do projeto é de 450 ha irrigáveis, e a ser colonizada por 100 famílias. Os lotes serão constituídos por 2 ha irrigados, onde serão cultivados produtos altamente rentáveis para os mercados externos, uma vez que o mercado piauiense é geralmente pobre. A uva, já com experimentos, indica boas perspectivas.

O sistema de cooperativismo será implantado e acompanhado pelo .....

DNOCS. Na seleção dos colonos conta o DNOCS com a colaboração do Banco do Brasil em Piripiri, que já mantém relações com trezentos lavradores, entre os quais poderão ser selecionados os colonos.

Outro projeto de colonização e irrigação vem sendo desenvolvido pelo DNOCS em área de chapada, a 30 km de Floriano, próximo da BR-230, entre aquela cidade e Nazaré. Para as fases de estudos e projeto foi firmado convênio entre o governo brasileiro e o de Israel, cabendo à SUDENE a coordenação do programa e ao ..... DNOCS a execução.

Embora situados em áreas distantes de Teresina, e ainda em fase de estudos e implantação, os dois projetos executados pelo DNOCS revestem-se de maior interesse para o Estado, como teste para uma colonização cooperativista e experimentos agrícolas que incluem, na área da chapada, produtos como o sorgo, o girassol o trigo e a batata inglesa, além do milho, feijão, algodão, mamona, amendoim e forrageiras.

O DNOCS é, através dos projetos de irrigação e colonização, o principal executor dos programas de engenharia rural da SUDENE, na área definida como de prioridade I dentro do IV Plano Diretor da SUDENE. E esta área está, em grande parte, contida naquela de influência da cidade de Teresina.

O DNPVN do Ministério dos Transportes tem instalado em Teresina parte da 3.<sup>a</sup> Diretoria de Portos e Vias Navegáveis, cuja sede está localizada em São Luís, e que deverá ter a seu cargo a coordenação dos estudos de viabilidade e a fiscalização dos trabalhos de regularização da navegação do Parnaíba, pela construção do sistema de eclusas da represa de Boa Esperança.

O estudo da viabilidade econômica do projetos de navegação no Parnaíba

foi elaborado pelo escritório técnico Berenhauer Júnior, em 1967, o qual conclui pela precariedade do sistema atual, sugerindo, porém, uma estruturação lógica para a hidrovia. A partir do melhor condicionamento dos pontos ancoradouros e de armazenagem ao longo do Parnaíba, e da ligação desses pontos com as localidades do interior, foi prevista a implantação do sistema de navegação dentro da relação benefícios/custos como a solução mais viável. Os produtos como o babaçu, a cera, o tucum, o arroz, o milho e a banana estariam entre os exportáveis, e os combustíveis, farinha de trigo, máquinas, veículos e produtos manufaturados seriam aqueles de importação.

Está previsto para 1977 atingir o volume máximo de carga transportada com 85.000 toneladas, mediante a utilização de comboios típicos, compostos de empurrador e quatro chatas de calado máximo de 1,5 m. Conclui o relatório, considerando o investimento como justificável na infra e supra-estruturas.

Entre os pontos de ancoradouros estão os de Luís Correa, Parnaíba, Magalhães Almeida, Luzilândia, Santa Quitéria (MA), Brejo (MA), Repartição, Duque Bacelar (MA), Coelho Neto (MA), Miguel Alves, União, Teresina (Timon), Parnarama, Palmeirais, Amarante e Floriano.

### **3.1.1.3 - O governo municipal e a renovação da infra-estrutura urbana**

O governo de Teresina é exercido pelo Prefeito, que conta com a colaboração das secretarias municipais de Planejamento, de Administração, de Finanças, de Serviços Urbanos, Saúde e Assistência, Educação e Cultura.

Para o desenvolvimento das funções urbanas contava a municipalidade, até 1966, com os recursos da receita tributária; a partir de então passou, com a reforma do Código Tributário Nacional, a contar também com recursos de transferência dos governos federal e estadual.

Reais benefícios foram trazidos à administração e às finanças da municipalidade com o incremento progressivo das citadas transferências, que representavam 15,9% em 1966 e 83,0% em 1968, da receita de Teresina. Modificou-se também, de modo positivo, a utilização dos citados recursos, favorecendo principalmente os serviços urbanos de água, limpeza pública, esgotos e pavimentação. Mediante análise das despesas municipais, observa-se que as aplicações em serviços urbanos crescem de 73,9% para 81,5%, dos gastos feitos com os "programas-fins"; ao mesmo tempo, o setor educação teve sua participação diminuída de 22,4% para 15,4%, ao passo que o setor saúde foi aumentado de 2,7% para 3,2%. \*

Relativamente ao setor de educação, verifica-se que a municipalidade de Teresina vem contando com o reforço de estabelecimentos escolares federais e estaduais. Com o incremento de gastos para o setor e, apesar de diminuída sua participação nas aplicações, não conta o mesmo com financiamentos de convênios para uma ação mais atuante no setor educacional. Este aspecto se faz problemático em uma cidade de numerosa população jovem, de índice de escolarização para os maiores de 5 anos considerados como baixos. Não menor é a precariedade do ensino rural, não apenas sendo deficitário, mas considerado como verdadeiramente crítico. \*\*

\* COPLAN - Plano de Desenvolvimento Local Integrado de Teresina 1970.

\*\* COPLAN - op. cit. 1970.

A cidade de Teresina é beneficiada pela política financeira dos governos federal e estadual para o setor saúde, no qual o governo do Estado apresenta efetiva participação.

Os convênios existentes entre a Secretaria de Saúde, a SUDENE e o Ministério da Saúde poderão contribuir para a canalização de recursos para o setor já razoavelmente equipado no atendimento à população da cidade, conforme visto no estudo do setor saúde, tratado neste relatório, em separado.

Acrescentam-se às entidades de saúde do Estado, localizadas em Teresina, aquelas de caráter assistencial, tanto no setor saúde quanto na assistência social.

Dada a ampla atuação dos serviços federais, estaduais e assistenciais, a municipalidade tem insignificante e limitada capacidade de atuar no setor de assistência e saúde. \*

Se a cidade dispõe de satisfatório atendimento através de seus serviços de saúde, o mesmo não ocorre na área rural do município onde esta assistência se faz através da cidade, portanto de forma indireta, através de caravanas que se deslocam a partir de Teresina, e não pelo permanente funcionamento dos postos de saúde que, embora existentes nas localidades rurais de Comprida, Nazaré, Mata Pastos, Pilões, Cacimba Velha, Centro e Sítio, não funcionam. \*\*

A atuação da municipalidade de Teresina se defronta com problemas nos setores de educação e saúde, resultantes, sobretudo, da falta de integração dos esforços desenvolvidos nas esferas estadual-federal e municipal.

Programas para a ampliação e recuperação da rede escolar primária, implantação do ensino médio nas áreas rurais, admissão e formação do pessoal para o ensino são sugeridos no Plano de Desenvolvimento Local Integrado do município. Ao lado destes, a necessidade de integração dos órgãos que atuam no setor ensino, procurando compatibilizar a atuação dos governos do Estado e da Cidade.

Para o setor saúde vem sendo mostrado a necessidade de construir, instalar, reequipar e fazer funcionar postos de saúde municipais na zona rural de Teresina, mediante convênios com o Ministério da Saúde e a admissão de atendentes para funcionar nos novos postos rurais. Objetiva-se uma coordenação nas atividades da Prefeitura de Teresina com a Secretaria de Estado de Saúde, responsável pela maioria dos serviços de saúde da zona urbana.

Como programas prioritários na municipalidade de Teresina são indicados aqueles que estão diretamente relacionados à renovação urbana, melhoria do sistema viário, paisagismo, recreação, habitação, saneamento básico com esgotos e limpeza urbana.

No tocante à estrutura administrativa, verifica-se que a da Prefeitura assenta-se sobre concentração de decisões, portanto diferente da estrutura do governo estadual. Estima o Plano de Desenvolvimento Local Integrado de Teresina que a reforma administrativa seja calcada em uma descentralização que favoreça o aproveitamento de pessoal qualificado, capaz de exercer lideranças dentro dos níveis hierárquicos abaixo do Prefeito, e que, no plano institucional, possa a municipalidade atuar como ponto de apoio no planejamento do desenvolvimento.

\* COPLAN — Plano de Desenvolvimento Local Integrado de Teresina. 1970.

\*\* COPLAN — Op. Cit.

### 3.1.1.4 - As instituições assistenciais

Têm atuação limitada a Teresina várias instituições sociais, entre as quais podem ser mencionadas: a Ação Social Arquidiocesana — ASA, o Serviço Social do Estado SERSE, o Serviço Social dos Servidores Municipais — SERSOM, a Legião Brasileira de Assistência — LBA, o Instituto de Assistência e Previdência dos Servidores do Estado — IAPEP e o Instituto Nacional da Previdência Social — INPS.

Funcionando ou contando com recursos federais, estaduais ou subvenções internacionais, as instituições sociais têm a seu cargo a assistência social e previdência, contribuindo com parte da assistência médica à população pobre, complemento à educação e formação de mão-de-obra artesanal.\*

A ASA mantém em Teresina um ativo serviço assistencial que inclui 20 centros sociais, nos quais, ao lado dos trabalhos de natureza religiosa, pratica-se a assistência de saúde e puericultura, cursos diversos que incluem o pré-primário, primário, alfabetização de adultos, corte e costura, bordados, culinária, enfermagem, datilografia, arte regional, além de toda uma série de atividades profissionais — marcenaria, serralaria, sapataria, tapeçaria, malharia, pintura, flores etc. Possuem os centros meniconados, clubes de casais, clubes infantis e de mães.

Colabora a ASA em Teresina, de modo positivo, na complementação dos serviços de ensino, de saúde e na formação profissional das populações urbanas. Seu tipo de trabalho colabora, sobretudo, na adaptação e ajuste das populações do interior às atividades urbanas.

O SERSE tem a seu cargo o planejamento do serviço de bem-estar social do Estado desde 1960, atuando na assistência médica, profissional, artesanal e na recreação dos servidores do Estado. Conta com 7 centros sociais, onde são dados cursos de treinamento e cursos profissionais, na assistência à velhice e à infância. Presta serviço em determinadas emergências de problemas habitacionais de calamidades públicas, na venda e empréstimos de material escolar. Mantém o SERSE loja de artesanato, regional, com exposição de trabalhos realizados nos centros sociais.

O INPS conta com 17.794 segurados,\*\* dos quais cerca de 40% constituídos por funcionários aposentados, licenciados e pensionistas, exercendo atendimento hospitalar mediante convênios com a Casa Mater, o Hospital Meduna, o Hospital Getúlio Vargas e a Maternidade São Vicente.

Arca a instituição com elevado ônus, que supera largamente a arrecadação feita em Teresina.

O IAPEP serve aos funcionários estaduais, e o SERSOM aos servidores municipais.

Outras instituições localizadas na cidade como FBEM e Escola Agrícola Afonso Rodrigues, representam assistência numerosa a população pobre, inclusive a pequenos servidores. Preocupadas com soluções imediatas de certos problemas, essas instituições prestam importantes serviços à população da cidade. É verdade que uma ação mais coordenada seria fator de menor desperdício de esforços e recursos.\*\*\*

Dentro do aspecto assistencialista destaca-se o papel da ASA, contribuindo

\* COPLAN — Plano de Desenvolvimento Local Integrado de Teresina — 1970.

\*\* COPLAN — Op. Cit. 1970.

\*\*\* COPLAN — Plano de desenvolvimento Local Integrado de Teresina — 1970.

de modo significativo para uma condição de organização da população, importantes recursos para o desenvolvimento global da cidade, conforme indica o Plano de Desenvolvimento Local Integrado de Teresina. Considera ainda este plano que as atividades recreativas desenvolvidas pelas instituições e agremiações locais, congregando grande número de jovens, atuam como ponto de partida, ou potencial interessante para o desenvolvimento comunitário.

### **3.1.2 - O setor público como mercado de trabalho para a população urbana**

#### **3.1.2.1 - O serviço público federal**

Em maio de 1966 eram recenseados 8.903 funcionários públicos federais no Estado do Piauí, \* dos quais 3.822 ou 42% estavam localizados em Teresina e 6.609 ou 74%, na cidade e na sua área de influência composta de 55 municípios.

Entre estes, 13 municípios (geralmente recém-criados), indicavam não possuir nenhum funcionário federal.

Entre os 42 que dispunham de repartições federais, contavam com maior número de servidores os de Altos (534), Piripiri (436), Caxias (321), Campo Maior (310), Castelo do Piauí (256), Amarante (212) e Valença do Piauí (109). Os demais municípios possuíam menos de 100 funcionários federais.

Do total dos funcionários federais sediados no Estado do Piauí, o maior

percentual cabia ao Ministério da Viação e Obras Públicas com 47% do total; seguindo-se o Ministério da Guerra com 16% e o Ministério do Trabalho e Previdência Social, com 11%. Empregando 6.611 pessoas, esses três Ministérios possuem 75% dos efetivos federais localizados no Estado.

Entre os órgãos pertencentes ao . . . . MVOP, encontram-se sediados em Teresina, como Distritos, o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, Departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis, Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, além da Diretoria Regional do Departamento de Correios e Telégrafos, Agência da Rede Ferroviária Federal e Comissão de Marinha Mercante.

No Ministério da Viação e Obras Públicas, ocupava maior número de servidores das suas instituições, o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas e o Departamento de Correios e Telégrafos. \*\*

Do Ministério do Trabalho e Previdência Social, o maior número de servidores aparece vinculado ao Instituto Nacional de Previdência Social — INPS, com 968 entre os 1.009 do referido Ministério.

Com menor número de funcionários (2.292) ou com 25% do pessoal, distribuíam-se os Ministérios da Aeronáutica, (119), Agricultura (650), Educação e Cultura (123), Fazenda (321), Indústria e Comércio (29), Justiça (6), Marinha (23), Minas e Energia (51), Saúde (666) e no Ministério Extraordinário para Coordenação dos Organismos Regionais (163) (55 na SUDENE e 108 na Fundação IBGE).

\* Fonte: IBGE, 1966.

\*\* Tendo sido realizado em 1966 o Censo dos Funcionários Públicos Federais, foram guardadas aqui as antigas denominações relativas ao Ministério da Viação e Obras Públicas e ao Ministério do Trabalho, bem como as dos departamentos vinculados aos citados ministérios.

Além deste pessoal, foram indicados 35 como da Presidência da República, dos quais 7 pertenciam ao então Instituto Brasileiro de Reforma Agrária e 28 à SUNAB.

### 3.1.2.2 - Os serviços públicos estaduais

As estatísticas disponíveis sobre os servidores estaduais são precárias, referindo-se, em 1970, a apenas, aproximadamente, 9.614 cargos distribuídos pelos diversos setores da vida pública, dos quais apenas 35% se encontravam providos ou efetivos, ficando o restante como vago. Entretanto, há referências a 7.050 funcionários cadastrados, porém nem todos enquadrados, alguns aposentados, outros licenciados.

Entre as diversas secretarias e departamentos que compõem os órgãos do governo estadual, aparecem com maiores percentuais de servidores as Secretarias de Educação e Cultura, de Saúde, Justiça e Segurança Pública.

Problema de ordens diversas evidenciam, no setor estadual, a deficiência e inadequação de mecanismo dos serviços públicos estaduais.

Estudos e análises vêm sendo feitos, visando determinar pontos de estrangulamento das estruturas de determinados órgãos, levando-os a reformas e reimplantação, como a que reorganizou as Secretarias de Saúde, Agricultura e Obras Públicas. Nas citadas reformas se incluem as classificações de cargos e o funcionamento dentro de estruturas mais adequadas. Apesar desse esforço, não tem sido possível levar a cabo a preconizada Reforma Administrativa Estadual que proporcione melhoria dos serviços e aperfeiçoamento de pessoal para o desempenho das funções.

### 3.1.2.3 - Os serviços municipais

A estrutura administrativa da municipalidade de Teresina é regida pela Lei 274, de 14 de novembro de 1952, modificada em 1968 no relativo ao pessoal do setor educacional, quando foram criados novos cargos.

Como no setor estadual os funcionários municipais efetivos constituem minoria, com apenas 14,53%,\* os quais são regidos pelo Estatuto dos Funcionários Públicos, do mesmo modo que os servidores efetivos estaduais e federais.

Entre os servidores do município, aparecem com maiores percentuais aqueles provisórios e credenciados. Os primeiros tarefeiros e os segundos sem relação de emprego, fato este que dificulta de certo modo os programas de treinamento de cerca de 70% do pessoal, para melhor desempenho de funções.\*\*

Os funcionários da municipalidade de Teresina correspondem a 17% dos funcionários de todas as municipalidades do Piauí e 26% daqueles da área de influência da capital.

Considerando-se o total de servidores públicos das tres esferas — federal, estadual e municipal — constata-se que o setor público constitui o mais importante mercado de trabalho para a população da cidade, com totais que ultrapassam largamente à população ocupada na indústria. Sendo o número de funcionários federais 8.903; o de funcionários estaduais cerca de 7.050 e os municipais em número de 990, tem-se um total de 16.943 servidores públicos. Relacionando este total às 1.653 pessoas ocupadas na indústria, verifica-se que a relação entre emprego público e emprego na indústria é de 10,2:1. Relativamente ao comércio,

\* COPLAN — Plano de Desenvolvimento Local Integrado de Teresina, 1970.

\*\* COPLAN — Op. cit.

com 3.037 pessoas ocupadas, a relação é de 5,5:1; para os serviços de alojamento alimentação e reparação (com 1.250 pessoas ocupadas) a mesma relação cresce de 13,5:1.

## CONCLUSÕES

Representada por instituições públicas federais, estaduais e municipais, voltadas para o desenvolvimento ou para a assistência às populações, a administração pública sediada em Teresina tem importante papel a desempenhar na integração do Piauí no processo desenvolvimentista nordestino que se inicia em plano federal e tem na . . . . SUDENE o instrumento de coordenação, fiscalização e execução dos programas.

Tendo em vista que o Piauí se inclui entre os Estados mais subdesenvolvidos e marginalizados do Nordeste, ainda dominado por quadros tradicionais profundamente alicerçados e resistentes às mudanças e, portanto, incapazes de autoproporcionar desenvolvimento ou nele se integrar, grande é a responsabilidade do poder público no estímulo e incentivo ao setor privado. Este, baseado em atividades desenvolvidas de modo extensivo, e em funções de mercados externos — o gado, o extrativismo e a indústria tradicional vêm se mostrando incapaz de gerar poupanças, donde suas baixas capacidades de capitalização e ausência de efeitos multiplicadores, aparecendo como principais responsáveis pelos baixos níveis de renda da maior parte das populações piauienses. Sob este aspecto, o Piauí permanece isolado, marginalizado economicamente em relação ao processo nordestino.

Por outro lado observa-se, entretanto, que o Estado não se mantém marginalizado pelo poder público, através das inovações que, partindo do setor governamental, vem favorecendo a implan-

tação ou a ampliação da infra-estrutura econômica e social que preconiciona o desenvolvimento. A construção do sistema da COHEBE pelo governo federal virá satisfazer a demanda energética do Piauí e do Maranhão, facultando ainda o fortalecimento do sistema da CHESF no Ceará; o asfaltamento da BR-316, ligando Teresina a São Luís e a Juazeiro da Bahia e a BR-343 e 222, a Fortaleza, permitirão o melhor equilíbrio no setor dos transportes que com as telecomunicações proporcionarão maior integração regional do Piauí. O saneamento básico e a melhoria da infra-estrutura urbana de Teresina e do interior constituem importantes aspectos de uma renovação que, iniciada em plano federal e regional, tem no Piauí aspecto propagador. Ao longo da ampliação dos serviços básicos de energia, água, transportes e comunicações, crescem os esforços para identificação de potencialidades naturais ainda mal conhecidas e utilizadas.

Ao setor privado da indústria e da agropecuária são oferecidos incentivos, os quais ainda não encontram resposta firme do empresariado local.

Apesar de dotado de uma estrutura administrativa flexível para atender aos setores que vão sendo renovados com recursos locais, regionais e federais (portanto, trabalhando de modo integrado dentro dos diversos escalões do poder público), os governos do Piauí e de Teresina ainda são marcados por aspectos arcaicos e tradicionais. São estes representados por órgãos atuantes dentro de aspectos setoriais que visam mais interesses pessoais do que os do desenvolvimento do Estado, e por órgãos em que a má qualificação do servidor público aparece como responsável pela inoperância dos serviços administrativos, cuja reforma vem sendo constantemente preconizada pelo Planos do Governo do Estado.

## 3.2 - O setor Educacional

Pela análise da rede escolar da área de influência de Teresina, em 1968, composta de 46,4% das unidades primárias do Piauí, além de 198 escolas distribuídas pelos municípios maranhenses a ela incorporados, e 48,1% das secundárias e 98,8% das escolas supletivas se poderia concluir pelo bom nível de seu ensino. Tendo-se em vista, principalmente, que no Meio-Norte como no Nordeste o processo educacional não conta com um grande número de escolas para se expandir.

### CARACTERÍSTICAS GERAIS

#### 3.2.1 - O Ensino Primário

Os percentuais acima citados, embora altos, perdem, contudo, muito do seu significado quando se constata a pobreza numérica dos totais piauienses referentes às escolas existentes, assim como a professores que nelas trabalham: 3.401 unidades escolares primárias, ocupando 6.278 mestres, 104 ginásios funcionando com 1.032 educadores e 106 escolas supletivas.

Estas unidades se encarregam da distribuição do ensino primário e médio, mostrando, ainda, pouco interesse pelo ensino profissional. Somente cinco municípios dispõem de estabelecimentos com curso comercial: Piripiri, União, Valença do Piauí, Caxias e Teresina, atendendo a 26, 31, 25 e 655 alunos respectivamente. O ensino industrial é ministrado apenas em Teresina, através de um único curso, frequentado por 951 alunos e orientado por 54 professores, o mesmo acontecendo com o agrícola, realizado na área rural da capital piauiense sob a responsabilidade do Governo Federal.

*É grande a pobreza numérica e as limitações do setor educacional na área de subordinação a Teresina. Nela, 3.305 professores primários piauienses*

e 552 maranhenses em 1.794 escolas (2 prof/escola) se ocuparam de . . . . . 131.427 alunos (1 prof/34 alunos) enquanto que 963 docentes de ensino médio em 72 unidades (13 prof/escola) administravam conhecimentos a 23.369 jovens (1 prof/24 alunos), 1.577 mestres primários em solo piauiense, ou seja 59,8% ensinavam em 363 unidades urbanas. Em relação ao número de escolas, porém, ganha o mundo rural: 1.214 unidades . . . . . (76,9%) empregam 1.326 educadores (39,6%). Essa supremacia, porém, é aparente, uma vez que, no campo, o número de alunos a atender é muito maior e as escolas se restringem, na sua quase totalidade, a uma única sala de aula na casa da professora ou a um humilde casebre de palha, tendo, por conseguinte, capacidade muito menor do que as citadinas, dotadas de vários compartimentos e bem melhor equipadas de material didático, praticamente inexistente nas unidades rurais. Nestas até o giz e o quadro negro faltam. Mesmo no município da capital piauiense, onde há uma distribuição mais equitativa de escolas primárias entre a área urbana (50,3%) e a rural (49,7%), há discrepância, uma vez que a primeira ocupa 2,5% da área municipal e abrange 78,2% da população, enquanto que a segunda engloba 97,5% da área e 2,1% da população e concentra apenas 12,1% do professorado.

A esfera federal, mais rica, mantém menos de 1% das unidades primárias piauiense, enquanto que a estadual sustenta pouco mais de 18% delas. Percentagem idêntica perfazem as que estão sob a responsabilidade de particulares que, dado o baixo nível econômico da população, vem perdendo alunos desde 1966, sem grandes possibilidades de expandirem seus estabelecimentos e contribuírem, assim, de maneira mais eficaz, para a diminuição da alta taxa de analfabetismo na área.

Em Teresina, o percentual dos que não sabem ler nem escrever atinge a 64%. A educação primária esta, na sua quase totalidade, a cargo da administração municipal em terras piauienses . . . . (65,1%) o que vem agravar a situação pois a arrecadação das prefeituras sendo baixa, em sua maioria, os orçamentos destinados à educação também o são, em média, 10% do total obtido; Teresina 8,23%, Campo Maior 3,88%, São José de Freitas 1,02%, União . . . . 13,65%. A administração municipal de Teresina conta, entretanto, com o apoio do Governo estadual e federal.

*O problema da aprendizagem da região de Teresina está muito mais ligado ao baixo nível técnico do professorado e à escassez do equipamento escolar do que ao número de escolas. É mais uma questão qualitativa do que quantitativa. De acordo com o Censo Escolar de 1964, das 3.153 professoras primárias registradas em exercício, 30,5% eram de normalistas, 10,2% tinham instrução secundária, mas não fizeram curso especializado e 59,3% possuíam somente curso primário, muitas vezes incompleto (35,6%). Na zona rural, dos 1.491 professores 95,6% cursaram apenas o primário, dos quais 28,7% unicamente puderam concluí-lo. As normalistas distribuídas por 16 municípios perfazem 1,9% e as possuidoras de curso médio não especializado, servindo a 11 municípios, atingem a 2,3%. Na zona urbana, o corpo docente é mais qualificado, contando com 55,4% de normalistas, 17,4% de não especializadas e 19,5% com curso primário completo ou não (7,8%).*

O professorado primário, embora dominante, deixava, à época do Censo realizado pelo MEC, desguarnecida a área rural de três municípios: Afonso Cunha, Hugo Napoleão e São João da Serra. Verifica-se, por outro lado, em quatorze dessas unidades administrativas, uma alternância, no quadro rural,

quanto à presença de professores com o primário completo e incompleto, uma vez que os mesmos não coexistem em Agricolândia, Alto Longá, Amarante, Batalha, Capitão de Campos, Duque Bacelar, Matões, Miguel Alves, Olho d'Água Grande, Pimenteiras, Regeneração, São Félix do Piauí, São Gonçalo do Piauí, Várzea Grande. Já nas áreas urbanas vamos encontrá-las lado a lado, na maioria das vezes, mas são bem menos numerosos, uma vez que as normalistas estão ausentes em um menor número de municípios, quatorze ao todo: Afonso Cunha, Agricolândia, Alto Longá, Aroazes, Barro Duro, Beneditinos, Capitão de Campos, Hugo Napoleão, Nossa Senhora dos Remédios, Miguel Leão, Olho d'Água Grande, Pimenteiras, São Gonçalo do Piauí e Prata do Piauí. Teresina (574), Campo Maior (39), Caxias (91), União (20), Amarante (15), Piri-piri (15) e Valença do Piauí (10) eram, na época, os mais servidos quanto a professores especializados.

*O nível do professorado é, portanto, mais elevado na zona urbana do que na rural, mas em ambas há grande falta de profissionais. O balanço do número de docentes em relação à população em idade escolar indica um grande saldo de estudantes. A relação professor/jovens na área é de 1/72 bem mais baixo do que no Piauí 1/110 e do que no Maranhão. Examinando-se, separadamente, a zona rural da urbana, se constata que a média é muito mais elevada no campo (1/110) do que nas cidades (1/39), sendo que fora dos limites urbanos vamos encontrar densidades mais elevadas como as de Aroazes, 1/1.829, Alto Longá, 1/942, Elesbão Veloso 1/710, servidos por pequeno número de professores. A densidade mais baixa registrada na área de Teresina ocorre em Prata do Piauí, 1/32, em função do pequeno número*

de crianças nele existente. Em Teresina a relação satisfatória, 1/49, decorre de serviços educacionais melhores e mais numerosos e de um corpo docente mais volumoso. Na área urbana, embora a situação seja calamitosa, só cinco municípios apresentaram o índice professor/aluno abaixo de 1/50. O índice de escolarização, tomado em relação ao total da população, em 1968, apresenta índices muito baixos; 33 e 8 professores por 10.000 habitantes no primário e secundário respectivamente. A população de educadores primários, calculada em 3.153 (1964), apresentou um aumento de apenas 152 elementos (4,8%) em relação a 1968, 3.305 mestres. Embora irrisório, esse aumento permitiu aos mestres primários atenderem a todos os municípios, agora, sem exceção, dotados de escolas, sem que este fato tenha trazido alguma modificação ao ensino, pois, ao aumento de escolas e de mestres, correspondeu também um aumento de jovens. Passou a haver, contudo, uma conscientização da importância da educação. Faltava, até há muito pouco tempo atrás, à maioria dos pais, um interesse maior pela educação dos filhos, uma vez que, em 1969, na capital do Piauí, 20,6% dos chefes de família não sabiam ler nem escrever e que 30,0% deles concluíram apenas o primário. Mesmo os que se dedicavam a atividades melhor remuneradas, que exigissem maior visão, como a dos empresários, comerciantes e industriais, o nível não é muito elevado. O subdesenvolvimento da área, não permitindo a criação de um mercado de trabalho mais exigente, capaz de oferecer melhores salários, não estimula nem propicia a formação de mão-de-obra mais esclarecida, senhora de uma técnica e, portanto, apta a obter, com menor esforço e sacrifício, uma produção mais expressiva e, através dela, o progresso e o desenvolvimento da área em que habitam.

*Os salários ínfimos pagos ao professorado desviam os mais capacitados para outros ramos de atividades melhor remunerados e matam o interesse pelo magistério, que, lutando com a falta de elementos, se vê obrigado a admitir para o lugar das normalistas, em fuga, pessoal não qualificado, reduzindo-se a alfabetização, com frequência, à simples aprendizagem gráfica do nome do aluno e o ensino a uma atividade suplementar, um meio para aumentar o salário familiar.*

*Não é só a capacidade de técnica de corpo docente, contudo, a ser atingida por essas contingências de ordem econômica: refletem-se, também, no grau de assiduidade dos alunos e no índice de escolarização da população entre 7-14 anos.*

Nesta área de atividades primárias a renda *per capita* de seus habitantes é baixa, assim como a familiar, gerando a necessidade de utilização do trabalho de menores, não remunerados quase sempre, nas fainas do campo, à época das colheitas, desviando-se das escolas, levando-os a abandoná-las, posteriormente, em definitivo, por haverem ultrapassado o mínimo de frequência permitido por lei. A essas faltas, praticamente regulamentares, vão juntar-se as eventuais motivadas por circunstâncias várias como chuvas, doenças, falta de dinheiro, provocando alta taxa de evasão escolar no curso primário. Essa deserção se torna mais grave se levarmos em conta que essas crianças, que abandonaram os estudos para participarem dos encargos de família, se somam 47% dos que não tem recursos para estudarem e 21% dos que não se interessam em se instruírem.

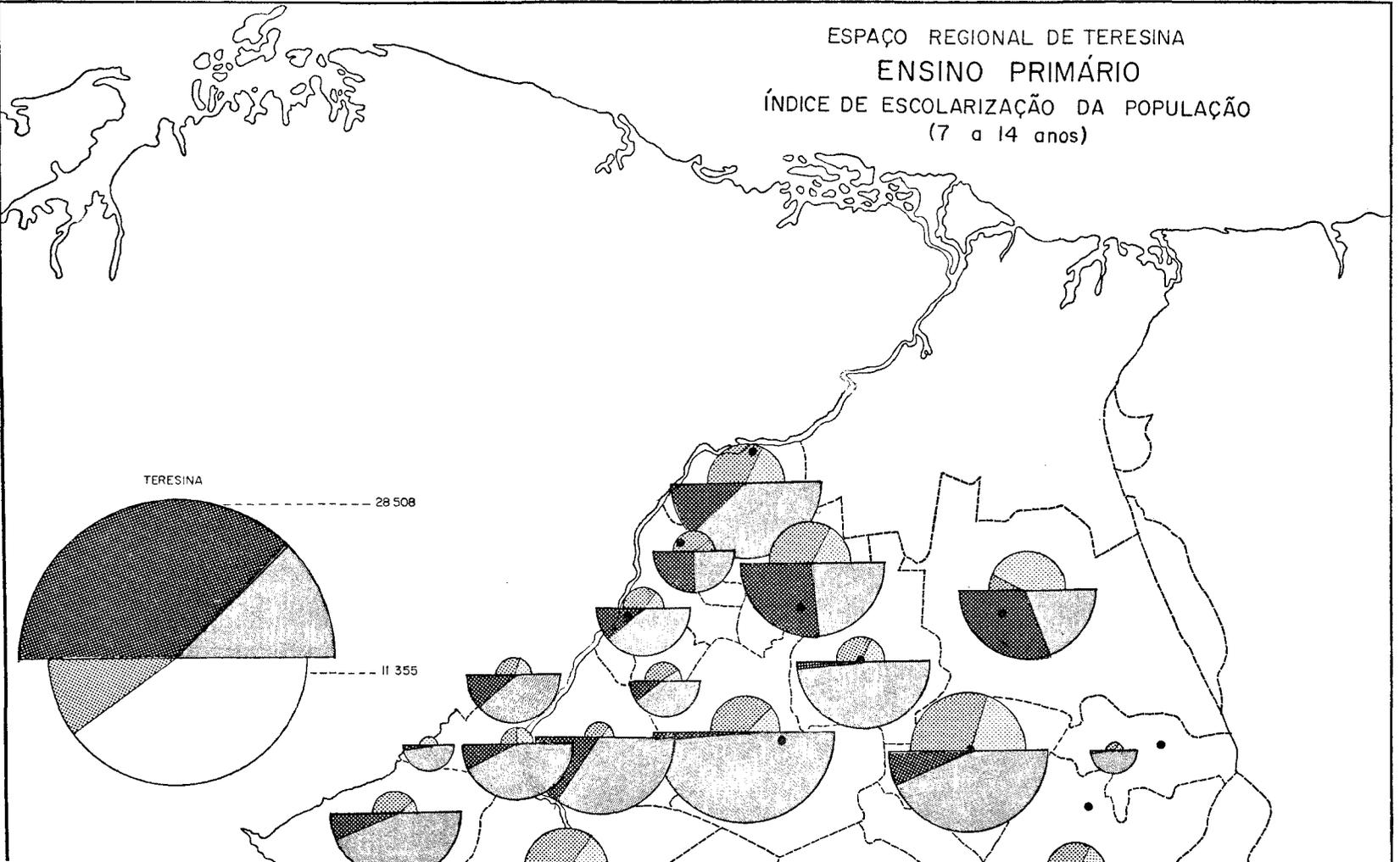
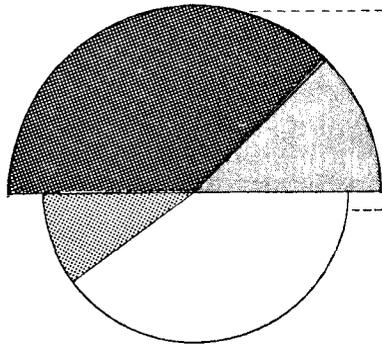
*A falta da aplicabilidade dos ensinamentos ministrados aos alunos para o seu dia-a-dia é outro fator ponderável na evasão dos educandos, sobretudo dos rurícolas, obrigados a grandes caminhadas e sacrifícios para freqüenta-*

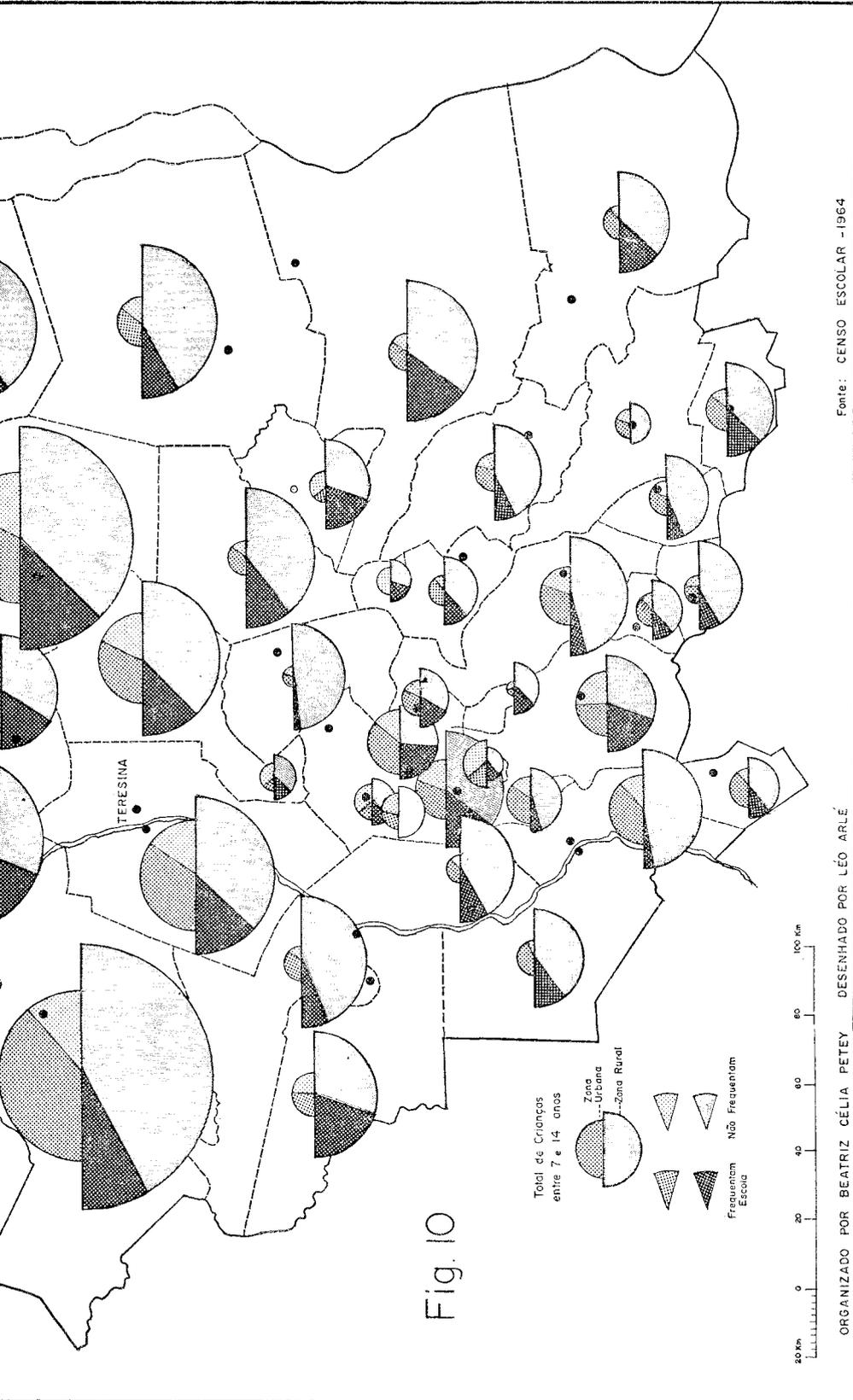
ESPAÇO REGIONAL DE TERESINA  
ENSINO PRIMÁRIO  
ÍNDICE DE ESCOLARIZAÇÃO DA POPULAÇÃO  
(7 a 14 anos)

TERESINA

28 508

11 355





Fonte: CENSO ESCOLAR -1964

ORGANIZADO POR BEATRIZ CÉLIA PETEY DESENHADO POR LÉO ARLÉ

rem a escola. A disparidade entre o mundo urbano e o rural é mais uma vez revelado quando se examina o índice de escolaridade nas unidades primárias da área de Teresina (35,6%), através do Censo Escolar promovido pelo MEC. Sente-se que as crianças citadinas, na faixa de idade entre 7-14 anos, pesam muito mais no total da população estudantil do que as suas colegas das zonas rurais mais numerosas, porém menos capacitadas a compreenderem a necessidade do estudo. Cinquenta e cinco municípios apresentaram em sua sedes índices de escolarização entre 50-80%, enquanto que no restante de suas áreas a percentagem de crianças participantes da vida escolar é bem mais baixa de 30-40% em relação ao total da população jovem.

*De todos os centros da área de influência de Teresina, a capital piauiense é a que apresenta maior número de estabelecimentos escolares e de professores, porém o atendimento à população de nível primário nos seus diferentes bairros não é equitativa. A relação domicílio-escola revela uma certa mobilidade de alunos de um bairro para outro, pois cerca de 20% dos estudantes freqüentam unidades escolares situadas fora dos limites do bairro onde residem.*

Há uma rarefação de escolas nos bairros periféricos mais pobres e concentração nos mais antigos e populosos, com certa estabilidade demográfica, como os de Piçarra, Vila Operária, com densidades superiores a 80 hab/ha, ou ainda nos habitados por uma população de nível econômico mais elevado como o Centro, que encerra 25 unidades primárias, sete unidades de ensino médio, três faculdades, além de bibliotecas. É, justamente, nesses bairros mais carentes de escolas da periferia da cidade, tanto nos da zona Norte como nos da zona Sul, onde o número de jovens atinge a proporções de 40,1% e

43,6%, respectivamente, do total da população, e que se vem instalar uma massa rural proveniente dos mais diferentes pontos do Piauí e do Maranhão em busca de integração socioeconômica. Passando a viver de biscates ou não logrando mesmo qualquer tipo de ocupação, os recém-chegados empobrecem os bairros, baixando a renda média *per capita* da população, sobrecarregam os serviços urbanos e tornam mais volumosos o número de analfabetos. Assim, nos bairros situados nos limites da cidade, tanto na zona Norte, como Matadouro, Feira de Amostras, Jockey-Fátima e São Cristóvão, surgidos nos anos de 60 e de baixa densidade populacional (14 hab/ha), como nos da zona Sul, como Tabuleta, com elevada percentagem de imigrantes entre seus moradores, é alto o índice de analfabetismo.

O Centro, mais antigo e mais rico, é o bairro de irradiação cultural, mas, paradoxalmente, vem perdendo alunos entre seus moradores pelo fato de seu comércio e dos serviços nele implantados, em expansão, virem invadir a área de moradia da cidade, provocando uma mudança das famílias desalojadas para outros bairros, sobretudo para o de Fátima que, talvez, por esse motivo, seja o único bairro periférico dotado de ginásio (Mapa: Ensino Primário).

### 3.2.2 - O Ensino Médio

*O ensino de nível médio pouco se expandiu, mas ao concentrar-se em Teresina imprimiu-lhe maior poder de atração. É através do ensino médio que a área urbana se destaca mais nitidamente da rural, e que Teresina se sobressai dos demais centros da área e com eles estreita relações, tendo conquistado mesmo Caxias, cidade de tradição cultural do Vale do Itapicuru, dotada de unidades diversificadas de ensino médio.*

A concentração de 64 das 104 escolas de nível médio do Piauí em um número reduzido de centros localizados na área de Teresina e sua completa ausência na zona rural é fruto do pequeno grau de urbanização da mesma. Das 56 sedes municipais existentes somente quatro, pelos questionários CNG/EPEA, foram aquinhoados com mais de um estabelecimento. Teresina com 9, Caxias e Campo Maior com 4 e Amarante com 2. Com uma única unidade aparecem Angical, Barras, Batalha, Castelo do Piauí, Elesbão Veloso, Esperantina, José de Freitas, Miguel Alves, Palmeiras, Pedro II, Piripiri, Porto, Regeneração, São Pedro do Piauí, União e Várzea Grande. Numa pesquisa sobre a "Rede Escolar e o Pessoal Docente" realizada sob a orientação da Secretaria de Educação e Cultura, entretanto, Piripiri consta como tendo 3 escolas, União 2 e em Porto não foi assinalada qualquer unidade.

É, justamente, do maior adensamento de equipamentos urbanos, entre eles os educacionais, em Teresina, que advém seu poder de atração e sua posição de centro convergente de migrações internas da área. Da concentração de escolas de ensino médio, algumas como bibliotecas, laboratórios e praças de esportes, deriva-lhe grande parte da projeção que usufrui, embora a maioria dos que nelas estuda e se forma não permaneça na área para tentar acelerar-lhe o desenvolvimento, pois migra para outros centros, que ofereçam melhores oportunidades de emprego ou de prosseguimento dos estudos. Nelas, 384 professores transmitem seus conhecimentos a 1.078 alunos, muitos provenientes de outras unidades administrativas (20%) como Timon, Caxias, Brejo, Pedreiras, Ba-

cabal, José de Freitas, Piripiri, União, Floriano e Altos.

*Na sua missão de difundir ensinamentos, Teresina sofre a concorrência de alguns centros, em processo de urbanização um pouco mais pronunciado, com certa hierarquia, como Campo Maior, que recebe alunos de Alto Longá, Capitão de Campos, Castelo do Piauí, Matias Olímpio, São Miguel do Tapuio ou como Piripiri ou Amarante, procurados por jovens de Capitão de Campos e de Angical, respectivamente. Fora de sua área de influência sofre a competição de São Luís, em relação a Caxias, de Fortaleza, em relação a Nossa Senhora dos Remédios, Batalha, Campo Maior, Castelo do Piauí e São Miguel do Tapuio, que envia também adolescentes às escolas de Crateús. Já os de Capitão de Campos e Esperantina, na periferia da área, como São Miguel do Tapuio, procuram instituições de ensino fora dela, em Parnaíba.*

Os centros acima arrolados como concorrentes de Teresina constituem etapas de migração, gerada pela falta de integração do homem rural. Mais facilmente alcançados, através das rodovias BR-343 e BR-226, dispõem de alguns serviços, porém insuficientes para imprimir-lhes capacidade de reterem toda a massa de imigrantes rurais para oferecerem instrução à alta porcentagem de jovens nela integrados, marginalizando-os em suas áreas periféricas. Novos avanços são feitos, então, em direção a Teresina, onde a centralização dos órgãos governamentais da administração pública se afigura aos olhos dos que fogem das estruturas arcaicas do meio rural uma promessa de serviços educacionais para os filhos e de empregos estáveis.

Campo Maior, depois de Teresina, é o principal centro, apresentando cursos



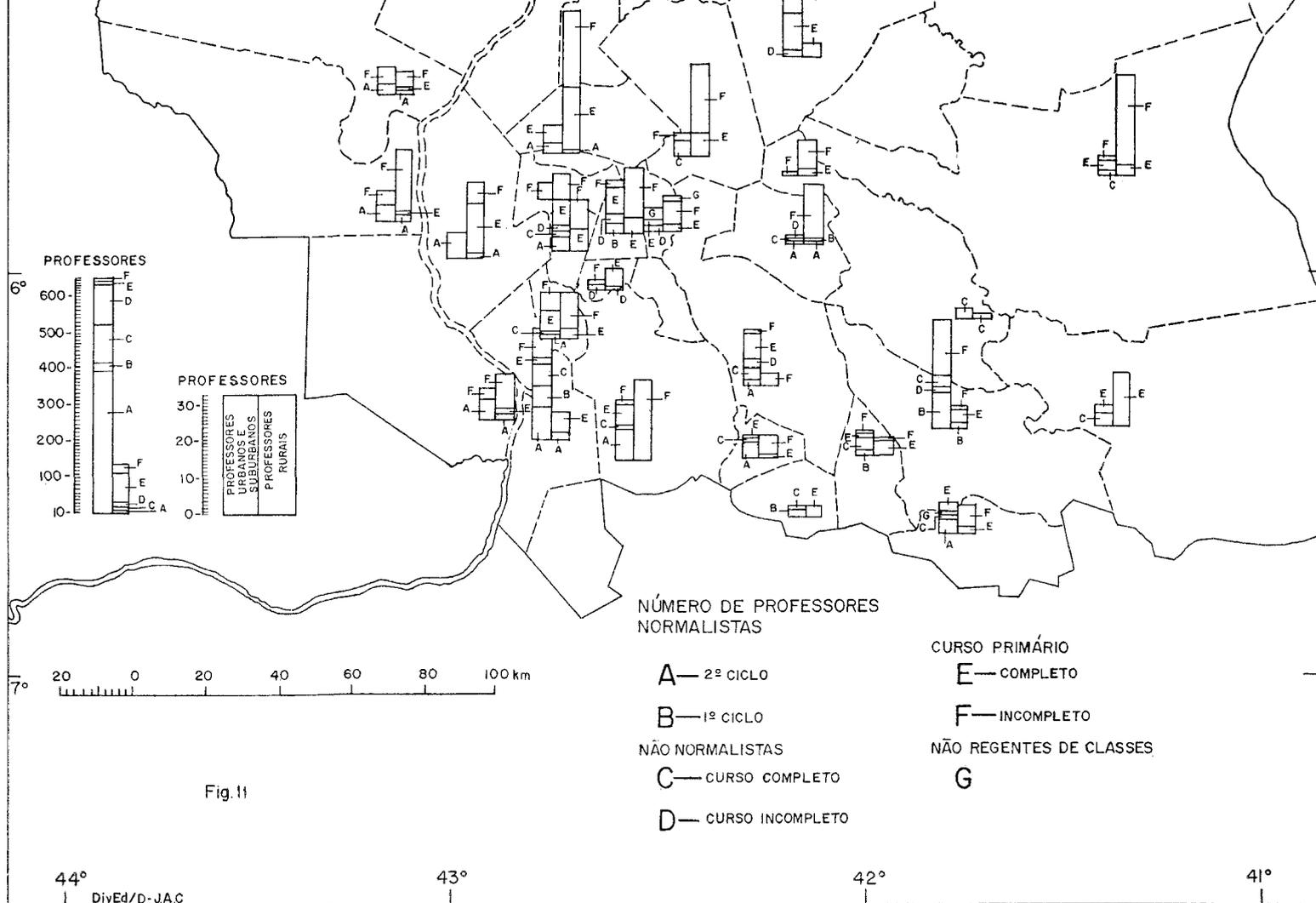


Fig.11

diversificados (dois ginásios, um público outro privado, um colegial, público, e um normal, particular), um maior número de alunos e ascendência mais ampla sobre os vários municípios da área. Caxias, com tradição escolar, apresenta, com exceção da capital do Piauí, maior variedade de cursos, destacando-se entre eles o técnico profissional do comércio, tão raro na área, mas todos os estabelecimentos de ensino desse município maranhense são particulares e, assim, vedados a muitos. Em Piripiri, tanto o curso ginásial (público) como o normal (particular), oferecendo vagas suficientes a todos os residentes no próprio município, não se registra deslocamento de jovens para outros educandários situados fora de seus limites, o mesmo ocorrendo em União e em Miguel Alves. Mas a presença de estudantes da área subordinada a Teresina, nas escolas de São Luís e de Fortaleza é fato comum, dada a pobreza numérica dos centros educacionais e dos educandários e, ainda, do subdesenvolvimento reinante.

*Os cursos ginásial, colegial, normal e os técnicos (comercial, agrícola e industrial), estes pouco difundidos e pouco procurados, são privilégios de alguns, dada a baixa renda per capita da população.* Em 1968, havia . . . . . 131.427 alunos cursando o nível primário e 23.368 o secundário, o que equivale a dizer que, em média, apenas cerca de 5,62% de alunos primários prosseguem os estudos. Dos 11.026 matriculados em colégios de nível médio, 83,9% preferiram o ginásio, 6,2% o normal, 4,06% o comercial e 1,1% o

agrícola.\* Os particulares monopolizam, praticamente, o ensino médio.

Dos 50 ginásios piauienses 34 são particulares e absorvem 348 professores, 8 são estaduais e estão sob a orientação de 271 mestres, 2 são federais e ministram ensino técnico-agrícola e industrial e 3, somente, são municipais e abrigam 47 educadores.

Muito embora o ensino público esteja mais na alçada do governo estadual, mais rico do que o municipal, a situação do corpo docente também é precária, como no ensino primário. Percebem os professores baixos salários, sobretudo os lotados nos estabelecimentos particulares, sempre mais interessados nos professores não formados, por receberem menor remuneração por aula. A porcentagem dos Licenciados em Filosofia, em exercício, em relação aos possuidores de outros tipos de curso em formação pedagógica, como advogados, dentistas, ou em cursos da CADES, é bem menor.

### 3.2.3 - A estrutura do Setor Educacional em Teresina

*É o ensino médio que, no campo de educação, dá maior projeção a Teresina.* Nela são encontrados 18,7% dos estabelecimentos do Piauí, 23,0% dos estabelecimentos de ensino secundário, 37,0% do comercial, 15,4% do normal e 41,2% do professorado. Cerca de 53% dos ginásianos formados em solo piauiense se instruíram em suas escolas, assim como 65,8% dos concluintes do curso comercial e 47,40% das normalistas diplomadas. Mesmo assim, os dados estatísticos revelam um

\* O índice de evasão nesses diferentes cursos é de 11,0% no ginásial, 37,2% no normal, 20,8% no agrícola e 10,8% no industrial, sendo o comercial o único a apresentar saldo positivo de 59 alunos.

baixo grau de escolarização e um alto grau de evasão escolar 46,13% em 1966/67 (MEC). Com a recente instalação, nos anos 1964/67, de novos ginásios estaduais e particulares, houve um aumento de 40% nas vagas disponíveis, mas a população jovem também se avolumou, anulando este significativo acréscimo. Nas escolas estaduais de Teresina a fuga dos alunos matriculados atingiu a 71%, nas particulares 79% e nas municipais 71%. Dos 20.970 alunos matriculados no início do ano, somente 9.670 lograram chegar ao final do ano. A maior desistência é no secundário, 1.024 estudantes, tendo-se em vista o número mais elevado de alunos. Segue-se-lhe o normal, com a perda de 255 jovens, o industrial com 56 e o agrícola com 26.

A grande desproporção entre o número de pessoas empregadas e o das desempregadas ou subempregadas, na área, faz com que os pais em condições de custear os estudos dos filhos constituam uma classe privilegiada, sobretudo porque os ginásios pagos sobrepujam os demais. Na realidade, Teresina, não tendo conseguido ainda estruturar a vida econômica de sua área de influência, se torna incapaz de provocar a elevação do seu nível da vida socioeconômico e conseqüentemente cultural da população nela disseminada.

A expressiva demanda de matrículas nas unidades escolares de nível médio de Teresina resulta da concentração de poucos educandários em um número reduzido de núcleos urbanos. A atração exercida por essa capital, sua capacidade centralizadora ainda não é suficientemente forte para promover, nos municípios sob seu controle, o aceleramento do processo educativo que se mantém, no meio rural, praticamente estagnado. Ocorre, então, a migração campo-cidade e a sobrecarga dos serviços de utilidade pública, obri-

gando as autoridades a inverterem capital na ampliação dos mesmos, impedindo-as de dispenderem verbas mais generosas com o setor educacional. Aos que procuram melhores condições de vida se juntam os ricos proprietários rurais que, interessados na vida política, consideram os cargos públicos o caminho mais curto para alcançá-la e os seus ginásios os de melhor nível de aprendizagem para seus filhos.

*Mesmo enfrentando sérias dificuldades, os governos da União e do Estado vêm envidando esforços no sentido de abrirem novas perspectivas ao ensino. Procuram a melhoria do nível técnico dos educadores, pois, mesmo em Teresina, do total do professorado, unicamente 20% passou por Faculdade de Filosofia. Tem sido profícua a ação da SUDENE/USAID no sentido de dar uma base cultural à população, por meio de cursos promovidos na própria capital ou da promoção de estágios em outras capitais nordestinas ou mesmo no Exterior, a fim de, através de contatos culturais, modificar a mentalidade dos habitantes da área, interessá-los nos seus problemas e incentivá-los a descobrirem soluções.*

Convênios têm sido firmados pelas autoridades municipais de Teresina na ânsia de tornar mais eficaz sua atuação na instrução pública. Nessa tarefa têm sido ajudados por associações de caráter religioso ou não, as quais, através de cursos de alfabetização, de nível primário ou de atividades artesanais, ainda muito importantes na área, ou mesmo profissionais, fornecem à população meios de garantir sua subsistência. Consciente da importância do ensino técnico profissional, o Governo Federal mantém o "Colégio Agrícola" e a "Escola Industrial Federal", que prepara profissionais de nível médio, promovendo cursos de Fundição, Marcenaria, Mecânica de Máquinas, Serra-

**QUADRO X**  
**TERESINA E SUA REGIÃO**  
**ENSINO MÉDIO**

| MUNICÍPIOS                    | MUNICÍPIOS DE DESTINO  | NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS | N.º DE ALUNOS |
|-------------------------------|--|----------------------------|---------------|
| Afonso Cunha.....             | —  | —                          | —             |
| Aldeias Altas.....            | Caxias e Teresina  | —                          | —             |
| Alto Longá.....               | Teresina e Campo Maior   | —                          | —             |
| Altos.....                    | Teresina   | 1 Ginásio (público)        | 152           |
| Amarante.....                 | —  | 1 Ginásio (particular)     | 232           |
| Angical.....                  | Teresina e Amarante  | 1 Ginásio (particular)     | 58            |
| Barras.....                   | —  | 1 Ginásio (público)        | 153           |
| Batalha.....                  | Teresina e Fortaleza   | 1 Ginásio (público)        | 50            |
| Benedictinos.....             | Teresina   | —                          | —             |
| Campo Maior.....              | Teresina, Fortaleza, Recife  | 1 Ginásio (público)        | 387           |
|                               |  | 1 Ginásio (particular)     | 320           |
|                               |  | 1 Colegial (público)       | 80            |
|                               |  | 1 Normal (particular)      | 87            |
| Capitão de Campos             | Campo Maior, Piri-piri, Teresina, Parnaíba   | —                          | —             |
| Castelo do Piauí              | Campo Maior, Teresina, Fortaleza   | 1 Ginásio (particular)     | 33            |
| Caxias.....                   | Teresina, São Luís   | 1 Ginásio (particular)     | 5             |
|                               |  | 1 Colegial (particular)    | 2             |
|                               |  | 1 Comercial (particular)   | 1             |
|                               |  | 1 Normal (particular)      | 2             |
| Coelho Neto.....              | Teresina, Caxias, São Luís   | —                          | —             |
| Duque Bacelar.....            | —  | —                          | —             |
| Elesbão Veloso.....           | Teresina   | 1 Ginásio (particular)     | 30            |
| Esperantina.....              | Teresina, Parnaíba e Fortaleza   | 1 ginásio (público)        | 122           |
| José de Freitas.....          | Teresina   | 1 Comercial (público)      | 92            |
| Matias Olímpio.....           | Teresina, Luzilândia, Esperantina, Barra e Campo Maior   | —                          | —             |
| Miguel Alves.....             | —  | 1 Ginásio (particular)     | 43            |
| Nossa Senhora dos Remédios... | Teresina, Fortaleza  | —                          | —             |
| Palmeirais.....               | Teresina   | 1 Ginásio (particular)     | 69            |
| Pedro II.....                 | Teresina, Fortaleza  | 1 Ginásio (particular)     | 99            |
| Piri-piri.....                | —  | 1 Ginásio (público)        | 209           |
|                               |  | 1 Normal (particular)      | 88            |
| Porto.....                    | Teresina   | —                          | —             |
| Regeneração.....              | Teresina, Fortaleza  | 1 Ginásio (particular)     | 132           |
| São Félix do Piauí.....       | Teresina   | —                          | —             |
| São Miguel do Tapuio.....     | Teresina, Campo Maior, Fortaleza Crato   | —                          | —             |
| São Pedro do Piauí.....       | Teresina   | 1 Ginásio (particular)     | 88            |
| Timon.....                    | Fortaleza, Teresina  | —                          | —             |
| Teresina.....                 | Fortaleza, Recife, Salvador, Belo Horizonte, São Luís, Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, Belém. | 1 Ginásio (particular)     | 3 412         |
|                               |  | 1 Ginásio (público)        | 4 516         |
|                               |  | 1 Colegial (público)       | 1 247         |
|                               |  | 1 Colegial (particular)    | 403           |
|                               |  | 1 Comercial (particular)   | 391           |
|                               |  | 1 Industrial (público)     | 518           |
|                               |  | 1 Agrícola (público)       | 125           |
|                               |  | 1 Normal (público)         | 525           |
|                               |  | 1 Normal (particular)      | 159           |
| União.....                    | —  | 1 Ginásio (público)        | 206           |
| Várzea Grande.....            | Teresina, São Luís   | 1 Normal                   | 76            |

lharia, Industrial Básico e Ginásio Industrial.

Nos ginásios estaduais de Teresina, a maioria dos professores tem diploma de Licenciado (70%) e, por isso mesmo, mais bem pagos (Cr\$ 4,00). Nos educandários ligados à administração municipal, 25% dos educadores são portadores de certificado de conclusão do curso de Filosofia e 46,1% com cursos da CADES. Os salários mais baixos pagos aos mestres são encontrados nos estabelecimentos particulares (Cr\$ 2,40).

*Depreende-se, portanto, que o problema básico do nível secundário, como aliás do primário, reside no magistério e no baixo poder aquisitivo da população.* Os professores sendo mal pagos não podem melhorar seu nível intelectual: poucos mestres secundários são diplomados por faculdades e menos ainda pelas de Filosofia e por isso recebem Cr\$ 2,40 por aula. As escolas do Governo, não podendo agasalhar todos os jovens, os deixam sem assistência educacional, uma vez que os mesmos não têm meios para ingressarem nos educandários particulares. O ensino de nível médio se torna, assim, acessível à pequena parte da população e impotente para reduzir o índice de evasão escolar, mesmo nos estabelecimentos governamentais sediados em Teresina: no ensino estadual alcançou 71%,

no municipal 81% e no particular 97%.

### 3.2.4 - O Ensino Superior

No ensino superior, a esses fatores acima enumerados se juntam a falta de centralização das escolas superiores e as dificuldades de aquisição do livro tanto para os mestres como para os alunos que, na Faculdade de Medicina, contornam a situação custeando o curso de seus professores, no Sudeste, durante um ano. Pagando de Cr\$ 10,00 a Cr\$ 15,00 aula aos lentes, as escolas superiores enfrentam o problema da falta de pessoal docente, tanto em número como em qualidade.

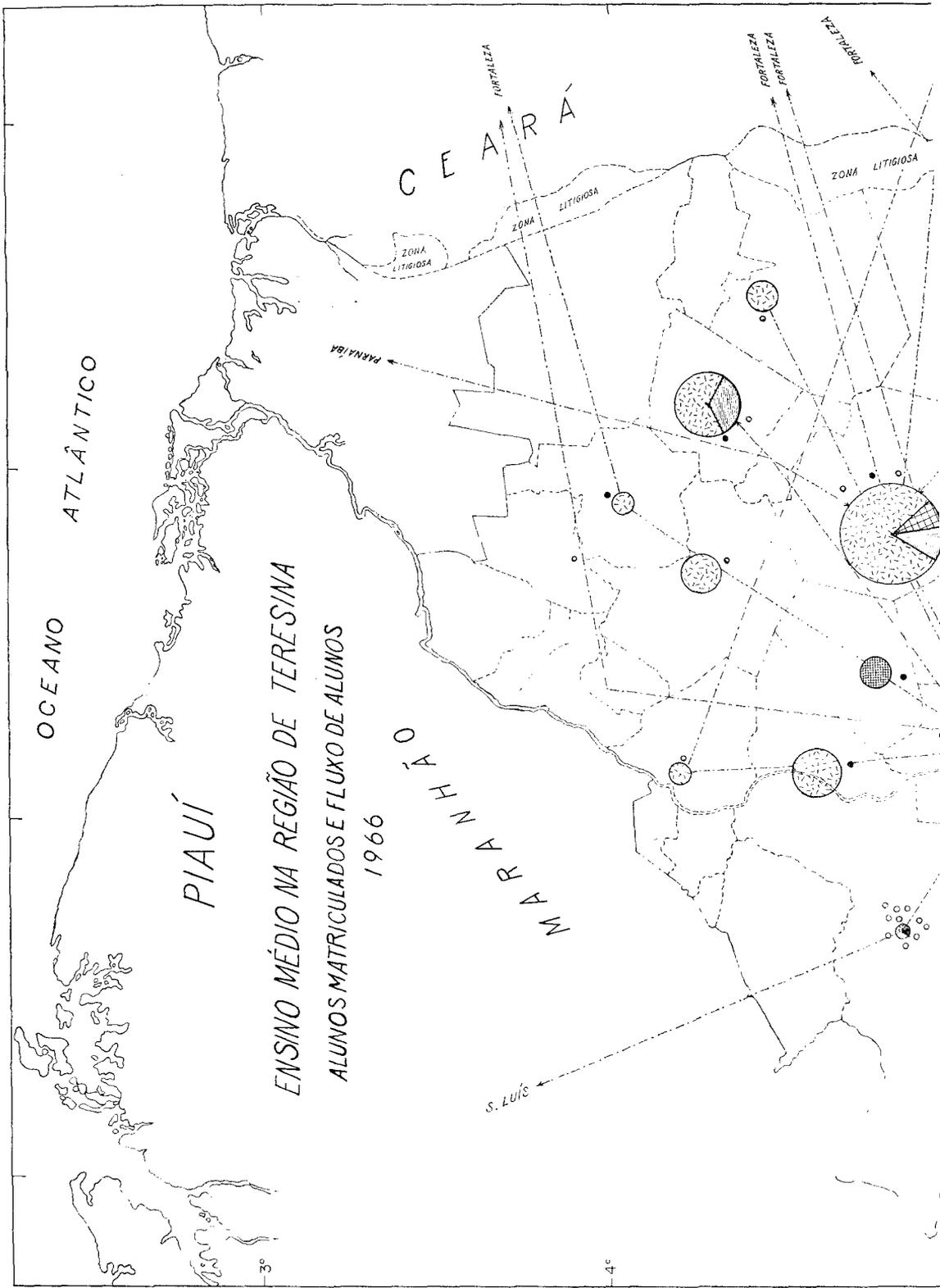
*Teresina monopoliza o ensino superior, mantendo, contudo, um baixo padrão universitário, não conseguindo dele tirar proveito para o desenvolvimento da área a ela subordinada.* Os efeitos benéficos de sua ação polarizada, no campo universitário, são neutralizados pelo restrito mercado de trabalho local: os recém-formados não têm possibilidades de exercerem suas novas profissões, permanecendo em seus antigos empregos (Bancos e repartições), sendo que os mais idealistas migram, como geralmente acontece aos formados em Direito com aspirações à magistratura, que vão tentar a vida no Ceará.

O Governo Federal se interessa também em promover o ensino superior,

QUADRO XI  
ENSINO SUPERIOR

| FACULDADES                      | Corpo Docente |      | Alunos Matriculados |      | Conclusões do curso |      |
|---------------------------------|---------------|------|---------------------|------|---------------------|------|
|                                 | 1964          | 1966 | 1964                | 1966 | 1964                | 1966 |
| Odontologia.....                | 35            | —    | 77                  | 72   | 12                  | —    |
| Filosofia Ciencia e Letras..... | 43            | —    | 137                 | 148  | 38                  | —    |
| Direito.....                    | 17            | —    | 180                 | 180  | 26                  | —    |

Fonte: DEE — Piauí, Sinopse Estatística do Ensino Superior, 1965 ME — SEEC — Conselho Nacional de Estatística — IBGE.



OCEANO ATLÂNTICO

PIAUI

ENSINO MÉDIO NA REGIÃO DE TERESINA

ALUNOS MATRICULADOS E FLUXO DE ALUNOS

1966

MARANHÃO

CEARÁ

PERNAMBUCO

ZONA LITIGIOSA

PARNALIA

S. LUÍS

FORTALEZA

FORTALEZA

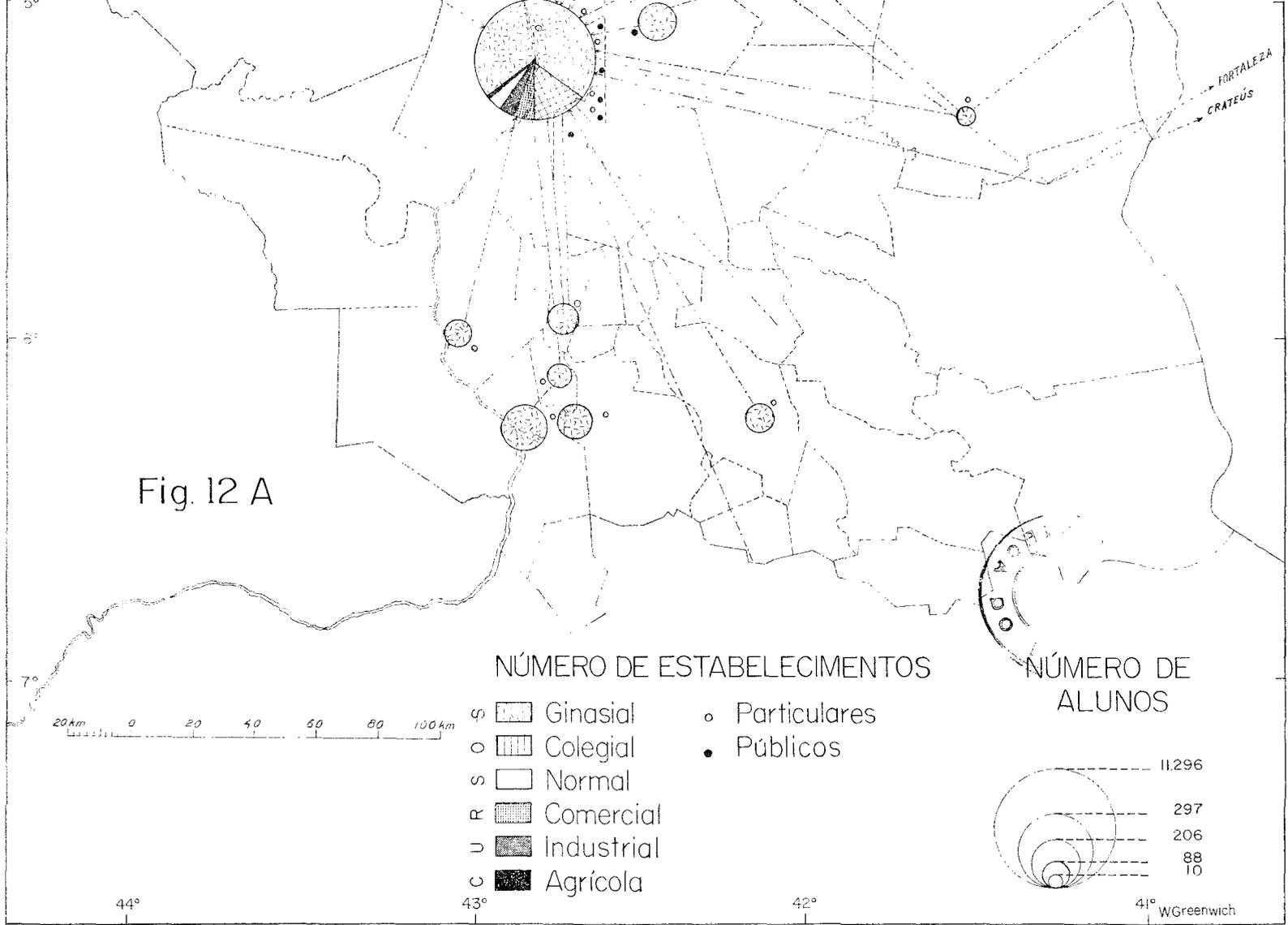
ZONA LITIGIOSA

FORTALEZA

3°

4°

Fig. 12 A



subvencionando todas as faculdades existentes (Federal de Direito, Odontologia, Medicina e Filosofia), instaladas em prédios próprios e equipadas com bibliotecas e laboratórios.

A Faculdade mais nova, a de Medicina (1968/69), possui laboratórios de Anatomia, História, Biofísica, Parasitologia, Microbiologia e Fisiologia e seus alunos são os que têm maior campo. Em nenhuma delas há, como no Sudeste, o problema da falta de vagas, uma vez que o número de vestibulandos, em relação ao número de vagas, é pequeno (50,60% em média) e o de reprovação alta, dado a deficiência e falta de objetividade dos níveis primário e secundário. Mesmo na Faculdade Católica de Filosofia, de grande significado para a área, o número de candidatos ficou aquém do de vagas, em 1968, registrando-se, por outro lado, evasão sobretudo dos cursos de História e de Geografia, embora no de Letras o número de matrículas haja aumentado de 20%, em 1966/67.

Tendo como objetivo centralizar as faculdades e aumentar-lhes o raio de ação, até então restrito, o Governo criou a Universidade do Piauí, uma grande medida, sem dúvida. Será composta do Instituto de Ciências Escolas e Naturais, do Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Letras, da Universidade de Ensino Profissional e de Pesquisas Aplicadas, que engloba as faculdades e a Escola de Enfermagem, e ainda pelos Órgãos Suplementares da Universidade como a Imprensa Universitária, a Biblioteca Central, o Centro de Extensão Cultural e de Treinamento Universitário e Centro de Assistência, responsável pelo restaurante e a moradia para os estudantes. Apesar de todos os esforços das auto-

ridades das diversas esferas administrativas para aumentarem as possibilidades de estudo para os jovens, elas permanecem restritas e as deficiências continuam, pois o problema educacional da área de Teresina não é um problema que possa ser resolvido isoladamente. Vários fatores contribuem para obstar-lhe a expansão do processo educativo. O mais sério é o relativo à má remuneração do corpo docente: desestimula o exercício do magistério, como acontece à maioria dos licenciados em Filosofia, e impede o aprimoramento do seu nível técnico. A concentração das escolas na capital piauiense e o isolamento cultural da área rural e dos pequenos centros, a clamar pela criação de ginásios e de cursos de aperfeiçoamento de professores no interior, ao lado da falta de material escolar, são outros fatores que tornam crítica a situação. O alheamento do ensino às características e aos problemas da área, gerando o despreparo dos jovens para enfrentá-los e a impossibilidade dos professores em divulgá-los, impede os formandos a migrarem para outros centros mais desenvolvidos, onde possam aplicar os ensinamentos humanísticos que lhes foram ministrados nas escolas. É necessário divulgar o ensino técnico.

A formação de uma consciência da problemática da área entre os responsáveis pelo ensino, através de cursos de extensão, ministrados em diferentes pontos, a multiplicação de escolas técnicas, bem equipadas e estrategicamente distribuídas, melhorariam a situação do ensino, mas antes será necessário o Governo investir na área, criar infraestrutura para que, através da elevação do seu nível socioeconômico chegue à generalização do ensino e ao aprimoramento cultural da população que nela vive.

# MIGRAÇÕES PARA TERESINA

DEVIDAS À PROCURA DE ESTUDOS

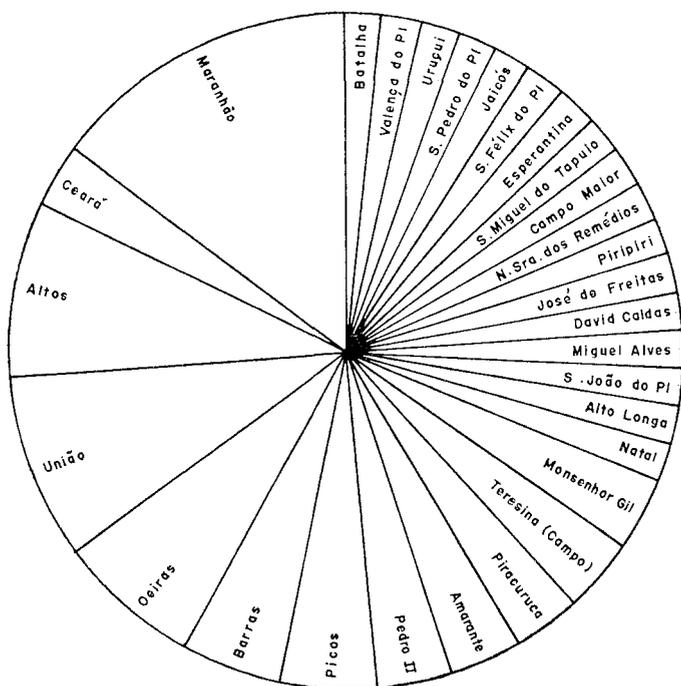


Fig.12 B

Organizado por: WANIA INEZ SENDIM

Fonte: INQUÉRITO DE POPULAÇÃO EM TERESINA. IBGE-1970



### 3.3 - Os serviços de saúde

Teresina possui serviços de saúde que permitem considerá-la como uma das capitais nordestinas relativamente bem equipadas no setor. A relação do número de leitos existentes em seus hospitais é de 5,7 por 1.000 habitantes, fato que lhes confere posição privilegiada em relação a outras capitais nordestinas como S. Luís (5,5 leitos por 1.000 habitantes), Fortaleza (3,9), Maceió (1,0), Natal (5,5), Aracaju (4,9). Somente João Pessoa (12,1), Salvador (6,2) e Recife (7,1) encontram-se melhor equipadas no setor do que Teresina.

Comparando-se o número de leitos ao número de médicos em atividade, verifica-se, entretanto, que a relação não é auspiciosa, pois a cidade dispõe de apenas 5,2 médicos por 10.000 habitantes, situação esta que lhe confere o penúltimo lugar entre as capitais do Nordeste.

Equipamento de saúde razoável e pessoal insuficiente são os dois aspectos fundamentais da problemática de saúde de Teresina, que apresenta, no entanto, situação excelente, se considerarmos a Região e o Estado em que está a cidade situada. Sob este ângulo, o equipamento de saúde de Teresina representa uma importante concentração de serviços, em meio a uma região praticamente desprovida e ocupada por uma população que somente na área mais vinculada à capital representa cerca de um milhão de pessoas.

Considerando que o Piauí possui 1.874 leitos em seus hospitais e 226 médicos em atividade, observa-se que Teresina participa dos mesmos totais com 56% e 63%, respectivamente, evidenciando a citada concentração. Entretanto, se atentarmos para o aspecto de especialização dos serviços médicos de Teresina, verifica-se que do total de hospitais do Estado (em número de 31),

9 são especializados, localizando-se 5 deles em Teresina. Sob este particular, é importante lembrar que os serviços especializados em neurologia-psiquiatria, fisiologia e traumatologia da capital, são os únicos do Estado.

Concentração e especialização são características dos serviços de saúde de Teresina, que atendem não apenas suas populações e as do município, mas, de modo geral, todo o Meio-Norte.

#### 3.3.1 - Estrutura dos Serviços de Saúde de Teresina

Hospitais, postos médicos, ambulatórios, postos de puericultura participam dos serviços de saúde da cidade de Teresina, alguns pertencentes ou mantidos pelo governo federal, pelo Estado e pela municipalidade, além daqueles vinculados a entidades particulares e de beneficência.

A importância do setor tem sido considerada na administração pública estadual, conforme indica sua participação na receita orçamentária do Estado, com valores superiores a 10%.

Conta a cidade com 5 hospitais, vinculados ao governo estadual, recebendo subvenção federal.

Entre os hospitais particulares, merecem citação o Hospital Meduna, especializado em neuropsiquiatria, a Casa Mater e a Clínica Batista.

Encontram-se ainda, na cidade, uma coordenação de Assistência Médica do INPS que atua com serviços clínicos especializados através de convênios com os hospitais locais; um serviço médico do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Empregados do Estado (IAPEP) que encaminha os serviços estaduais do Hospital Getúlio Vargas e da Maternidade S. Vicente.

Pelos bairros da cidade encontram-se também postos médicos e ambulatórios ligados às repartições públicas fe-

derais, como os ambulatórios médicos do DNER e do DNOCS; os postos médicos da Secretaria de Saúde do Estado, em número de 9, distribuídos pelos diversos bairros da cidade; os postos médicos da municipalidade; postos de puericultura da LBA e os postos médicos ligados aos serviços sociais da ASA.

Devem também ser incluídos nos serviços de saúde de Teresina as atividades desenvolvidas pelos órgãos federais que operam na formação do pessoal de saúde pública, como o FSESP; a pesquisa, extinção e tratamento malaríco desenvolvidos pelo CEM e pelo DNER na educação sanitária.

### 3.3.1.1 - O Equipamento médico-hospitalar da cidade

Dentro das diversas especializações clínicas merecem destaque, pelo número de doentes atendidos, os seguintes hospitais:

— *Hospital Getúlio Vargas* — Constitui o maior hospital pertencente ao Estado, subvencionado pelo governo federal. Atende numerosa população em seus serviços de pronto-socorro, clínica médica, pediatria e cirurgia, além de determinadas especializações, como urologia (na qual o hospital dispõe de maior número de leitos), oftalmologia, ortopedia, traumatologia e ginecologia. Dotado de laboratórios de análises clínicas, bacteriologia, hematologia, anatomia comparada e ambulatórios, conta em seus quadros com 416 servidores, dos quais 70 são médicos. Possui cerca de 346 leitos.

— *Pavilhão de Tuberculose Leonidas de Melo* — Especializado em tisiologia, constitui instituição para-hospitalar vinculada à Campanha Contra a Tuberculose. Possui 94 leitos em sua maioria gratuitos, e nele trabalham 4 médicos, 1 dentista, 15 auxiliares de enfermagem, uma assistente social e 4 atendentes, num total de 26 pessoas.

— *Maternidade S. Vicente* — é estadual, porém funciona com subvenção federal. Possui um total de 84 leitos e 50 berços e conta com 106 pessoas em seus quadros, dos quais 17 são médicos. Atende não apenas gestantes da cidade e da área rural de Teresina, mas também de municípios do interior do Piauí e do Maranhão.

— *Hospital Arcelino Abreu* — também pertence ao governo estadual e recebe subvenção federal. Destina-se a neuropsiquiatria e dispõe de 188 leitos, possui 41 servidores, incluindo 7 médicos.

— *Hospital do Câncer* — está vinculado à Sociedade Piauiense de Combate ao Câncer, funcionando com recursos federais e estaduais; conta com a colaboração de 3 médicos em seus serviços.

— Instituição particular e considerada como modelo em seu gênero, o *Hospital Meduna* de neuropsiquiatria conta com 8 médicos entre seus 35 servidores. Dotado de 180 leitos, dos quais 18 são gratuitos, o hospital tem atuação extra-regional, conforme indica a procedência de seus doentes.

Entre os hospitais particulares colocam-se também a *Casa Mater* e o *Hospital Batista*. A primeira possui serviços médicos de obstetrícia, ginecologia, pediatria, ortopedia, oftalmologia e otorrino, contando com 107 leitos, dos quais 17 são destinados aos institutos de previdência.

O número de estabelecimentos hospitalares e o número de médicos existentes na cidade não permite, entretanto, uma avaliação segura da qualidade e da capacidade de atendimento dos hospitais. Torna-se necessário que, na avaliação global do problema, seja levado em consideração o número de leitos e sua especialização médica, bem como sua relação com o próprio pessoal técnico e auxiliar em atividade nos hospitais e, todos esses dados, em

relação à população tanto da cidade quanto as do interior, que recorrem aos serviços de saúde de Teresina.

### 3.3.1.2 - O Equipamento médico-hospitalar e a população

Tomado o número de leitos disponíveis nos hospitais de Teresina (1.050) em relação à população da cidade, foi obtido o índice de 1 leito para cada 175 habitantes ou seja 5,7 leitos por 1.000 habitantes. Se a mesma relação for feita com os habitantes do município, e não apenas da cidade, o índice decresce para 4,7.

Confrontados estes índices obtidos para Teresina e seu município com o índice considerado ideal para a América Latina pela Organização Mundial de Saúde (que é um leito para cada 200 habitantes ou 5,0 leitos para 1.000 habitantes) chega-se à conclusão de que *a cidade encontra-se satisfatoriamente equipada para atender a sua população urbana, porém não aos habitantes do município da capital.* A situação da cidade e do município é mesmo privilegiada, se compararmos aos valores obtidos a média estadual, que é apenas de 1,3 leitos por 1.000 habitantes.

Outro aspecto interessante é que dos 1.050 leitos disponíveis, 462 são de longa permanência (tuberculose e doenças mentais). Estes índices diminuem para 3,2 leitos por 1.000 habitantes na cidade.

Aparentemente satisfatórios são, portanto, os dados relativos ao número de leitos existentes nos hospitais pelos habitantes da cidade de Teresina, relação esta que se torna insuficiente ou insatisfatória, se for levado em consideração a própria população do município da capital, que tem nos serviços de saúde da cidade a única forma de atendimento hospitalar, uma vez que

o campo, embora possua postos de saúde, os mesmos não funcionam por falta de pessoal permanente. Outrossim, a relação leito/população é também deficitária, se forem observados os aspectos de longa e de curta permanência do equipamento existente.

Analisada a relação médico/população, constata-se que clinicam nos hospitais da cidade 144 profissionais, representando 1 médico para 1.300 habitantes (o que se afigura também como ideal é de 1 médico para 1.000 habitantes).

O número de médicos especializados que clinicam na cidade é expressivo e diversificado, conforme pode ser visto na relação seguinte: clínica geral, 27 médicos; cirurgia geral, 25; ginecologia, 15; oftalmologia, 8; fisiologia, 7; urologia, 6; cardiologia, 5; psiquiatria, 4; anestesia, 4; dermatologia, 3; análises clínicas, 3; doenças tropicais, 3; sanitaristas, 3; outras especializações como ortopedia e traumatologia, radiologia, gastroenterologia, neurologia, cirurgia plástica, proctologia, otorrino, obstetrícia, anatomia comparada e radioterapia (Serviço de Estatística da Saúde 1970).

Relativamente ao pessoal auxiliar ocupado nos hospitais, verifica-se que há um razoável número de enfermeiras e de auxiliares de enfermagem para o atendimento à população, com, respectivamente, uma enfermeira diplomada para 10.000 habitantes. Estes valores se aproximam das proporções recomendadas pela Organização Mundial de Saúde, que são 1 enfermeira diplomada e 5 auxiliares de enfermagem para 10.000 habitantes.

O pessoal técnico e auxiliar existente nos hospitais de Teresina distribui-se como no Quadro n.º XII.

**QUADRO XII**  
**TERESINA**  
**PESSOAL AUXILIAR DE SAÚDE**

| PESSOAL TÉCNICO<br>E AUXILIAR    | N.º        | %           |
|----------------------------------|------------|-------------|
| Enfermeiras diplomadas.....      | 20         | 4,2         |
| Técnicos de Laboratório.....     | 13         | 2,7         |
| Técnicos Operadores de Raio X... | 1          | 0,2         |
| Auxiliares de Raio X.....        | 5          | 1,0         |
| Auxiliares de Enfermagem.....    | 118        | 25,0        |
| Práticos de Enfermagem.....      | 27         | 5,7         |
| Atendentes.....                  | 218        | 46,4        |
| Outros Auxiliares.....           | 70         | 14,8        |
| <b>TOTAL.....</b>                | <b>410</b> | <b>100%</b> |

Fonte: An. Estatístico do Brasil — IBGE 1970.

Observada a relação existente entre médicos/leitos hospitalares constata-se que é a mesma de 0,13.

Através da rápida análise do equipamento médico-hospitalar de Teresina conclui-se que a cidade está suficientemente equipada para atender a seus habitantes, não, porém, aos rurais do próprio município. Entretanto, se for levado em consideração que a cidade está situada dentro de uma região e de um Estado onde os equipamentos médico-hospitalares são precários, é incontestável sua importância e sua posição privilegiada como concentração dos serviços de saúde de uma vasta área, conforme indicam as estatísticas e os dados de procedência dos doentes atendidos nos hospitais da cidade.

### **3.3.2 - Os serviços de saúde de Teresina e a deficiência dos equipamentos regionais**

A região de Teresina é constituída por 55 municípios, dos quais, apenas 10 possuem hospitais, evidenciando a precariedade de serviços do interior. Este aspecto limita por demais a uti-

lização dos hospitais do interior por grande parte da população regional que não conta com nenhuma assistência de serviços médicos, num total de 45 municípios e mais de quinhentas mil pessoas.

Dos 10 municípios que possuem serviços hospitalares, 4 têm hospitais gerais estaduais — Luzilândia, Piri-piri, União e Valença do Piauí. Os demais contam apenas com hospitais gerais particulares — Caxias, Campo Maior e Coelho Neto e mais dois hospitais particulares especializados em Campo Maior e Piracuruca.

Considerando que a maioria dos hospitais do interior é particular, este aspecto limita por demais a utilização dos serviços de saúde do interior, pelas populações pobres e de baixos níveis de renda, que vêm diretamente a Teresina, sobrecarregando os serviços de saúde e hospitais públicos como o Gêtúlio Vargas e a Maternidade São Vicente. Acrescentam-se ao fato, serem os hospitais do interior gerais e não especializados como são os de Teresina. Estima-se, portanto, que cerca de quase um milhão de pessoas da região de Teresina ficaria sem nenhuma assistência hospitalar, além daqueles municípios que, embora dispondo de hospitais, suas populações não teriam acesso aos mesmos por questão econômica, ou por necessidade de serviços especializados, somente encontrados na capital.

*A concentração excessiva dos serviços de saúde de Teresina decorre mais da ausência ou fragilidade dos serviços regionais do que mesmo de uma hipertrofia em favor da capital. Esta concentra 80% dos médicos do Estado, 74% das enfermeiras diplomadas, 87% dos auxiliares de enfermagem, 35% dos aparelhos de raio X, 60% dos de abreugrafia, 40% dos de eletrocardiografia dos hospitais do Piauí. A exclusão de Teresina, estariam os serviços de saúde estaduais concentrados em outros*

centros urbanos de certa influência regional como Floriano, Picos e Parnaíba, restando vastas áreas praticamente desassistidas e que vão recorrer diretamente aos serviços especializados na capital.

O setor de saúde da área de influência de Teresina é representado pelos 10 hospitais mencionados; por 7 unidades sanitárias encontradas nos municípios de Altos, Barras, Campo Maior, Caxias, José de Freitas, Regeneração e Piripiri e 23 postos de higiene distribuídos pelos municípios de Alto Lon-

gá, Amarante, Batalha, Campo Maior, Cap. de Campos, Castelo do Piauí, Caxias, Elesbão Veloso, Esperantina, Inhuma, Matias Olímpio, Palmeirais, Pedro II, Piracuruca, Porto, Prata do Piauí, Regeneração, S. Félix do Piauí, S. Francisco do Maranhão, S. Gonçalo do Piauí, São Miguel do Tapuio e Timon.

Muitos dos municípios indicados, embora dispondo de um posto de higiene ou de uma unidade sanitária, não contam com a presença de um médico ou um farmacêutico, conforme pode ser visto no quadro n.º XIII.

**QUADRO XIII**  
**REGIÃO DE TERESINA**  
**NÚMERO DE MÉDICOS E FARMACÊUTICOS**  
**Percentual por 1.000 habitantes dos**  
**Municípios**

| MUNICÍPIOS                 | MÉDICOS* |      | FARMACÊUTICOS** |      |
|----------------------------|----------|------|-----------------|------|
|                            | Número   | 0/00 | Número          | 0/00 |
| 1 — Altos.....             | 2        | 0,08 | —               | —    |
| 2 — Amarante.....          | —        | —    | 2               | 0,15 |
| 3 — Barras.....            | 3        | 0,08 | 2               | 0,05 |
| 4 — Beneditinos.....       | 1        | 0,09 | —               | —    |
| 5 — Campo Maior.....       | 7        | 0,10 | —               | —    |
| 6 — Caxias.....            | 5        | 0,04 | 5               | 0,04 |
| 7 — Demerval Lobão.....    | —        | —    | 1               | 0,14 |
| 8 — Esperantina.....       | 1        | 0,06 | 1               | 0,06 |
| 9 — José de Freitas.....   | 2        | 0,10 | —               | —    |
| 10 — Luzilândia.....       | 1        | 0,05 | 3               | 0,15 |
| 11 — Matias Olímpio.....   | —        | —    | 2               | 0,28 |
| 12 — Palmeirais.....       | —        | —    | 1               | —    |
| 13 — Parnarama.....        | 1        | 0,03 | —               | —    |
| 14 — Pedro II.....         | —        | —    | 2               | 0,07 |
| 15 — Piracuruca.....       | 2        | 0,09 | 2               | 0,09 |
| 16 — Piripiri.....         | 4        | 0,10 | 1               | 0,03 |
| 17 — Timon.....            | 1        | 0,02 | —               | —    |
| 18 — União.....            | —        | —    | 2               | 0,06 |
| 19 — Valença do Piauí..... | 4        | 0,03 | 3               | 0,25 |
| TOTAL.....                 | 24       | 0,4  | 27              | 0,7  |

Fonte: \* Serviço de Estatística da Saúde, 1968.

\*\* Informações Básicas dos Municípios, 1968.

É assim comprovada a deficiência do equipamento e do pessoal do setor saúde no interior do Piauí. Os médicos e os farmacêuticos são encontrados em apenas 13 dos 55 municípios da região de Teresina, localizados nos centros urbanos do interior, de maior importância e mais populosos. Permanecem sem assistência médica ou farmacêutica (porque o farmacêutico ocupa o lugar do médico, para os casos mais simples, de clínica geral, para um determinado tipo de população) milhares de pessoas moradoras em 42 municípios da região que não possuem nem médicos nem farmacêuticos.

Para a população global da região (exclusão de Teresina) observa-se que a relação é de 1 médico para 27.779 habitantes o que vem a ser altamente insatisfatório e diferente do município da capital.

Valença, Piripiri, Piracuruca, Campo Maior, Caxias e Barras são os centros que possuem médicos e farmacêuticos, portanto melhor equipados.

Qualitativamente, observa-se que os médicos que atuam no interior são das especialidades clínicas e cirurgia geral, o que coloca as áreas atendidas numa dependência maior de Teresina, nos casos especializados. Poucos são os municípios beneficiados pela presença de um especialista, como Barras que possui anestesista, Campo Maior com ginecologista e pediatra, Caxias com endocrinologista, Luzilândia com ginecologista e Timon com psiquiatra.

Os farmacêuticos e os dentistas também são deficientes em número e qualidade, sendo sua maior parte constituída por práticos. Os dentistas estão presentes em alguns municípios que dispõem de precário ou nenhum equipamento de saúde e naqueles mencionados no Quadro n.º XIII. A estes se acrescentam Angical do Piauí, Barro Duro, N. S. dos Remédios, Esperantina, Alto Longá, Matias Olímpio e Porto.

Se o pessoal de saúde da região de Teresina é suficiente, também o é o equipamento hospitalar relativo ao número de leitos por 1.000 habitantes, com 0,7 leitos por 1.000 habitantes para nove dos dez municípios que dispõem de hospital (com exceção de União). Esta relação é extremamente inferior à média estadual de 1,3 leitos por 1.000 habitantes. Considerando-se, porém, a população total da região de Teresina, verifica-se que a relação torna-se insignificante com 0,2 leitos por 1.000 habitantes ou seja um leito a serviço de mais de 4.500 pessoas.

**QUADRO XIV**  
**REGIÃO DE TERESINA**  
**NÚMERO DE LEITOS HOSPITALARES**  
**POR 1.000 HABITANTES DO**  
**MUNICÍPIO**

| MUNICÍPIOS                 | N.º de leitos | 0/00 |
|----------------------------|---------------|------|
| 1 — PARRAS.....            | 22            | 0,6  |
| 2 — CAMPO MAIOR.....       | 62            | 1,0  |
| 3 — CAXIAS.....            | 40            | 0,3  |
| 4 — COELHO NETO.....       | 12            | 0,5  |
| 5 — JOSÉ DE FREITAS.....   | 8             | 0,4  |
| 6 — LUZILÂNDIA.....        | 8             | 0,4  |
| 7 — PIRACURUCA.....        | 10            | 0,5  |
| 8 — PIRIPIRI.....          | 24            | 0,7  |
| 9 — UNIÃO.....             | —             | —    |
| 10 — VALENÇA DO PIAUÍ..... | 22            | 1,9  |
| TOTAL.....                 | 208           | 0,7  |

Fonte: Informações básicas dos municípios. Fundação IBGE, 1968.

Complementando os serviços médico-hospitalares dos municípios, merecem destaque pelos serviços prestados às populações pobres da região, os postos de higiene e unidades sanitárias, como equipamento mínimo necessário aos municípios, mesmo daqueles mais próximos de Teresina. Impossível se tornou, porém, no correr desta pesquisa, indicar o seu grau de funcionalidade e da permanência de pessoal necessário a sua manutenção.

Dada a fragilidade do equipamento e pessoal dos serviços de saúde do interior, Teresina comporta-se como importante centro regional de saúde pública e de serviços de clínicas especializadas, para o atendimento às populações não apenas de sua região mas das populações de um vasto interior que inclui quase todo o Meio-Norte.

### 3.3.3 - Atuação regional e extra-regional dos serviços de saúde de Teresina

Diante das deficiências da região e do próprio Estado no setor de saúde, e da concentração dos equipamentos médico-hospitalares em Teresina, conclui-se que a capital desempenha importante função regional como centro de serviços de saúde no Meio-Norte. Desta maneira seus equipamentos são utilizados não apenas por seus moradores, sendo, ainda, procurados por milhares de pessoas provenientes do interior do Piauí e do Maranhão.

— Procedência dos doentes internados nos hospitais de Teresina

Foi pesquisada a origem dos doentes internados em Teresina mediante consulta aos fichários dos hospitais Getúlio Vargas, Meduna e Casa Mater, em dois anos diferentes, 1969 e 1970, fichas nos hospitais Getúlio Vargas e Meduna correspondentes aos doentes tratados naquele ano. Observada a procedência dos mesmos, obteve o seguinte resultado:

|   |     |
|---|-----|
| — Do próprio município de Teresina  | 58% |
| — Da região de Teresina   | 21% |
| — De outros municípios do Piauí   | 10% |
| — Do Maranhão (excluídos os municípios da área de influência de Teresina) | 10% |
| — Do Ceará  | 1%  |

Observada a procedência dos que vêm da região de Teresina, verifica-se haver maior procura por parte das populações de municípios próximos e diretamente vinculados à capital, como Altos, Campo Maior, União e Piri-piri do lado piauiense e Timon e Caxias, do lado maranhense.

Além destes municípios foram anotados procedentes de Água Branca, Demerval Lobão, Angical do Piauí, Monsenhor Gil, Barras, Esperantina, José de Freitas, Miguel Alves e Valença do Piauí.

Observa-se, desse modo, que procuram os serviços hospitalares da capital doentes que procedem, geralmente, de municípios que dispõem de um equipamento de saúde, como Campo Maior, União, Piri-piri e Caxias, mostrando ou a insuficiência dos serviços instalados nos municípios, ou a procura de especialistas em Teresina.

A atuação extra-regional dos serviços de saúde de Teresina é comprovada pelos doentes oriundos de outros centros regionais do Piauí, representados por Parnaíba (de onde vem 3,7% do total dos doentes internados), de Floriano com 1,5% e de Picos com 1,7%. Seguem-se Oeiras e Boa Esperança.

*A influência extra-regional desses serviços é sobretudo maior no Maranhão, com doentes oriundos do rio Itapicuru, com Codó; do Mearim, com Pedreiras e Bacabal, Barra do Corda e até mesmo de São Luís.*

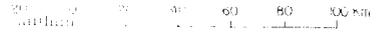
Esta atuação extra-regional dos serviços de saúde de Teresina é sobretudo relativa aos serviços médicos especializados.

Considerando-se a vasta área e a numerosa população atendida pelos serviços de saúde de Teresina, torna-se patente serem estes, grandemente insuficientes dentro do quadro do Meio-Norte, em grande parte desfalcado de ser-

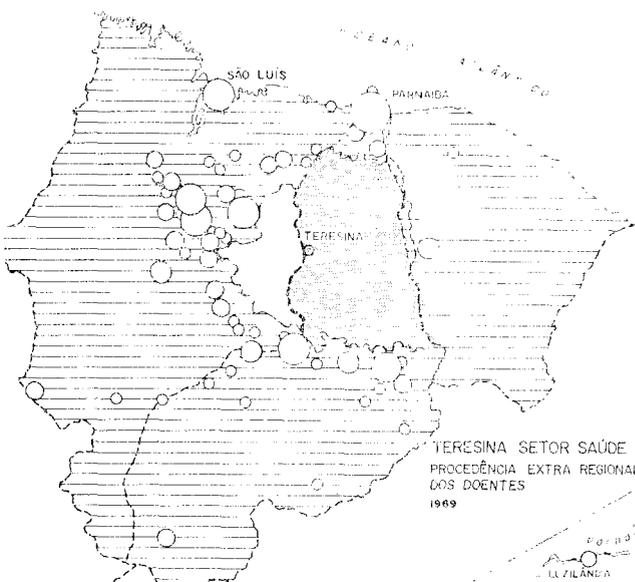
# PIAUI

## TERESINA SETOR SAÚDE PROCEDÊNCIA DOS DOENTES DA REGIÃO DE TERESINA

1969



PREPARADO POR MARIA ALICE LANARI FERREIRA



### TERESINA SETOR SAÚDE PROCEDÊNCIA EXTRA REGIONAL DOS DOENTES 1969

#### TOTAL DE DOENTES INTERNADOS

1103

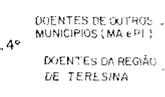


Fig. 13

#### Nº DE DOENTES INTERNADOS



viços de saúde. Embora os equipamentos existentes na cidade sejam suficientes para as populações da capital, tornam-se precários para o atendimento do próprio município e da área de influência.

Resultam as longas filas de pacientes vistos em frente aos hospitais públicos da cidade, demonstrando estarem os serviços da capital sobrecarregados, sem condições de atender a todos que os solicitam.

O setor saúde de Teresina está a exigir ampliação constante de seus serviços por parte do poder público, uma vez que grande parte dos problemas de saúde estão relacionados à pobreza e aos baixos padrões sanitários refletidos nos índices de mortalidade estudados no correr do presente relatório, no relativo ao espaço regional da cidade.

### 3.4 - Setor Bancário de Teresina

Representando cerca de 30% dos estabelecimentos bancários do Piauí, a cidade de Teresina retrata, também no setor bancário, concentração de recursos financeiros, do mesmo modo que concentra populações e a vida econômica do Estado.

Aos estabelecimentos existentes na capital (13) se acrescentam os da sua área de influência (9), perfazendo um total de 22 bancos, ou 51% do equipamento bancário estadual.

Considerando que Teresina possui 11% da população total do Estado, sua situação afigura-se privilegiada. Entre-

tanto, tendo em vista que esse equipamento não serve apenas a capital mas ao interior, onde grande número de municípios encontram-se desprovidos de agências bancárias, tanto no Piauí como na área maranhense diretamente ligada a Teresina, vemos que esta concentração é relativa.

Apesar de abranger os serviços bancários mais importantes do Estado, a rede bancária de Teresina atende não somente sua área de influência, mas o conjunto do Estado, mesmo as áreas longínquas do sul do Piauí.

*Concentração bancária na capital e nas cidades mais populosas de sua região, a serviço de um vasto interior, constitui a característica marcante da vida bancária de Teresina e do norte do Piauí.*

Outro importante aspecto que tem que ser considerado, quando tratamos dos serviços bancários de Teresina, é que a mencionada concentração se faz em um Estado e em uma região pobre e desfavorecida pelo crédito como é o Meio-Norte. \* Assim é que os dois Estados aí situados detêm apenas 9,1% do movimento bancário nordestino e, também, apenas 9% dos empréstimos concedidos à mesma região até 1968.

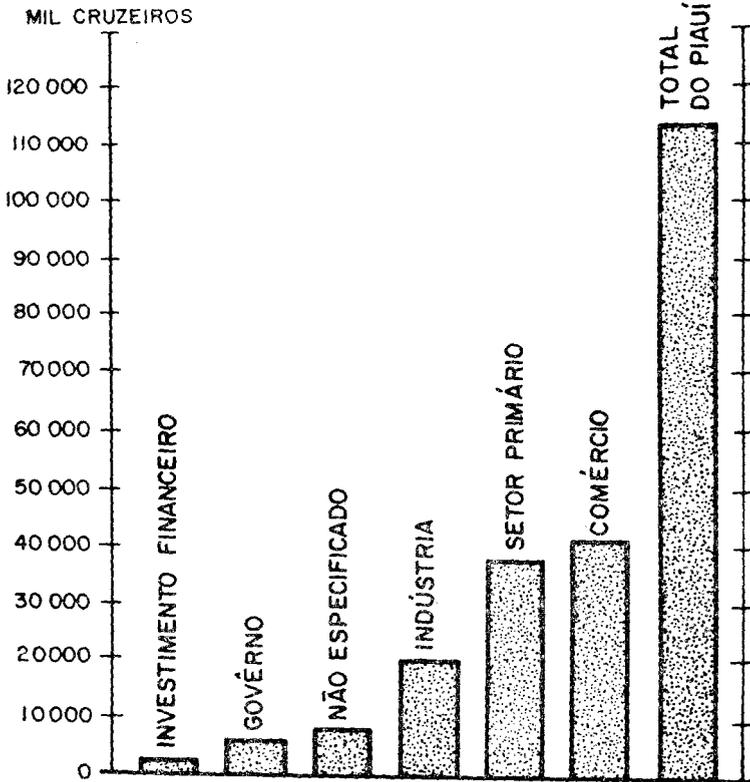
Dentro do Meio-Norte, é o Piauí que apresenta menor participação quer dos ativos em caixa quer dos empréstimos concedidos. Relativamente aos depósitos bancários a curto e longo prazos, constata-se que o Piauí concentra apenas 40% e 22% dos totais do Meio-Norte.

\* A distorção da distribuição de crédito constitui problema não apenas piauiense e do Meio-Norte, mas também nordestino, se considerarmos o problema em termos brasileiros, segundo os dados do Movimento Bancário — 1968 — SEEF-IBGE. Assim é que o Nordeste concentra apenas 13% do movimento bancário nacional apesar de sua população constituir 29% da população brasileira; o Centro-Oeste concentra 20% do crédito e 5% da população, enquanto o Sudeste dispõe de 51% do crédito para 43,6% da população. No Sul e no Norte a situação é de um certo equilíbrio, com 14% do crédito para 18% da população e 2% do crédito para 3% da população brasileira. Seria oportuno lembrar que somente São Paulo detém 28% dos créditos concedidos ao Sudeste.

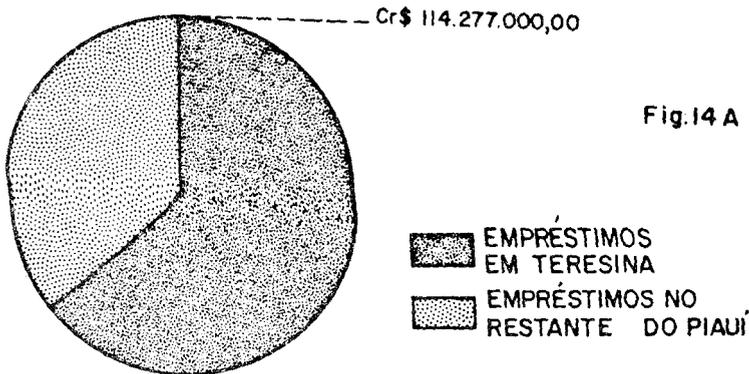
# ESTADO DO PIAUÍ

## MOVIMENTO BANCÁRIO EM 1968

### EMPÉRSTIMOS CONCEDIDOS



87



Organizado por: WANIA INEZ SENDIM  
 Fonte: Banco do Brasil

DivEd/D-J.A.C.

## CRESCIMENTO DAS PRAÇAS BANCÁRIAS

(Cr\$1.000) - ÍNDICE DE 1963 = 100

### APLICAÇÕES

### DEPÓSITOS

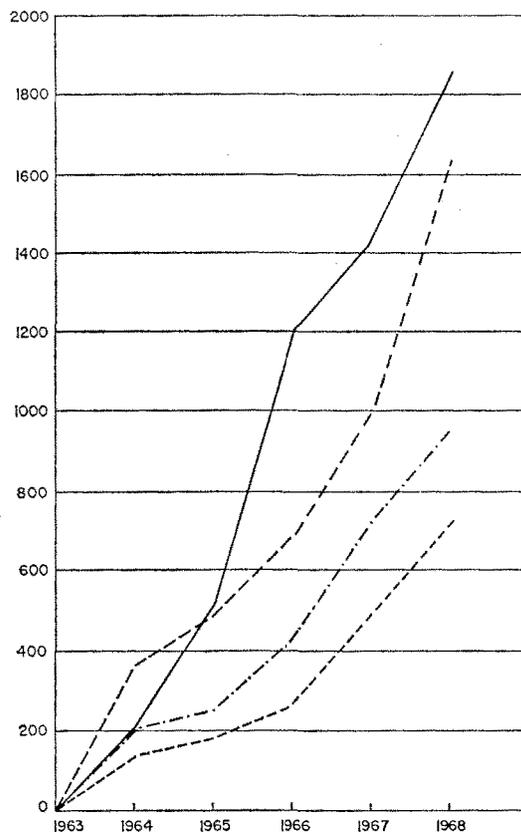
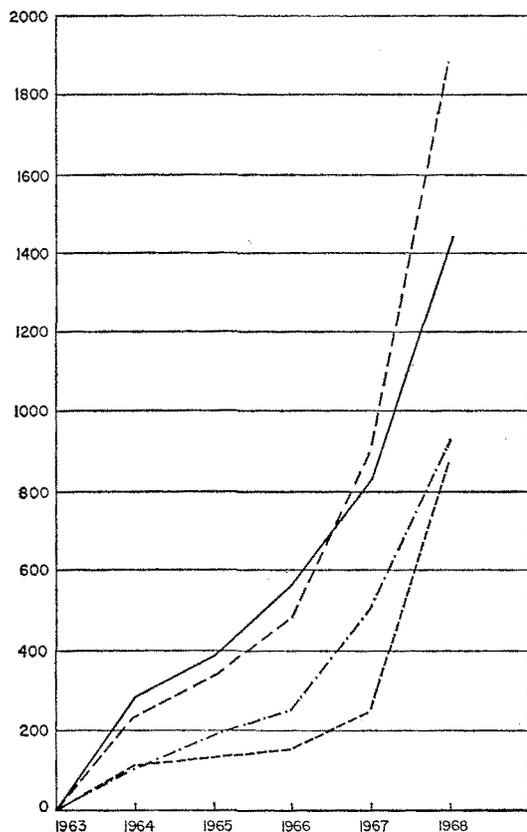


Fig. 14 b

- - - - - TERESINA  
 - . - . - SÃO LUIZ  
 - - - - - FORTALEZA  
 . . . . . CAXIAS

Fonte: Estatísticas Básicas do NE

DivEd/D - pmsl

Dado seu papel de capital, em Teresina localizam-se bancos oficiais e de desenvolvimento que mantêm elevada participação nos depósitos em caixa e nos empréstimos concedidos, uma vez que podem funcionar com os mais elevados custos operacionais e menor rentabilidade, oferecendo, ao mesmo tempo, condições mais vantajosas de crédito a curto e longo prazos. No interior

os bancos oficiais se instalam nas cidades mais populosas, com caráter pioneiro.

Quanto aos bancos privados, diminuta é a participação dos mesmos, quer nos depósitos em caixa quer nos empréstimos concedidos, com atuação maior na captação de poupanças e como fonte de capital de giro das empresas.

*Se é desfavorável a posição do setor bancário piauiense em relação ao conjunto do Meio-Norte, favorável se torna se observarmos sua recente expansão no período que vai de 1951 a 1969.* Em 1951 o Estado do Piauí tinha apenas 11 bancos, que se ampliaram para 16 em 1960, e para 43 em 1969. Os elevados incrementos dos empréstimos concedidos e da taxa de participação dos depósitos bancários piauienses, no conjunto nordestino, constituem fatores positivos a serem considerados no estudo da organização bancária de uma área de parcos recursos, como é o Meio-Norte.

### **3.4.1 - O Equipamento Bancário**

A cidade dispõe de 13 bancos, entre os quais se destacam os bancos oficiais e de desenvolvimento como o Banco do Brasil, o Banco do Nordeste, o Banco da Amazônia, o Banco do Piauí e a Caixa Econômica Federal.

Os bancos particulares operam sobretudo na captação de depósitos, no desconto de títulos e como fonte de capital de giro para as empresas. Em Teresina encontram-se os seguintes bancos: Banco Brasileiro de Descontos S/A, Banco Comercial do Nordeste S/A, Banco do Comércio e Indústria de Minas Gerais S/A, Banco da Bahia, Banco da Lavoura de Minas Gerais S/A, Banco do Estado de São Paulo S/A, Banco do Maranhão S/A, Banco Nacional de Minas Gerais S/A, Banco Nacional do Nordeste S/A.

#### **O Banco do Brasil**

Funciona em Teresina desde 1920, tendo sob sua jurisdição aproximadamente 14% da superfície do Estado. Possuía em 1969 cerca de 130 funcionários, atuando como Banco de desenvolvimento, como banco comercial e agente financeiro do Governo Federal. Papel destacado é dado às Carteiras de

Crédito Agrícola e Industrial — CREAM (que a partir de 18/12/1969 passou a denominar-se Carteira de Crédito Rural e de Crédito Agrícola) e a Carteira de Crédito Geral — CREGE. A Carteira de Crédito Rural possui papel saliente nos empréstimos às grandes e pequenas propriedades, geralmente a médio prazo; a CREGE opera a curto prazo no desconto de títulos.

Mantém o Banco do Brasil uma *política creditícia de favorecimento à produção agrícola e ao custeio da pecuária, de papel relevante em um Estado em que a agropecuária constitui atividade de maior expressão na vida econômica do mesmo.*

Quatro aspectos centrais da Carteira de Crédito Rural orientam a política geral do (ex-CREAM) em Teresina:

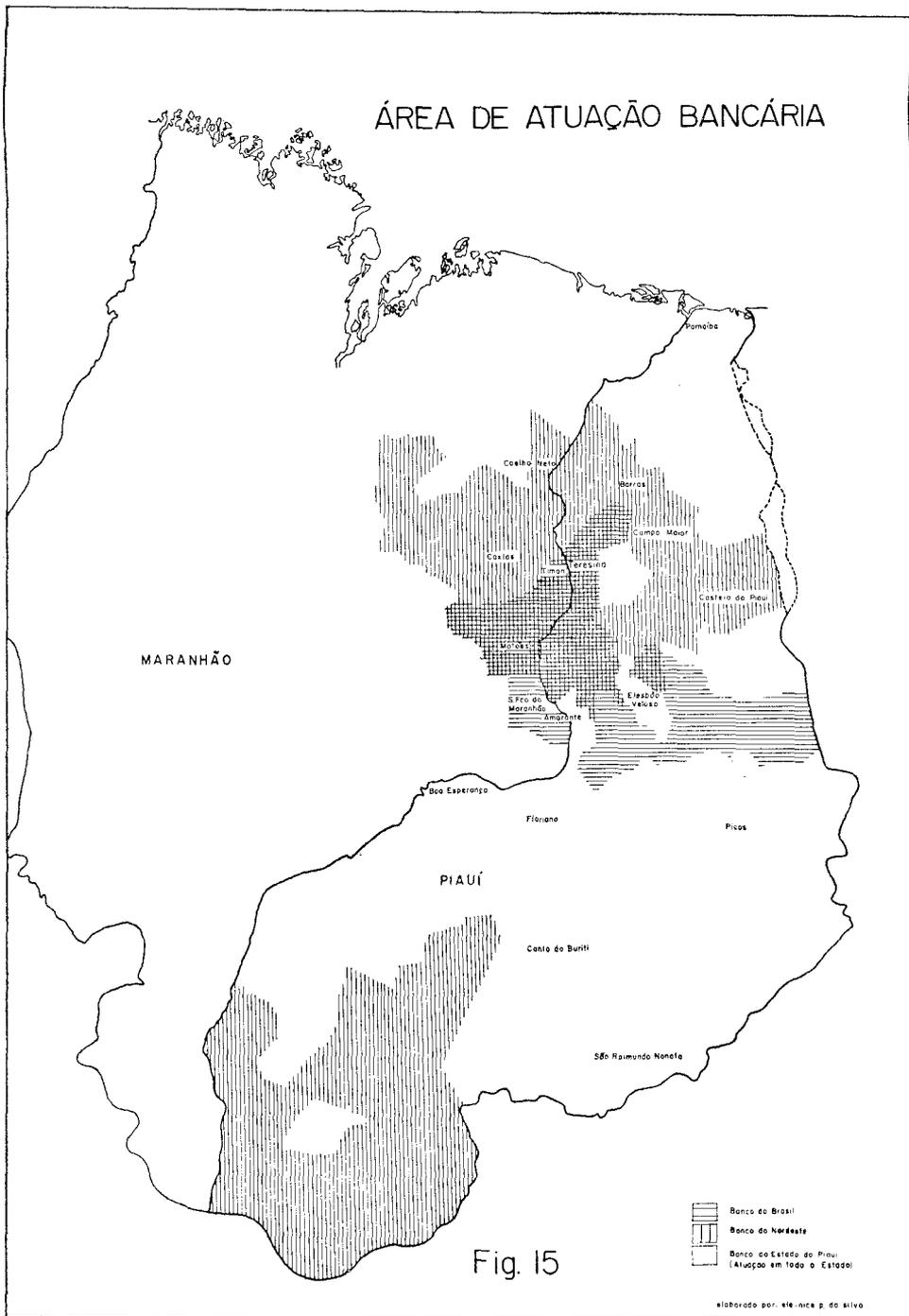
a) *O custeio agrícola* diz respeito às despesas normais do ciclo evolutivo, abrangendo encargos que vêm desde a preparação do terreno à colheita; beneficiamento e comercialização;

b) *O Custeio pecuário* abrangendo as despesas normais da exploração pecuária, inclusive beneficiamento, industrialização e comercialização. Engloba ainda a restauração das pastagens, fenação, silagem, capineiras e forrageiras, aquisição de animais e bens integrantes do custeio animal;

c) *O investimento agrícola* com inversões para fundação de culturas perenes, reflorestamento, construção, reforma de instalações, aquisição de máquinas, implementos, aparelhos e ferramentas, veículos, eletrificação rural, obras de irrigação e recuperação do solo;

d) *O investimento pecuário* corresponde às inversões para aquisição de animais de grande e médio porte, destinados à criação e serviço, máquinas,

# ÁREA DE ATUAÇÃO BANCÁRIA



90

Fig. 15

elaborado por: ele-nice p. do silva

implementos, aparelhos, ferramentas, veículos, equipamentos, construção, reforma, ou ampliação das instalações, fundação de pastagens, eletrificação rural, irrigação e recuperação do solo.

Consoante aos itens mencionados, nos anos de 1968 e 1969 foram favorecidas, em número de financiamentos, as lavouras de arroz, milho, algodão e mandioca; em valor dos financiamentos, aquelas do arroz e da cana-de-açúcar. Em relação ao crédito pecuário, o maior número e o maior valor dos financiamentos nos citados anos foram concedidos à pecuária leiteira e à avicultura, cabendo frágil percentual ao bovino para carne. Relativamente à aquisição e melhoramentos, coube maiores proporções, tanto em número quanto em valor dos investimentos, à aquisição de animais.

O Banco do Brasil atua também na política de preços mínimos do Governo Federal, tendo para tanto concedido empréstimos às lavouras de arroz, algodão e milho.

Além de favorecer o desenvolvimento do setor agropecuário, o Banco do Bra-

sil beneficia a *atividade industrial com empréstimos para a aquisição de matéria-prima através da Carteira de Crédito Geral*, concedendo ao beneficiamento e à moagem de produtos alimentares, a fabricação de material cerâmico, de bebidas não alcoólicas, beneficiamento de matérias têxteis, produção de óleo bruto e essências vegetais. Nessas operações o prazo de amortização é de um ano, enquanto para os créditos concedidos à ampliação industrial e compra de máquinas, os prazos são mais elásticos, de 3 a 8 anos.

A Carteira de Crédito Geral (CREGE) realiza também operações comerciais, com transações a curto prazo, através de duplicatas e descontos de títulos.

Analisando-se os créditos concedidos pelo Banco do Brasil no Piauí durante os anos de 1968-69-70, verifica-se ser o setor rural o mais favorecido, com 82% do valor dos créditos e 97% do número de contratos realizados nos setores de agricultura (25.872) e indústria (888), pelas carteiras de Crédito Rural e de Crédito Geral.

**QUADRO XV**  
**PIAUI**  
**CRÉDITOS CONCEDIDOS PELO**  
**BANCO DO BRASIL (Cr\$ 1.000,00)**

| ANOS       | CARTEIRA DE CRÉDITO RURAL |          | CARTEIRA DE CRÉDITO GERAL | TOTAIS |
|------------|---------------------------|----------|---------------------------|--------|
|            | Agricultura               | Pecuária | Indústria                 |        |
| 1968.....  | 9 477                     | 4 295    | 3 309                     | 17 081 |
| 1969.....  | 10 159                    | 7 329    | 3 886                     | 21 374 |
| 1970.....  | 13 166                    | 7 328    | 4 405                     | 24 899 |
| TOTAL..... | 38 227                    | 19 152   | 12 200                    | 69 579 |

Fonte: Banco do Brasil, DENOF -- ESCAI -- 1971

Considerando-se apenas os contratos no setor rural, somam a 66% do valor total aqueles feitos à agricultura, cabendo à pecuária o percentual de 44%.

O quadro XV mostra o valor dos citados créditos.

Atuando de modo dominante com empréstimos aos setores rurais (agrícola e pecuário) e junto às pequenas indústrias de bens de consumo — telhas, tijolos, produtos alimentares, o Banco do Brasil apresenta-se ajustado à problemática regional por favorecer dois importantes aspectos da vida piauiense.

— ao crescimento do setor rural, que vem apresentando relativa expansão nos dias atuais;

— ao setor industrial, de pequenas empresas, geralmente não favorecidas por outros bancos de desenvolvimento. E estas empresas constituem o lado mais dinâmico, meio à fragilidade geral da vida industrial.

#### **O Banco do Nordeste do Brasil S/A**

A agência de Teresina foi instalada em 1954, achando-se enquadrada na categoria — 3 — equivalente a S. Luís, Juazeiro do Norte e Maceió.

O Banco do Nordeste atua como banco de desenvolvimento, banco comercial e assistencial.

Executante da política de desenvolvimento da SUDENE, o Banco do Nordeste realiza atendimento à agropecuária, à indústria e ao comércio regional, mantendo ainda, um sistema de treinamento de pessoal, tendo em vista o ensino e a pesquisa.

As operações bancárias são feitas através dos diversos departamentos: Departamento Industrial de Investimento (CARIN), Departamento Rural ... (DERUR) e Departamento Geral de Crédito (DERGE).

A agência de Teresina do Banco do Nordeste concentra o maior volume de operações do Estado do Piauí, com créditos distribuídos aos setores industrial, infra-estrutura, rural e de crédito geral, totalizando cerca de 56,9% das operações efetuadas pelo banco em todo o Estado.

Exceção feita aos créditos dos serviços de infra-estrutura, aparece como mais beneficiado o setor de crédito geral, do qual o comércio é o principal participante, corespondendo seus totais a títulos descontados com prazos de 120 dias. No relativo ao crédito rural, o maior número de empréstimos é feito para investimento e menos para custeio. O crédito rural é concedido de acordo com a capacidade da empresa, com prazos que vão de 18 meses para custeio, até 10 para investimento.

O crédito industrial envolve o capital de giro, a ampliação e a instalação de serviços industriais de utilidade pública, como o abastecimento de água.

Entre os financiamentos concedidos aos serviços de infra-estrutura podem ser destacados aqueles feitos ao Governo do Estado, como o serviço de instalação da rede de esgotos de Teresina em implantação pela AGESPISA.

O quadro XVI mostra os empréstimos por linha de crédito especializado, levados a efeito pelo Banco do Nordeste em Teresina e no Piauí através dos seus diversos Departamentos.

**QUADRO XVI**  
**PIAUI E TERESINA**  
**EMPRÉSTIMOS POR LINHA DE CRÉDITO**  
**EM Cr\$ 1.000 — 1969**

| AGÊNCIAS      | CRÉDITOS ESPECIALIZADOS |                           |       | CRÉDITO GERAL | TOTAL  |
|---------------|-------------------------|---------------------------|-------|---------------|--------|
|               | Indústria               | Serviço de infraestrutura | Rural |               |        |
| Teresina..... | 2 672                   | 5 644                     | 1 966 | 4 122         | 14 404 |
| Outras.....   | 542                     | —                         | 3 945 | 6 401         | 11 888 |
| Piauí.....    | 3 214                   | 5 644                     | 5 911 | 10 523        | 25 292 |

Fonte: ASSIES — Setor de Estatística — BNB.

**O Banco do Estado do Piauí**

Importante elemento na vida bancária de Teresina e do Estado do Piauí, o Banco do Estado do Piauí atua como banco de desenvolvimento, banco comercial e agente financeiro do Governo Estadual. Esta entidade de crédito que apresenta estruturação moderna e adequada à vida regional e à política governamental, que goza da confiança do público piauiense, teve suas origens no Banco Agrícola do Piauí, existente desde 1926. Tendo sofrido reestruturações sucessivas e aumento de capital, o Banco do Piauí funcionou inicialmente como cooperativa, prestando assistência a seus cooperados até 1946 quando foi transformado em Banco Comercial e Agrícola do Piauí.

Nos primeiros anos de mudança de estrutura, o Banco sofreu séria crise motivada pela queda da produção agropecuária, o que o levou a transformar-se em sociedade de economia mista, na qual o governo passou a ter o maior número de ações (51% em 1958). Os sucessivos aumentos de capital nos anos subseqüentes, culminaram, em 1968, com o aumento de 81% sobre o ano anterior e a completa modernização do Banco, que hoje possui sede própria

em um dos mais belos edifícios da cidade, contando com mais duas agências urbanas.

Além dos recursos governamentais, o Banco dispõe de recursos de convênios nacionais e do exterior, os quais constituem fundos para aplicação na lavoura, na pecuária e na indústria.

Participam da formação do capital social do Banco o Governo do Estado, a SUDENE e acionistas. Os recursos ordinários são repassados pelo FUDECE (Fundo de Democratização das Empresas), pelo convênio BEP/BNB/...../SUDENE, através do Banco do Nordeste do Brasil, pelo Banco Central do Brasil — FUNAGRI, pelo convênio BID/BC/BEP, através do Banco Central, pelo Fundo de Financiamento à Pequena Média Empresa — FIPEME e pelo Fundo de Financiamento para a Aquisição de máquinas e Equipamento — FINAME.

Pelos recursos do FINAME, o Banco favoreceu o projeto de instalação de telecomunicações de Telefones do Piauí S/A — Telepisa.

Possui o Banco do Piauí uma coordenação de Financiamento Rural e Industrial — COFRI que se encarrega de

executar a sua política de crédito rural e industrial. Na parte relativa ao setor rural são feitas aplicações em investimentos e custeio da lavoura e da pecuária. Esta carteira de crédito rural apresentou em 1969 o saldo de ..... Cr\$ 14.340.995 \*, dos quais 43% se referem à aplicação em investimentos e custeio da lavoura. Maior volume representou o crédito à pecuária com 57% dos citados investimentos.

Beneficiando a agropecuária, o Banco vem trabalhando, em convênio, com órgãos locais, com a Secretaria de Agricultura e com a ANCAR, procurando facilitar o acesso ao crédito pelo homem do campo.

Relativamente ao crédito industrial, o Banco apresentou, naquele ano, saldo que se aproxima daquele do crédito agropecuário, com Cr\$ 14.225.405, dos quais 98% se referem à indústria e 2% aos serviços básicos.

A Carteira de Crédito Geral apresentou saldo de Cr\$ 14.011.248, nos quais se incluem a comercialização de produtos agrícolas e industriais. O comércio ocupa posição de destaque na carteira que inclui atividades outras não especificadas como o crédito social e profissional.

Como sede do Banco do Estado do Piauí, Teresina comanda uma rede de agências distribuídas pelo interior, tanto na área de influência da cidade, como Barras, Campo Maior, José de Freitas ou em outros centros regionais como Parnaíba, Floriano ou ainda em Boa Esperança, Canto do Buriti, Picos e São Raimundo Nonato.

Junto ao Banco do Piauí funciona a COPLAN, companhia de planejamento que presta assessoria ao Diretor Executivo, funcionando como um agente financeiro de repasse e captação de re-

ursos para os programas de desenvolvimento. Um fundo rotativo de auxílio à iniciativa privada encarrega-se da elaboração dos projetos que são submetidos ao FOMINPI para o necessário parecer

O Banco atuando em coordenação com entidades várias constitui importante peça de estímulo ao incipiente processo de desenvolvimento instalado, a partir da modernização das instituições. A estes aspectos são acrescentados os do pessoal técnico necessário às atividades do Banco, geralmente valorizado por cursos de treinamento e especialização.

### **O Banco da Amazônia S/A - BASA**

Possui desde 1965 agência de 3.<sup>a</sup> categoria em Teresina, diretamente vinculada à sede em Belém, com jurisdição sobre todo o Estado do Piauí. Classificada como de 3.<sup>a</sup> categoria esta agência se situa em um nível inferior a Codó e Bacabal que são agências de 2.<sup>a</sup> categoria.

São três as principais linhas de crédito em que atua o Banco da Amazônia no Piauí:

— na agropecuária mediante a concessão de empréstimos a pecuaristas para a aquisição de animais, não favorecendo porém os implementos à agropecuária, que não constitui atribuição do Banco.

— empréstimos às firmas que trabalham com extrativas como o babaçu, a oiticica e a carnaúba.

— ao comércio, com destaque no comércio de veículos e eletrodomésticos. As aplicações feitas pelas agências do BASA ultrapassam largamente os depósitos; as aplicações são na maior parte feitas a longo prazo (de 1 ano), e em menor proporção, no desconto de títulos.

Parnaíba, Piripiri, Campo Maior, Castelo do Piauí e Canto do Buriti contam-se entre os municípios do interior servidos pelo Banco da Amazônia S.A.

### **A Caixa Econômica Federal**

Entidade autônoma de crédito, tem sua atividade regida pelo conselho Superior das Caixas Econômicas Federais. Atuando como carteira hipotecária, de penhores e consignação, seu papel é limitado como entidade de crédito. Sobressai, entretanto, o papel da carteira hipotecária no financiamento da casa própria.

### **Os bancos privados**

Concentrando as funções de capital, a maior população urbana e a vida econômica do Estado, Teresina conta com nove bancos privados, dos quais seis são oriundos da região Sudeste do país, dois do Nordeste, (um da Bahia e um do Maranhão) e um da Região Norte.

Os bancos privados operam com desconto de títulos e financiamentos às empresas privadas, formando ao lado dos bancos oficiais, fonte de capital de giro das empresas, além de seus aspectos de captação de poupanças.

A própria presença de numerosos bancos privados na cidade constitui indício da relativa vitalidade da praça de Teresina no Meio-Norte.

### **3.4.2 - Área de atuação dos serviços Bancários de Teresina**

A área de atuação dos serviços bancários de Teresina engloba praticamente todo o Estado, extravasando pela área maranhense mais próxima, vinculada à capital piauiense.

Tendo em vista que as mais importantes cidades piauienses dispõem de algum equipamento bancário que as tornam geralmente auto-suficiente em questões de crédito, os serviços de Te-

resina têm suas ações concentradas no município da capital e na área definida como de influência de Teresina, não contando alguns de seus municípios como Piripiri, Piracuruca, Campo Maior, Luzilândia, Caxias, José de Freitas, Barras e Valença do Piauí, que possuem agências de bancos oficiais. Exceção feita ao Banco do Piauí, cuja matriz está localizada em Teresina e coordena e executa a política financeira do governo do Estado.

Observada a área de influência dos bancos de Teresina, verifica-se que têm os mesmos atuação em determinadas áreas, sendo o Banco do Nordeste o de mais ampla atuação, com jurisdição sobre 34 municípios da área de influência da capital, entre os quais se colocam 6 municípios maranhenses: Aldeias Altas, Caxias, Coelho Neto, Matões, Parnarama e Timon. Além destes estão incluídos na jurisdição da agência do Banco do Nordeste os municípios maranhenses de Buriti, Codó, Co-roatá, localizados na periferia da área considerada e de vida de relações mais estreita com a capital do Piauí.

Isolado do Estado e carente de serviços bancários, o sul do Piauí é também parte da jurisdição da agência de Teresina do Banco do Nordeste, que atua na área compreendida entre os municípios de Bom Jesus, Correntes, Cristino Castro, Cristalândia, Curimatá, Gilbués, Santa Filomena, Santa Luzia, Redenção do Gurguéia, Palmeira do Piauí e Manuel Emídio.

Apesar de globalizar 54 municípios em sua jurisdição e de possuir mais de 2 600 clientes cadastrados, a agência do Banco do Nordeste de Teresina desenvolve maior volume de operações na capital e no município, bem como nos seguintes municípios: Água Branca, Agricolândia, Alto Longá, Altos, Angical do Piauí, Barras, Barro Duro, Beneditinos, Campo Maior, Castelo do Piauí, Caxias, Coelho Neto, Duque Bacelar, José de Freitas, Miguel Alves, Mi-

guel Leão, Palmeirais, Demerval Lobão, S. Felix do Piauí, São Pedro, Timon e União, além de Codó e Coroatá, estes já fora da citada área.

Apesar de ser extensa a área de atuação da agência do Banco do Nordeste no Piauí, verifica-se que Teresina centraliza o maior volume das operações desenvolvidas pelo mesmo banco do Estado (com 56% do seu total). Relativamente ao crédito geral, a participação da agência de Teresina é de 39%; no crédito especializado destacam-se os empréstimos à infra-estrutura, portanto ao governo com 100%; ao setor industrial com 83% e ao setor rural com 51%.

Dentro da própria área de influência de Teresina localiza-se a agência de Valença do Piauí que absorve 9% dos empréstimos totais da citada área, cabendo a distribuição dos restantes 91% a Teresina.

Observada a composição dos empréstimos por linha de crédito, do Banco do Nordeste no Piauí, verifica-se que o maior volume de transações refere-se ao crédito geral, e portanto às atividades da comercialização.

Mais restrita é a área da atuação da agência do Banco do Brasil, cuja jurisdição recobre, em certos casos, a do Banco do Nordeste nos municípios de Agricolândia, Água Branca, Angical do Piauí, Barro Duro, Demerval Lobão, Miguel Leão, Palmeirais, S. Félix do Piauí, S. Pedro do Piauí e Timon. Além desses contam-se, também, na área de atuação da agência do Banco do Brasil de Teresina, os seguintes outros municípios da área de influência de Teresina: Amarante, Aroazes, Elesbão Veloso, Francinópolis, Francisco Aires, Hugo Napoleão, José de Freitas, Matões, Monsenhor Gil, Novo Oriente do Piauí, Regeneração, São Francisco do Maranhão, São Gonçalo do Piauí, Valença do Piauí e Várzea Grande. Dentre esses os que man-

têm maior volume de transações com Teresina são os da própria capital, Valença do Piauí, São Pedro do Piauí, Elesbão Veloso, Novo Oriente do Piauí, Água Branca e Parnarama. Sendo municípios de mais desenvolvida vida agrícola, essas transações correspondem em maior parte ao crédito agrícola.

O Banco do Piauí embora tenha atuação sobre todo o Estado, possui agências em Parnaíba, Piripiri, Campo Maior, Barras, José de Freitas, Boa Esperança, São Raimundo Nonato, Canto do Buriti, Oeiras, Picos e Floriano dotadas de condições de fácil atendimento ao público, com as carteiras especializadas — COFRI e COPLAN. Essas agências do interior vêm sendo implantadas ou adaptadas em instalações modernas, compatíveis com a modernização da estrutura do banco e do edifício-sede localizado em Teresina.

De acordo com as diretrizes traçadas pelos organismos nacionais, regionais e estaduais, o Banco do Estado do Piauí vem prestando assistência financeira e econômica ao setor primário através da COFRI, mediante créditos de investimento e custeio da agropecuária e de um programa de implantação de empresas agroindustriais, tanto no município de Teresina quanto no interior, com o apoio dos incentivos fiscais. Cinco projetos foram elaborados pela coordenação de Planejamento do BEP-COPLAN com a intenção de atrair recursos de investidores, tendo os referidos projetos, que obtiveram parecer favorável da SUDENE por atender ao Art. 34 do decreto n.º 64.214/69, se apresentado como de interesse para a economia regional. Dois projetos correspondem a propriedades localizadas no município de Teresina — a CRENASA — cria, recria e engorda e a Passa-Pastoril agroindustrial S.A. para recria, leite e engorda, com a incorporação de duas fazendas: uma localizada em Teresina e outra em Palmeirais. Os outros três projetos, um em Campo

Maiores — Manolína-agroindustrial S.A. para reprodução, engorda e abate de animais da raça Nelore; um em Castelo do Piauí, a Caraíbas agroindústria S.A. para criação, recria e engorda; finalmente, fora da área de influência direta de Teresina — a Agropec — agropecuária do Piauí S.A. também para criação, recria e engorda. Os projetos são elaborados dentro de modernas técnicas de impressão, do extremo bom gosto e agradável manuseio, visando atrair as atenções dos investidores. Constam dos mesmos, de forma sucinta os objetivos da empresa, dos recursos mobilizados e mobilizáveis, localização e disponibilidade locacional; o meio físico, a ecologia e a vegetação. Entre as atividades previstas colocam-se a implantação de forrageiras, o mercado, os métodos operacionais e a comercialização.

Sob este aspecto, o Banco do Piauí antecipa-se procurando atrair recursos para o importante setor da agropecuária do Estado.

Embora os projetos ainda não estejam em fase executiva de definitiva implantação e resultados concretos, a opinião pública já os considera ora como inviáveis ora viáveis. Constituem, entretanto, inovação que parte da capital para o interior de um Estado de tradicional pecuária extensiva, no qual pecuaristas, embora beneficiados por créditos bancários especializados, invocam uma política bancária mais protecionista e maleável, de juros mais baixos e discriminatória com outras regiões brasileiras e, portanto, de maior paternalismo.

As aplicações do BEP na agropecuária representaram o total de ..... Cr\$ 14.340.935,00 em 1969, cabendo à pecuária 57% e à lavoura 43% desse total.

Também o Banco da Amazônia S.A., presente em Teresina, atua no interior do Piauí, embora o seu maior vo-

lume de transações seja feito na própria capital. Piri-piri, Campo Maior, Castelo do Piauí, na área de influência de Teresina, são beneficiados pelo BASA, que também opera em Parnaíba e Canto do Buriti com empréstimos ao comércio extrativista e a pecuaristas.

No setor bancário oficial Teresina desfruta de condições particulares, pois, situada na área de contato entre o Nordeste e a Amazônia, possui condições de crédito que favorecem as duas regiões conforme indicam os objetivos e as jurisdições dos bancos localizados na capital. Assim, as áreas de atuação das agências dos bancos do Brasil, do Nordeste e da Amazônia se interpenetram na área próxima da capital, de vida econômica e relacionamentos mais intensos com a cidade. Esta área, de mais densos vínculos com a cidade, está localizada ao longo do eixo que se estende dos municípios de Piri-piri, Castelo do Piauí, Campo Maior, Caxias, Codó e Coroatá, cujas sedes municipais são servidas de agências de bancos oficiais. Concentrando populações e recursos econômicos, estas cidades estão dispostas ao longo das vias de comunicação, que a partir de Teresina demandam ao Nordeste seco e aos trechos úmidos da Amazônia maranhense.

O recobrimento de áreas de atuação desses bancos é sobretudo visível no trecho inteiramente dependente da capital, e que inclui José de Freitas, Timon (MA), Parnarama (MA), Matões (MA), Agricolândia, Água Branca, Barro Duro, Demerval Lobão, Miguel Leão, Palmeirais, S. Félix do Piauí, Monsenhor Gil, Hugo Napoleão e S. Pedro do Piauí.

Concluindo sobre a área de atuação dos bancos localizados em Teresina e em sua região, pode-se verificar que a cidade se beneficia como concentradora das atividades bancárias do Estado. Na região constata-se a existência de 5

agências do Banco do Brasil nas cidades mais populosas, Campo Maior, Piripiri, Piracuruca, Luzilândia, União e Caxias (onde também se encontra o Banco da Amazônia e o Banco do Estado do Maranhão). Por seu turno, Campo Maior e Piripiri também possuem agências do BEP, também encontradas em Barras e José de Freitas.

Ao sul de Teresina, apenas uma agência do BNB é encontrada em Valença do Piauí, restando extensa área mais afastada da capital, totalmente dependente dos seus recursos creditícios.

Tendo em vista que o crédito constitui elemento central do processo de desenvolvimento, lembráramos que o acesso ao crédito em Teresina ainda é limitado, difícil para os habitantes de sua área de influência, e sobretudo daqueles dos municípios mais distanciados da capital. O desconhecimento dos mecanismos burocráticos e a distância das fontes de financiamento constitui, para seus possíveis usuários, agravantes mais sérios do que a existência do crédito em si mesmo.

Incorporam-se aos que não têm acesso aos serviços bancários, por razões óbvias, as populações rurais formadas por parceiros, moradores e assalariados e as populações urbanas marginalizadas, constituídas por subempregados ou desempregados.

## 4 - As atividades industriais de Teresina

Numa área de atuação que abrange municípios do Maranhão e do Piauí, Teresina é, no setor industrial, o centro de maior importância, com ..... Cr\$ 5.969.000,00 de valor de vendas e 1.653 pessoas ocupadas. Aliás, no qua-

dro das indústrias do Meio-Norte, cujos problemas reflete, é a segunda cidade.

A posição de Teresina, em relação aos eixos rodoviários do Nordeste, possibilitou seu desenvolvimento, em detrimento de São Luís. Assim, enquanto tende esta a estagnar, aquela apresenta significativo ritmo de crescimento.

### 4.1 - Características do Setor Industrial de Teresina

*A região subordinada a Teresina também é pobre no que diz respeito à indústria.* Apenas Caxias (valor de vendas Cr\$ 4.965.000,00), no Maranhão, União (valor de vendas ..... Cr\$ 1.365.000,00) e Timon (valor de vendas Cr\$ 1.180.000,00) no Piauí, apresentam maior realce, sendo que a última é um prolongamento da capital piauiense Salienta-se nesses centros, a produção de óleo bruto de babaçu. Em Teresina, além desta indústria, a têxtil tem vulto, igualmente.

Com valor de vendas superior a .... Cr\$ 100.000,00, Coelho Neto ..... (Cr\$ 595.000,00), Campo Maior .... (Cr\$ 372.000,00), José de Freitas .... (Cr\$ 293.000,00), Piripiri ..... (Cr\$ 280.000,00), Barras ..... (Cr\$ 267.000,00), Luzilândia ..... (Cr\$ 138.000,00) e Esperantina .... (Cr\$ 112.000,00), são os núcleos imediatamente inferiores. Geralmente são dotados de indústrias de beneficiamento ou de transformação da cera de carnaúba e de usina de arroz. Em Coelho Neto há uma usina de açúcar. Nos demais a indústria tem pequena expressão econômica ou não tem nenhuma na realidade.

Com relação ao pessoal ocupado, destacam-se, além de Teresina, os centros de Coelho Neto (519 pessoas), Caxias (256 pessoas), Campo Maior (196 pes-

soas), Pedro II (190 pessoas) São Miguel do Tapuí (131 pessoas), Amarante (131 pessoas) e União (110 pessoas).

A pobreza da região reflete-se ainda no fato de ser pequeno o número de municípios que contam com indústrias propriamente ditas, isto é, com 5 ou mais pessoas e valor de vendas superior a Cr\$ 10.000,00, em 1965. Entre eles estão os já acima mencionados, exceto Luzilândia, e acrescentados de Amarante, Duque Bacelar, Castelo do Piauí e Pimenteiras. Apenas em Castelo do Piauí há beneficiamento da cera; nos demais municípios existem indústrias de produtos alimentares, sendo que, em Amarante e Pimenteiras são estabelecimentos de produção de açúcar bruto e rapadura; Duque Bacelar possui usina de arroz.

A *atividade artesanal*, englobada no Registro Industrial, *encontra-se muito expandida na área, inclusive em Teresina*. Tomam-se como de tal natureza os estabelecimentos com menos de 5 pessoas ocupadas e valor de vendas inferior a Cr\$ 10.000,00. Em Teresina, 48% do número de firmas se encontram neste caso. Na região, 19 dos 58 municípios só possuem artesanatos.

Afonso Cunha, Arraial, Demerval Lobão, Hugo Napoleão, Monselhor Gil e Prata do Piauí não contam com nenhum tipo de estabelecimento ligado à atividade secundária, seja industrial, seja artesanal.

Os tipos de indústria assinalados condicionam a oscilação de mão-de-obra, que, de maneira geral, é grande na Região.

Em José de Freitas, onde têm importância, como mercado de trabalho, as indústrias de minerais não metálicos (tijolos e telhas) e bebidas (aguardente), que se relacionam com o período seco (janeiro-junho), para a fabricação, no caso das primeiras, e para a colheita, no das segundas, a oscilação corre por conta desses ramos. No

município ocorre a maior flutuação de mão-de-obra, no transcurso de um ano. Na estressafra, o número de pessoas ocupadas reduz-se à metade.

Em Campo Maior e em Piripiri, verifica-se o mesmo fato, mas em menores proporções. No primeiro, é a indústria de minerais não-metálicos (telhas e tijolos) a responsável; no segundo, e a de madeira.

*A região de Teresina caracteriza-se, pois, pela predominância de municípios em que ocorre o desemprego sazonal*. Todavia, Caxias e União não apresentam este problema. As indústrias de óleos (nos dois) e têxtil (em Caxias) são responsáveis pela pequena flutuação existente, mas que não causa desemprego sazonal significativo.

A falta de horizontes de trabalho também é característico da área, pois as indústrias não apresentam crescimento igual ao da população.

## 4.2 - Estrutura do Setor

A expansão da atividade industrial é um reflexo do desenvolvimento da cidade e de seu papel regional. Deu-se, a partir da década de 50, conforme atesta o aumento de estabelecimentos instalados. Anteriormente era pequeno o total de firmas criadas. Tanto que, de 1918 (data da fundação da primeira indústria, dentre as que até hoje existem) a 1950 o ritmo de instalação industrial foi da ordem de 0,4 estabelecimentos por ano.

A aceleração deu-se de 1950 a 1967, quando o índice atingiu 7,5 indústrias por ano. Dentro deste segundo período, a fase entre 1963 e 1965 foi a que registrou maior expansão industrial, com ênfase nos estabelecimentos de fabricação de telhas e tijolos, englobados nos ramos de minerais não-metálicos.

O impulso para tal desenvolvimento foi proporcionado pela expansão da indústria de construção, por sua vez

OCEANO ATLÂNTICO

# PIAUI

## REGIÃO DE TERESINA

### INDÚSTRIAS 1965

NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS,  
PESSOAL OCUPADA E VALOR DE VENDAS

MARANHÃO

Rio Parnaíba

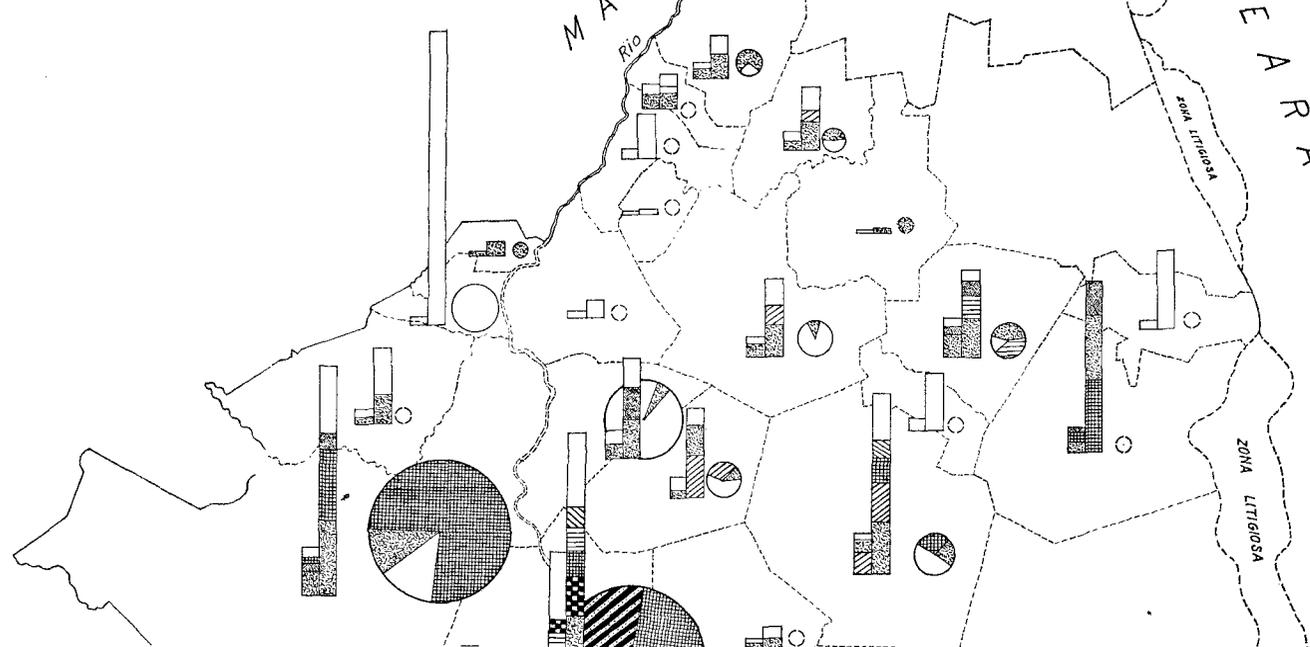
CEARÁ

ZONA LITIGIOSA

ZONA LITIGIOSA

ZONA LITIGIOSA

3°  
4°  
5°



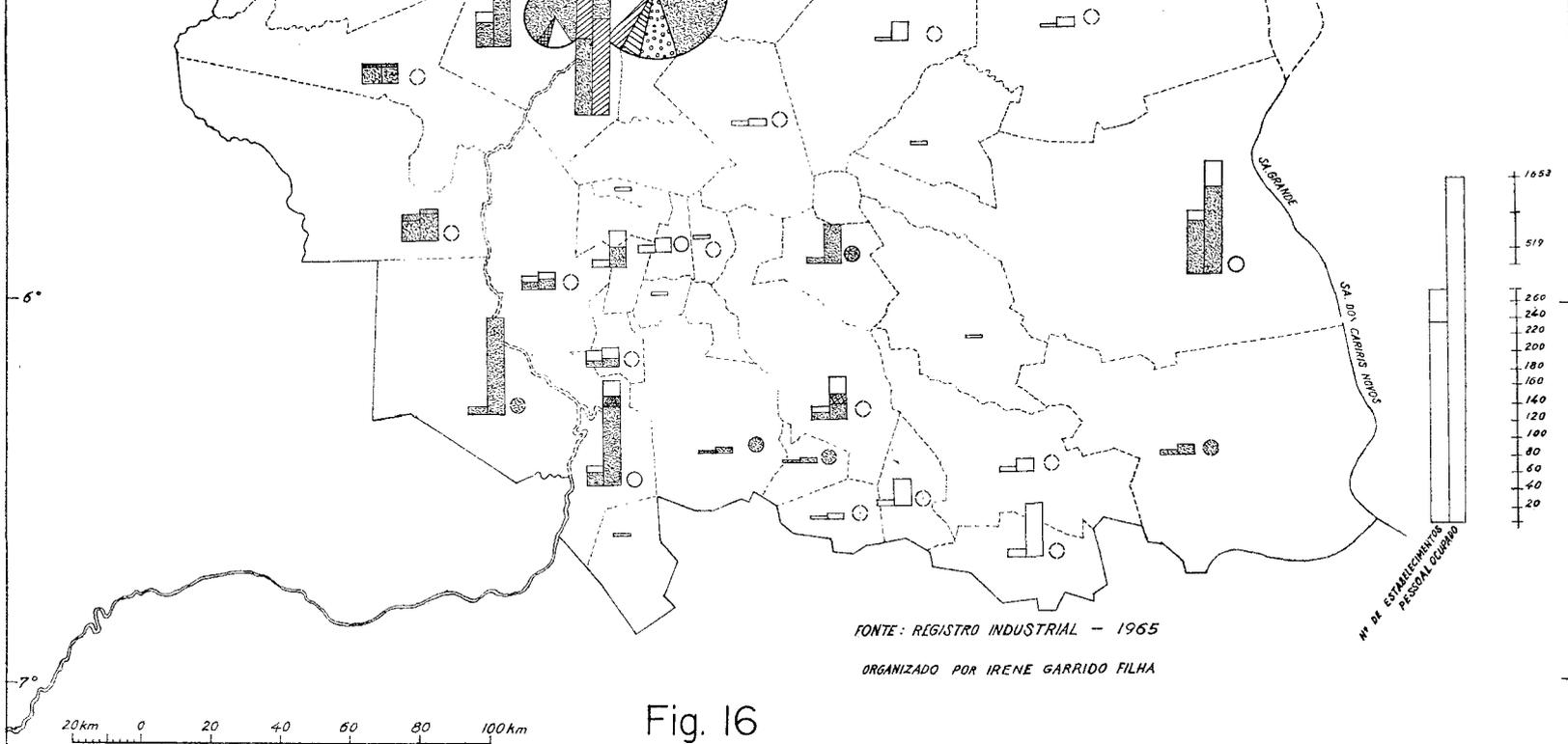
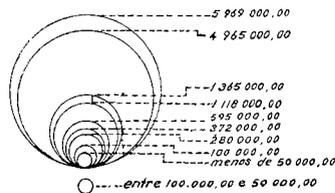


Fig. 16

VALOR DE VENDAS (Cr.\$)



 MINERAIS NÃO-METÁLICOS

 MADEIRA

 MOBILIÁRIO

 QUÍMICA

 PRODUTOS DE PERFUMARIA, SABÕES E VELAS

 TÊXTIL

 VESTUÁRIO, CALÇADO, ARTEFATO DE TECIDOS

 PRODUTOS ALIMENTARES

 BEBIDAS

 EDITORIAL E GRÁFICA

 DIVERSOS

8°

44°

43°

42°

41° W. Greenwich  
FRANK HOLMES

resultante do crescimento da cidade a partir da década referida. Somente em 1966, em decorrência do plano habitacional, foram construídas, em Teresina, 3.000 casas. O mesmo fator provocou o incremento dos ramos de madeira e de móveis, que tiveram seus números aumentados, embora em menor proporção que o acima citado.

*De todos os centros da região é Teresina o que apresentou maior diversificação de estabelecimentos industriais e o maior número de indústrias propriamente ditas. Com relação ao primeiro fato, apenas Parnaíba dela se aproxima. A variedade de ramos industriais denota a existência de um centro urbano relativamente mais desenvolvido e que, por conseguinte, apresenta mercado consumidor mais significativo, em quantidade e qualidade. Existem, na capital piauiense, ramos tais como metalurgia e mecânica. A primeira trata de produção de esquadrias e telas de metal. Apesar de se tratar de linha de produção pouco importante da indústria metalúrgica, foi instalada, porque aí há mercado consumidor, não encontrado nos outros centros da região. A indústria mecânica é original, pois fabrica motores. Também a de vestuário e a de calçados formam um centro mais desenvolvido que os demais da região.*

Com relação ao número de indústrias, propriamente dito, destaca-se mais ainda Teresina, na região e no Estado. Sua importância é maior pelo fato de que em todos os ramos encontrados, inclusive nos de bens de consumo, há estabelecimentos industriais, no rigor da expressão. Quanto ao beneficiamento da produção agrícola ou extrativa regional, as maiores firmas não se encontram na capital. Sob este ponto de vista os empreendimentos mais vultosos se acham em Parnaíba. (Moraes S.A. Indústria e Comércio) e em União (Gervásio Costa S.A.); o primeiro, no centro da área produtora da cera de

carnaúba (básica para o desenvolvimento da indústria correspondente, que se diversificou posteriormente) e o segundo numa área grande produtora de babaçu. Em Teresina, no setor de óleos, salienta-se apenas a firma Freitas Leal, de menor importância que as acima citadas.

#### **4.2.1 - As indústrias de beneficiamento da produção regional**

*Eram as indústrias de beneficiamento da produção regional, em 1965, os ramos mais importantes, em Teresina, não pelo número de pessoas ocupadas (9,4%), mas pela importância econômica (52% do valor de vendas). Salientam-se as indústrias químicas (extração de óleo de babaçu e de algodão) e têxtil (produção de algodão em pluma).*

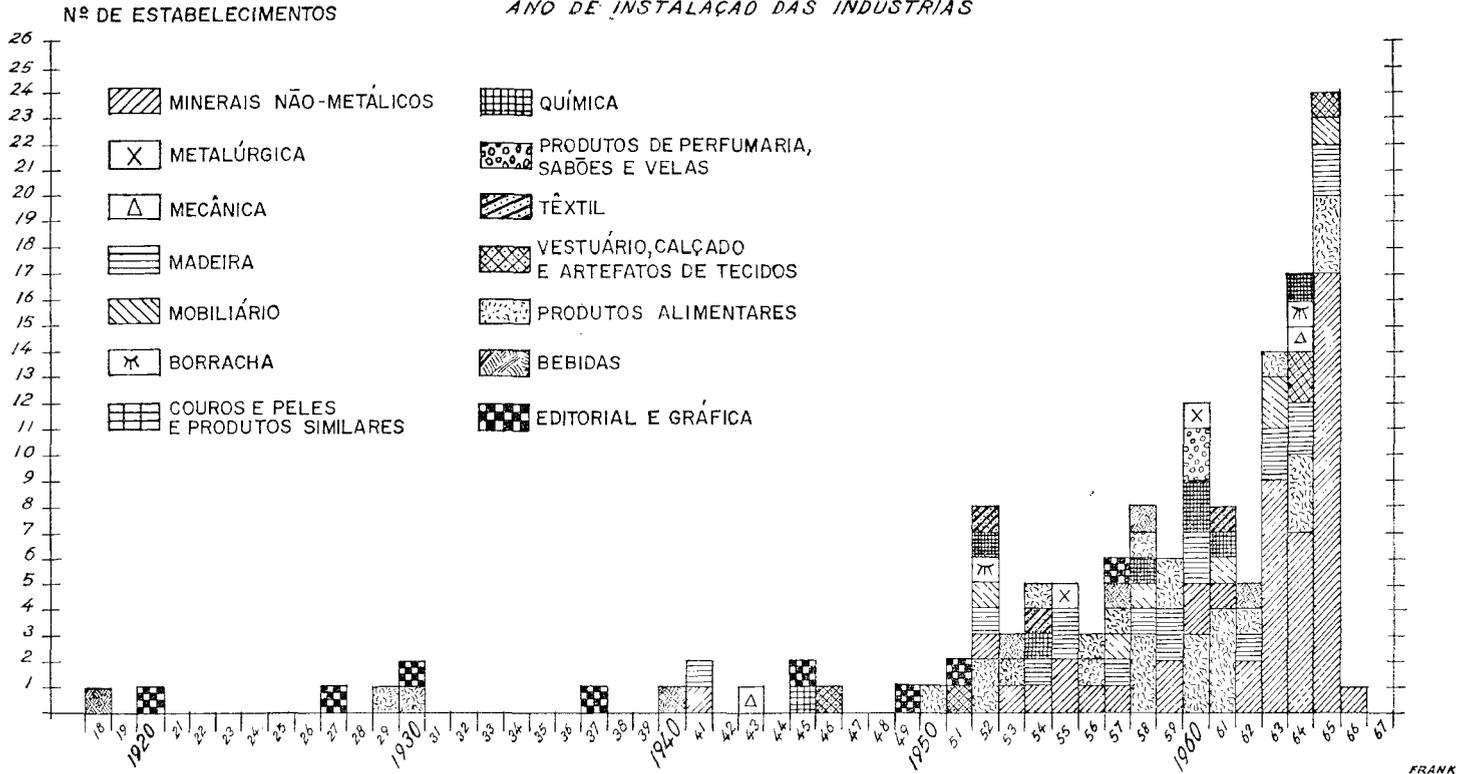
Nos mesmos prédios, há várias linhas de produção; óleo bruto, óleo refinado, sabão, sendo que os dois últimos estão entre os ramos industriais de produção de bens de consumo, setor dinâmico das indústrias de Teresina. Com os problemas existentes, alguns têm intensificado a produção de sabão e pretendem mesmo utilizá-la para substituir a produção tradicional.

Todas as indústrias são mecanizadas, possuindo prensas Piratininga, compradas diretamente através de pedidos à fábrica e funcionam em prédios próprios. Seus proprietários são antigos comerciantes e muitos acumulam esta profissão até hoje.

As indústrias de óleo recebem amêndoas de babaçu de uma ampla área que compreende os municípios do vale do Parnaíba e regiões próximas e ele, principalmente no Maranhão (60%). Já o caroço de algodão é proveniente de municípios mais afastados, como Picos, Canto do Buriti, São João do Piauí, Elesbão Veloso e Floriano, no Piauí; e Coroatá, Codó, Barra do Corda, Colinas e Paraibano, no Ma-

# TERESINA

ANO DE INSTALAÇÃO DAS INDÚSTRIAS



ORGANIZADO POR: IRENE GARRIDO FILHA

Fig.17

FONTE: DEICOM

FRANK

# TERESINA - INDÚSTRIAS PROCEDÊNCIA DAS MATÉRIAS PRIMAS

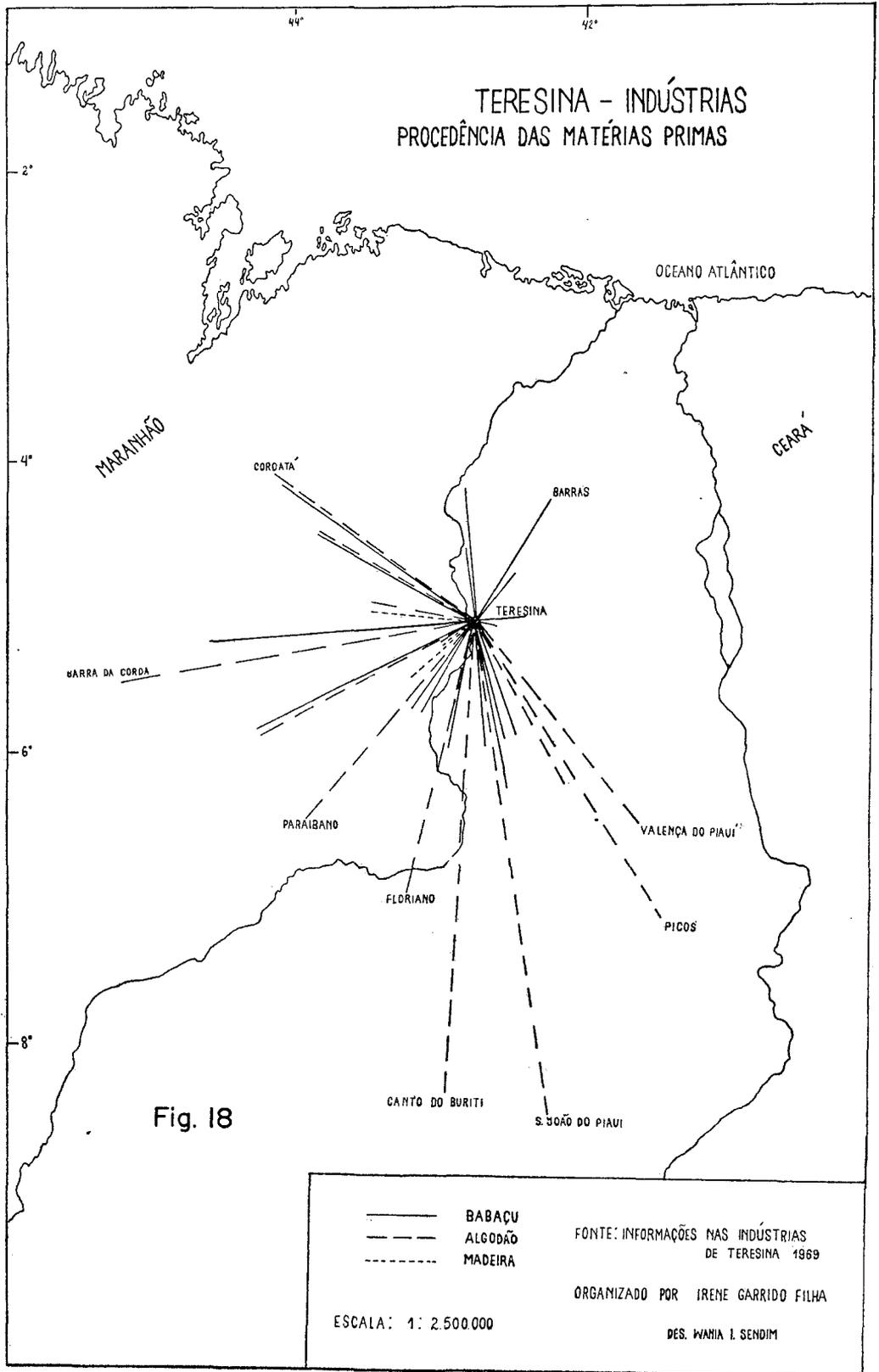


Fig. 18

- BABAÇU
- - - ALGODÃO
- · · MADEIRA

FONTE: INFORMAÇÕES NAS INDÚSTRIAS  
DE TERESINA 1969

ORGANIZADO POR IRENE GARRIDO FILHA

ESCALA: 1: 2.500.000

DES. WANIA I. SENDIM

ranhão. A maioria localiza-se fora da região subordinada a Teresina. O Piauí contribuiu com 70% do total chegado a Teresina. Picos e Floriano enviam também óleo bruto.

O processo de comercialização desenvolve-se a partir da aquisição da matéria-prima a pequenos comerciantes, que são grandes proprietários nas áreas produtoras. Não há financiamento da produção agrícola ou extrativa; o pagamento é feito a vista. O caroço de algodão é comprado aos proprietários de usinas de beneficiamento do algodão bruto. Nas maiores indústrias a produção é estocada para trabalhar 30 a 60 dias.

O algodão em pluma se destina a Minas e Pernambuco; o óleo bruto, ao Sudeste. A produção de óleo refinado é consumida no Maranhão e Piauí. A torta do babaçu é vendida na porta e se destina à Alemanha e Holanda, através do porto de São Luís.

*As indústrias de óleos e as têxteis (das quais a mais importante é a Freitas Leal) estão em retração, não apenas em Teresina, mas em todo o Meio-Norte, como resultados da concorrência de similares do Sudeste e da falta de organização industrial e de espírito empresarial, e pelo fato de apresentar entressafra provocadora de ociosidade, um dos mais graves problemas nesse tipo de indústria, no Nordeste. A safra do babaçu estende-se de setembro a janeiro, e a do algodão, de outubro a março. Na entressafra, as indústrias param completamente. Indústrias têxteis, havia 5, hoje, reduzidas a uma apenas. Das indústrias de óleo, somente uma continuará em Teresina, segundo informações de industriais locais, o que resultará na maior importância do babaçu, relativamente ao algodão.*

#### **4.2.2 - As indústrias de bens de consumo**

*As indústrias de bens de consumo compreendem os setores mais dinâmicos*

*das indústrias de Teresina: minerais não-metálicos (telhas e tijolos), produtos alimentares (massas alimentícias e óleo refinado), mobiliário, sabão, bebidas e madeira.*

As de produtos alimentares são as mais importantes, no que diz respeito ao valor de vendas. Quanto ao pessoal ocupado, são as de minerais não-metálicos, produtos alimentares e de madeira as de maior expressão. Visam, sobretudo, ao atendimento do mercado de Teresina, mas procuram, também, conquistar cada vez maior número de consumidores no interior.

Recebem matéria-prima de fora da região, exceto no caso das madeiras para serrarias, que vêm de Timon, Caxias e Matões. Os produtos comprados fora da região são comercializados através de viajantes ou de pedidos diretamente ao produtor. A madeira comprada na área é adquirida por arrendamento da mata, na zona produtora, por parte dos donos de serrarias de Teresina.

Destinam a produção para a capital e para outros municípios da região, utilizando intermediários. Algumas indústrias têm representantes em cidades da região; outras dispõem de transporte próprio para levar o produto ao consumidor do interior.

O período de maior produção varia de acordo com o artigo; a de massas alimentícias aumenta na Quaresma. A fabricação de motores realiza-se no inverno, quando não há muito trabalho na oficina de reparos do mesmo proprietário e que emprega os mesmos operários.

As maiores firmas de Teresina no ramo de bens de consumo compreendem aquelas que empregam entre 20 e 49 pessoas: 3 olarias, 1 de mobiliário, 1 de couro, 2 de produtos alimentares (usina de açúcar e padaria), 1 jornal e 1 empresa de produção de livros comerciais. No grupo de indústrias de beneficiamento da produção regional,

apenas 2 indústrias de óleo estão no mesmo nível.

Com 10 a 19 pessoas ocupadas, há uma de produção de esquadrias de metal, grades, etc.; 1 de mobiliário, 1 de recondicionamento de pneus, 1 de vestuário, 6 de produtos alimentares, 3 de bebidas e 2 editoras. A estas se assemelham, em relação ao grupo de pessoas ocupadas, 4 indústrias de óleo e 3 têxteis.

O elevado valor de vendas das indústrias de beneficiamento da produção regional é o que as diferencia das outras. Nenhuma indústria de bens de consumo tinha valor de vendas superior a Cr\$ 200.000,00, em 1965. Entretanto, somente 3 de beneficiamento da produção regional registravam valor inferior.

A fabricação de sabão é um dos mais dinâmicos ramos das indústrias de Teresina, porque as de beneficiamento da produção regional têm-se transformado em indústria de sabão, a qual encontra no Maranhão seu maior mercado comprador (65% do total).

#### 4.2.3 - A mão-de-obra industrial

*Os trabalhadores das indústrias de Teresina são geralmente originários da zona rural do Estado, que buscam a capital à procura de melhores condições de vida. Nem todos os migrantes encontram emprego, pois a procura é muito maior do que a oferta. O mercado de trabalho de Teresina é limitado. Assim, além do problema do desemprego sazonal, há o da falta de trabalho. Várias indústrias acusaram procura de emprego por mais de 15 pessoas, por semana.*

*Certos ramos industriais apresentam oscilação de mão-de-obra, com desemprego sazonal. É o caso das indústrias de óleos e têxteis e das olarias. As demais, se têm flutuação, ela se deve a encomendas. É o caso das indústrias*

de móveis, serrarias e fábrica de motores.

*O nível de instrução do operariado é muito baixo; a maioria é de analfabetos. Apenas os que trabalham em máquinas ou fazem qualquer serviço semi-especializado têm curso primário, geralmente incompleto.*

Existe o ensino especializado, em Teresina. Na escola técnica são ensinados ofícios, mas os alunos formados não se fixam na cidade. Procuram no Sudeste melhores condições de vida. Assim, o pessoal mais capacitado migra e a mão-de-obra continua adquirindo semi-especialização diretamente nas indústrias.

Não há, portanto, condições de melhoria da formação técnica do operariado. A questão é que as indústrias não oferecem salários de acordo com a especialização do operário, por um lado; e, além disso, poucas indústrias de Teresina exigem para seu desenvolvimento a especialização do operariado.

São chamados de semi-especializados os operários que se dedicam a apenas uma modalidade de ocupação, a qual exige prática. Os semi-especializados, na indústria de óleos, trabalham nas máquinas; nas olarias, nos fornos. São eles mais bem remunerados.

*Nem todos os operários recebem salário fixo; muitos são contratados por produção. As indústrias de óleos e as têxteis pagam salário. Nas olarias, apenas os grandes estabelecimentos o fazem; os outros pagam por produção. Há divisão de trabalho: uns se ocupam com a forma do tijolo ou da telha, e outros, com o forno. Ganham melhores salários e são, geralmente, homens. Existem os que enfileiram os tijolos nos fornos e os transportam daí para a porta, onde aguardam o caminhão. Ganham menos e trata-se quase sempre de mulheres ou de menores.*

Há indústrias de móveis que também adotam divisão de trabalho: as que

produzem cadeiras tecidas com plástico. O trabalho de tecer o plástico é feito por menores.

Em algumas indústrias, pagam parte em salário e parte por produção. Apenas em uma existe o sistema de prêmios por equipe, forma capitalista mais evoluída de aumentar a produtividade.

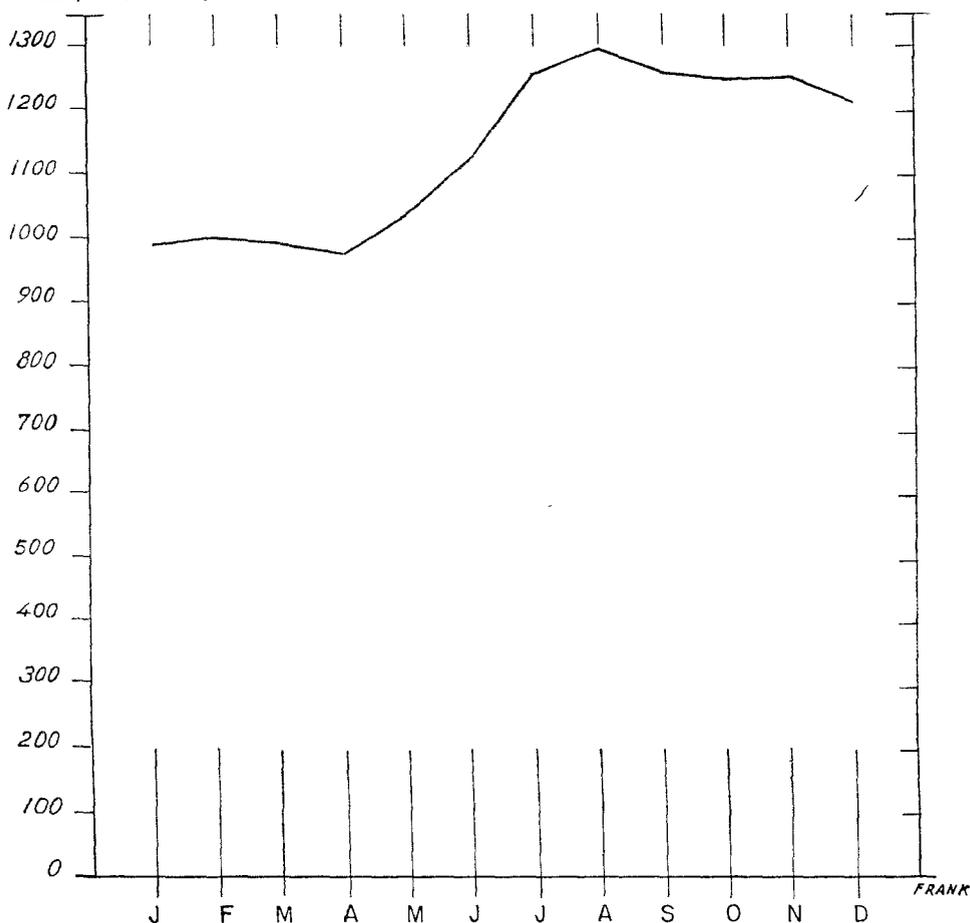
Este sistema é empregado por uma filial de firma do Recife.

Há melhorias na assistência médica e exames preventivos, através dos serviços do INPS. Algumas indústrias organizaram cooperativas que atendem em casos de doença ou morte na família do operário.

## TERESINA - 1967

### OSCILAÇÃO DA MÃO-DE-OBRA INDUSTRIAL

N.º de pessoas ocupadas



107

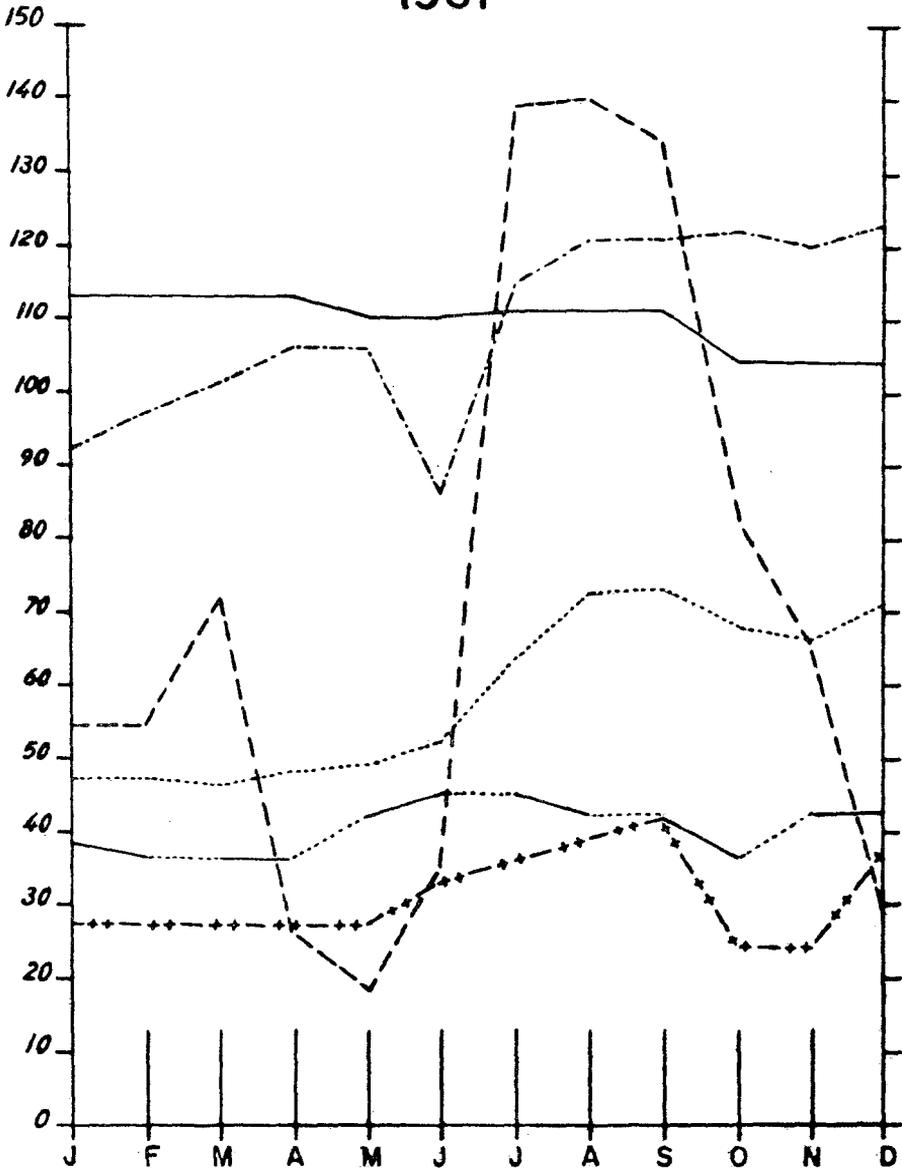
ORGANIZADO POR: IRENE GARRIDO FILHA  
FONTE: DEICOM

Fig.19A  
DivEd/D-J.A.C.

# OSCILAÇÃO DA MÃO-DE-OBRA EM ALGUNS MUNICÍPIOS DA REGIÃO DE TERESINA

N.º de pessoas ocupadas

1967



LEGENDA

--- CAMPO MAIOR  
 — CAXIAS  
 ..... PIRIPIRI

— UNIÃO  
 +++ TIMON  
 -.-.- JOSÉ DE FREITAS

Fig.19B

ORGANIZADO POR: IRENE GARRIDO FILHA  
 FONTE: DEICOM

FRANK HOLMES  
 DivEd/D-JAC.

### 4.3 - Os problemas das indústrias de Teresina

As indústrias tradicionais (têxtil e de óleos) encontram-se em crise. O algodão não tem possibilidade de concorrer com o do Sul do país. O babaçu, que produz óleo comestível de boa qualidade, tem sido substituído por outras oleaginosas naquela área. Apenas para a produção do sabão de coco é que não sofre concorrência. O problema, nesses setores, é o mesmo de todo o Meio-Norte. Só conseguem sair da crise as indústrias mais bem estruturadas e as que têm algum contacto com as similares do Sul, o que lhes permite melhorar a qualidade da produção.

As condições industriais se agravam pela citada característica de dependência sazonal, determinante de periódica ociosidade. Toda a atividade fabril se concentra na época da produção agrícola ou da extrativa, a elas se subordinando. Isto acarreta problemas não só de desemprego, como de parada da indústria, com suas graves consequências econômicas.

Uma política de facilidade de financiamento, de preços mínimos, ou qualquer outra nesse sentido, representaria, tão só, um paliativo, pois não é apenas a oscilação da produção, em função do mercado internacional, que atinge as indústrias desse ramo no Meio-Norte.

O cerne do problema das indústrias de beneficiamento dos produtos regionais reside na própria produção de matérias-primas. A exploração do babaçu é uma atividade extrativa. Necessária se torna uma pesquisa sobre as características da planta, a fim de estabilizar-lhe a produção. No caso do algodão, deveria ser feita a melhoria do cultivo. Precisa-se de uma política global, referente não só à industrialização, mas também ao melhoramento do cultivo dos produtos.

*As indústrias mais dinâmicas compreendem as de bens de consumo, em expansão, mas que não têm muitas possibilidades, por falta de mercado consumidor. Há, no entanto, algumas indústrias desse grupo que não constituem setores dinâmicos da economia: a de curtimento, por exemplo. O curtume que existe em Teresina está fechado. Há um grupo de Novo Hamburgo nele interessado.*

Criou-se em Teresina um órgão destinado a desenvolver as indústrias, na capital e em todo o estado. O FOMINPI — Fomento Industrial do Piauí — é uma sociedade de economia mista destinada a prestar assistência às médias e pequenas empresas, e a instalar o distrito industrial. (Aliás, a idéia da criação de distritos industriais, em algumas cidades do Nordeste, é da SUDENE). Este último intento baseia-se no fato de que o Piauí tem posição privilegiada — entre o Ceará e o Maranhão — fato que o torna muito interessante do ponto de vista da atração de empresas industriais para a valorização de matérias-primas e recursos minerais da região. No entanto, até 1970, apenas uma firma se localizara no distrito industrial, a White Martins.

Há, também, por parte do FOMINPI, interesse em promover uma política de substituição de importações: de cervejas, plásticos, celulose (a partir da cera de carnaúba), doces, etc. Existem projetos em estudo, nesses setores, no referido órgão. Aprovados poderão permitir o aproveitamento das possibilidades do ramo das indústrias de bens de consumo. Este setor é o que apresenta melhores condições de expansão, sobretudo através de diversificação de produtos. O aumento da produção só poderá ser feito por meio da expansão do mercado consumidor.

A atuação da SUDENE, no Piauí, é restrita, limitando-se a apoiar os projetos de instalação ou ampliação de indústrias, por solicitação dos empre-

sários locais. Assim, Teresina conta com 6 dos 13 projetos aprovados para o Piauí, dos quais 5 se referem a indústrias, onde se destacam as de produtos alimentares e a instalação da rede de telefones. Desses projetos, dois datam de 1963, um, de 1965, um, de 1968 e um, de 1969.

A SUDENE precisa dinamizar sua presença no Piauí especialmente em Teresina. Aliás, tal atuação é fraca nos dois Estados do Meio-Norte; entretanto, o Maranhão conta com a vantagem de possuir parte do território na área de ação da SUDAM, gozando, assim, dos benefícios dos dois órgãos. Desta maneira, a situação do Piauí é mais precária ainda, necessitando assim de maior impulso.

## 5 - As atividades comerciais em Teresina

### 5.1 - Considerações Preliminares

#### 5.1.1 - Comparação com outras cidades do Nordeste

As atividades comerciais de Teresina dizem respeito à cidade que é a sede administrativa do Estado e que reúne o maior contingente da população urbana, correspondendo ao seu maior mercado de consumo e maior centro de produção industrial.

Nestes aspectos Teresina se identifica com diversas capitais nordestinas, do mesmo modo que na baixa capacidade aquisitiva de seus habitantes e no papel do funcionalismo público como principal camada consumidora.

No entanto, ainda em 1960, a atividade comercial de Teresina não apresentava características de um processo

que já ocorria em várias capitais nordestinas, cuja faixa de população se situava entre 100.000 e 150.000 habitantes. Verifica-se, por exemplo, que, enquanto em cidades da fachada oriental já acusavam certo esmorecimento em 1960, na capital do Piauí se mostravam em ascensão nesse ano.

#### 5.1.1.1 - Uma atividade com características de retardamento

O comércio de Teresina apresenta *características de retardamento*, quando comparado a diversas cidades nordestinas com a faixa de população assinalada anteriormente. Expressam-se estas características na evolução daquelas atividades na capital piauiense e no seu subdesenvolvimento mais acentuado.

##### 5.1.1.1.1 - O retardamento na evolução das atividades comerciais

Um dos aspectos do retardamento é demonstrado pelo processo de concentração comercial a que aludimos acima. Este fenômeno explica-se em parte pelas próprias condições urbanas do Estado, no qual se assinala o desdobramento das funções de comércio entre a capital e outras cidades, como Floriano, Picos, mas principalmente Parnaíba. Os dados relativos à evolução do número de estabelecimentos comerciais, entre 1940-60, demonstram que, ao mesmo tempo em que se afirma a tendência à concentração comercial em Teresina, declina o número de unidades dos outros centros do Piauí, enquanto o Estado acusa crescimento relativo inferior ao da capital.

No entanto, ainda em 1960, Parnaíba concorria com o maior volume de vendas no atacado, perfazendo mais de 40% do total estadual. Quanto a salários pagos no comércio, Teresina respondia por 30,3% do total do Piauí, enquanto Parnaíba acusava 44,4% su-

perando a capital graças à importância de seu setor grossista.

O atraso na evolução das atividades comerciais de Teresina em relação a diversas cidades nordestinas também pode ser avaliado quando se compara o crescimento de seu setor grossista com o de outros centros urbanos da região. No período 1950-1960 várias cidades já demonstravam sinais de declínios naquele ramo de comércio, em função do incremento do sistema de vendas diretas das fontes de produção ao varejo. Nesse mesmo período mostrava-se o atacado em expansão em São Luís e em Teresina, revelando na última crescimento relativo mais acentuado do que o do setor varejista, quanto aos estabelecimentos.

**5.1.1.1.2 - O retardamento em função de um subdesenvolvimento mais acentuado**

Essas características do comércio de Teresina podem ser aferidas mediante as receitas proporcionadas pelos estabelecimentos conforme o Quadro XVII.

A exceção de Campina Grande, a relação do número de estabelecimentos por mil habitantes entre as cidades incluídas no grupo de 100.000 a 150.000 indivíduos mostra-se relativamente equivalente. Mais expressivos são, porém, os resultados da relação entre número de estabelecimentos e receita comercial. Neste particular, cabe a comparação com cidades do Sudeste do país incluídos na mesma faixa de população.

Revela-se o nível mais baixo de Teresina e as médias mais elevadas das demais cidades, sobretudo as do Sudeste do país.

A própria receita do setor atacadista por estabelecimento na capital do Piauí, mesmo em sua fase de ascensão, mostrava-se inferior ao de centros urbanos nordestinos, nos quais aquele

ramo de comércio já diminuía em número de unidades.

**QUADRO XVII**  
**TERESINA**  
**RECEITA DO COMÉRCIO ATACADISTA**  
**POR NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS**

| CIDADES                      | 1960<br>(Cr\$ 1 000) |
|------------------------------|----------------------|
| Teresina.....                | 6 944,86             |
| Campina Grande.....          | 14 348,93            |
| Crato-Juazeiro do Norte..... | 9 497,85             |

Fonte: Censo Comercial e de Serviços de 1960.

O subdesenvolvimento da atividade comercial também pode ser aferido através da capacidade aquisitiva da população, que transparece na comparação de níveis de consumo entre alguns centros urbanos. Dados resultantes da pesquisa efetuada pelo ETENE em 1968, relativos à Estimativa da Disponibilidade total de Bens Duráveis de Uso Domiciliário (Manual de Estatísticas Básicas do Nordeste), aplicada a diversas cidades nordestinas, constata a generalização dos fracos níveis de consumo, ou de disponibilidade para artigos industriais.

Ainda como manifestação destes aspectos mais subdesenvolvidos da economia comercial de Teresina, pode ser apontado o predomínio dessa atividade como fonte de salários em relação a serviços e indústria, quando em diversas cidades nordestinas aquela se equiparava nesse particular ao setor secundário ou já se mostrava inferior.

Relaciona-se nesse aspecto a uma condição do próprio Estado, que diz respeito à participação dominante do comércio, entre as rendas oriundas dos diversos setores de atividade, logo após a agropecuária, condição esta relacionada ao legado da economia de exportação na vida do Piauí.

### 5.1.2 - A atividade comercial e a evolução urbana de Teresina

As características de retardamento assinaladas na atividade comercial de Teresina, dentro do Nordeste, identificam-na com as próprias condições da economia estadual em relação à grande região. Mas o comércio apresenta particularidades que se relacionam ao processo de evolução urbana da cidade.

A implantação da capital quase na confluência do rio Poti com o Parnaíba fez-se na franja da principal zona algodoeira do Maranhão. A área de Teresina registrou certa produção, superada, porém, pela de Amarante, favorecida por trecho de várzea local.

A capital do Piauí manteve também posição relativamente marginal em relação a outras atividades econômicas do Estado; a pastoril, centralizada principalmente em torno de Campo Maior; a borracha de maniçoba, que promoveu Floriano; a cera de carnaúba, que impulsionou a exportação em Parnaíba ou novamente o algodão, que passou a ter maior desenvolvimento na região de Picos.

Teresina não se constituiu, portanto, em centro de uma área de produção comercial, não logrando, assim, estruturar uma região própria, ao contrário de diversas capitais do Nordeste. Conseqüentemente, não veio a contar com um comércio atacadista, que correspondesse a uma função de coleta mais importante.

As margens do rio Parnaíba, Teresina era mais um dos aglomerados que se distribuíam ao longo daquela via fluvial, por onde se expediam produtos da coleta local e por onde se recebiam mercadorias desembarcadas em Tutóia ou Amarração e recambiadas pela cidade de Parnaíba.

Deste modo, a capital não contou também com uma função exportadora de maior expressão. O papel de ponto final de escoamento da produção foi detido por Parnaíba. Teresina integrou-se no sistema comercial de exportação, como outros tantos aglomerados do Piauí e Maranhão, isto é, através de postos de compra de matérias-primas, geralmente filiados a matrizes sediadas naquela cidade, como a Casa Inglesa ou a Marc Jacob. A capital não se comparava, igualmente, nesse particular, com Floriano, onde a borracha da maniçoba fez desenvolver esse mesmo comércio exportador, que chegou a provocar transferência de firmas de Amarante.

Por outro lado, apesar de uma localização planejada, visando maior comunicação entre interior e litoral, Teresina não gozou de posição privilegiada face aos principais eixos de circulação vigentes até recentemente no Nordeste Ocidental. Não se distinguiu a capital do Piauí como local de cruzamento ou de mudança de transporte, condição que propiciou certo impulso a Floriano e a Caxias, esta no contato entre a navegação fluvial do Itapicuru e a ligação ferroviária com as capitais do Piauí e Maranhão.

A implantação de estradas de ferro no Nordeste Ocidental não logrou beneficiar Teresina, nem concorrer com êxito com a via fluvial. O ramal estabelecido entre essa cidade e Caxias confirmou, apenas, a ascendência comercial do circuito maranhense, apoiado na zona algodoeira do Itapicuru e no porto de São Luís. Deste modo, a instalação da ferrovia São Luís-Teresina expressou principalmente a tradicional ligação do Piauí aos interesses comerciais da capital do Maranhão. Por sua vez, a estrada de ferro Central do Piauí, durante longo tempo interrompida em Piripiri, veio a afirmar sobretudo o papel de Parnaíba no escoamento

mento da cera de carnaúba e tucum da área servida por aquela linha.

Essas condições da evolução urbana de Teresina mostram um exemplo de cidade que se sustentou na função de sede administrativa estadual. Como capital, tornou-se centro de contingentes militares e de funcionários, local de residência de grandes proprietários, confirmando um crescente absentismo dos fazendeiros em relação às suas terras. Apesar das dificuldades de comunicação com o interior, já se fazia valer sua posição de contato com as áreas de maior produção e densidade demográfica do Piauí. Comerciantes desse interior, que acumulavam cargos públicos, vinham ter a capital, onde resolviam assuntos da alçada administrativa e onde realizavam compras para abastecer seus estabelecimentos.

Ao focalizar-se a atividade comercial de Teresina, cabe considerar, portanto, que, apesar de ter sido sempre o principal centro urbano do Estado, não comportou, até 1960, as funções comerciais mais importantes, baseadas no atacado de exportação. Contrariando os padrões estaduais, o comércio da capital assumiu importância maior no varejo.

Novas condições vêm se elaborando no comércio a partir dos anos 50. Influíu nesse particular o deslocamento do eixo comercial do litoral para o interior, em função da deterioração da economia de exportação de bens primários e da crescente participação do Piauí no suprimento de alimentos para o mercado nordestino e para sua própria população em expansão. Rompido o sistema organizado em torno da exportação, vem se processando a concentração do comércio em Teresina, a um tempo em que declinam as funções dos centros tradicionais.

A atividade comercial da capital adapta-se igualmente à expansão acentuada da população da cidade, a partir dos

anos 50, no que se refletiu um fenômeno de ordem regional, como foi o crescimento generalizado do setor urbano no Nordeste, naquela década. A essa expansão de Teresina se somaram os impulsos gerados pela esfera federal que, através da implantação rodoviária, atribuiu à capital do Piauí importante posição como entroncamento de estradas de rodagem.

Nesse processo de valorização da hinterlândia do Estado, que recorda os passos iniciais de seu povoamento, a capital do Piauí se impõe, no presente, como a cidade com população superior a 150.000 habitantes mais interiorizada do Nordeste. As grandes distâncias que a separam de cidades importantes como Fortaleza, São Luís ou de centros como Sobral e Crato—Juazeiro do Norte conferiram à sua posição geográfica uma feição estratégica particular a que se somam as crescentes facilidades de comunicações terrestres com o Nordeste e o Centro—Sul do país.

Ao contrário da capital do Maranhão, que vem sofrendo contínua perda de posição no cenário urbano nacional, Teresina tem diante de si perspectivas que se abrem com a progressão dos eixos rodoviários que avançam para as áreas úmidas do Maranhão.

Deste modo, somente em nossos dias, passou Teresina a desempenhar uma das funções que lhe foram destinadas quando passou a substituir Oeiras como capital do Estado. Entre outras causas, traduziu-se nessa operação a preocupação de enfrentar a concorrência comercial de Caxias, como posto intermediário de São Luís e de desviar para as águas do Parnaíba as rendas de uma produção que se escoava pelo Itapicuru.

Localizada à retaguarda das áreas pioneiras agrícolas do Maranhão, Teresina captura atualmente o trecho de

maior vitalidade econômica do vizinho Estado. Inverte-se, deste modo, sua antiga posição de dependência face a São Luís, impondo-se como principal cidade ao longo do eixo fluvial que representa o limite entre os rios intermitentes característicos das regiões semi-áridas e as áreas mais úmidas que antecipam a Amazônia.

Essa situação de capital piauiense é, porém, muito recente. O salto verificado no giro comercial do Estado em 1964 dá uma medida deste fenômeno. Tendo em 1955 o ano base, o índice em 1964 atingiu 799, passando a 4.395 em 1965 e a 9.067 em 1966. Entre 1955 e 1963, o índice aumentou em cerca de 8 vezes, enquanto entre 1964 e 1966, este crescimento foi de 12 vezes e meia. Mas as condições novas que se elaboram em Teresina não foram, porém, suficientes ainda para superar as características de retardamento assinaladas no comércio da cidade, em comparação ao de outros centros nordestinos.

Não obstante, o comércio sediado na capital do Piauí já a caracteriza como principal praça do Estado, comportando transformações e conseqüências de uma compressão no tempo. O raio de influência comercial propaga-se através dos principais eixos rodoviários, mas é limitado como a própria atuação de Teresina, que não alcança ainda a todo o Estado. Restringe-se, praticamente, às cidades mais importantes e a municípios vizinhos, que compõem sua área próxima.

## **5.2 - Características de Teresina, como praça comercial**

A expansão e diversificação dos gêneros de comércio, mais acentuada a partir de 1968, já confere à cidade condições de atendimento para alguns tipos de consumidores. Esse atendi-

mento é exercido principalmente pelos estabelecimentos comerciais, distinguindo-se o ramo varejista, que vem, assim, consolidar uma posição tradicional de Teresina nesse setor. Mas o atendimento comercial é também da alçada de intermediários representantes e viajantes, principais agentes na renovação dos estoques comerciais.

Em função dessa operação, estabelecem-se relações entre a praça de Teresina e áreas distantes, mas a estocagem de mercadorias é reduzida, assumindo caráter de emergência.

A organização comercial de Teresina apresenta certas particularidades que a diferenciam de outros centros nordestinos e elementos de modernização que afetam certos setores com maior ou menor intensidade. No entanto, essa modernização não mascara as condições de subdesenvolvimento dominantes, que se pronunciam em vários aspectos.

### **5.2.1 - A expansão e diversificação dos gêneros de comércio**

O exame do registro anual de firmas comerciais da Junta Comercial de Teresina, abrangendo o período de 1960/69, revela sua grande expansão entre o ano inicial e o último daquele período e a distinção de duas fases, uma até 1964-65 e outra posterior, na qual se assinala maior continuidade e expansão de grande parte dos gêneros de comércio.

Fazendo-se mais pronunciado nos últimos anos do atual decênio, o ritmo de crescimento dos diferentes gêneros de comércio mostra-se desigual nesse lapso de tempo.

Os inquéritos aplicados em nossa pesquisa revelam que, de um total de 48 unidades dedicadas ao comércio, 29 surgiram após 1960.

A multiplicação mais acentuada entre 1960 e 1969 refere-se à mercadorias em geral e ao setor alimentício tomado em conjunto, enquanto os demais gêneros mostram variações muito baixas.

No decorrer do período a distribuição de gêneros de comércio revelou-se também diferenciada. Distinguem-se os que se mostram relativamente equilibrados, como os gêneros de comércio acima mencionados, tecidos, miudezas em geral; gêneros que tomaram maior impulso na primeira fase, como produtos farmacêuticos, representações e conta própria e os que tiveram expansão na segunda fase, como peças e acessórios para veículos, combustíveis e lubrificantes, joalheiros, relojarias e óticas, papelaria e impressos, cigarros e artigos de tabacaria.

A diversificação dos gêneros de comércio se faz acompanhar da incidência do comércio de artigos mais finos ou do que se relaciona à posição da capital como entroncamento rodoviário, de que são exemplos o de combustíveis e lubrificantes, o de peças e acessórios para veículos. Trata-se de um padrão comercial que mostra nítido contraste com o do comércio da área qualificada como interior, conforme ilustram os gráficos. (Deixaram de figurar os municípios maranhenses, por se tratar de registros da Junta Comercial de Teresina).

O número total de firmas comerciais no interior corresponde a 20,9% do de Teresina. Observa-se que há concordância no gênero de comércio dominante, isoladamente, que é o de mercadorias em geral. No entanto, os que evoluem no interior são gêneros de exportação e tecidos, que já se mostram em recuo na capital.

Por sua vez, a aplicação de nossos inquéritos revelou uma evolução dos gêneros de comércio em Teresina que pode ser esquematizada do seguinte modo: o comércio de ferragens, estivas

e miudezas dominou uma fase desde a década de 20 até fins da década de 40; o período 50-60 foi assinalado pelo maior desenvolvimento de tecidos, material de construção, a que se acrescentaram nos últimos anos os eletrodomésticos, peças e pneus; na década de 60 registraram-se todos os gêneros de comércio citados, acrescidos dos de máquinas diversas, automóveis, supermercados, notando-se paralelamente o recrudescimento dos estabelecimentos de estivas.

A diversificação dos gêneros de comércio implica também no incremento de setores mais especializados, inclusive o de alimentos, vindos de encontro à ampliação de certa camada de consumo. Surgem supermercados, algumas casas de aves e ovos e outras.

O crescimento da população escolar deu impulso ao comércio de artigos de papelaria e de artes gráficas. Por sua vez, a dilatação do espaço da cidade e a expansão das rodovias que a servem fizeram crescer o número de distribuidores de automóveis e caminhões.

Os estabelecimentos comerciais frequentemente fazem uso de transportes próprios para entregas de suas mercadorias, geralmente limitados ao perímetro urbano. Informações relativas a 52 firmas comerciais revelam que 20 possuíam camionetas, jipes ou pick-ups para este fim. Algumas possuíam até mais de um carro.

O número de veículos registrados no Departamento de Trânsito de Teresina permite avaliar sua evolução entre 1968 e 1969.

Nota-se que o aumento mais acentuado de veículos se verifica entre os de uso particular que, em 1969, correspondia a mais de 80% do total, incluindo todos os caminhões.

Constata-se também o caráter monocêntrico da cidade, que se mantém, apesar da dilatação do espaço urbano,

estimulando o sistema de entregas pelo comércio de maior porte.

Tendências à especialização também se manifestam no setor de representações, em oposição à tradicional diversificação de mercadorias a que se dedicavam. Esta especialização se refere geralmente a produtos de linha única, isto é, trata-se do mesmo tipo de mercadorias, mas de fabricação diversa. Distinguem-se, neste particular, as representações de produtos farmacêuticos de vários laboratórios, assim como as de determinadas máquinas para beneficiamento agrícola, refrigeração e outros mais. Verifica-se em muitos casos retração de artigos que sofrem demasiada concorrência no mercado ou que concedem comissões menores, como tecidos, bebidas, artigos de porcelana e concentração maior em material de construção, material elétrico e artigos escolares. Garrafas térmicas, utensílios plásticos, equipamentos de pesca e produtos veterinários figuram entre as representações mais recentes, relacionando-se ao consumo de determinada camada da população. A expansão de certo comércio especializado também diz respeito às características tradicionais da cidade. Assim, a ampliação da administração pública, que se manifestou na individualização de funções anteriormente quase indiferenciadas e no aparecimento de novos órgãos, veio promover, por exemplo, o comércio de móveis e máquinas para escritórios e repartições públicas.

Igualmente a expansão dos serviços médico e hospitalar, de que Teresina guarda tradição regional, impulsionou o comércio de instrumental cirúrgico e equipamento especializado.

### **5.2.2 - Condições de atendimento comercial**

Mostra-se, assim, a cidade apta a atender o consumidor final em várias mercadorias. Apresenta também recursos para consumidores específicos, como o

próprio comerciante, o industrial e instituições diversas. Oferece, portanto, certas condições de suprimento que correspondem a compras de alto valor, mas de baixo volume de vendas e que não acusam necessidade de renovação freqüente.

O comércio de Teresina demonstra, também, ser influenciado pelo fator sexo, dada a existência de grande número de lojas de tecidos femininos de tipo popular e do avanço dos estabelecimentos de confecções.

#### **5.2.2.1 - A pesquisa relativa à aquisição de determinadas mercadorias pelo consumidor comerciante revelou que este tem dado impulso a certo tipo de comércio.**

Mostrou-se a praça exclusiva no suprimento de geladeiras comerciais e de veículos utilizados pelas firmas. Revelou-se dominante no fornecimento de barbante, tendo como concorrente esporádico uma fábrica na Paraíba. Tem igualmente primazia no atendimento de cofres e balanças, máquinas de somar e outros. Registra-se nestes itens concorrência mais freqüente de São Paulo, mediante o acesso direto às fábricas e ainda do Recife (Burroughs), Fortaleza e Rio de Janeiro.

Em outras mercadorias Teresina sofre interferências diversas, particularmente a de Fortaleza, como em caixas registradoras e letreiros.

Importa assinalar que a capital também se mostra dominante no fornecimento de artigos já fabricados localmente, como talões para notas fiscais, armações de madeira para balcão e mostruários. Apesar de oferecer anúncios luminosos, igualmente elaborados em indústria da cidade, Teresina ainda sofre concorrência de Fortaleza que, anteriormente, quase monopolizava esta mercadoria e de São Paulo.

É no fornecimento de papel que o comércio da cidade sofre interferências mais diversificadas. Mostra-se dominante neste particular, mas várias fontes de acesso direto ou por meio de viajantes são citadas. Distinguem-se São Paulo e Ceará, onde além de Fortaleza figura Crato, seguindo-se Recife, Rio de Janeiro, Parnaíba, Minas Gerais, Bahia, Manaus. Constatou-se também que não oferece atendimento de fabricação local para sacos de papel, cujo fornecimento é efetuado por meio de representação, com sede em Belém do Pará.

No tocante ao consumidor industrial, resultados de nossa pesquisa demonstraram que os representantes em Teresina fornecem maquinaria para as indústrias de cerâmica, massas alimentícias, compensados de madeira e móveis.

Verifica-se, porém, que quanto a oficinas de reparação ou indústrias de bebidas, predominam os pedidos diretos aos fabricantes do material correlacionado, mediante telegrama ou carta, também podendo suceder o mesmo com as demais fábricas mencionadas.

O atendimento comercial em Teresina é efetuado por estabelecimentos ou por um corpo de agentes intermediários, composto de representantes e de viajantes vendedores de fábricas, de depósitos filiais ou de escritórios de representação localizados em outras cidades. Algumas firmas da capital piauiense

mantêm, também, agências de compra direta em São Paulo.

Apesar de sua dimensão urbana, Teresina não possui ainda filial ou mesmo escritório de vendas de qualquer estabelecimento comercial do centro-sul. Como intermediários especiais dos produtores, assinalam-se apenas alguns distribuidores e concessionários de empresas automobilísticas, principalmente os que necessitam de organizações próprias de distribuição e vendas. A maioria das filiais existentes em Teresina tem sede em Parnaíba, assinalando-se, atualmente, expansão das que procedem de matrizes localizadas em Fortaleza.

#### 5.2.2.2 - A comercialização de produtos industriais é realizada na maior parte pelo varejo de balcão.

Consolida-se, assim, a posição tradicional da cidade nesse ramo de comércio, vindo igualmente de encontro à fase de ascensão do varejo no Piauí, já na década de 60, com a progressiva eliminação do atacadista no sistema nacional de comercialização.

Ao contrário do que ocorria em quase todos os Estados do Nordeste, aquele ramo de comércio, ainda em 1960, era responsável pelo maior volume de vendas no Nordeste Ocidental, conforme o quadro abaixo, no qual o Ceará figura como limite em relação à porção oriental da região.

**QUADRO XVIII**  
**VALOR DAS VENDAS NO COMÉRCIO**  
**(Cr\$ 1.000)**

| ESTADOS       | 1950      |           | 1960       |           |
|---------------|-----------|-----------|------------|-----------|
|               | Varejo    | Atacado   | Varejo     | Atacado   |
| Maranhão..... | 559 238   | 582 074   | 5 499 731  | 5 588 794 |
| Piauí.....    | 292 926   | 570 159   | 2 606 729  | 2 638 876 |
| Ceará.....    | 1 189 169 | 1 594 141 | 11 384 614 | 9 428 473 |

Fonte: Censos Comercial e de Serviços 1950/1960.

A atual diminuição da importância do ramo atacadista no Piauí refere-se sobretudo ao setor voltado para a exportação, mas, também, diz respeito ao setor de distribuição de mercadorias, em função do crescente acesso do varejo às fontes de suprimento.

Constata-se, portanto, que esse tipo de atacado não logrou assumir papel relevante na vida comercial do Piauí. Teresina, que não desempenhou papel importante no setor de exportação, também não desenvolveu plenamente um atacado de mercadorias para redistribuição. Essa função comercial da cidade alcançou certa expressão quando se estabeleceu a ligação rodoviária com Fortaleza, na década de 50, mas, em seguida, passou a enfrentar a concorrência do acesso direto às fontes de produção, através das conexões com o Nordeste oriental e o centro-sul, bem como a política do país, tornando antieconômica a imobilização de capitais em grandes estoques.

Segundo o estudo da COPLAN sobre Teresina, enquanto em 1960 a receita do atacado na capital correspondia a pouco mais de um terço da receita total do comércio, em 1968 sua participação reduziu-se à cerca de um sétimo. Vale dizer que, de um total de Cr\$ 57.087.811,00, nesse ano o varejo perfazia Cr\$ 48.683.717,00.

Não existe em Teresina um setor grossista capaz de exercer função reguladora entre produtor e varejo, de vez que carece de atividades de armazenamento, distribuição e transporte próprio, além de outros requisitos. Esse ramo do comércio tem, portanto, limitada ação supridora do varejo local, a não ser em cereais e miudezas, o que explica, de certo modo, o considerável aumento do número de estabelecimentos de estivas no decênio de 60.

Trata-se, geralmente, de unidades mistas, isto é, de vendas a varejo e a

atacado. Essas últimas correspondem, quase sempre, a quantidades pequenas e de baixo valor em dinheiro. Além dos estabelecimentos de estivas, mantêm-se também vendas a atacado, principalmente no comércio de louças e ferragens, material de construção, e tecidos.

### 5.2.2.3

O atendimento comercial realizado pelos agentes intermediários diz respeito a operações de renovação de estoques para os estabelecimentos de comércio, mas também se refere a contatos diretos com certos consumidores, como a indústria, instituições hospitalares e algumas instituições. Acresce ainda a atuação distribuidora que podem apresentar para o Piauí e Maranhão, por vezes com exclusividade em determinados produtos, no que se obtém maiores percentagens nas comissões.

Os serviços de representação implicam em várias modalidades. Uma das mais correntes formas é a associação com a função de comerciante propriamente dito. Encontram-se estabelecimentos que contam com loja e, paralelamente, mantêm representações, encaminhando pedidos às fábricas do Centro-Sul e outras áreas.

Outra modalidade é a dos escritórios que não assumem a propriedade das mercadorias. Recolhem os pedidos e os enviam aos fabricantes, trabalhando sob o sistema de comissões. Frequentemente, são escritórios que tratam de representações de linha única, isto é, são agentes de venda de um mesmo produto, mas de marcas de fabricação distintas. Sobressaem os produtos farmacêuticos, artigos de escritórios e outros. Determinados laboratórios mantêm em Teresina representantes exclusivos para todo o Piauí e o interior do Maranhão.

Mas a representação exclusiva pode referir-se também a escritórios que tra-

balham com mercadorias de natureza mais diversificada, como certos materiais de construção e elétrico, peças de automóveis e outros.

As representações não exclusivas ficam a cargo, geralmente, das lojas que ainda as mantêm em variedade, enquanto os artigos vendidos a varejo são diferentes.

Constata-se, igualmente, combinação entre o serviço de representação e o papel de revendedor exclusivo ou autorizado de uns poucos produtos dos que constam nas representações. Nas de máquinas, por exemplo, o agente intermediário pode assumir, em conta própria, apenas determinadas marcas, vindo a atender a dois tipos de clientela: as pequenas indústrias, que adquirem aquele equipamento em conta própria do intermediário; as de maior porte, que são atendidas pelos pedidos diretos às fábricas mais distantes.

Assinala-se também a combinação entre a função de representante e a de concessionário com exclusividade, como se verifica em artigos de pesca, instrumental cirúrgico, produtos agroveterinários e outros.

Os representantes comunicam-se com as fábricas ou depósitos filiais por meio de carta ou encaminhando formulários de pedidos previamente preenchidos pelos clientes.

Verificam-se ainda combinações entre a atuação de representante e a de revendedor exclusivo ou autorizado de uns poucos produtos dos que constam nas representações. Assim, por exemplo, se se trata de um representante de produtos farmacêuticos de diversos laboratórios, pode apresentar-se como revendedor somente para alguns deles. Nas representações de máquinas, o agente intermediário pode assumir em conta própria apenas determinadas marcas. Verificam-se, nestes casos, dois tipos de clientela: as pequenas indús-

trias adquirem o equipamento que o intermediário possui em conta própria, enquanto as de maior porte são atendidas por meio de pedidos.

Assinala-se também combinação entre a função de representante e a de concessionário com exclusividade. Servem de exemplo os artigos de pesca, produtos agroveterinários, instrumental cirúrgico, automóveis, televisões, máquinas, etc., que podem figurar ao lado de outros artigos de representação sem exclusividade.

As representações não exclusivas ficam a cargo, geralmente, de estabelecimentos ou lojas que ainda as mantêm em variedade, enquanto os artigos vendidos a varejo são diferentes. Como exemplos, citam-se: armarinhos que possuem representação de televisores, estabelecimentos de tintas e ferragens que mantêm representação de tecidos, arame, cabos elétricos e outros, lojas de máquinas que são agentes de bebidas, tecidos, e assim por diante.

Os intermediários representantes comunicam-se com as fábricas ou depósitos filiais por meio de carta ou encaminhando formulários de pedidos previamente preenchidos pelos clientes.

#### **5.2.2.4 - Relações comerciais em função da renovação de estoques**

Os comerciantes dirigem-se aos representantes sediados em Teresina para o suprimento de certas mercadorias, mas também são atendidos por viajantes de fábricas, viajantes de representantes ou de filiais, além dos revendedores locais. Utilizam também o pedido direto às fábricas ou a escritórios e depósitos de vendas, mediante cartas, telegramas e compra pessoal.

Observa-se, portanto, que há superposição de formas de acesso à renovação dos estoques comerciais. O mesmo produto, de marcas de fabricação diferentes, pode ser fornecido através de

meios e fontes diversas. Por outro lado, uma firma pode dirigir-se a representantes em Teresina para certas mercadorias ou recorrer diretamente aos fabricantes para outras.

No tocante às representações, nota-se que a maioria corresponde a fábricas de São Paulo e adjacências. Abrangem mercadorias variadas, desde conservas e bebidas, artigos de armarinho e tecidos, autopeças, material elétrico, eletrodomésticos, produtos farmacêuticos, louças e material de construção, artigos de papelaria, máquinas de beneficiamento agrícola e outras.

Verifica-se, porém, que predominam mercadorias de pequeno porte, como fios, pinos e rosetas, tomadas e interruptores, no setor de material elétrico; no campo dos eletrodomésticos há dominância de rádios e televisões.

As representações cujas sedes se localizam no Rio de Janeiro e imediações abrangem menor gama de mercadorias. Poucas são as referências a eletrodomésticos, autopeças e material elétrico bem como a máquinas para consumo industrial. Distinguem-se os produtos farmacêuticos, tecidos e conservas.

Quanto ao Recife, as representações principais dizem respeito ao açúcar e aguardente, peças para automóveis, rádios, tecidos e material de construção. São menos numerosas as sediadas em Fortaleza, que se referem sobretudo a confecções, produtos químicos e outros.

Minas Gerais figura sobretudo com tecidos, prevalecendo as das fábricas localizadas em cidades pequenas, como Itabirito, Pará de Minas, Pitangui, onde se encontram tecelagens antigas que produzem panos baratos.

O Sul é representado principalmente pelo Paraná, quanto a artigos de escritório, material isolante e móveis. Artigos de cerâmica provêm sobretudo de Santa Catarina, enquanto confecções

e conservas se originam do Rio Grande do Sul, em grande parte. Cabe acrescentar Belém, que comparece nas representações de sacos de aniagem e desinfetantes.

No tocante ao acesso através de viajantes de fábricas ou viajantes de representantes, São Paulo e imediações se mostram dominantes quanto aos primeiros. Nesse particular cabe assinalar a incidência dos estabelecimentos varejistas de Teresina para esta forma de acesso.

As mercadorias são semelhantes às fornecidas pelos representantes, mas geralmente mostram fabricação distinta. Verifica-se que este é o modo de atendimento da General Electric, Frigidaire, Walita e Philco. Os televisores e rádios das marcas Colorado, Empire, ABC, tanto são fornecidos pelas representações em Teresina, como por viajantes de fábricas.

Ao contrário do que sucede nas representações, o Rio de Janeiro introduz, através de agentes de fábrica, vendas de eletrodomésticos, principalmente da marca Lustrene, de autopeças, de sapatos DNB, além de mercadorias de linha idêntica a dos representantes.

Em relação a Fortaleza, Recife apresenta maior incidência nos viajantes de fábrica. Citam-se como exemplos as vendas das baterias Homa, as confecções Torre, os eletrodomésticos da Eletromar, as tintas Coral, além dos azulejos, louças e outras. A proporção destes agentes se equipara, aproximadamente, a dos viajantes de representantes sediados na capital pernambucana. Já a Guanabara e São Paulo comparecem muito menos com este último tipo de agente.

Constitui-se o Recife em sede de vendedores de representações da Firestone, Good Year, Dunlop, Rolamentos SKF, produtos Gessy Lever, além de marcas diversas de eletrodomésticos,

como Arno, Admiral, Wallig. Concorrem, assim, os viajantes de filiais ou de escritórios de representações com os vendedores diretos das indústrias.

Fortaleza se distingue sobretudo pela categoria de vendedores de representantes ou de filiais de fábricas. Sobressaem os do Curtume Carioca, Leite Ninho, produtos Colgate-Palmolive e outros. Assumem também maior importância os pedidos efetuados mediante cartas às organizações citadas e ainda a Pirelli, Fermentó Itaiquara e outros. Trata-se principalmente de escritórios ou depósitos filiais de indústrias de São Paulo.

A capital do Ceará também comparece com viajantes de suas fábricas, no relativo aos móveis de aço Confiança, tintas Quinderê, confecções, produtos que igualmente podem ser atingidos por cartas de pedidos diretos às indústrias, inclusive para gás butano.

Ao contrário do setor de representações, os Estados do Sul figuram principalmente com viajantes de fábricas. Sobressai o Rio Grande do Sul, que fornece material de construção, conservas e gêneros, além de miudezas. Particularmente para o varejo, este Estado comparece com móveis Esplêndida e Gerdau, confecções Renner. Santa Catarina figura sobretudo no atendimento de estabelecimentos mistos, através das vendas de tecidos e confecções Artex, Hering e outros. Já o Paraná surge no atendimento do varejo em malas Ira, móveis Guelmann, principalmente.

O Estado de Minas Gerais comparece sobretudo com representações sediadas em Teresina. Registram-se em muito menor escala os viajantes de fábrica, para vendas de manteiga, peças de autos e outros mais.

Estas formas de suprimento do comércio mostram que não há especialização acentuada, segundo as fontes ou meios

de acesso. As mercadorias mais citadas, eletrodomésticos, tecidos e confecções, material de construção, peças de automóveis, produtos alimentícios e farmacêuticos, revelam procedência variada e modos diversificados de acesso.

A especialização mais pronunciada refere-se a produtos típicos regionais como açúcar e aguardente de Pernambuco, rendas do Ceará, manteiga de Minas Gerais, madeiras e conservas do Sul. Incluem-se, também, as mercadorias distribuídas, principalmente por portos nordestinos, como o cimento, combustíveis e lubrificantes através de Fortaleza ou tintas em pó através do Recife, além de máquinas procedentes de São Paulo, principalmente.

As fontes de suprimento mais citadas são as mais distantes, fato que tende a se acentuar, em função do crescente acesso direto às fábricas do centro-sul. Diversos depósitos filiais sediados em Fortaleza ou no Recife têm sido extintos. Citam-se como exemplos o cancelamento do depósito do Laboratório da Sidney Ross nas capitais cearense, pernambucana e baiana e das unidades atacadistas da Mesbla S.A. nestas cidades adaptadas unicamente ao varejo.

As modificações sofridas pelo sistema grossista afetaram também a distribuição efetuada através dos escritórios de vendas, que foram fechados em várias cidades. As vendas a atacado não resistiram à concorrência movida pelos preços das fábricas, enquanto a clientela restante não se mostrou compensadora. Acresce ainda que a supressão dos depósitos filiais veio de encontro a uma política de compressão de despesas. Os custos de transferência de estoques das indústrias para um depósito filial correspondem a um pagamento que equivale a cerca de 80% do imposto do ICM, onerando consideravelmente o fabricante. A tendência à supressão dos depósitos filiais das in-

dústrias do Sudeste em cidades intermediárias passa a ser compensada pela expansão do corpo de viajantes vendedores e das de escritório de representações, isto é, por agentes diretos das fábricas.

#### 5.2.2.5

Estas condições têm reflexo na formação de estoques. De acordo com nossa pesquisa, constatou-se não haver estocagem importante para qualquer produto na praça de Teresina. O provisionamento de mercadorias nas firmas corresponde a um período que varia de 2 a 6 meses, sendo mais comum nos atacadistas do que nos varejistas.

Os estoques mais permanentes no atacado são encontrados no comércio de pneus e autopeças, ferragens e miudezas, produtos farmacêuticos e tecidos. No ramo varejista foram assinalados no de eletrodomésticos, algumas firmas importantes de tecidos e outros. Acusam estoques menores localizados nos próprios estabelecimentos, o comércio de miudezas, material de construção, supermercados, cuja renovação se efetua em função do movimento de vendas.

De acordo com o porte da firma e o gênero de comércio, encontra-se estocagem de mercadorias no estabelecimento ou em depósitos anexos de capacidade variável. Apresenta depósito, por exemplo, o comércio de tecidos. Por vezes, apenas uma das mercadorias é armazenada, enquanto os demais artigos são expostos à venda direta no estabelecimento.

A necessidade de estocagem varia também segundo a época do ano e segundo o produto. Para eletrodomésticos, por exemplo, os últimos meses implicam em maiores reservas.

Na maioria das vezes a estocagem assume caráter de emergência, destinando-se a suprir a própria firma. Quase

sempre a necessidade de estoques vai de encontro à lacuna deixada pela saída de artigos na própria loja e não para prover a outros comerciantes. Por outro lado, existe sempre a preocupação de evitar a imobilização de capital em grandes reservas de mercadorias.

### 5.2.3 - Particularidades da vida comercial de Teresina

Nesse tocante, assim como em outros aspectos, a organização comercial de Teresina apresenta particularidades que a distinguem de outros centros urbanos nordestinos.

#### 5.2.3.1

Verifica-se, por exemplo que praças como Campina Grande, Aracaju e mesmo Fortaleza adotaram um sistema de vendas baseado na concessão de prazos de pagamento mais longos do que aqueles de que gozavam nas compras destinadas à renovação de seus próprios estoques. Esse sistema tornou-se possível em função de um comércio atacadista importante, que obtinha descontos apreciáveis nas mercadorias compradas para grande estocagem. Deste modo, podiam os produtos ser vendidos a um preço que compensava a concessão de lapsos de tempo mais dilatados aos clientes. O comércio atacadista de Campina Grande veio a estender amplamente seu raio de ação, principalmente em função das vendas de secos e molhados, ferragens e tecidos, sob esse sistema.

Em Teresina o prazo de pagamento mais corrente conferido aos comerciantes é o de 60 dias. Mas há variação segundo o gênero de mercadorias. Certo tipo de móveis, instrumental cirúrgico, motores e peças para máquinas e outros, concedem de 60 a 90 ou 120 dias de prazo, que é ainda mais longo para eletrodomésticos ou máquinas de costura, os quais podem alcançar de 90 a 360 dias. São nesses artigos que se atribuem também períodos mais pro-

longados para os clientes, de vez que, via de regra, não se verifica em Teresina aquelas características apontadas para outras praças nordestinas, quanto a prazos de pagamento. Vale dizer que também para os consumidores o lapso de tempo mais comum é o de 60 dias.

### 5.2.3.2

Outra particularidade da organização comercial de Teresina, diversa da de várias cidades nordestinas, diz respeito ao ritmo das vendas. Conquanto também marcadas pela periodicidade, apresentam, porém, aí, características singulares.

Durante o ano, o comércio da cidade se submete igualmente ao ritmo da vida agrícola. Sofre retração no período chuvoso, ganha maior animação nos primeiros meses de safra, submetendo-se, portanto, às vicissitudes que regem a produção rural. No entanto, essa dependência não se mostra tão marcante em Teresina, quanto em centros urbanos que vivem fundamentalmente da coleta e comercialização de um produto agrícola, como, por exemplo, o algodão.

Não obstante, é o segundo semestre o que se mostra mais favorável às vendas, quer pelo resultado das safras, quer pelo movimento das festas de fim de ano, nesse caso particularmente para eletrodomésticos.

No decorrer do mês, a primeira quinzena é a mais propícia, evidenciando a dependência do movimento comercial quanto a salários pagos ao funcionalismo público da esfera federal, estadual e municipal.

Durante a semana, o maior movimento se manifesta na segunda-feira, principalmente devido a maior afluência de clientes do interior. Nesse dia, particularmente, a população de localidades próximas dirige-se à capital para vender produtos agrícolas, mas também para adquirir mercadorias com o

ganho obtido nas feiras realizadas durante a semana em diversos municípios.

A venda de algumas mercadorias já independe das condições de periodicidade, mostrando-se regularmente o ano inteiro, como a de fermento, sacos de papel, produtos veterinários e outros.

### 5.2.3.3

— Em oposição à primazia dos contratos temporários que vigoram em Campina Grande e outras cidades, Teresina apresenta estabilidade de número de empregados durante o ano, graças a menor dependência do comércio quanto a um produto agrícola mais importante.

O quadro que se segue revela o caráter permanente do emprego no comércio durante o ano, se bem que se assinala ligeira ascensão quase sempre no início e fim do segundo semestre. (Quadro XIX).

Via de regra, são as lojas de tecidos as que mantêm o maior número de empregados, particularmente aquelas que possuem estabelecimentos filiais na própria cidade. Por vezes, o montante de assalariados se afigura exagerado para o movimento das vendas, mas sua manutenção é justificada pela afluência maior de clientes às segundas-feiras.

## 5.2.4 - Transformações recentes na vida comercial de Teresina

A organização comercial de Teresina vem sendo afetada por transformações recentes que, geralmente, se referem à introdução de elementos de modernização. Essa modernização em certos casos não logrou romper ainda com as condições vigentes, mas, em outros casos, já se impõe sobre situações tradicionalmente estabelecidas.

### 5.2.4.1

Transformações incipientes podem ser reconhecidas, por exemplo, na introdu-

ção de *modalidades modernas de acréscimo salarial*, que já tem lugar em alguns gêneros de comércio, o de peças e acessórios para veículos concede gratificação de 10% sobre os lucros de fim de ano, após o balanço, e o de tecidos estabelece comissões, além dos salários.

No entanto, são ainda dominantes os aspectos paternalistas que se manifestam na manutenção de empregados já em fase de aposentadoria, nos adiantamentos sucessivos sobre os salários, nos financiamentos de moradias para funcionários antigos e outros mais.

O sistema de vendas tem sido também atingido por modalidades modernas de comercialização mas ainda ensaiam seus primeiros passos os planos de financiamento ditados pelas fábricas do Centro-Sul. Cita-se como exemplo o que se refere a material escolar, que pode ser adquirido com antecipação ao período inicial de aulas, em meados do segundo semestre, sendo pago no início do semestre seguinte.

A compra de veículos conta com financiamentos em que sobressaem o Banco Brasileiro de Descontos e duas financeiras, a Fortinorte S.A., de Fortaleza, e a Credinorte, do Recife. Revendedores de veículos afirmam que este sistema fez progredir as vendas, apesar dos juros elevados que implicam os prazos longos. Mas este financiamento ainda se ressentem de entraves, devido à falta de autonomia da praça de Teresina. O acesso a Fortinorte obriga a recorrer a Fortaleza. A Credinorte tem como agente o Banco Nacional do Norte, mas o expediente deve ir ao Recife para ser aprovado, levando de 15 a 20 dias a demora nesta operação. O Banco Brasileiro de Descontos pode resolver os assuntos de imediato, mas faz cobrar juros muito elevados. Estes financiamentos referem-se a prazos de 24 a 30 meses para as vendas, correndo os juros por conta do cliente.

Índice de ampliação do mercado, o sistema de crediário foi adotado em algumas das principais firmas. Mas as dificuldades de pagamento das parcelas mensais implicam na devolução frequente das mercadorias, dando margem a um comércio de objetos usados, a preços aviltados. Informações colhidas entre as principais firmas de venda de veículos, por exemplo, revelam que no primeiro semestre de 1970 a de carros usados foi sensivelmente maior do que a de todo ano de 1969.

*Número de veículos vendidos*  
1969 1970

|                       |     |     |
|-----------------------|-----|-----|
| Veículos novos .....  | 195 | 199 |
| Veículos usados ..... | 91  | 181 |

Uma das firmas apontou, apenas, as vendas de junho de 1969 a julho de 1970, registrando-se nesse período a venda de 122 carros novos e 164 usados.

O desaparecimento do cliente e das mercadorias fez nascer recentemente uma sociedade de proteção ao crédito, encarregada de garantir o comerciante contra estes riscos, mediante informações sobre a freguesia.

Apesar dessas inovações o crédito é ainda incipiente em Teresina. As vendas a prazo são mais comuns no atacado, a cargo dos agentes representantes e variam segundo a mercadoria e o tipo de clientela.

De 19 respostas aos inquéritos aplicados em estabelecimentos varejistas, através de nossa pesquisa, 15 declararam efetuar transações com pagamentos a vista. Destas, 11 realizam, concomitantemente, vendas a prazo para eletrodomésticos, confecções e alguns mais. O varejo de papelaria, por exemplo, realiza cobrança a vista para particulares, mas concede prazo de 30 dias para as repartições públicas. Dentre os bens de consumo vendidos neste comércio, predominantemente a

prazo, citam-se automóveis e caminhões, pneus e autopeças, principalmente. Em estabelecimentos mistos, pagamentos a prazo são efetuados nas vendas por atacado de material de construção, estivas, miudezas e outros. Em alguns destes gêneros de comércio, as vendas a prazo se limitam à clientela de Teresina, particularmente nos de estivas e miudezas. Já no ramo predominantemente atacadista as vendas são sempre a prazo, no setor de representações. Nos prazos concedidos aos clientes há, porém, a influência das relações de amizade e conhecimentos pessoais.

Mais uma transformação incipiente na vida comercial de Teresina pode ser aferida pelo *acesso bancário* relacionado a esta atividade. É limitado o recurso dos clientes aos bancos, a que se soma a falta de hábito de transações desta natureza.

Mesmo quando se trata de pagamentos parcelados, nota-se que o regime de cardernetas ou de carteiras retiradas nas lojas supera o de duplicatas descontadas nos bancos, sobretudo no comércio varejista. Já nos ramos misto e atacadista o desconto de títulos na organização bancária local se equivale ao volume do pagamento efetuado em carteira, nos estabelecimentos ou escritórios de representação. Consta-se que o *acesso bancário* parte, sobretudo, dos comerciantes e não dos consumidores. Mesmo os negociantes declaram evitar empréstimos bancários, inclusive para necessidades de renovação de estoques, alegando que as agências particulares operam com prazos curtos e juros elevados. A rede bancária é, no entanto, utilizada para desconto das duplicatas emitidas por ocasião das compras efetuadas para renovação do estoque, diretamente por carta ou por meio de representantes e viajantes.

A escolha destes bancos é, portanto, ditada pelas indústrias na maioria das

vezes. Não é, pois, de estranhar que o Banco do Estado de São Paulo concorra, em certos casos, com cerca de 90% nas cobranças efetuadas contra os comerciantes de Teresina.

Apesar das restrições apontadas para a rede particular, mostra-se esta em expansão há cerca de quatro ou cinco anos.

Novas condições bancárias estabelecem-se, portanto, em Teresina, tendo naturalmente implicações com as operações comerciais. O acesso dos clientes aos bancos, por exemplo, é marcado por aspectos de transição.

A operação de empréstimos é sobretudo da alçada das agências oficiais, tais como o Banco do Estado do Piauí, o Banco da Amazônia, o Banco do Nordeste, mas, principalmente, o Banco do Brasil, graças aos juros mais baixos que oferecem. No entanto, também já começa a haver certa solicitação às agências particulares. Nesse caso o comerciante se vê, porém, obrigado a recorrer a diversos estabelecimentos, a fim de perfazer determinado montante que um banco não oferece com facilidade. São citados com maior frequência o Banco Nacional de Minas Gerais, o Banco do Comércio e Indústria de Minas Gerais, o Bradesco, o Banco do Estado de São Paulo, o Banco da Bahia.

Outro aspecto de transição decorre das operações com carteiras. Diversos comerciantes revelaram a transferência dos pagamentos em carteira para as entidades bancárias oficiais, no sentido de evitar desperdício de tempo e de pessoal. Registraram-se, porém, declarações opostas relativas à permanência daquele modo de pagamento no próprio estabelecimento comercial, com a alegação de que o banco não efetua a cobrança de maneira eficiente. Outra razão apontada para a manutenção dos títulos em carteira nas mãos dos comerciantes é a de estarem tomados os limites dos descontos nos bancos. Deste modo, comerciantes que operam com a

rede bancária podem manter ao mesmo tempo certo volume de títulos em carteira. É também um meio de atrair o cliente para novas compras no estabelecimento.

Esses aspectos de transição nas operações bancárias comerciais não marcaram, porém, a dominância de uma atuação paternalista exercida pelas agências oficiais, primordialmente pelo Banco do Brasil. Manifesta-se essa atuação na concessão de empréstimos, em oposição a da rede bancária particular, cuja principal atividade é a de captação de depósitos, no que atende a certa dimensão já alcançada pela praça comercial de Teresina.

#### 5.2.4.2 -

Em outros setores da vida comercial de Teresina já se verificam *transformações mais acentuadas*.

Nesse tocante, cabe ressaltar *as que se processam no ramo atacadista*. Constatase que as vendas atacadistas passam a ser principalmente da alçada dos serviços de representação, em detrimento de um comércio que jamais sobressaiu nesse setor. Tomando como referência o registro de firmas na Junta Comercial de Teresina, pode-se verificar o crescimento do número de representações. No período 1960-69 seu total atingiu a 167, tendo o maior aumento se registrado entre 1966 e 1969.

Mostra o intermediário representante presença relativamente numerosa na capital, respondendo a uma situação de equilíbrio. De um lado, pode negociar com linha restrita de produtos, oferecendo especialização maior do que o comerciante atacadista. De outro lado, oferece melhores condições de adaptação a um sistema de pequenas vendas que caracteriza regiões de fraco poder aquisitivo e de consumo escasso, as quais também não favoreceram circuitos tradicionais capazes de sustentar uma atividade de atacado arraigada.

Acresce ainda que o intermediário representante, assim como o viajante, vem corresponder ao preenchimento de uma função em áreas cuja densidade econômica não permite às fábricas manter um corpo permanente de vendedores próprios.

Estas condições do atacado também se referem a *transformações que afetam o comércio tradicional* da cidade. Dos antigos estabelecimentos, diversos cerraram as portas ou se mantêm estagnados, abandonando praticamente as vendas a grosso e voltando-se para um varejo reduzido.

As firmas que resistiram são as que se renovam, adaptando continuamente a linha de produtos vendidos e procurando colocar no mercado artigos pioneiros, apoiando-se no varejo e no crediário. Cabe menção, neste particular, às firmas de estabelecimentos sediados em Parnaíba, que em Teresina se afirmam no comércio varejista, freqüentemente com mercadorias diferentes das encontradas nas matrizes. Estas permanecem geralmente com as atividades do passado, de coleta e venda de matérias-primas, além do comércio e representação de artigos diversos.

Outra linha de evolução do comércio tradicional foi a opção pela extração e refino do óleo de babaçu.

Transformações também ocorrem com antigos escritórios de vendas de algumas fábricas, cuja sede é geralmente em Parnaíba ou União. De simples postos de venda em Teresina passam para a atribuição de distribuidores principais dos produtos industrializados.

As mudanças que se registram no comércio tradicional vêm afetar também *o setor de exportação*. Constatase que aquelas atividades voltadas para o comércio de gêneros de exportação e venda de diversas mercadorias de consumo vão sendo progressivamente subs-

tituídas por operações de agentes especializados na compra de amêndoas de babaçu e nozes de tucum. Não se trata porém dos mesmos empresários. Encontram-se nessa função pequenos comerciantes transferidos do interior, mas principalmente intermediários cearenses que estão aptos a pagar melhor, graças aos preços mais elevados estabelecidos pelo CIP\*, para o óleo fabricado no Ceará, em detrimento do produto piauiense.

A projeção dos cearenses nesta atividade relaciona-se também a alterações ocorridas no sistema de comercialização do arroz no Maranhão. Empreendimentos de comercialização e beneficiamento de cereal, localizados na área rizícola do vizinho Estado, e filiados a matrizes sediadas em Fortaleza e outras cidades, não resistiram à concorrência movida pelas transações efetuadas pelo motorista de caminhão. O encerramento das atividades teve como resultado a mudança de funções e do local de operações, mantendo-se apenas alguns postos de aquisição da mercadoria a terceiros na área. A compra de bagas e sementes diversas em Teresina se faz freqüentemente integrada com a prensagem e extração de óleo em Fortaleza, principalmente. A localização destas agências na capital do Piauí imprime características de entreposto de aquisição de certas matérias-primas destinadas à transformação em outros Estados e, secundariamente, para as fábricas locais que também interferem na comercialização destes produtos através de compras realizadas diretamente.

Mas esta organização ainda não afetou a tradicional estrutura de outros canais comerciais da economia do babaçu. Se bem que nos municípios vizinhos à Teresina o pagamento dos quebradores da amêndoa já comece a ser efe-

tuado em moeda, prevalece ainda o regime do escambo e da entrega do produto a intermediários, que o vendem às agências mencionadas ou às indústrias.

Do que foi acima exposto, conclui-se que transformações mais acentuadas também dizem respeito ao *conteúdo da classe empresarial*. O comerciante tradicional que podia aliar esta atividade com a de proprietário rural e a de político, vem sendo substituído por contingentes de cunho mais popular oriundos de diversos pontos do Estado. Migrantes das pequenas localidades da área que designamos de interior, formam grande proporção entre os atuais empresários comerciais da cidade. De um total de 70 comerciantes sediados na capital do Piauí, os do chamado interior, sem o município de Teresina, perfaziam 24,2%. Os naturais do município da capital correspondiam a 28,1%. Naquele total 62,8% declaravam ser do Estado, enquanto 22,8% eram originários do Ceará, Maranhão e Paraíba. Os restantes distribuíam-se entre outros Estados e o estrangeiro.

*Os novos tipos de empresários também podem ser caracterizados pelas atividades anteriores que exerciam. Nossa pesquisa permitiu distinguir certas modalidades nesse particular.*

Assinalam-se, por exemplo, os que partiram de ocupação nômade, geralmente viajantes de representantes, vendedores ambulantes, ou da condição de simples empregados em Teresina ou no interior, que passaram a estabelecer-se de maneira fixa no comércio. Esta mudança tornou-se mais freqüente depois de 1960, notando-se ainda que os gêneros de comércio de preferência são estivas, secos e molhados, miudezas e, por vezes, autopeças, produtos quase sempre completamente diferentes daqueles com que se ocupavam anteriormente. Acresce aqueles que abando-

\* Comissão Interministerial de Preços.

naram o comércio de mercadorias em geral e gêneros de exportação no interior, dedicando-se à função de intermediários na compra e venda de matérias-primas em Teresina.

Assinalam-se também os comerciantes que evoluíram na mesma linha de mercadorias. Distinguem-se os que passaram a instalar-se em estabelecimentos com representação e conta própria, acentuando a parte de varejo e abandonando escritórios de representações diversificadas.

Naqueles que se dedicam a escritórios de representação, encontram-se frequentemente elementos dotados da mesma experiência anterior, sobretudo no setor de produtos farmacêuticos, como viajantes ou como agentes em localidades do interior.

Incluem-se também nessa linha de evolução os comerciantes que partiram de pequenas unidades situadas na capital ou nos centros de origem, e que as ampliam sempre dentro do mesmo gênero de comércio e quando se fixam em Teresina. É o caso de proprietários de mercearias acanhadas que conseguiram instalar-se em estabelecimentos maiores de estivas ou em supermercados, além de outros.

### 5.2.5 - Aspectos do sub-desenvolvimento no comércio de Teresina

As transformações assinaladas na vida comercial de Teresina não marcaram, porém, a *dominância dos aspectos de subdesenvolvimento*.

Revela-se, por exemplo, na *primazia do setor alimentar* entre os gêneros de comércio presentes na cidade. O conjunto formado pelas Mercadorias em Geral com Produtos Alimentícios, Produtos Alimentícios propriamente ditos e Mercearias, perfazia, segundo os re-

gistros da Junta Comercial de Teresina, 33,3% do total em 1960 e 44,8% em 1969. Corresponde essa dominância a uma população, cujo poder de compra se canaliza necessariamente para a aquisição de alimentos, limitadas que são suas possibilidades de acesso a bens de consumo durável ou a serviços.

Por sua vez, o comércio de Mercadorias em Geral, que isoladamente figura em maior proporção, é indicativo desses mesmos aspectos subdesenvolvidos, quando se trata de estabelecimentos que negociam com pequenas quantidades de artigos de primeira necessidade e de variedade reduzida, destinadas a clientela pouco exigentes. Na luta pela sobrevivência procuram por vezes diversificar os produtos, acrescentando aqueles de maior aceitação na praça, ou também incluem representações, postos de gasolina, serviços de bar, beneficiamentos.

Nossos inquéritos comprovaram o aumento de unidades dedicadas a estivas, após 1960, e a presença constante dos gêneros de miudezas, armarinhos, feragens e outros, que acompanham a evolução da vida comercial da capital.

Um outro indício de subdesenvolvimento se refere à *dominância das firmas de pequeno porte*. O pessoal ocupado no comércio em 1960 registrava a média de 2,3 por estabelecimento e de 3,6 em 1968, segundo a pesquisa da COPLAN. O próprio montante das vendas demonstra igualmente a fragilidade da empresa comercial.

Informações relativas a algumas das firmas mais representativas de certos gêneros de comércio indicam os volumes de vendas efetuadas na capital em 1969 e as principais mercadorias negociadas em cada um dos gêneros.

QUADRO XIX

| ESTABELECIMENTOS<br>(um de cada gênero de comércio)   | Valor das vendas (Cr\$) | % sobre o total |
|---|-------------------------|-----------------|
| 1. Tecidos e eletrodomésticos: máquinas de costura, rádios, televisores, fogões.....                      | 4 308 722,51            | 27,34           |
| 2. Tecidos: chita, morim, lona, popeline.....   | 2 278 913,35            | 20,81           |
| 3. Peças e acessórios para veículos: pistões, molas, velas, baterias, válvulas, amortecedores, pneus..... | 2 907 928,37            | 18,45           |
| 4. Máquinas de escritório, bicicletas, motores.....   | 1 625 093,06            | 10,31           |
| 5. Motores, máquinas, acessórios, motobombas, máquinas forrageiras, eixos de aço e outros.....            | 681 110,70              | 4,32            |
| 6. Remédios.....  | 673 836,76              | 4,28            |
| 7. Tábuas de pinho, cimento, azulejos.....  | 652 831,22              | 4,14            |
| 8. Material elétrico.....   | 625 193,22              | 39,7            |
| 9. Artigos de armarinho: plásticos, miudezas, perfumaria.....   | 542 003,70              | 3,44            |
| 10. Estivas: café, massas de milho e arroz, gêneros alimentícios.....                                     | 463 298,42              | 2,94            |
| TOTAL.....  | 15 758 931,21           | 100,00          |

Fonte: Levantamento solicitado à Delegacia Regional de Estatística de Teresina, junto a algumas das principais firmas comerciais da cidade — 1970.

Verifica-se o baixo montante de vendas, de modo geral, e a predominância do comércio de tecidos e eletrodomésticos, que corresponde a firmas das mais poderosas em Teresina, formadas por capitais vindos de fora da cidade.

Aspectos subdesenvolvidos da economia comercial também se manifestam em outras facetas. Assinalam-se, por exemplo, na *constituição jurídica das firmas*. Em 1960, de um total de 51 firmas registradas na Junta Comercial de Teresina, 78,4% eram individuais. No total registrado entre 1960-69, as firmas individuais passaram a representar 80,9% e as coletivas 18,9%, sendo insignificante a proporção das sociedades anônimas.

Revelam-se também aspectos de subdesenvolvimento na *participação de proprietários e membros da família não remunerados* no pessoal ocupado no comércio. Em 1960 os empregados no comércio somavam 996, em um total de 2008 pessoas nele ocupadas. Esta situação tende a transformar-se mais recentemente. A pesquisa da COPLAN

assinala que em 1968 os empregados no comércio correspondiam a 52,5%, enquanto responsáveis e membros da família perfaziam 47,5%.

Características de subdesenvolvimento também aferidas pela *própria fisionomia urbana do setor comercial*. A expansão destas atividades não implicou em transformações sensíveis nas instalações materiais. Ela se fez geralmente através de adaptações de unidades já existentes ou mediante invasão de antigas residências. Deste modo, em um mesmo estabelecimento podem suceder-se diferentes firmas comerciais e linhas distintas de mercadorias. Raras são as construções especialmente erguidas para uma nova instalação comercial.

Constata-se, portanto, que há poucas transformações na paisagem dos quarteirões comerciais, quer pelos aspectos materiais quer pelo confinamento em torno de um espaço original. Constituem-se ainda nos principais trechos de comércio o núcleo inicial, antiga praça do Comércio, atual Rio Branco, e adjacências. As mudanças de endereço efe-

tuam-se geralmente para a mesma rua ou para vias próximas. Permanecem edificações antigas, cujo aproveitamento se faz mediante a modernização da fachada e a introdução de vitrines e de iluminação a neon.

As instalações mais modernas, implicando em construções apropriadas, são as de vendas de automóveis e outros veículos, algumas das quais já marcam o avanço de uma ocupação mais recente rumo ao bairro do Jóquei.

### 5.2.6 - Problemas do comércio de Teresina

*Problemas indicados pelo comércio.* A caracterização das condições da praça de Teresina também está envolvida com uma série de problemas. Muitos destes se identificam a questões de ordem geral, também apontadas em outras cidades nordestinas.

130

Encontram-se, portanto, referências constantes ao baixo poder aquisitivo da população, agravado ainda com a política de contenção salarial. Há referências também à carga de impostos, às dificuldades de obtenção de crédito bancário e falta de capital de giro, ao tabelamento de mercadorias e outros mais. O comércio conta, porém, com representações de classe que tem tomado diversas iniciativas.

No que diz respeito à *carga tributária*, a Associação Comercial de Teresina, por exemplo, vinha de pleitear a anulação de pesadas multas de imposto de renda e outras taxas, principalmente as do INPS. Constataram-se, igualmente, reclamos sobre o ônus do desembolso fiscal sobre as encomendas de mercadorias, que obriga a efetuar pagamento à vista, uma vez que os realizados a prazo não comportam aquela taxaço.

*As restrições do crédito bancário*, que refletem uma política de âmbito nacional, constituem-se em entrave para que o comércio usufrua das mesmas fa-

cilidades de que gozava tradicionalmente como a atividade mais beneficiada por aqueles recursos. Assim, por exemplo, no período 55/58, mais de 50% dos empréstimos concedidos pelo Banco do Brasil S/A em Teresina eram absorvidos pela comercialização de produtos agrícolas e pela de produtos manufaturados em outras partes do país. Atualmente as proporções baixaram, o que significa o encaminhamento daqueles recursos financeiros para outros setores de atividade.

Mas o comércio continua pleiteando a primazia neste particular. Um memorial do Clube das Classes Produtoras foi dirigido ao presidente do Banco do Nordeste, apontando as deficiências de sua atuação no Piauí e as dificuldades opostas nas operações, em que são exigidos depósitos e juros elevados no ato de empréstimo. Registram-se também reclamações quanto ao fechamento das carteiras de empréstimos e limite para descontos nos bancos, quanto aos elevados juros requisitados pelas agências particulares, também quanto à necessidade de dois avalistas para levantamento dos empréstimos.

A menor disponibilidade atual de recursos bancários enfrentada pelo comércio, bem como as taxaço, também se refletem em *problemas de estocagem*.

Segundo as informações prestadas, existe a preocupação de evitar empréstimos bancários, dadas as dificuldades impostas pelas agências e os prazos curtos de vencimentos das duplicatas. Deste modo, a movimentação de compras para renovação de estoques está na estreita dependência do volume de vendas realizado, de vez que o empresário declara utilizar o próprio capital nessa operação. Quando as duplicatas vencem antes do término das vendas, vêm-se os comerciantes obrigados a recorrer aos bancos. Nem sempre podem eles antecipar-se, portanto, a preparar um estoque de mercadorias para os períodos de maior procura.

Mas a formação de estoques enfrenta também outros obstáculos. A própria limitação do mercado consumidor impede a formação de reservas maiores. Criam-se problemas relativos à conservação do material, quando perecível, à sua desatualização ou superação.

Não obstante, impõem-se a necessidade de certo volume de mercadorias, em função da grande distância dos principais fornecedores, que dificulta sua reposição rápida e a formulação de pedidos consecutivos.

A necessidade de estoque também decorre dos prazos de entrega dos produtos aos comerciantes, que se vêem agravados no período das chuvas. Certa estocagem igualmente se impõe devido a problemas de encarecimento quanto aos fretes. Ressaltam neste particular a distância dos fornecedores e o tipo de mercadorias que prevalecem para Teresina. Trata-se, geralmente, de produtos de pequeno porte, incluídos em tabelas de preços B e C, que são mais onerados do que os fretes de tipo A, nos quais estão compreendidas mercadorias mais pesadas e que podem lotar mais facilmente um caminhão. Impõe-se, portanto, como um dos principais problemas o do mercado fornecedor, situado à longa distância, uma vez que o comércio não dispõe de uma produção local.

Deste modo, um dos problemas importantes enfrentados pela praça de Teresina relaciona-se ao frete, que varia naturalmente segundo a natureza das mercadorias. O frete CIF diz respeito a medicamentos, produtos químicos, gilete, couros, livros e revistas e outros. No tipo FOB citam-se, eletrodomésticos, confecções, utensílios, plásticos, tecidos, conservas, gêneros alimentícios.

Há preferência por este último frete porque as agências locais oferecem descontos e outras vantagens, além de se estabelecer um atendimento de caráter pessoal, baseado frequentemente em

relação de amizade ou de conveniência, quando o comerciante tem interesses na agência. Em função desta preferência, vêm-se as transportadoras obrigadas a conceder abatimentos de preços fretes CIF. Estes lhes são mais vantajosos e apresentam custos mais organizados do que o FOB, mas vêm-se a braços com pessoal especializado na conquista da clientela.

Os problemas relacionados ao frete dizem respeito, ainda, ao retorno, a partir de Teresina. Apresenta-se bem mais barato do que o de ida, respectivamente Cr\$ 0,12 e Cr\$ 2,85 o quilo na tabela A, mas nem sempre há carga para o caminhão. Quando o arroz do Maranhão é suficiente, o problema se resolve com o seu transporte para diversos centros do país. Por vezes a carga é de babaçu ou oticica do Piauí para o Recife ou Fortaleza, complementando-se a seguir com outros produtos que são encaminhados para vários pontos de destino. Não raro os caminhões só vêm pegar carga no Espírito Santo, geralmente pedra de calçamento para o Rio de Janeiro e São Paulo.

Um dos problemas também apontados na questão dos transportes de mercadorias é o de uma fiscalização, que não dispondo de fontes de renda suficientes, exerce controle exagerado nos postos de fronteira, aplicando multas e taxas e fazendo baixar toda a carga do caminhão.

Verifica-se, portanto, que a praça de Teresina não oferece por ora vantagens especiais como ponto de desembarque e posterior distribuição das mercadorias. O encaminhamento da carga corre por conta das empresas transportadoras desde a origem até o destino, mesmo quando se faz necessária uma re-expedição, com caminhões locais, a partir da capital.

Vários dos problemas enfrentados pelo comércio estão diretamente relaciona-

dos à debilidade do mercado consumidor.

Trata-se de *um mercado que se satura em pouco tempo*. A rápida relatividade dos negócios, implicando no abandono de um gênero de comércio e na sua substituição por outro, impõe-se como medida de sobrevivência. Das respostas a 50 inquéritos, 19 demonstraram ruptura com atividades anteriores, registrando-se a maioria das mudanças de ramo de negócios na década de 60.

Firmas de maior segurança financeira lançam-se em empreendimentos pioneiros, enquanto as que, mesmo em curto lapso de tempo, seguem trilha idêntica, nem sempre se vêm coroadas de êxito. Verifica-se, deste modo, rápida locupletação do mercado e excesso de estabelecimentos dedicados ao mesmo ramo de negócios, localizados muito próximos uns dos outros. Mas há também tendência à eliminação dos concorrentes mais fracos, subsistindo as firmas mais poderosas.

Verifica-se que *certas mercadorias acusam ampliação nas vendas, enquanto outras registram estagnação ou retrocesso*.

Algumas delas revelaram expansão de 100% no período 1965/68, como móveis especializados e instrumental cirúrgico, declinando, porém, para 50% nos anos seguintes, de vez que se trata de bens que não necessitam de renovação frequente. As autopeças também acusam vendas crescentes, aumentando em mais de 100% de um ano para outro. Melhor mercado vem igualmente encontrando os artigos escolares e artes gráficas, assim como os fogões para gás butano. Ampliação de 50% foi verificada nas vendas de vacinas, antibióticos, seringas, agulhas, termômetros e outros mais.

Revelaram-se em retração os setores de eletrodomésticos, tecidos, miudezas, etc. O arrefecimento de um surto de construções, impulsionado pela política ha-

bitacional do país e o aparecimento de estabelecimentos congêneres no interior acarretou certa estagnação à venda de ferragens e material de construção.

*A retração na venda de algumas mercadorias decorre também da concorrência direta movida pela penetração de firmas de Fortaleza e do Recife*. A capital do Ceará compete com Teresina no abastecimento dos municípios de sua área de influência em diversos produtos. Firms pernambucanas interferem, particularmente com material de construção, vendendo ao consumidor pelo mesmo preço oferecido aos comerciantes.

Mesmo quando se trata de representações exclusivas sediadas em Teresina, que em tese implicam em área de jurisdição própria, estabelece-se a concorrência de Fortaleza, especialmente quanto a produtos farmacêuticos. Não havendo fiscalização rigorosa neste particular, torna-se possível manter esta situação.

As limitações do consumo e a necessidade de sobrevivência influem para que o comércio apresente, frequentemente, *uma série de atividades suplementares*. Em 37 respostas aos inquéritos, abrangendo inclusive filiais com sede em Parnaíba, registram-se 23 positivas neste particular. Referem-se estas atividades, na maioria das vezes, a gêneros de comércio diferentes, mas também dizem respeito a pequenas indústrias, a imóveis urbanos e propriedades rurais geralmente de pecuária, ou a algumas profissões liberais. Quase sempre ocorrem na própria capital, à exceção das indústrias e das propriedades rurais. Estas se localizam em outros municípios do Piauí e do Maranhão, assim como as fábricas que são, via de regra, estabelecimentos de beneficiamento de matérias-primas ou de confecção de produtos de uso corrente e de baixa qualidade, como massas alimentícias, móveis e outros.

SERVIÇOS LIGADOS AO COMÉRCIO-FIRMAS INDIVIDUAIS REGISTRADAS DE 1960-1969

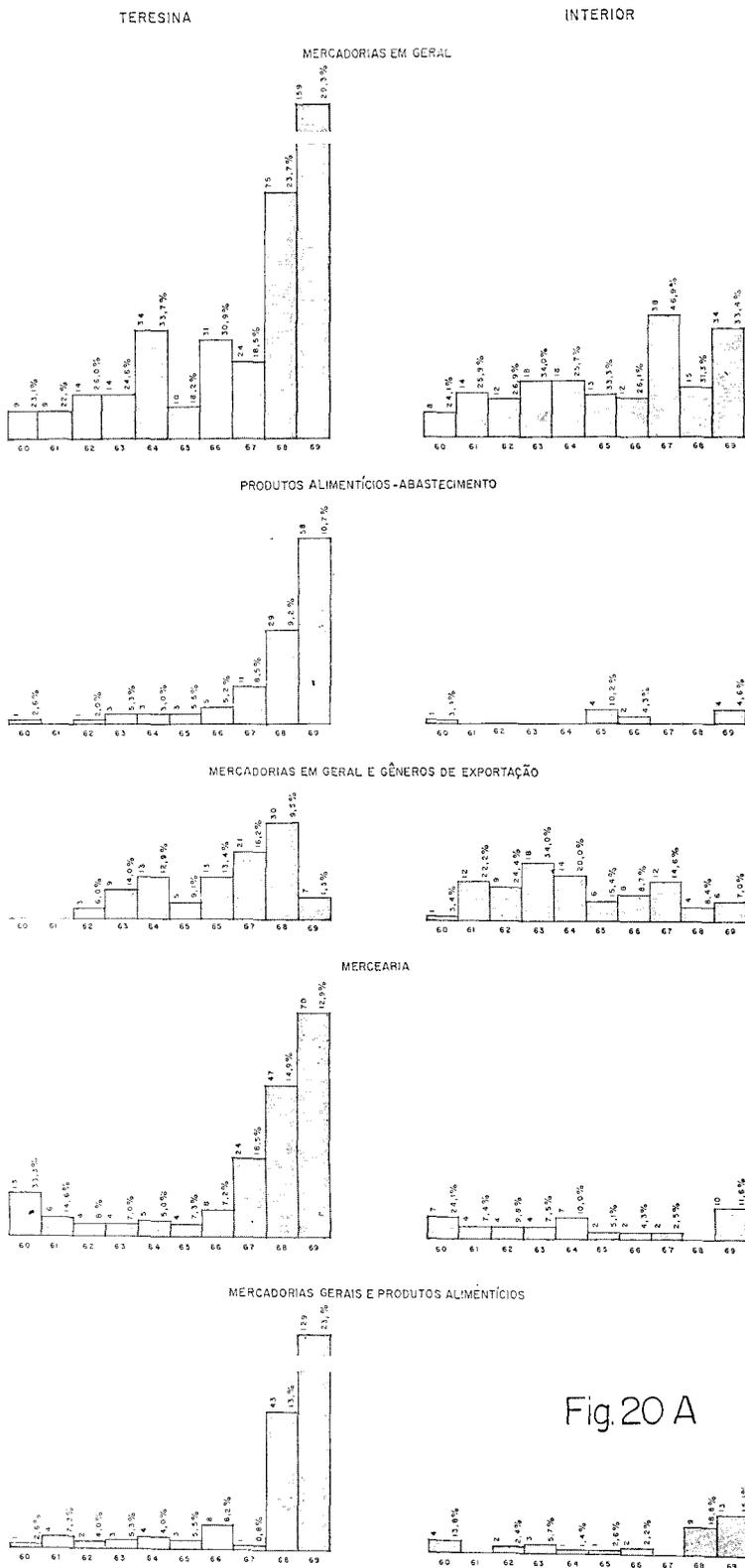
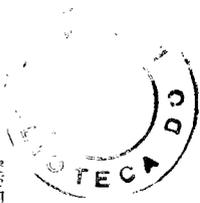


Fig. 20 A



# SERVIÇOS LIGADOS AO COMÉRCIO - FIRMAS COLETIVAS REGISTRADAS DE 1960-1969

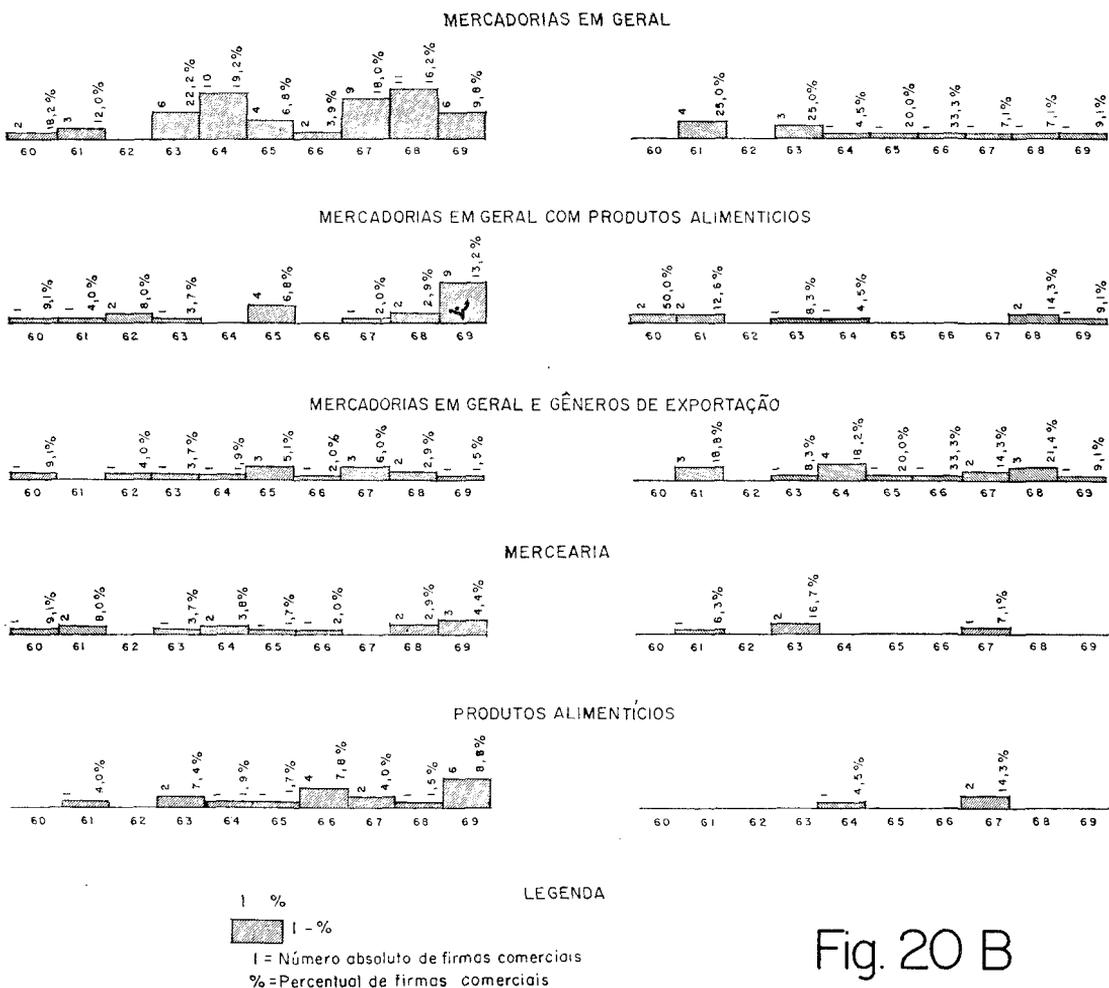


Fig. 20 B

Já no que diz respeito à mão-de-obra, Teresina parece contar com reserva suficiente, de vez que não há referências à falta de pessoal. Registra-se *elevado desemprego na cidade* e constante solicitação junto aos estabelecimentos. O comércio também não parece sofrer de problemas de mão-de-obra qualificada, que não se faz particularmente necessária. Algumas firmas de maior porte já se constituem, porém, em exceção. Constatou-se, por exemplo, que um

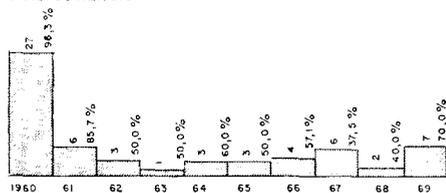
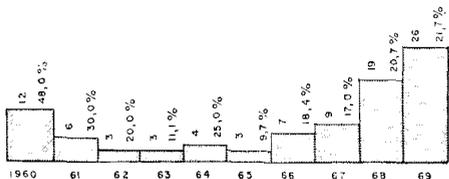
dos estabelecimentos mais importantes, como o Armazém Paraíba, indicou dificuldades neste sentido, a ponto de entrar a abertura de nova filial. O comércio de autopeças revelou iguais dificuldades para conseguir pessoal com prática na venda destes artigos, implicando na necessidade de treinamento prévio. Também os revendedores de veículos apresentam reclamações quanto a empregados especializados.

# SERVIÇOS LIGADOS AO COMÉRCIO - FIRMAS INDIVIDUAIS REGISTRADAS DE 1960-1969

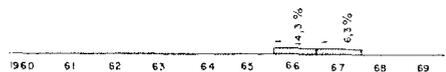
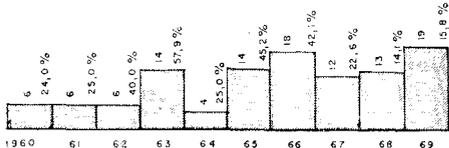
TERESINA

INTERIOR

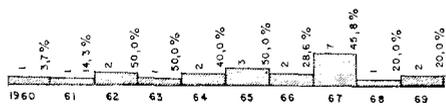
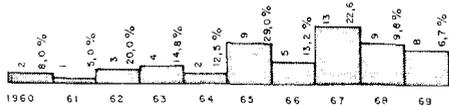
## PEQUENAS INDÚSTRIAS LIGADAS AO COMÉRCIO



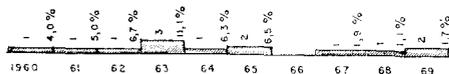
## REPRESENTAÇÕES



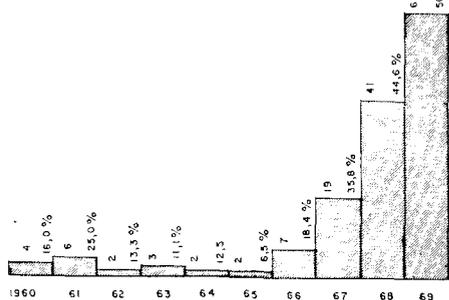
## TRANSPORTES



## SERVIÇOS COMERCIAIS E IMOBILIÁRIO



## SERVIÇO DE ALOJAMENTO, ALIMENTARES E DIVERSOS



## SERVIÇO DE ALOJAMENTO, ALIMENTARES E DIVERSOS

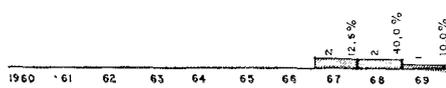


Fig. 21A

# SERVIÇOS LIGADOS AO COMÉRCIO-FIRMAS COLETIVAS REGISTRADAS DE 1960-1969

## TRANSPORTES



## REPRESENTAÇÕES

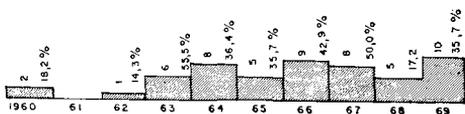
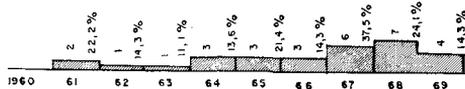
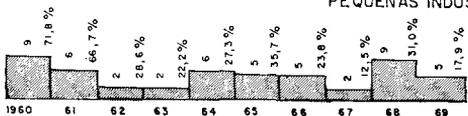


Fig. 21 B

## SERVIÇO DE ALOJAMENTO, ALIMENTARES E DIVERSOS



## PEQUENAS INDÚSTRIAS LIGADAS AO COMÉRCIO



## 5.3 - O comércio de abastecimento

A referência particular a este setor decorre da dominância do comércio de alimentos na cidade, como já foi mencionado anteriormente e como o demonstram as tabelas e gráficos organizados com os dados colhidos na Junta Comercial de Teresina. Esta dominância vai de encontro a uma população que depende na alimentação a maior parcela de seus rendimentos, conforme demonstraram levantamentos efetuados na capital do Piauí e em municípios próximos.

### 5.3.1 - Características do comércio de abastecimento

Uma das características do setor é a *variedade de unidades comerciais* que abrange, se bem que se trate de atividades de pequeno porte. Compreende

desde vendedores ambulantes a supermercados e estabelecimentos especializados na venda de ovos, aves e hortigranjeiros, além de bares e mercearias, quitandas e açogues, casas de estivas, feiras e mercados. Caracterizam-se, portanto, contrastes entre formas muito primitivas de comércio e formas mais modernizadas. O serviço automatizado dos supermercados, por exemplo, contrasta com as pequenas vendas ambulantes de peixe, frutas ou legumes, praticadas sem qualquer acondicionamento, em cestos ou em tabuleiros arrumados ao longo das calçadas ou colocados em lombo de animais.

Mas os supermercados não contam com prédio especialmente construído para este fim. Trata-se geralmente de adaptações do serviço automatizado à construção já existente. Mesmo em um dos melhores da cidade não havia venda de frutas, leite, peixe ou carne, apesar de contar com balcões frigorificados.

Acresce que estas unidades são ainda em pequeno número e não estão localizadas fora das quadras de comércio comum da cidade, se bem que haja planos de expansão com estabelecimentos situados em bairros mais abastados e também nos mais populares. Por sua vez, as casas especializadas na venda de aves e ovos, frutas e hortaliças são muito recentes. Abastecem-se as unidades avícolas nas granjas situadas na periferia suburbana da cidade, efetuando o abate e acondicionamento por conta própria.

No tocante aos mercados propriamente ditos, verifica-se que tendem a substituir estabelecimentos isolados e dispersos, como açougues, quitandas, etc., reunindo em seu interior atividades de abastecimento alimentar e outras, como calçados, costaria, confecções. Compreendem instalações cobertas, divididas em compartimentos arrendados pela prefeitura, que efetua cobranças diárias do aluguel. Via de regra expõem pouca variedade de mercadorias. Assinalam-se algumas qualidades de feijão, arroz, farinha de mandioca, milho, cebola e alho. As verduras são em pequena quantidade e em mau estado. A carne, vendida em alguns balcões, é mal cortada, mas apresenta preços mais baixos do que no Rio de Janeiro, por exemplo.

Os mercados existentes localizam-se nos trechos de maior concentração populacional da cidade. Quase todos foram fundados após 1960, conforme levan-

tamento solicitado à Delegacia Regional de Estatística de Teresina.

Datas de inauguração dos mercados de Teresina:

| Ano  | Mercado                 |
|------|-------------------------|
| 1933 | Central                 |
| 1945 | da Piçarra              |
| 1962 | dos Coqueiros           |
| 1964 | Laurindo Veloso         |
| 1966 | Tersando Paz            |
| 1969 | Major Domingos Monteiro |
| 1969 | Lourival Parente        |

Na parte exterior dos mercados encontram-se pequenas tendas ao ar livre, onde se vendem alguns poucos produtos, parecendo corresponder a um estágio anterior ao da posse de um compartimento no mercado.

Nota-se que a aspiração de muitos dos que comerciam do lado de fora é transferir-se para um dos compartimentos internos do mercado, enquanto os vendedores ambulantes são animados pela esperança de possuir um caminhão ou um animal de carga.

Relacionam-se também ao setor de abastecimento os *padrões de consumo alimentar*. Constata-se que Teresina acusa diferenciação com outras cidades nordestinas, apresentando níveis mais baixos em certos produtos consumidos.

Algumas comparações foram efetuadas com os dados fornecidos pela Estimativa do Consumo Total de Produção Alimentar (1967), levantada pelo ETENE/BNB.

**QUADRO XX**  
**PRODUTOS ALIMENTARES (em 1.000 Unidades)**  
 **gorduras COMESTÍVEIS (kg)**

| CIDADES        | Banha de porco | Gordura vegetal | Óleos vegetais | Manteiga | Margarina |
|----------------|----------------|-----------------|----------------|----------|-----------|
| Teresina.....  | 511,7          | 180,9           | 366,1          | 186,2    | 11,6      |
| São Luís.....  | 303,2          | 167,8           | 672,4          | 464,9    | 24,4      |
| Fortaleza..... | 1 730,7        | 541,4           | 2 763,4        | 1 898,0  | 158,4     |

Fonte: *Manual de Estatísticas Básicas do Nordeste* -- ETENE-BNB. 1968.

Nota-se que os padrões de São Luís e Fortaleza se assemelham quanto à importância de consumo dos produtos em que os óleos vegetais têm a primazia. Já Teresina indicou em primeiro lugar a banha de porco, além de registrar quantidades totais muito inferiores a São Luís.

O consumo de outros produtos alimentícios permite aferir outras comparações com a capital do Maranhão.

Observa-se que as duas cidades se equiparam nos totais consumidos de produtos regionais, como o peixe salgado, sal, doces caseiros. As diferenciações mais acentuadas dizem respeito ao consumo de gêneros de padrão urbano mais elevados como leite em pó e macarrão que sobressaem em São Luís. Teresina se distingue em um produto, cujo uso tem base em hábitos tradicionais, como é o fubá de milho.

Estudos sobre o assunto, como os da COHEBE e da COPLAN, enfatizam esta característica do consumo alimentar na capital piauiense, ligado não só à tradição como a estrutura da produção. O arroz, que apresenta ampla oferta regional, tem a primazia na dieta dos habitantes de Teresina inclusive sob a forma de cuscuz, dando margem a diversas fábricas de massa daquele cereal. Segundo os estudos citados, o uso *per capita* na capital do Piauí é cinco vezes maior do que o de Salvador e duas vezes maior que o de Fortaleza. Arroz e carne bovina correspondiam, respectivamente, a 38% 3,45% dos gastos na alimentação.

Por outro lado, em função da estrutura produtiva, a cidade acusa paradoxalmente semelhanças com áreas mais desenvolvidas no consumo de alimentos proteicos, como a carne fresca bovina e o leite. O índice *per capita* de Teresina nestes produtos se mostra su-

perior ao de São Luís e Salvador. Mas, paralelamente, há grande utilização de suínos e da banha de porco em função da condição de subsistência destes animais, cujo número é elevado na região. Outros gêneros de subsistência também sobressaem na dieta alimentar, como milho e feijão.

Deste modo, a utilização de novos produtos na alimentação não resultou em desequilíbrio dos padrões dominantes. É, por exemplo, o caso do pão, que ainda não substituiu o consumo mais generalizado do cuscuz de arroz. Por outro lado, seu uso se faz por uma adaptação ao nível aquisitivo da população, vale dizer que se introduz através de um tipo de qualidade inferior, o chamado "casca de côco", fabricado em pequenas padarias locais.

A introdução de outros produtos alimentares também se efetua do mesmo modo, isto é, através de condições inferiores, capazes de suportar preços mais baixos. Constata-se, assim, o aumento de vendas de farinha de trigo pelos representantes, em grande parte devido ao aparecimento de fábricas de biscoitos de tipo popular, que fazem diminuir as importações de outros Estados, graças a um preço inferior.

Por sua vez, o açúcar de baixa qualidade tem ampla difusão, superando o uso da rapadura que procede de Ibiapaba. Mas a produção irregular de uma usina próxima a Teresina torna necessário o acesso a Pernambuco para este fornecimento.

### 5.3.2 - Organização dos setores de abastecimento

No que se refere à *organização dos setores de abastecimento* nota-se que, para diversos produtos, as condições

*permanecem quase inalteradas desde os primórdios da cidade.* Predominam, portanto, estruturas tradicionais, mesmo quando há introdução de novos agentes, capazes, entretanto, de acarretar perturbações na situação vigente. Mas também já se assinalam transformações mais acentuadas em alguns setores de abastecimento.

No que diz respeito *ao leite*, por exemplo, tem-se um produto obtido ainda em vacarias precárias, que se localizam nas proximidades da cidade e em outros pontos do município.

Sua venda é efetuada quase sempre por leiteiros que o adquirem diretamente nas vacarias ou em postos de distribuição das vacarias mais distantes, para onde o produto é transportado em depósitos de 30 a 40 litros e fornecido em latões para os intermediários ou em unidade para os consumidores domésticos. A área melhor servida da cidade é o centro, onde a maior capacidade aquisitiva de seus habitantes garante venda mais rápida. Os demais trechos têm fornecimento mais regular, quando se conta com o excedente da produção de municípios próximos, no período de janeiro a fins de maio. Tendo um custo calculado em Cr\$ 0,67 por litro em maio de 1969 (SUNAB), alcançava o preço de venda de Cr\$ 0.75 por unidade.

O leite é, porém, adulterado, bastando notar que a uma produção diária de 5.000 a 6.000 litros, correspondia o fornecimento de 10.000 litros.

Apesar de seu contingente populacional, Teresina não dispõe ainda de usina de pasteurização que, de acordo com a lei, impediria a venda do produto *in natura*. A instalação de uma unidade desta natureza talvez venha a ser impulsionada pela concorrência que pode advir de um estabelecimento

congênera existente em Sobral. Apesar de possuir população muito menor, aquela cidade cearense, já sob processo de difusão a partir de uma metrópole como Fortaleza, apresenta portanto estrutura de abastecimento superior a de Teresina.

A instalação de uma usina de pasteurização na capital piauiense é motivo de cogitação no presente. As iniciativas parecem dividir-se entre um grupo de empresários de Fortaleza, que estariam condicionadas ao apoio de recursos da SUDENE e um grupo local que havia fundado recentemente uma Cooperativa de Produtores de Leite, inclusive com associados de municípios próximos. Esta é uma tentativa que já teve precedentes sem êxito, assim como em outros setores, em decorrência da falta de mentalidade associativa no que concerne às atividades produtivas em Teresina.

Uma das aspirações dos produtores de leite é conseguir, através da cooperativa, a diminuição do custo de insumos. Cogita-se de financiamento a preços convenientes para a formação e manutenção das pastagens e para a estocagem de alimento necessário ao gado.

Por vezes, os donos das vacarias mantêm pequenas propriedades, com cerca de 60 hectares, em grande parte ocupadas por pastos plantados. O gado, quase sempre mestiço de zebu com holandês, não se dá bem à solta. Torna-se necessário mantê-lo em estábulos, onde se procede à sua alimentação. Faz-se mister, portanto, aplicar certo montante de investimentos.

Por sua vez, os pastos plantados implicam no uso de equipamentos alugados no Fomento Agrícola e na utilização de sementes de capim adquiridas parcialmente com a SUDENE ou

em São Paulo. Custos elevados são também representados pelas rações suplementares fornecidas ao gado, calculadas em Cr\$ 2,00 por dia, segundo levantamento da SUNAB. Torna-se necessário recorrer a diferentes recursos, de vez que há geralmente carência do resíduo de caroço de algodão ou do ralão de babaçu. Segundo informações prestadas, constata-se a necessidade de recorrer a diversas fontes, além do fornecimento local.

O resíduo do caroço de algodão e do babaçu é obtido nos estabelecimentos de beneficiamento e de extração de óleo, não só de Teresina, como de Picos e de outros municípios. A farinha de osso é adquirida na FRIPISA (Campo Maior) e algumas vezes através da Secretaria de Agricultura. O farelo de trigo, produzido no Maranhão e estocado em Timon, é obtido através de representantes. O sal comum provém de Parnaíba, mas é também fornecido pelo comércio local, além de São Paulo e Guanabara. Quanto à mandioca, é ela adquirida da zona rural, através de intermediários que efetuam contratos com as vacarias para seu fornecimento.

Apesar da baixa produção diária do leite, inferior a uma demanda estimada, registram-se declarações sobre o subconsumo, que repercute também na viabilidade de se instalar uma indústria de laticínios.

No caso da carne, caracteriza-se um setor de abastecimento em que a introdução de um agente de modernização como foi o Frigorífico do Piauí S.A., trouxe em conseqüência uma situação de desorganização nas condições vigentes, sem no entanto instaurar ainda uma nova estrutura.

A implantação da FRIPISA em Campo Maior veio, de um lado, romper com

a autonomia de que gozavam os tradicionais comerciantes da carne, os "marchantes". Mas, de outro lado, não logrou preencher os objetivos a que se propôs, isto é, o de garantir um abastecimento regular do produto e o de fabricar subprodutos industrializados, destinados até a mercados extra-estaduais.

Os marchantes continuam a comerciar com a carne, mas sem a autonomia anterior de que gozavam. O fechamento do matadouro de Teresina, no qual podiam manipular a quantidade de animais que desejassem, tornou-se subordinados ao regulamento da . . . FRIPISA de onde passaram a receber a carne. O abate é obrigatório no frigorífico, implicando em determinadas quotas e no pagamento de taxas que se tem elevado progressivamente. O preço do produto também é encarecido pelo transporte, de vez que o gado vem a Teresina, segue para Campo Maior e volta à capital sob a forma de carne para o consumo, entregue nos açougues ou bancas dos marchantes. O preço de abate dos animais na FRIPISA varia de acordo com o preço do boi, diminuindo a taxa se as vísceras são deixadas para o frigorífico. Quando também o couro é cedido, o abate pode vir a ser gratuito. Deste modo, a FRIPISA também trabalha com aqueles produtos, destinando as vísceras ao mercado de Teresina e à fabricação de salsicharia e o couro aos curtumes de Sobral e Fortaleza.

A presença do frigorífico não modificou o modo de apresentação do produto, que, geralmente, se ressentia de condições sanitárias deficientes. Por outro lado, o gosto da carne não tem boa aceitação no mercado consumidor, uma vez que a carcaça mal acondicionada nos caminhões isotérmicos vem queimada pelo frio. Com a ausência do matadouro local e apesar da fiscaliza-

ção, incrementou-se o contrabando de carne de matadouros localizados em municípios vizinhos, que não sofreram restrição.

Acresce também que a FRIPISA não resolveu também o problema do abastecimento da carne. Este se mantém como antes da implantação do frigorífico, satisfatório no inverno mas deficiente na entressafra, quando acusa encarecimento de cerca de 10%.

Debate-se, portanto, aquela organização com uma série de problemas. Propondo-se de início a abater uma média de 1.000 bois por dia, só mostrou capacidade para atender a cerca de 50%. Sofre também com a escassez de animais e com a falta de capital suficiente para sua aquisição, inclusive para competir com os preços oferecidos no Maranhão, que tem atraído gado das feiras de Picos e de outras localidades, a ponto de despertar a atenção das autoridades para medidas contra esta evasão. Mas, por outro lado, a FRIPISA não possui pasto suficiente para a manutenção do gado que afluí no período chuvoso. Acresce ainda que, quando há estoque de carne, torna-se ele prejudicado por deficiências de adaptação do equipamento das câmaras frigorificadas.

Luta também a FRIPISA com o ônus de uma administração e mão-de-obra dispendiosas e de um custo operacional agravado pelo uso do motor diesel. Há expectativas em torno da energia de Boa Esperança que poderá contribuir para amenizar certas despesas.

Ditada por interesses políticos e pelo fato de ser o município de maior produção de gado do Estado, a localização do frigorífico em Campo Maior é fator de encarecimento da carne, como já tivemos ocasião de mencionar. Acresce que a FRIPISA não logrou

eliminar os intermediários na compra do gado, como rezam os planos da SUNAB. O criador raramente vende diretamente, utiliza-se porém dos boiadeiros. Estes intermediários reúnem animais de várias fazendas e se encarregam da "pega", quando os bois são soltos em criação extensiva, ou compram em currais e nas feiras de Picos, Oeiras, São João do Piauí. Alguns boiadeiros tocam o gado a pé, mas outros são proprietários de caminhões ou os alugam.

A baixa densidade do rebanho em um Estado que só conta com pastos suficientes durante alguns meses no ano apenas, implica em sua área de abastecimento muito dilatada para a . . . . . FRIPISA.

Segundo seus meios de acesso, pode-se fazer distinção entre o gado que efetua o percurso a pé e o que utiliza meios de transporte para este fim. O trajeto em caminhada refere-se a distâncias curtas, compreendendo os municípios de Campo Maior, Alto Longá, Beneditinos, Barras. O boi também vem a pé de áreas mais afastadas, como a região de Valença do Piauí, mas em época de chuvas, porque pode alimentar-se durante o percurso. Já de Floriano o gado, que também procede a pé de Gilbués e Santa Filomena e é reunido em "soltas", vem transportado em caminhão. Quando vindo de Piracuruca e Piripiri, os animais são geralmente embarcados em trem.

A instalação da FRIPISA não substituiu, portanto, a estrutura tradicional do abastecimento de carne. Permanecem ainda os marchantes à testa do setor em Teresina, se bem que sofrendo continuadas limitações, a ponto de diminuir o número de seus estabelecimentos e de se verem afetados em outros campos de ação.

Mas o frigorífico representa a introdução de certos melhoramentos. Con-

quanto ainda muito aquém dos planos iniciais, e sem lograr atingir o mercado de Fortaleza, registra-se o começo de uma produção local de farinhas de carne, sangue e osso, utilizadas em rações balanceadas para aves. Assinalam-se também tentativas de melhorias das condições sanitárias, graças à presença de um serviço de fiscalização que conta com veterinário, impedindo a venda de carne de animais doentes. Há também fiscalização permanente da COPAMA para evitar o abate de fêmeas.

Mantêm também um entreposto com câmaras frigorificadas em Teresina, onde é guardado o produto quando em excesso e que também são alugadas para a conservação do peixe e frutas que procedem do centro-sul e outras regiões.

Tomando-se ainda um outro setor do abastecimento, como *o de ovos*, tem-se um exemplo em que a introdução de uma cultura mais ou menos organizada veio romper com o fornecimento anterior de ovos de galinha pé-duro, dominante no meio rural.

A expansão deste setor é recente, manifestando-se no surgimento de certo número de granjas que abastecem casas especializadas na venda de ovos e aves. Esta expansão teve como objetivo enfrentar a carência do abastecimento de carne, particularmente sentida no Estado em período de seca. Resultou da conjugação de alguns fatores que têm implicação paternalista.

Pode-se apontar em primeiro lugar o papel da Associação Piauiense de Agricultura, que promoveu a importação de pintos de um dia do Rio de Janeiro e de São Paulo para a formação de aviários e que também cuidou de fabricar rações, fundando um pequeno estabelecimento para este fim, com amparo no artigo 34/18 da SUDENE.

Entrosada com a Secretaria de Agricultura, aquela entidade promoveu cursos com técnicos de outros Estados, no sentido de propiciar instruções sobre manejo, instalações e outros quesitos relacionados ao problema, além de encontros com grupos de avicultores de Fortaleza.

Outro fator de incentivo à avicultura foi o "milho subsídio" fornecido pela ajuda americana de alimentos às áreas subdesenvolvidas, que representou nutrição gratuita para as aves durante certo período.

Importante fator foi ainda a elevada participação de financiamentos oficiais, representados por 66% do Banco do Estado do Piauí, 6% do Banco do Brasil, enquanto os restantes 28% correspondiam aos particulares. Em 1969, a agência estadual propôs-se ao financiamento de 50 projetos avícolas na capital, com recursos do Banco Internacional de Desenvolvimento, abrangendo um total de quase oitocentos mil cruzeiros. Naqueles projetos estavam previstas uma oferta anual de 9.765.500 ovos e de 112.340 aves para corte.

Mas um dos principais motivos desta expansão foi sem dúvida as facilidades de que goza o crédito agrícola em relação ao do comércio, cujos juros perfazem quase o dobro. Deste modo, a atividade, que se iniciou com pequenos proprietários rurais da periferia da cidade, passou também a interessar a homens de negócio e a elementos de outras ocupações. Cabe, porém, assinalar que os recursos financeiros assim obtidos nem sempre são aplicados para os fins declarados, e não raro se vêm desviados para outros interesses.

O fomento de certo modo artificial desta produção gerou rapidamente um excesso de oferta e uma situação de

crise. Do total daqueles projetos iniciais, 23 se puseram logo em funcionamento. Segundo levantamento realizado pela Pesquisa Preliminar sobre oferta de ovos na cidade de Teresina, a oferta em 1969 era de 18.100 unidades por dia, aquém de uma estimativa de demanda, enquanto o número de aves totalizava 100.000.

No entanto, já em 1970 (julho), constatava-se uma crise, por excesso de produto e por problemas afetos à avicultura.

O hábito alimentar de produtos granjeiros não é arraigado na população, apresentando-se como consumo esporádico ou como último recurso. Por outro lado, apesar das irregularidades climáticas, houve relativa fartura na produção de carne, especialmente de abril a julho, bem como na de peixe e verduras, o que ocasionou uma baixa no consumo de produtos avícolas, que não podem baratear como os outros alimentos. Formou-se, assim, grande reserva de ovos, estimada em cerca de 30.000 unidades.

O preço de ovos que a SUNAB, por reivindicação dos produtores, havia aumentado de Cr\$ 0,14 para Cr\$ 0,18 a unidade, foi obrigado a baixa até a Cr\$ 0,10, cada um. Com o intuito de debelar a crise, o Estado tomou a si a tarefa de vender o produto por aquele preço nas frentes de trabalho, criadas em função da seca.

Outros problemas relacionados à avicultura tiveram a ver com a necessidade de melhorar a produtividade e combater a mortalidade. As rações elaboradas pela fábrica de Teresina, utilizando matéria-prima local, não foram satisfatórias.

Resultou um produto grosseiro, ao qual se fazia necessário acrescentar elementos mais refinados, como fari-

nha de carne e de soja, de difícil obtenção no Nordeste. Em consequência de deficiência nutritiva das rações, os frangos atingiam idade de abate mais tardiamente do que no Centro-Sul.

Tornou-se necessário importar concentrado do Centro-Sul do país e acrescentar farelo de trigo e milho. Ganham as aves em produtividade, mas o preço das rações aumentou muito, inclusive com o frete.

Por outro lado, o alimento das aves veio a ressentir-se dos próprios recursos locais. O milho, que é deficiente no Piauí e que sofre com os invernos irregulares, passou em um ano de Cr\$ 0,15 o quilo para Cr\$ 0,40. Tornou-se, assim, a avicultura cada vez mais dependentes da nutrição vinda de fora, sem que a SUNAB ou a COBAL tenham conseguido resolver o problema, através de aquisição de produtos mais baratos em outras áreas e colocadas no mercado a preço de custo.

Cuidados sanitários também se fizeram sentir no tocante à mortalidade provocada pela leucose, contra a qual não há vacinação específica.

Enfrentando dificuldades financeiras crescentes, a fábrica de rações já foi, no presente, encampada pelo governo do Estado. Por sua vez, a Associação Piauiense de Agricultura não logrou também resolver o problema da aquisição de pintos de um dia. O plantel é prejudicado pelo transporte em avião de Fortaleza até São Paulo. O cooperativismo não alcançou êxito também neste setor do abastecimento. Mas após aquela data entraram em liquidação, face à política de créditos do governo.

Ante as dificuldades dos produtores locais para enfrentar os problemas,

estabelece-se a ingerência das entidades financeiras oficiais e de um grupo empresarial extra-estadual.

Como medida de desafogo da crise e das condições provocadas pela seca, os Bancos do Estado do Piauí e do Brasil têm prestado ampla cobertura aos avicultores, através da facilidade de empréstimos e de abaixamento de juros de 17 para 5%, em parcelas e até um período de 8 anos.

Paralelamente, cogita-se de planos para instalação de uma granja que opera com matrizes e incubadeiras, evitando o problema da importação do plantel. Trata-se da iniciativa de um grupo cearense que procura um tipo de investimento apto a redundar em benefícios quanto ao imposto de renda. Pretende este grupo instalar-se também com fábrica para fornecimento de rações, trabalhando igualmente com concentrados e, ainda, promover financiamentos a crédito.

As condições paternalistas, que se traduzem em amparo financeiro concedido por organizações oficiais, manifestam-se igualmente no setor da carne e do leite. Deixando de lado as aplicações que se referem à produção, constata-se que o Frigorífico Piauí S.A. teve ampla participação do Banco do Nordeste, à semelhança de entidades congêneres fundadas em outras cidades da região, contando também com a ajuda americana, através do Banco do Estado. A cooperativa do leite, que vinha de ser fundada, contava com recursos do INDA (Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário) e do Banco do Estado do Piauí.

### **5.3.3 - O abastecimento em combustível**

No que diz respeito ao *abastecimento em combustível*, verifica-se que se trata

de um setor no qual a introdução de um novo agente, o gás butano, vem tendo penetração, sem, entretanto, prevalecer sobre o uso do carvão, que é dominante.

O *consumo do carvão* alimenta um comércio elementar estabelecido em depósitos precários, às margens do Parnaíba, ou nas imediações. Constam as instalações geralmente de sacos do produto empilhados ao ar livre e de varas de babaçu, destinadas à cerca de quintais. Raros são os depósitos construídos em tijolos e telhas. Quando chove, os sacos empilhados são apenas cobertos por lonas.

O proprietário encarrega-se da venda do carvão e das varas, mas também financia a certo número de produtores, que são seus fornecedores exclusivos e que se encontram entre moradores, encarregados e arrendatários das propriedades rurais.

Mantém, ainda, alguns intermediários que colocam o produto entre os consumidores, por Cr\$ 0,60 ou Cr\$ 0,70 a lata, cujo custo é de Cr\$ 0,40. O transporte é efetuado através do aluguel de jumentos, que pertencem frequentemente ao proprietário do depósito e que podem carregar três cestos por viagem, ou então através de carroças fretadas para este fim.

São usuários do carvão as padarias, oficinas e residências. As vendas têm aumentado, não acusando variação apreciável durante o ano, ao contrário das de varas o talos de babaçu, que apresentam incidência maior em novembro e dezembro, período de plantios de quintal. Deste modo, a profissão de carvoeiro tem representado uma ascensão no nível de vida de in-

divíduos que partiram de ocupações mais esporádicas.

As áreas de abastecimento do carvão são principalmente os trechos ribeirinhos dos municípios maranhenses de Parnarama e Matões, sendo o produto de Caxias e Timon consumido quase sempre localmente. Do Piauí vêm quantidades menores, sobressaindo, porém, o município de Altos. A mercadoria procedente do Maranhão é transportada em canoas ou balsas através do rio Parnaíba e seu fornecimento está sujeito a variações diárias, dependendo, em grande parte, das condições de navegabilidade daquele curso d'água.

O uso do carvão corresponde a mais de 50% dos combustíveis utilizados pela população. O consumo do gás butano, que foi introduzido em 1960, é ainda restrito. Calculava-se em 20.000 o total de domicílios servidos pelo produto, que é distribuído por duas firmas representantes de uma empresa sediada em Fortaleza, a Ceará Gás Butano. O gás tem sofrido aumentos contínuos, custando (julho 1970) Cr\$ 12,00 por bujão. Sua duração média para uma família de três pessoas foi estimada em cerca de um mês e meio. O bujão sobressalente, que seria necessário para reserva, raramente é vendido, devido ao preço elevado de Cr\$ 40,00, que atinge. Explica-se, assim, que grande parte das famílias consumidoras do gás butano também possuía um fogão a carvão.

A utilização residencial correspondia a 90% das aquisições do produto, concentrando-se a distribuição praticamente na cidade, de vez que apenas 10% é destinado a localidades próximas à capital. Floriano, Parnaíba, Picos, Piracuruca e Campo Maior recebem gás diretamente de Fortaleza. Aliás a montagem de uma filial da empresa cearense na capital do Piauí

poderá ameaçar a função das representantes locais, que já se acham equipadas para este atendimento.

O sistema de distribuição compreende três modalidades: a distribuição domiciliar, responsável por cerca de 40% do total efetuado por uma das firmas representantes, é realizada por caminhão ou camionete, atendendo às residências de quinze em quinze dias.

A compra nos postos distribuídos pela cidade acusa também um movimento de cerca de 40% do total. Finalmente, a aquisição no depósito da firma é responsável por cerca de 20% da distribuição.

Esta distribuição apoia-se em um atendimento regular por parte da matriz. É rara a falta do produto, provocando, no máximo, retardamento de 5 a 10 dias no fornecimento, geralmente, devido a atrasos de navios no terminal de Fortaleza. O gás é adquirido nesta praça, trocando-se bujões vazios por outros cheios e o transporte é realizado em caminhão.

A expansão do consumo deste produto é crescente, segundo informações prestadas em uma das firmas representantes.

|          |             |
|----------|-------------|
| 1965 ... | 880.544 kg  |
| 1966 ... | 1.141.245 " |
| 1967 ... | 1.293.920 " |
| 1968 ... | 1.433.357 " |
| 1969 ... | 1.487.324 " |

Até junho de 1970 ... 720.002 "

Este crescimento é um dos argumentos em prol da construção de um terminal marítimo em Luís Corrêa, capaz de baratear o produto e propiciar a expansão de seu consumo na cidade e no Estado.

Ressente-se o abastecimento de uma série de problemas que têm sido levanta-

tados em alguns trabalhos. Há carência de frutas e legumes, cereais e carne. Quanto ao leite e ovos, assinalamos que apesar da produção se mostrar aquém de uma demanda estimada, registrava indícios de subconsumo. A falta de carne se faz sentir principalmente na entressafra, quando é, porém, substituída pelo pescado. No entanto, a construção da barragem de Boa Esperança tem prejudicado o afluxo de peixes para o rio, implicando em problemas para as atividades ribeirinhas.

Planos de incentivo ao pescado nas águas represadas e de transportá-lo em unidades frigoríficas ainda não se concretizaram todavia.

Referimo-nos, igualmente, às condições de apresentação das diferentes mercadorias, bastante precárias na maioria das vezes. Constatou-se do mesmo modo a pouca variedade de frutas. Só se acham presentes as da estação, como a laranja, produzida em municípios próximos, ou a maçã argentina, importada do centro-sul do país.

Ressente-se a cidade da ausência de frigoríficos e armazéns. No posto da FRIPISA, em Teresina, as câmaras frigoríficas são alugadas para depósito de certos produtos, além da carne. No mercado central há também um compartimento onde se guardam sobras de carne não vendida, mediante o pagamento de determinada quantia. A conservação de ovos ressenete-se da ausência de refrigeração. O atual excesso acha-

va-se retido com os próprios granjeiros, correndo risco de deterioração.

Os armazéns existentes correspondem geralmente a estabelecimentos de particulares, destinando-se a depósitos de arroz, algodão ou amêndoas de baçaú, quase sempre. A presença de um posto da COBAL pouca influência tem na atuação reguladora de estoques. Há, porém, plano de construção de amplo armazém como iniciativa oficial do Estado, através de doação do governo americano, abrangendo áreas de 5.400 m<sup>2</sup>.

O abastecimento também se ressenete de características gerais apontadas para outras cidades nordestinas. Vale dizer que enfrenta a ação de muitos intermediários e de uma oferta pulverizada resultante de pequenos excedentes de cultivos de subsistência.

## 5.4 - Os Fluxos Comerciais de Teresina

Esses relacionamentos dizem respeito ao papel da cidade como centro de consumo e distribuição de mercadorias. A entrada e saída de produtos foi ilustrada por gráficos organizados com dados extraídos dos livros de registro existentes nos três postos fiscais de Teresina. Correspondem a uma amostragem compreendendo a primeira quinzena do mês de março e do mês de outubro, relacionando-se, assim, a um período de chuvas e a um período de seca\*.

A computação dos dados permitiu ressaltar como principais características:

\* Cabe, porém, assinalar que foram consideradas apenas as mercadorias transportadas em caminhão, deixando de figurar aquelas que utilizam normalmente outras viaturas, como ônibus, jipes, etc. Por outro lado, a categoria arrolada como mercadorias diversas não permite sua identificação. Via de regra, refere-se a artigos que não apresentam grande volume e que se mostram muito diferenciados, podendo figurar em um mesmo caminhão produtos como álcool, sandálias, peles, medicamentos e outros que também comparecem isoladamente como tecidos, calçados, alimentos. Acresce ainda que vários produtos não puderam ser identificados.

### 5.4.1 - As importações superam as exportações

Teresina é um centro em que as importações superam largamente as exportações. A aquisição de mercadorias destina-se, em grande parte, ao consumo da cidade, cujas rendas principais são

geradas pelo setor administrativo público.

Total das importações:  
Cr\$ 13.512.295,00

Total das exportações:  
Cr\$ 4.463.526,00

Figuram como importações principais:

QUADRO N.º XXI

| PRODUTOS   | Valor (Cr\$) | % sobre o total |
|--|--------------|-----------------|
| Mercadorias diversas.....                            | 9 263 433,13 | 68,55           |
| Alimentos (inclusive produtos industrializados)..... | 796 484,18   | 5,89            |
| Ferragens e material de construção.....              | 689 000,72   | 5,09            |
| Cigarros.....  | 605 220,08   | 4,47            |
| Máquinas e material elétrico.....                    | 455 743,83   | 3,37            |
| Veículos e acessórios.....                           | 405 937,75   | 3,00            |

147

Figuram como exportações principais:

| PRODUTOS   | Valor (Cr\$) | % sobre o total |
|--|--------------|-----------------|
| Mercadorias diversas.....                                  | 2 798 603,15 | 62,69           |
| Óleo.....  | 472 086,49   | 10,58           |
| Matérias-primas vegetais (inclusive cera de carnaúba)..... | 317 245,19   | 7,10            |
| Alimentos.....   | 172 583,26   | 3,90            |
| Ferragens e material de construção.....                    | 93 141,91    | 2,08            |
| Vídras e vasilhames.....                                   | 74 886,43    | 1,67            |

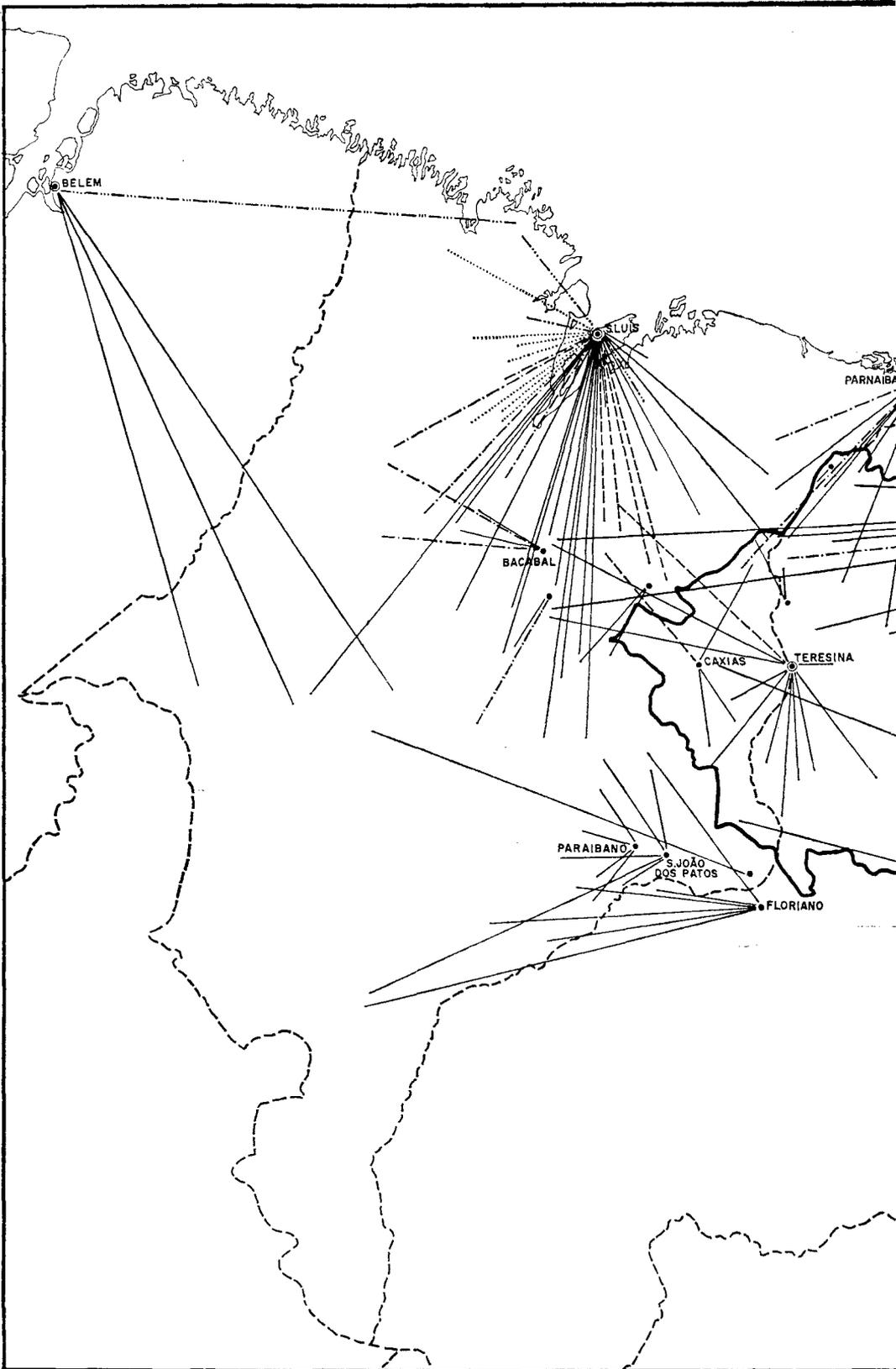
Caracteriza-se Teresina principalmente como centro importador de bens de consumo final.

Quanto às exportações, Teresina parece exercer certa função de distribuição de parte das mercadorias que são importadas. A venda de alguns artigos permite constatar os baixos valores em relação aos montantes adquiridos. Assim, por exemplo, na redistribuição de veículos e acessórios registra-se o

total de Cr\$ 4.908,00 apenas, no de máquinas e material elétrico o de Cr\$ 16.299,20.

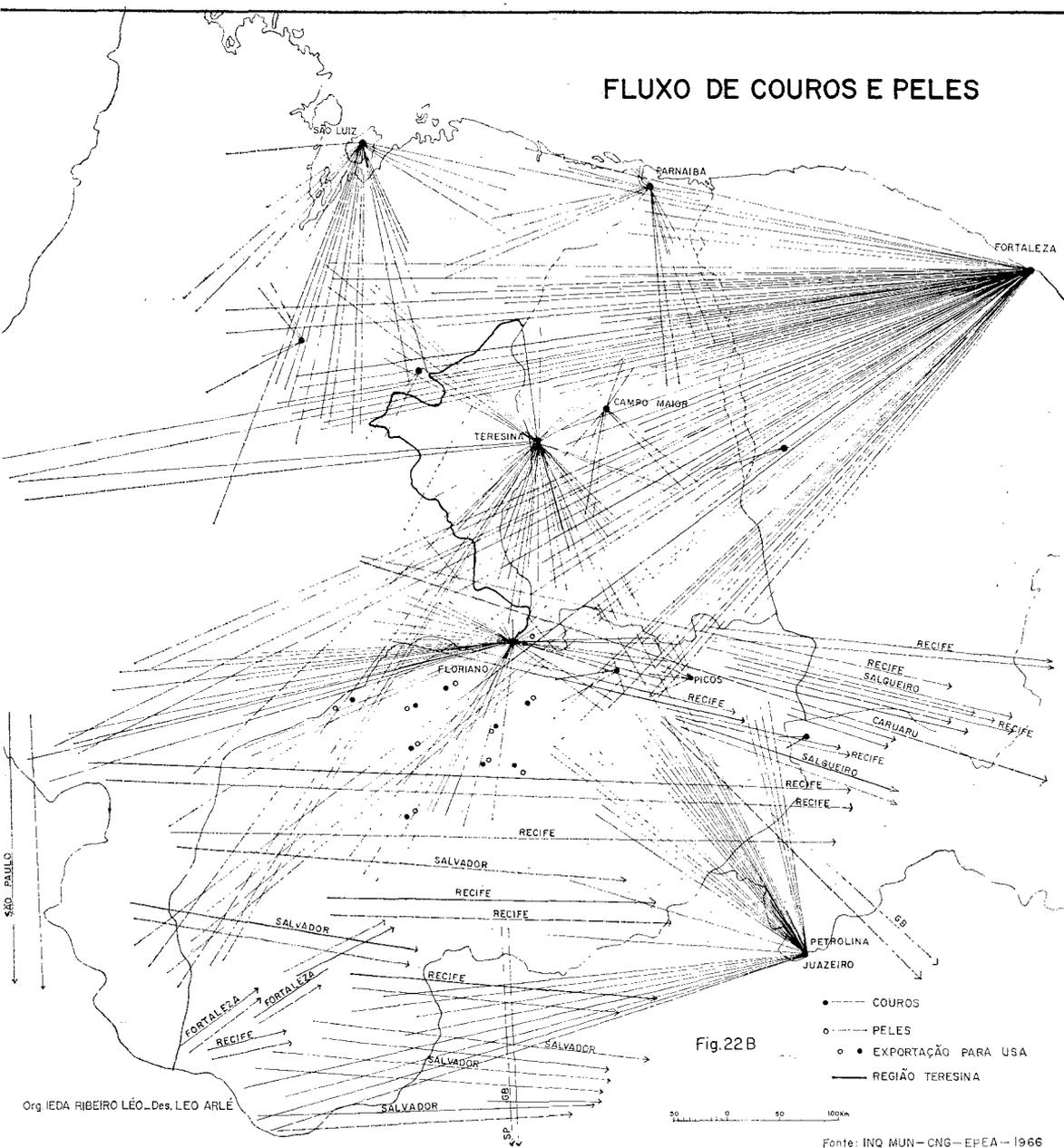
### 5.4.2 - Os fluxos comerciais e sua natureza

Constatam-se igualmente diferenças na natureza dos produtos que figuram nos fluxos mantidos em cada uma das regiões apontadas.





# FLUXO DE COUROS E PELES



A região imediata comparece como fornecedora de matérias-primas, inclusive cera de carnaúba e caroço de algodão, perfazendo 65,9% do total importado pela cidade. Figura também com 18,8% dos alimentos que entram em Teresina, correspondendo 34,6% ao arroz e 26,7% à farinha de mandioca. Apesar dos baixos níveis de consumo e de valor das exportações é para essa região que se dirigem as vendas mais diversificadas a partir da capital. A ela se destinam 9,3% do total exportado de mercadorias diversas, 40,0% do de produtos alimentícios, dos quais 37,1% correspondem ao café beneficiado na capital e 21,5% ao açúcar, 18,0% das ferragens e material de construção, além de outros.

Com as demais regiões, as exportações dizem respeito, sobretudo, ao óleo de babaçu e a matérias-primas. A proporção de 89,8% de mercadorias diversas que se dirige para o Nordeste é, na realidade, encaminhada, em grande parte, para as principais cidades do Piauí, de vez que naquela região estão compreendidos municípios do Estado e do Maranhão, fora da região imediata de Teresina.

Enquanto do Sudeste e Sul se originam 57,5% das mercadorias diversas que ingressam na capital piauiense, 88,9% das máquinas e material elétrico, 95,1% dos veículos e acessórios, do Nordeste procedem 73,6% dos alimentos, 61,5% das ferragens e material de construção, 100% dos cigarros. É esta última região a maior consumidora dos produtos exportados por Teresina, pois absorve 81,7% das matérias-primas vegetais, 97,6% do óleo, 43,1% do arroz.

Mas é para o Sudeste e Sul que se dirige a maior parcela deste cereal, 51,3%.

Constata-se, portanto, que Teresina se identifica com outros centros nordestinos no tocante à necessidade de importar produtos alimentícios de longa distância. Nesse total, o açúcar representa 87,4% dos quais 35,4% procedentes em grande parte do Nordeste oriental. A farinha de trigo cobre 11,6% daquele total, originada de Fortaleza e São Luís. O arroz corresponde a 20,5%, figurando o Maranhão com 46,3%, mas o feijão, que perfaz 8,8%, vem principalmente de Picos, e ainda de Crateús e Ibiapaba. De acordo com nossos inquéritos, a região imediata garante o suprimento de farinha de mandioca (Altos), laranja (União, Coelho Neto e outros municípios maranhenses), contribuindo ainda com alguma produção dos vazanteiros. A área de Picos é a principal fornecedora de cebola, alho e milho. Mas legumes, bananas, rapadura procedem quase sempre de Ibiapaba, abastecendo, de maneira precária, mercados e feiras.

Esses fluxos dizem respeito a relações mais concentradas com determinados pontos. A capital cearense mostra-se exclusiva no atendimento de diversas mercadorias registradas em certos períodos no posto do rio Poti, como tecidos, pneus, cimento. Recife é fornecedor de cigarros e de grande parte do açúcar, enquanto no Sudeste e Sul avulta o papel de São Paulo e sua área metropolitana.

Quanto às exportações, constata-se, no Nordeste, o predomínio das relações com as principais cidades do próprio

# FLUXO DE ALGODÃO

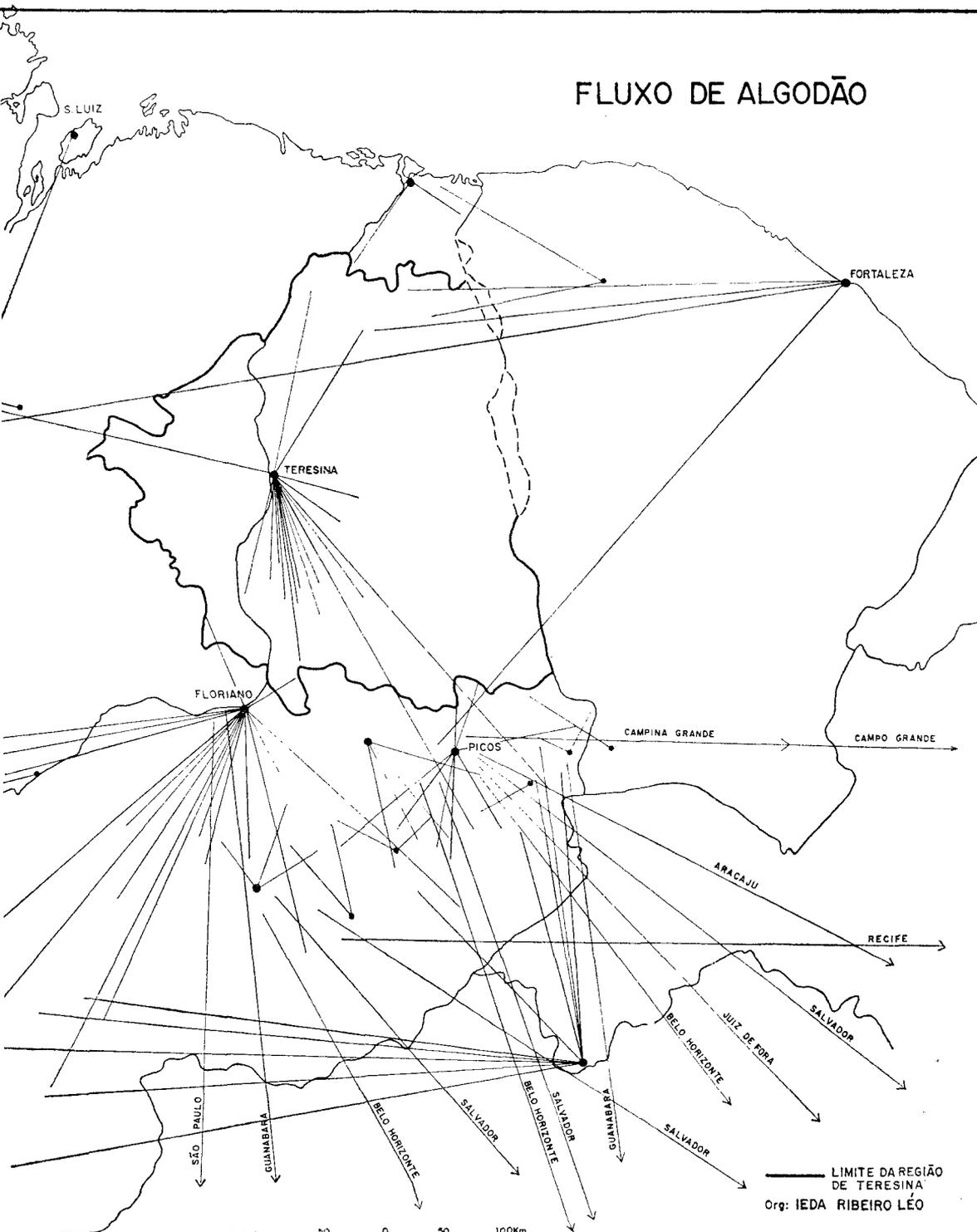
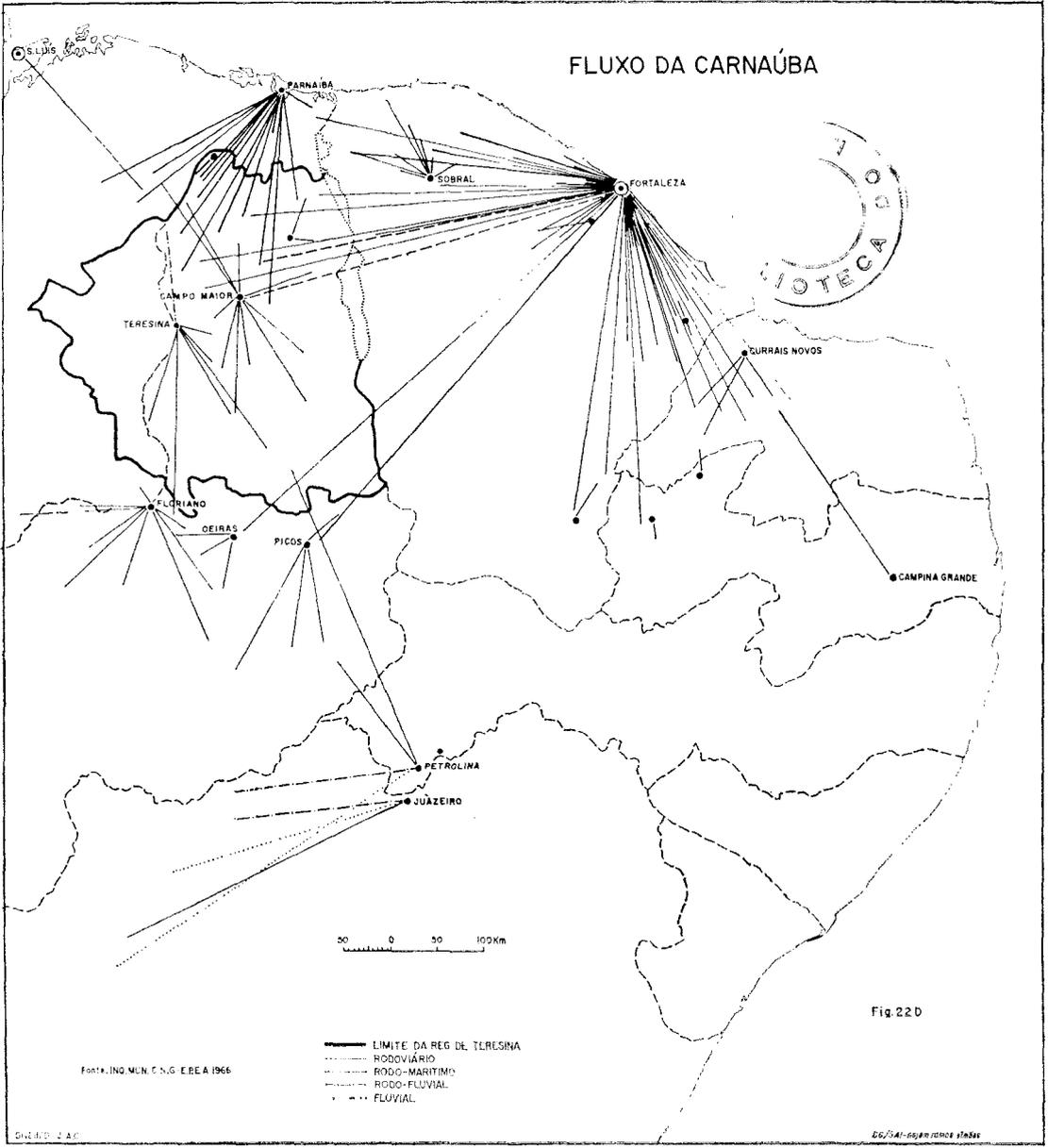


Fig.22C

Des. VIOLETA MOREIRA

Fonte: INQ MUN—CNG—EPEA—1966

# FLUXO DA CARNAÚBA



# REGIÃO DE TERESINA-FLUXO DE ARROZ

A PARTIR DE 100 ton

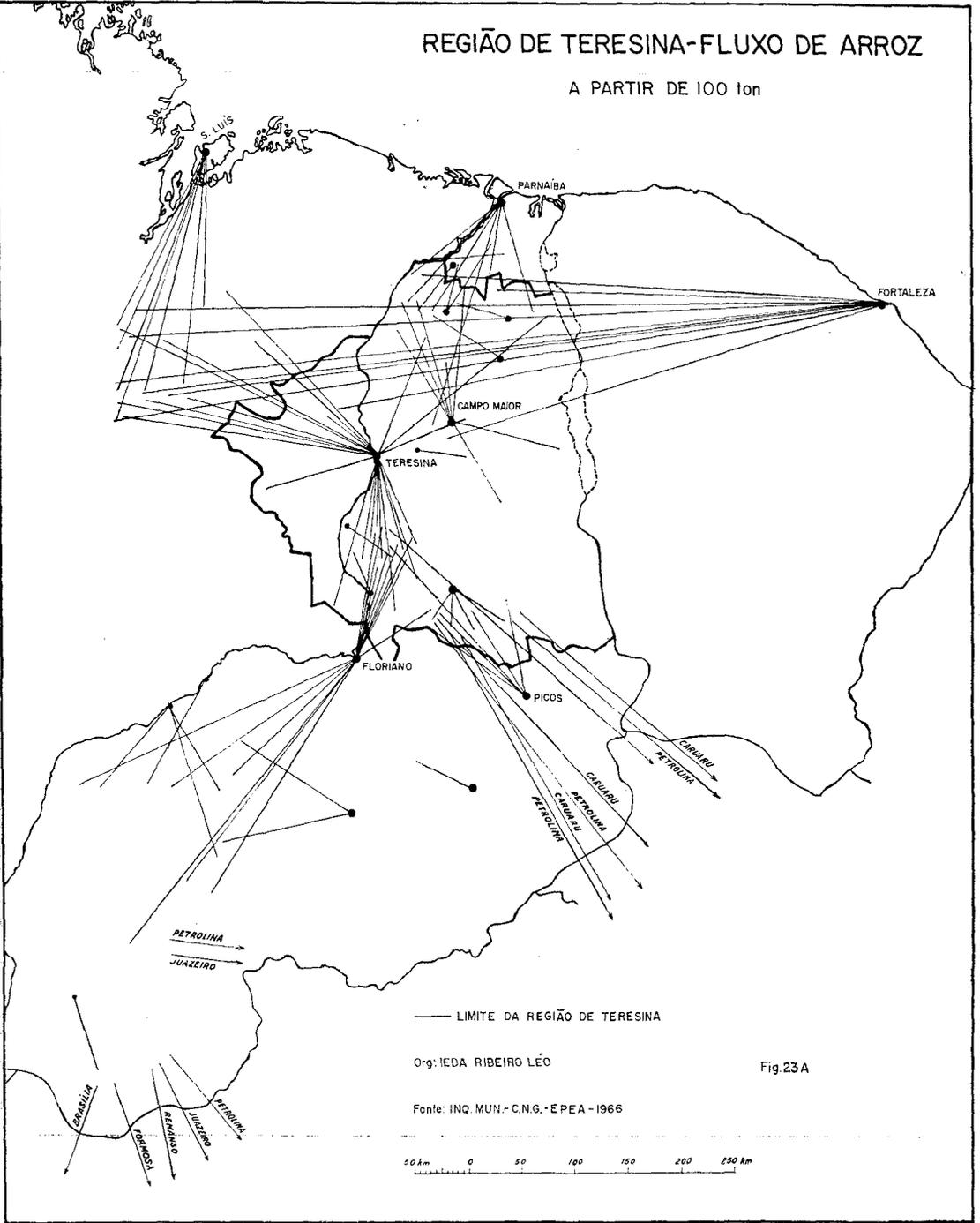
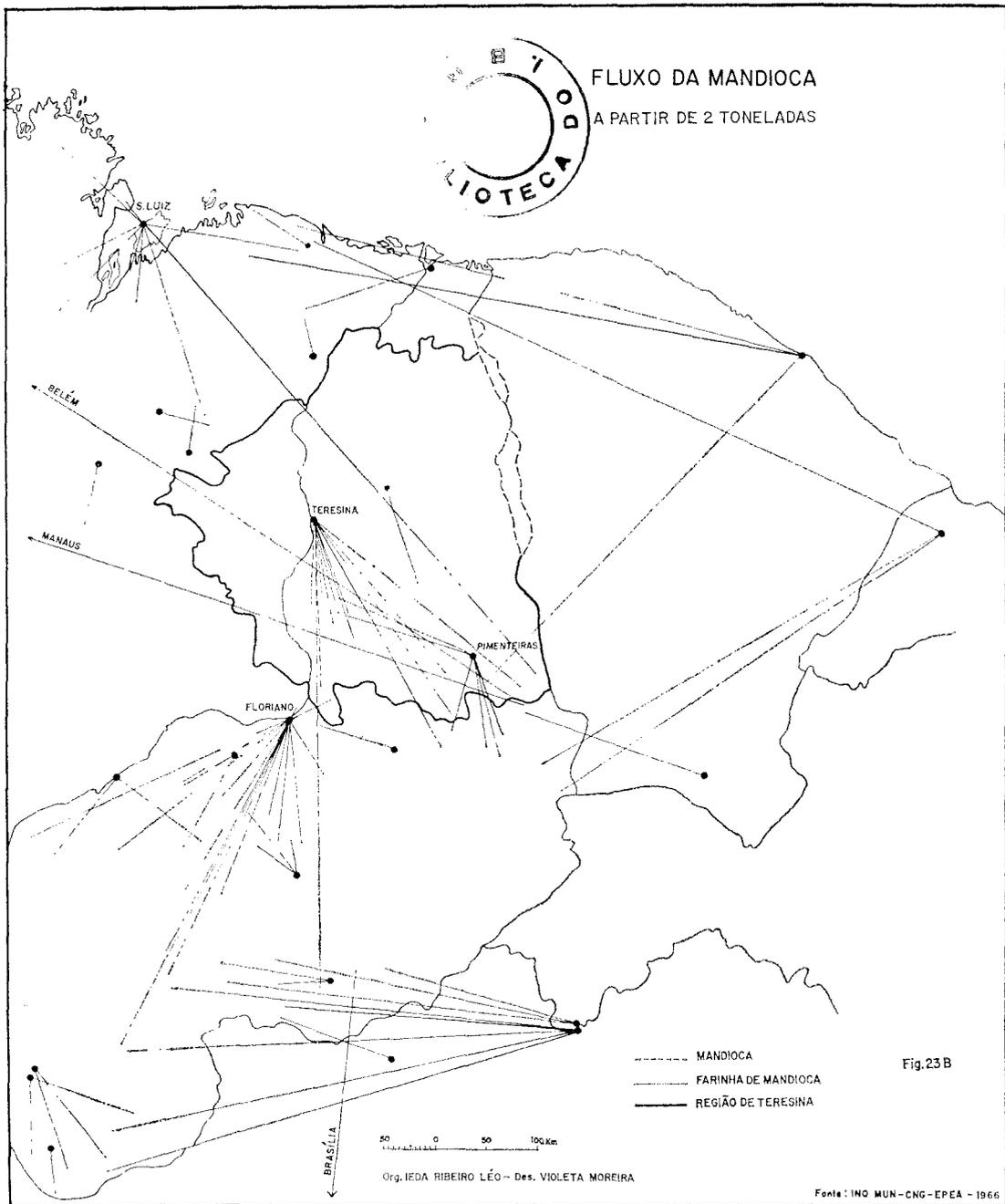


Fig.23A



# FLUXO DE FEIJÃO A PARTIR DE 100 TONELADAS

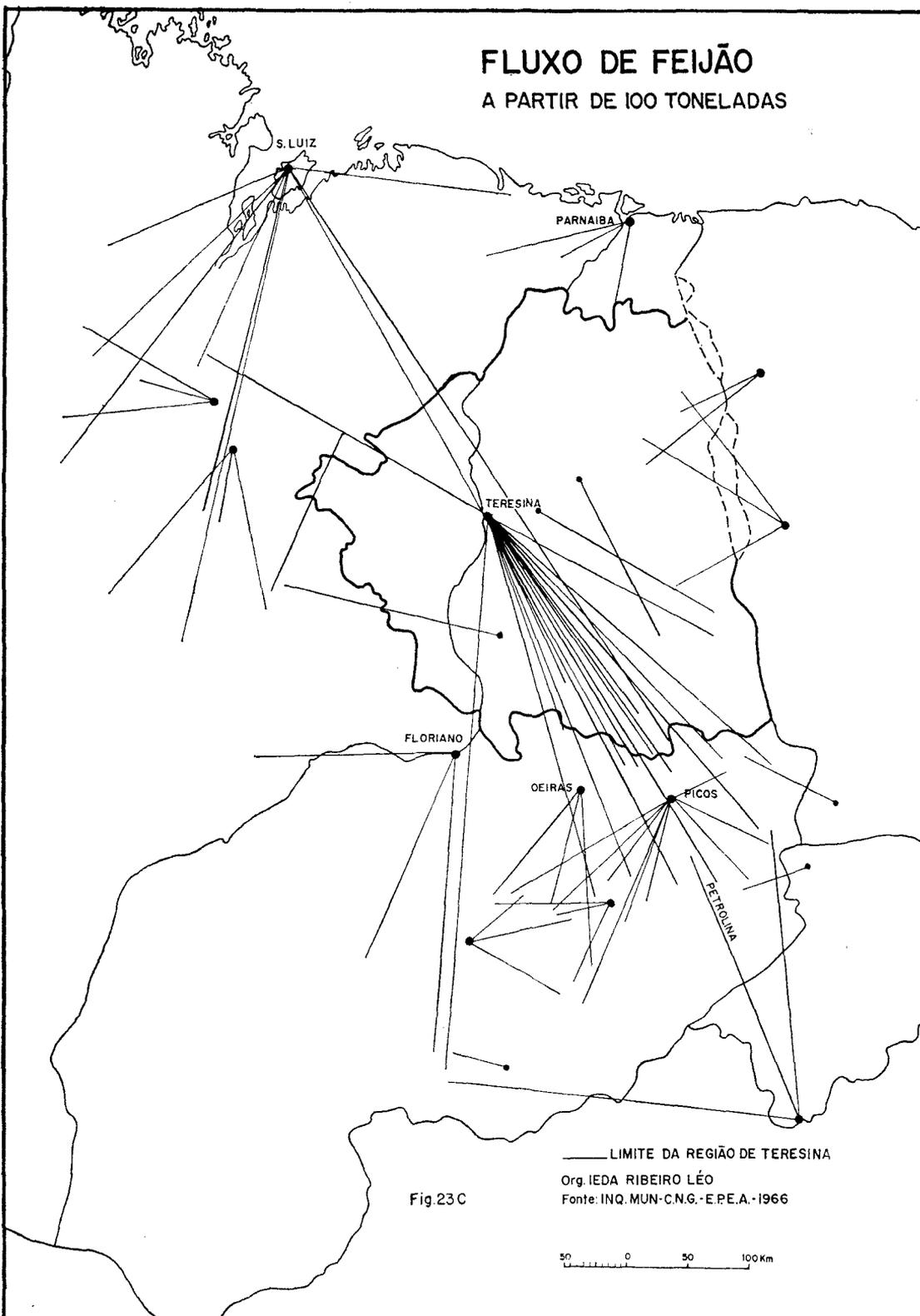


Fig 23C

— LIMITE DA REGIÃO DE TERESINA  
Org. IEDA RIBEIRO LÉO  
Fonte: INQ. MUN-C.N.G.-E.P.E.A.-1966

50 0 50 100 Km

Estado, com Fortaleza e o Recife. Do total de óleo exportado através do posto da Tabuleta para o Nordeste, 31,6% é dirigido para o Recife. No posto do rio Poti, que se refere às comunicações com o norte do Estado e com Fortaleza, registram-se 45% das exportações para Parnaíba e 32,8% para Fortaleza, no período de seca.

#### **5.4.3 - Variações sazonárias dos fluxos comerciais**

Via de regra não se manifestam diferenças acentuadas no valor das transações efetuadas em período de chuvas e de seca, à exceção do posto de Tabuleta. Considerando que o mês de seca escolhido é o de safra, tem-se provas do subconsumo generalizado, de vez que nessa fase deveriam ocorrer aquisições mais pronunciadas. Não obstante, nesse período se registra o valor mais elevado de importações, . . . . . Cr\$ 6.908.265,17, dos quais, mais da metade procedente do Sudeste e Sul.

A tabela n.º 10 e os quadros relativos à entrada e saída pelos postos fiscais de Teresina permitem distinguir a variação sazonal por produtos principais e por origem e destino mais importantes.

Distinguem-se certas variações na composição de produtos entre um mês e outro. Além das que se referem a diferenças de período de safra, nota-se, por exemplo, que ferragens e material de construção circulam sobretudo no período de seca, certamente mais favorável às construções do que a época de chuvas.

No mês de março registra-se leve aumento nas vendas a partir de Teresina, representadas pelo maior volume de transações com o Estado, inclusive a região imediata e com o Maranhão, enquanto na época da safra a população afluí de preferência para o comércio da cidade.

#### **5.4.4 - Extensão do comércio de Teresina**

As implicações espaciais da atividade comercial de Teresina, determinadas pelos dados acima, tiveram confirmação nos resultados dos inquéritos aplicados em nossa pesquisa.

##### **5.4.4.1**

Vieram esses inquéritos confirmar a fraca distribuição comercial para a região imediata e as relações mais importantes com as principais cidades do Estado. Grande parte das vendas se concentra na própria capital, para onde também tem acesso a população de diversos municípios. Torna-se, por outro lado, difícil avaliar o raio de extensão do comércio, quando os pagamentos são feitos à vista e no balcão.

Para alguns produtos foram declaradas 100% das vendas na própria cidade, como máquinas de somar, móveis de escritório, televisores Empire. Entre 70 e 90% citam-se motores, material elétrico, autopeças, ventiladores, geladeiras e outros.

Acusam colocação maior no interior mercadorias vendidas pelos represen-

tantes, como máquinas de beneficiamento ou pelo comércio predominantemente atacadista de estivas e miudezas, artigos de armarinho e perfumaria. São de distribuição mais corrente os produtos de cunho popular e de preço mais baixo. Assim, por exemplo, quanto a material de construção, as tábuas de pinho têm primazia sobre produtos da Duratex, Eternit e outros. No setor de eletrodomésticos, são rádios que acusam maior colocação no interior.

Certas mercadorias são mais vendidas no Piauí, como alguns produtos farmacêuticos, artigos cirúrgicos, pneus e outros. O Maranhão é, por sua vez, o principal mercado para artigos de pesca e máquinas agrícolas. Seringas, madeiras produtos veterinários têm vendas concentradas nas cidades mais importantes do Estado, Floriano, Parnaíba e Picos, além da própria capital.

A distribuição de algumas mercadorias é mais dispersa do que a de outras, conforme ilustram os cartogramas. As mais difundidas são miudezas e artigos de armarinho, estivas, pneus, ferragens e material de construção e tecidos. Mostram maior grau de concentração caminhões, ventiladores Ciclone, automóveis, refrigeradores.

#### 5.4.4.2

O raio de extensão do comércio varejista e atacadista de Teresina, apurado por esses inquéritos, veio confirmar igualmente os resultados obtidos com os dados relativos aos fluxos de mercadorias no tocante à região imediata, ao Estado e ao Maranhão.

Configura-se como região mais imediata uma área que compreende municípios próximos à capital, dispostos ao

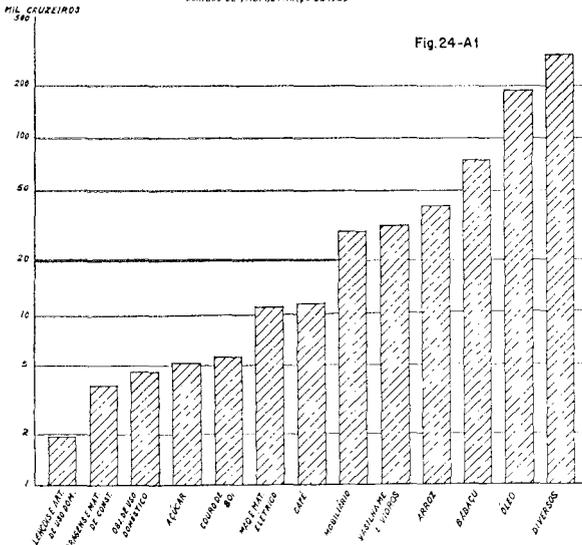
longo das principais rodovias, aos quais corresponde a maior frequência de atendimentos de Teresina. Salientam-se, em primeiro lugar aqueles servidos pelos troncos federais: no Piauí: Altos, Campo Maior, Piripiri; no Maranhão: Caxias, Timon, Codó. Seguem-se em intensidade, no próprio Estado, os municípios que confrontam o rio Parnaíba, estendendo-se ao norte e ao sul da capital, respectivamente José de Freitas, União e Miguel Alves e as unidades desde Demerval Lobão até Água Branca e Amarante. No Maranhão, distinguem-se Coelho Neto, Coroatá, Parnarama, Matões, além do eixo de Bacabal, Pedreiras e outros.

Fora desses limites a atuação de Teresina diminui em intensidade, mas se refere sobretudo aos demais municípios incluídos como seu "interior".

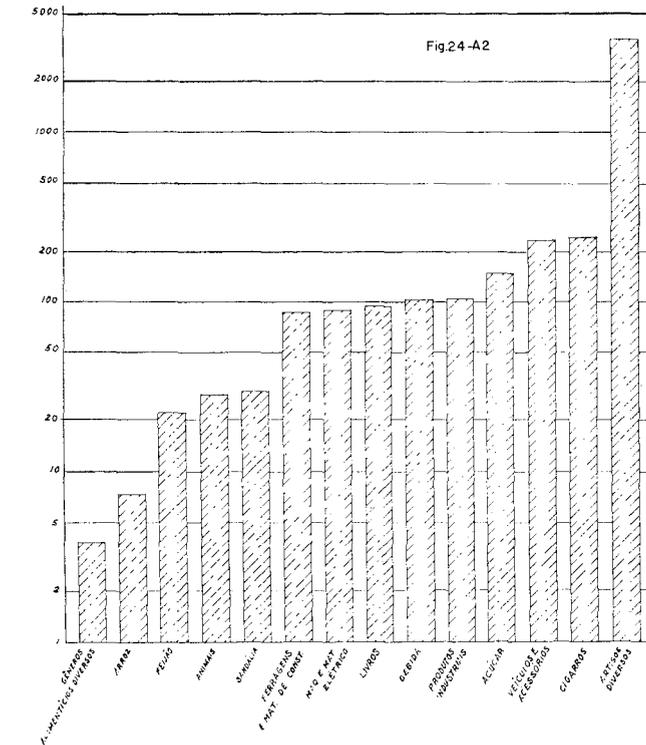
Essa projeção espacial de Teresina, que permite definir um trecho de maior atendimento comercial, é ainda confirmada por outros aspectos, também ligados a essa atividade. Restringem-se, porém, aos municípios piauienses. O movimento de granjas para a produção de ovos difundiu-se a partir de Teresina para União, Campo Maior, Amarante, atingindo Floriano. Na capital, os proprietários adquirem rações e pintos e para ela efetuam fornecimento de ovos.

São ainda os associados dos municípios mais próximos que vêm de integrar a recém-inaugurada Cooperativa de Produtos de Leite. Essas unidades participam com pequena produção no período de janeiro a fins de maio, contribuindo para o reforço do consumo da capital. Também é nos municípios vizinhos que se processa, durante os dias da semana, o rodízio de feirantes residentes em Teresina.

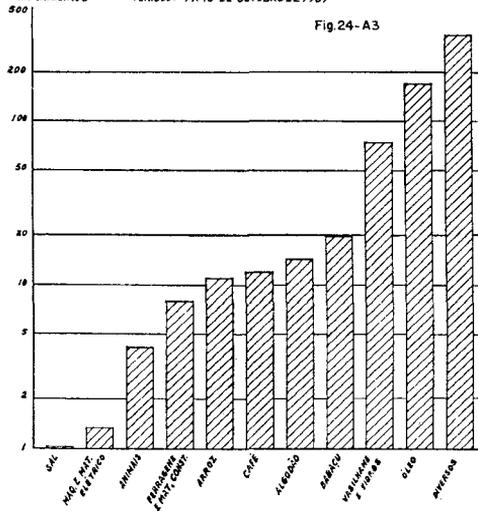
SAÍDA DE MERCADORIA POR RODOVIA — POSTO FISCAL DE TARULETA  
PERÍODO DE 1 A 31 DE MARÇO DE 1969



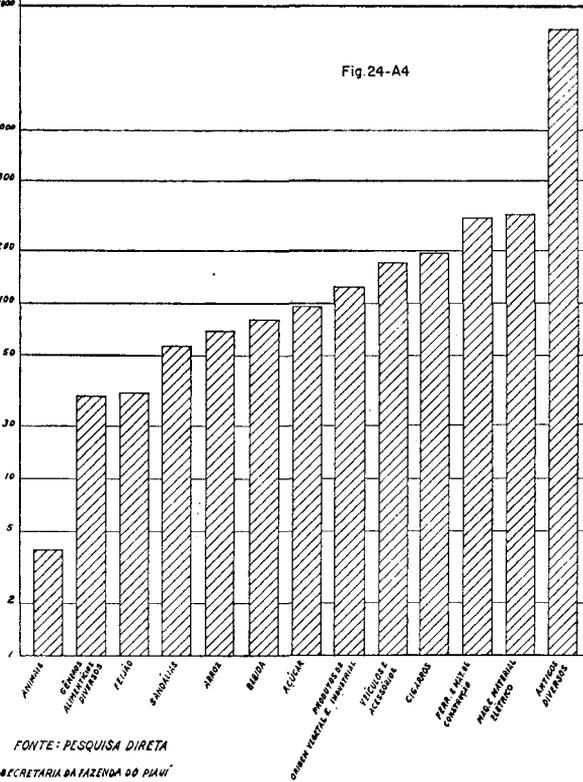
ENTRADA DE MERCADORIA POR RODOVIA — POSTO FISCAL DE TARULETA  
PERÍODO DE 1 A 31 DE MARÇO DE 1969



SAÍDA DE MERCADORIA POR RODOVIA - POSTO FISCAL DE TABULETA  
MIL CRUZEIROS PERÍODO: 1 A 15 DE OUTUBRO DE 1969

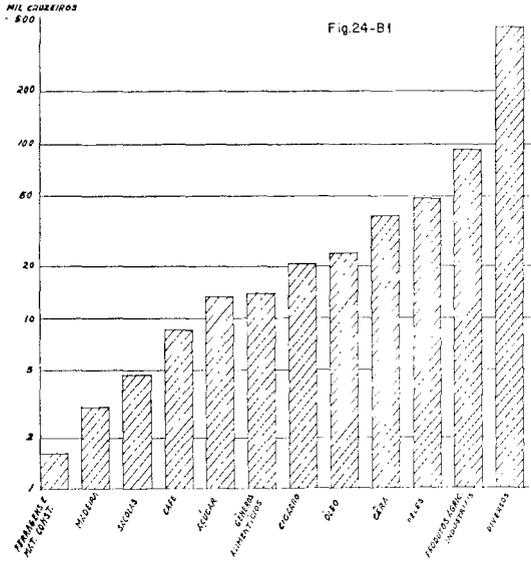


ENTRADA DE MERCADORIA POR RODOVIA - POSTO FISCAL DE TABULETA  
MIL CRUZEIROS PERÍODO: 1 A 15 DE OUTUBRO DE 1969

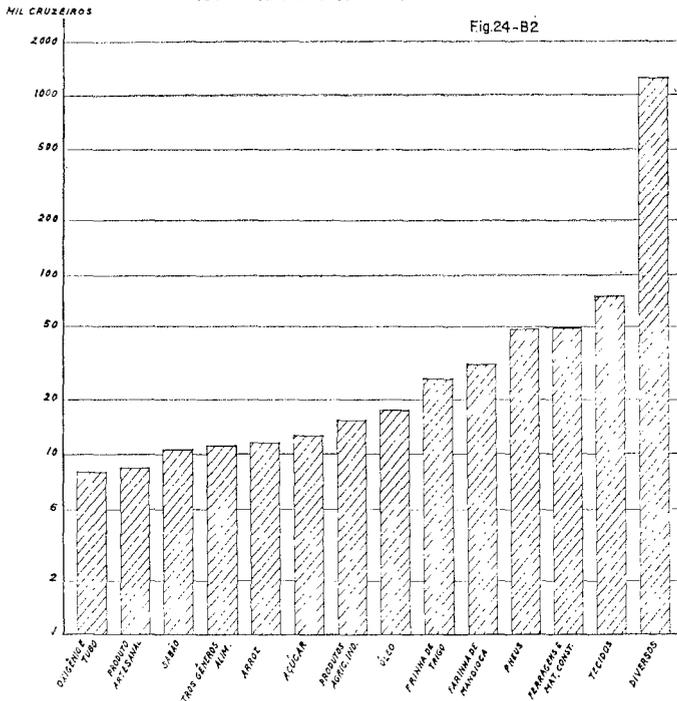


FONTE: PESQUISA DIRETA  
SECRETARIA DA FAZENDA DO PIAUÍ

SAÍDA DE MERCADORIA POR RODOVIA - POSTO FISCAL DO RIO POTI  
PERÍODO: 1 A 15 DE MARÇO DE 1969

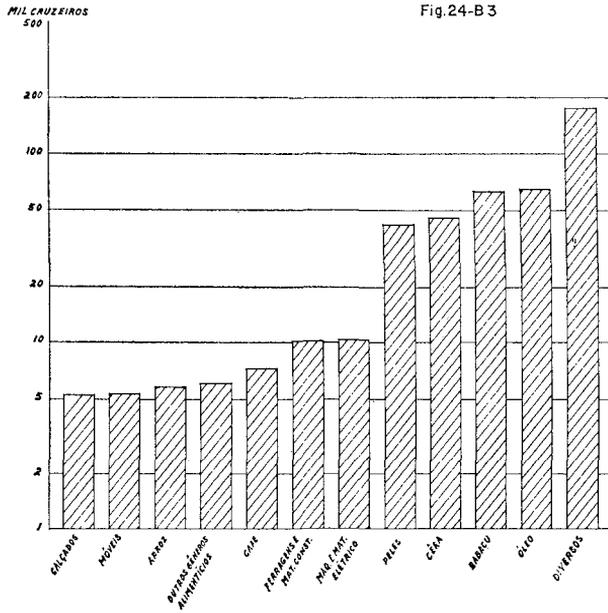


ENTRADA DE MERCADORIA POR RODOVIA - POSTO FISCAL DO RIO POTI  
PERÍODO: 1 A 15 DE MARÇO DE 1969

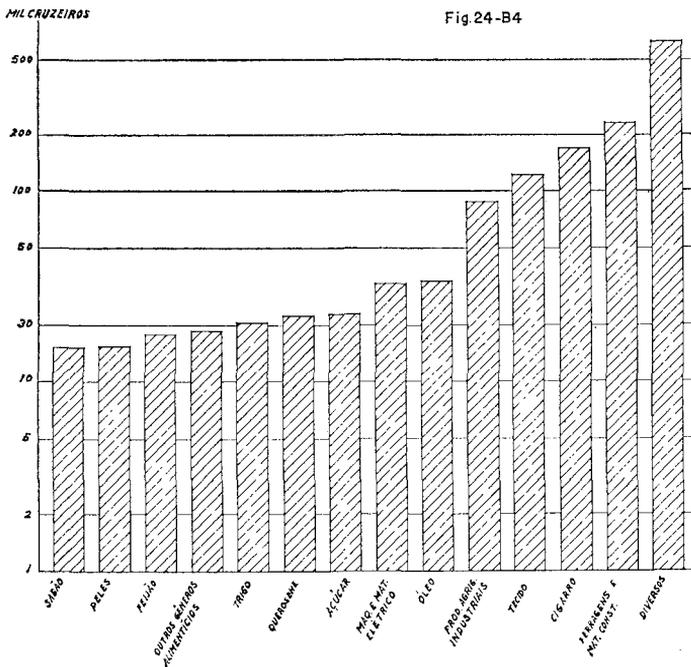


FONTE: PESQUISA DIRETA - SECRETARIA DA FAZENDA DO PIAUÍ

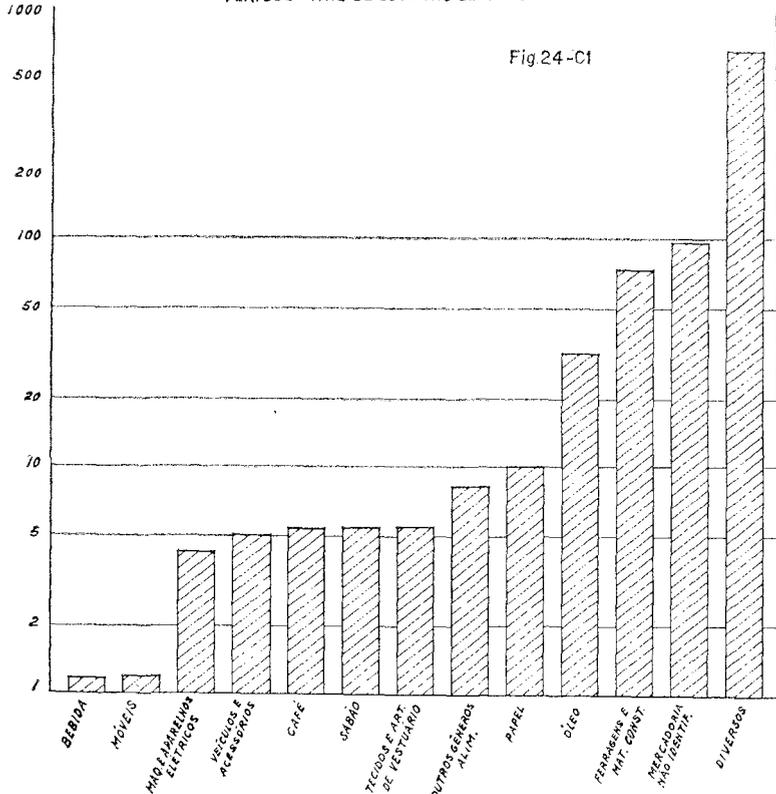
SAÍDA DE MERCADORIA POR RODOVIA - POSTO FISCAL DO RIO POTI  
PERÍODO: 1 A 15 DE OUTUBRO DE 1969



ENTRADA DE MERCADORIA POR RODOVIA - POSTO FISCAL DO RIO POTI  
PERÍODO: 1 A 15 DE OUTUBRO DE 1969

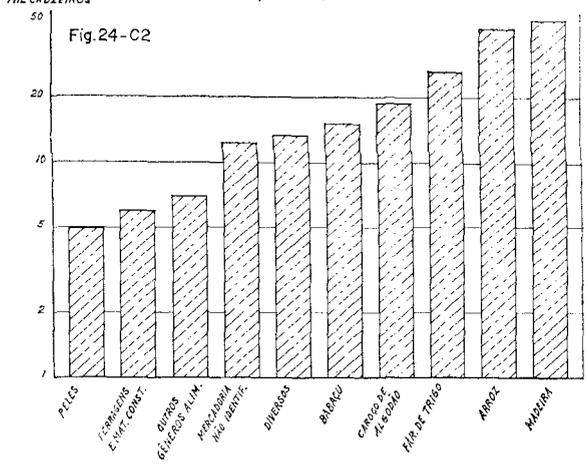


MIL CRUZEIROS SAÍDA DE MERCADORIA POR RODOVIA — POSTO FISCAL DO RIO PARNAÍBA  
 PERÍODO: 1A15 DE OUTUBRO DE 1969

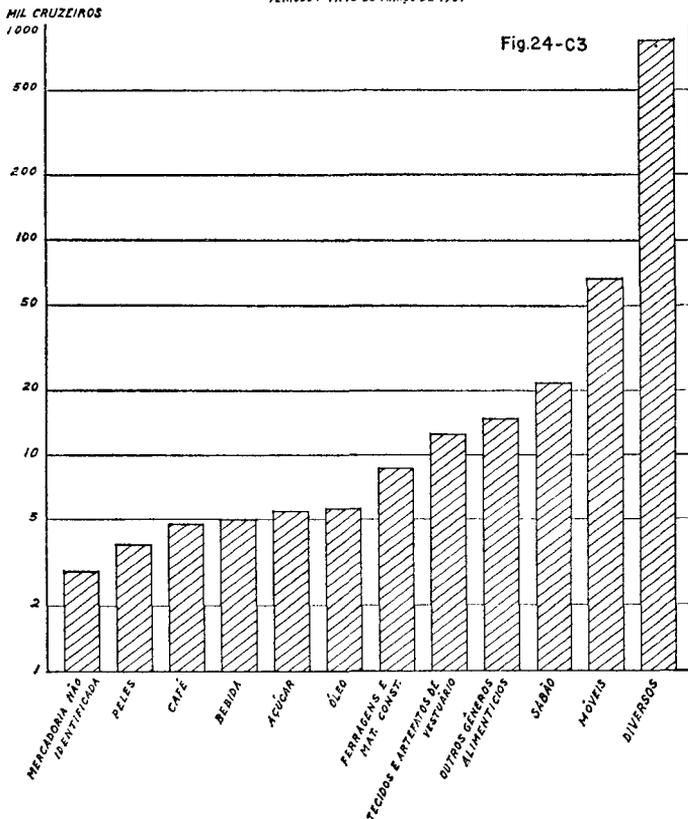


SOURCE: PESQUISA DIRETA — SECRETARIA DA FAZENDA DO PIAUÍ

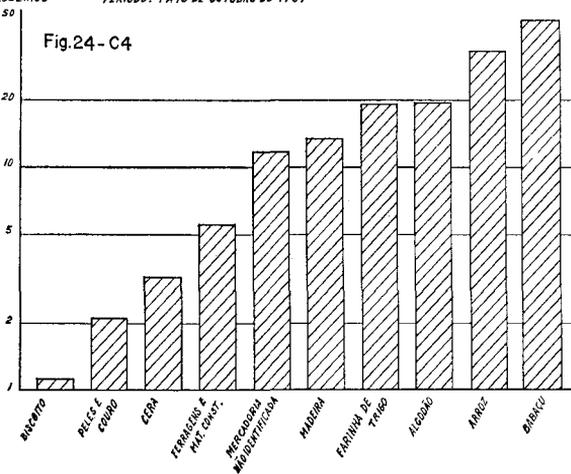
ENTRADA DE MERCADORIA POR RODOVIA — POSTO FISCAL DO RIO PARNAÍBA  
 PERÍODO: 1A15 DE MARÇO DE 1969



SAÍDA DE MERCADORIA POR RODOVIA - POSTO FISCAL DO RIO PARNAÍBA  
PERÍODO: 1 A 15 DE MARÇO DE 1969



ENTRADA DE MERCADORIA POR RODOVIA - POSTO FISCAL DO RIO PARNAÍBA  
PERÍODO: 1 A 15 DE OUTUBRO DE 1969



## 6 - Condições de dinamização da Cidade de Teresina

### TENDÊNCIAS E PERSPECTIVAS

Capital de um Estado interiorizado e periférico aos centros dinâmicos da vida nordestina, a cidade de Teresina oferece condições particulares de dinamização de si própria, de sua região e do Piauí. Estas condições seriam inerentes à função de capital e centro de decisões da vida piauiense, a que se acrescenta a posição privilegiada da cidade em relação aos grandes eixos rodoviários federais. Desses dois aspectos decorrem outros tantos, como os de centro de atração de populações, centro comercial e de serviços para um vasto espaço regional que inclui municípios piauienses e maranhenses, conforme visto neste Relatório.

Teresina foi criada capital mediante uma decisão administrativa de 16 de agosto de 1852. A antiga capital Oeiras, mais interiorizada e isolada no vale do rio Canindé, desde então, cedeu lugar às vantagens posicionais oferecidas pelo médio Parnaíba, onde foi localizada Teresina. Esta estaria situada na retaguarda imediata dos centros maranhenses do Itapicuru e de São Luís, de cuja proximidade a nova capital iria se beneficiar. A economia regional encontrava-se fundamentada no comércio do algodão e das extrativas que favoreceram as cidades localizadas no litoral como centro de coleta e de exportação dos produtos regionais (caso de São Luís e de Parnaíba). Teresina, como cidade interiorizada, não pôde tirar partido de sua posição, não chegando a estruturar a sua região. Assim, na primeira metade deste século, a cidade evoluiu lentamente, sustentada por sua função de capital e pelos pequenos ser-

viços que nela se foram instalando, muitos dos quais decorrentes da própria iniciativa governamental.

A posição de Teresina foi, no entanto, revalorizada a partir de 1950 com a estruturação da malha rodoviária federal, de articulação das capitais estaduais. A cidade pôde, então, como entroncamento ao longo dos eixos rodoviários, firmar sua posição como centro comercial e de serviços para a população e para a economia da própria cidade e de uma vasta área que ultrapassa largamente seu espaço regional piauiense, prolongando-se pelo Maranhão até as populosas áreas agrícolas do Pindaré-Mearim.

Entre os fatores geográficos que contribuem para dar projeção a Teresina como centro dinamizador, foram relacionados os seguintes:

#### 6.1 - O papel de Teresina como centro de decisões da vida administrativa piauiense

Ficou evidenciado neste Relatório que o setor público constitui o mais importante aspecto da vida da cidade e, certamente, aquele que vem desenvolvendo esforços para uma verdadeira renovação da vida estadual.

Em um Estado pobre como o Piauí, o setor público centraliza decisões, tendo a seu cargo a programação do desenvolvimento em seus aspectos sociais econômicos, infra-estruturais e de estímulo ao setor privado. Aspectos visíveis da ação governamental podem ser constatados na capital e em seu espaço regional, através da implantação e melhoria da infra-estrutura de transportes, comunicações e energia, a saber:

— no asfaltamento da BR-316 e da BR-222;

— nas ligações telefônicas entre Teresina e as cidades de Campo Maior, Piri-piri, José de Freitas, União e Altos;

— no posteamento e na rede do sistema de transmissão da energia de Boa Esperança.

Meio à paisagem dos cerrados, estas implantações traduzem as renovações iniciadas em plano governamental, visando adequar o Estado ao desenvolvimento econômico.

O governo é também responsável pelas melhorias das condições de vida do homem com programas voltados para a educação e saúde, entre os quais podem ser destacados:

— os programas voltados para a redução do analfabetismo urbano, eliminação do “deficit” escolar, redução das taxas de evasão escolar e instalação de centros de supervisão na Capital e no interior para o ensino primário;

— a ampliação das instalações, auxílios e subvenções ao ensino médio de Teresina e das cidades mais populosas de sua região, inclusive as de Miguel Alves, Regeneração e Inhumas;

— o funcionamento em Teresina da Universidade Federal do Piauí com os Instituto Básico de Filosofia, Ciências e Letras, e as faculdades e escolas de Educação, Direito, Medicina, Odontologia, Administração e Enfermagem.

Para Teresina, a criação da Universidade Federal (embora já existissem algumas escolas isoladas) foi altamente favorável à fixação na cidade das elites intelectuais que normalmente se deslocavam em busca de outros centros universitários nordestinos e, especialmente, de Fortaleza. Apesar de se defrontar com numerosos problemas, a Universidade sediada em Teresina contribuirá para reforçar o papel dinamizador da capital como centro de atra-

ção e formação do pessoal indispensável ao desenvolvimento do Estado. A Universidade vem, por outro lado, reforçar a tradição de Teresina como centro de vida intelectual no Piauí.

Com uma problemática de saúde inerente às populações de renda *per capita* muito baixas e de precárias condições sanitárias, o governo desenvolve esforços visando os seguintes aspectos:

— ampliação e manutenção das instalações de saúde e sanitárias já implantadas;

— melhoria das condições do pessoal disponível mediante programas de formação, treinamento e saneamento, dos quais se têm beneficiado Teresina e as cidades de Valença do Piauí, Piracuruca, São Pedro do Piauí, Água Branca, Luzilândia e Pedro II.

Os programas mencionados constituem, em geral, medidas isoladas que beneficiam apenas as populações urbanas, restando extensas áreas rurais, mesmo no município de Teresina, sem nenhum atendimento. Resulta do fato sobrecarga dos serviços de saúde da capital, insuficientes para atender às populações da cidade e de sua extensa área de influência.

O setor saúde de Teresina está, pois, a exigir constante ampliação do seu equipamento e pessoal, necessário à manutenção do prestígio regional da cidade no atendimento às populações do Piauí e do Maranhão, uma vez que cerca de 40% dos doentes hospitalizados ou em tratamento em Teresina, em 1970, eram oriundos do Maranhão. Tendo em vista os elevados encargos com que defronta o setor saúde, concentrado na capital, pouco tem contribuído para uma descentralização em favor do interior piauiense ou mesmo da própria região de Teresina.

## 6.2 - As vantagens posicionais de Teresina

Situada a meio caminho entre o Nordeste semi-árido e a Amazônia, Teresina desfruta de posição de contato à retaguarda das frentes pioneiras maranhenses do Pindaré-Mearim e daquelas que vão sendo abertas com a maior penetração da BR-316 em direção de Belém.

É verdade que no passado Teresina parecia estar vantajosamente localizada no médio curso do Parnaíba, que lhe garantia o acesso ao mar, e na proximidade de Caxias, centro vital da economia agrícola do Itapirucu. Além disso, a nova capital do Piauí tinha a vantagem da vizinhança de regiões de várzeas e baixões agrícolas e da região pastoril de Campo Maior. Não conseguindo se beneficiar nem capturar essas regiões próximas em seu proveito, Teresina evoluiu lentamente, não logrando a centralizar senão pequena parte da frágil produção regional. Esta era, em sua maioria, exportada através de Parnaíba ou destinava-se ao Nordeste seco pelos caminhos terrestres da Ibiapaba, portanto sem a interveniência do comércio da cidade. Dependente de mercados externos, Teresina tinha, no entanto, o seu abastecimento assegurado pelo rio Parnaíba, ou pelo Itapicuru, através de São Luís.

A partir de 1940-1950 foram esboçados os traçados rodoviários que objetivam as ligações entre as capitais estaduais, e com as estradas reorientam-se os fluxos pelo advento do transporte rodoviário. Beneficiada pelos planos federais, Teresina articulou-se inicialmente a Fortaleza, quebrando, desse modo, a tradicional dependência de São Luís, já então decadente. Teresina teve, desse modo, mantida, ampliada e reforçada sua função de centro de consumo (pelas migrações a partir de 1950) e de centro distribuidor para o vasto interior (com as estradas que iam

sendo abertas). Progredindo em direção da área do Pindaré-Mearim, Teresina pôde, com a estrada, esboçar o seu espaço regional, alongado do nordeste do Piauí àqueles vales maranhenses. Este espaço apresenta-se mais estreitamente vinculado à capital nos trechos situados imediatamente ao longo da rodovia e menos nas áreas distanciadas das estradas.

A partir de 1960 é aberta ao tráfego a rodovia BR-316, através da qual Teresina ligou-se a Recife e a Salvador e aos centros industriais do Sudeste, reforçando mais uma vez a sua função distribuidora de produtos industriais.

Beneficiada pelas ligações rodoviárias, Teresina foi, no dizer de um dos seus antigos moradores, "uma cidade feita pela estrada".

O processo de industrialização que se pretende implantar na cidade, tendo em vista a substituição de importações, deverá levar em conta os aspectos posicionais de Teresina como entroncamento de rodovias e seu papel como centro distribuidor. Este papel poderá ser reforçado em direção da Amazônia, quando consideramos que já está projetada a ligação entre Fortaleza-Teresina-Estreiro, de acesso, à rodovia Transamazônica.

## 6.3 - Teresina como centro de consumo para a produção regional

Os 190.256 habitantes de Teresina representam, somados a quase um milhão de habitantes do seu espaço regional, um razoável mercado consumidor, apesar dos baixos padrões de vida e níveis de renda de grande parte dessa população. Para atender a esse mercado, Teresina, como o principal centro comercial do Meio Norte, importa bem mais do que exporta, de acordo com os dados da pesquisa sobre os fluxos comerciais elaborada para o presente Relatório.

Dos centros industriais do Sudeste e do Nordeste a cidade recebe produtos industrializados — máquinas, veículos, acessórios e peças, material elétrico, bebidas, e outros tantos produtos rotulados como diversos. Contrariamente, as exportações resumem-se a produtos regionais como óleo, algodão, babaçu, couros e peles, em volume bastante inferior aos produtos importados.

O abastecimento em gêneros é assegurado à cidade, em pequena parte, pela sua região (18%) e o restante pela região de Picos e por outras áreas produtoras de cereais do Nordeste. De sua região Teresina recebe arroz, milho, farinha de mandioca, carne e leite, dependendo, porém, a maior parte do seu abastecimento, de áreas produtoras distantes. Assim, como a cidade não dispõe de uma razoável organização do comércio atacadista, observa-se que os estoques comerciais têm que ser constantemente renovados, sobretudo nos períodos de entressafra, quando o problema do abastecimento é agravado e marcado por extrema variabilidade nos preços dos gêneros alimentícios.

Localizada próxima a áreas de várzeas e baixões agrícolas, a cidade, apesar da política creditícia do Banco do Brasil e do Banco do Nordeste para os pequenos produtores, ainda não foi capaz de induzir um desenvolvimento agrícola para melhorar o seu abastecimento mediante o aproveitamento das favorabilidades naturais da área em que se situa. A esse respeito, seria oportuno lembrar que Teresina também poderia beneficiar-se dos programas de irrigação de várzeas que a COHEBE pretende desenvolver na área de Floriano.\* No entanto, um racional aproveitamento das várzeas mediante a adoção de sistemas agrícolas intensivos associados à pecuária leiteira, organização

cooperativista com usina de pasteurização de leite, conforme preconizado, deverá voltar-se para produtos altamente valorizados, pouco acessíveis ao mercado regional pobre. Acrescentam-se os hábitos alimentares tradicionais voltados para o consumo da carne e dos cereais que deverão constituir resistências difíceis de serem vencidas.

Além da valorização das várzeas, Teresina poderá contar também com áreas de potencialidades agrícolas não irrigáveis, para a produção de alimentos.

Teresina é o principal mercado para a carne do gado abatido na FRÍPISA, instalada em Campo Maior. Também para a carne a cidade tem problemas de abastecimento, durante a entressafra, quando o produto escasseia e seus preços se elevam. A esse respeito seria importante lembrar que a elaboração de projetos agropastoris por parte do BEP (quaisquer que sejam as críticas a eles feitas) representa uma tentativa de melhorar os tradicionais sistemas do criatório extensivo das fazendas e de sua sujeição às determinações do clima. Localizados nos municípios de Teresina, Palmeiras, Campo Maior e Castelo do Piauí esses projetos, se realizados e bem sucedidos, poderão representar importante passo para a racionalização da pecuária no Estado do Piauí.

#### 6.4 - O setor industrial de limitada expressão

A indústria constitui o setor de mais baixa participação na formação da renda interna do Estado (variou entre 6,6% e 4,0% no período que vai de 1953 a 1964, enquanto a agricultura teve a participação de 37,7% a 65% e os serviços de 55,6% a 31,0%, no mesmo período).\*\*

\* Orlando Valverde e outros. *A área de influência de Floriano*, IBGE.

\*\* Segundo a COPLAN, em 1967, a cidade possuía 145 estabelecimentos industriais que ocupavam mais de 5 pessoas.

Teresina representa a maior concentração de indústrias do Piauí porém consideradas em sua maior parte como tradicionais, isto é, incapazes de induzir à formação de outras (indústrias alimentar, gráfica, editorial e de mobiliário). A esta característica acrescentam-se as de serem essas indústrias artesanais, no sentido de possuírem baixa densidade de capital por pessoa ocupada e de utilizarem geralmente processos semi-artesanais.

As indústrias dinâmicas seriam menos expressivas na cidade, como as metalúrgicas, mecânicas e de minerais não metálicos (caso das cerâmicas).

Embora consideradas tradicionais, as indústrias produtoras de bens de consumo, como as de alimentos, são aquelas que vêm apresentando maior crescimento e participação no conjunto do setor secundário. Contrariamente, as indústrias dinâmicas teriam mais lento crescimento e participação, exceção feita às cerâmicas. Comparado este aspecto ao existente em outras cidades nordestinas, o problema vem demonstrar, segundo a COPLAN (1970), que Teresina se enquadra em "um estágio insuficiente de industrialização". O crescimento das indústrias alimentares e de cerâmicas estaria, na cidade, relacionado ao crescimento da população urbana, à expansão do espaço urbanizado e à construção de habitações populares.

De maneira geral, fatores diversos têm retardado o ingresso de Teresina no processo de industrialização do Nordeste, apesar de a cidade e de sua região contarem com os incentivos dos Art. 34-18 dos Planos Diretores da SUDENE. Entre esses fatores poderiam ser apontados os dos capitais e certas características dos mercados regionais para os produtos industrializados. No relativo aos fatores de capitais, observa-se que as desigualdades de rendas constituem sério entrave ao desenvolvimento industrial pelo seguinte:

— de um lado, os grupos de rendas elevadas, vinculados à agricultura, são de modo geral pouco associativo e tradicionalistas, olhando as inovações com extrema cautela, exigindo do setor público uma atitude mais paternalística em relação aos benefícios e incentivos;

— por outro lado, os grupos de rendas mais elevados, vinculados ao comércio são mais receptivos às inovações, porém têm problemas com o comércio das extrativas, ou associam este comércio ao da distribuição de produtos industrializados, que não se amplia mais pelo fraco poder aquisitivo e da lenta expansão das rendas mais baixas.

Os programas de industrialização para Teresina e sua região têm que levar em conta, além desses aspectos, de recursos de capital, os das características do mercado regional urbano, dominantemente pobre, e do mercado rural extremamente limitado aos produtos manufaturados.

Estudos realizados tendo em vista a industrialização da região, preconizam as implantações que objetivem:

— a valorização dos produtos regionais como a palha da carnaúba (papel), tucum (sacaria), cerâmicas, industrialização do caju, da cana-de-açúcar, serrarias (móveis), beneficiamento do milho e rações balanceadas;

— a substituição de importações com a industrialização do cimento, cerveja e refrigerantes, vidros e garrafas, fundição, molas e móveis, linguíça, biscoitos e massas.

— industrialização de produtos de exportação, tais como óleo, glicerina e margarina, cera e palmito.

A necessidade de expansão das atividades artesanais constitui, no processo de industrialização de Teresina, importante aspecto para a solução do problema ocupacional da numerosa mão-de-obra desempregada e subempregada, geralmente concentrada nos setores de serviços e no terciário primitivo da capital.

## 6.5 - O comércio e as condições de dinamização da cidade

Em função da atividade comercial, as condições de dinamização apresentadas pela capital do Piauí dizem mais respeito ainda à própria cidade do que à região.

Deixando de lado o setor público, o comércio é o que oferece o maior número de oportunidades de emprego para a população imigrada do meio rural. O estudo da COPLAN sobre Teresina demonstra a evolução da ocupação no comércio em detrimento dos serviços, no período 1960-68. Nessas oportunidades estão incluídas pequenas vendas ambulantes ou biscates ligados ao comércio, que vêm engrossar o chamado terciário primitivo da capital. A exemplo de experiências realizadas em outras cidades do mundo subdesenvolvido, caberia portanto a recomendação de evitar a proibição de licenças para vendedores ambulantes, pois são elas veículos para um ingresso mais fácil no circuito comercial.

Muitos dos empreendimentos industriais partem de comerciantes estabelecidos na capital, a exemplo do que sucedeu com a indústria local de óleo de babaçu. O mesmo ocorre com a fabricação de massas alimentícias, sobretudo de arroz, biscoitos, móveis, sabão e outros. Trata-se de produtos de baixa qualidade que mostram possibilidade de concorrer com mercadorias importadas de outros centros, graças ao preço inferior.

Verifica-se, igualmente, certa expansão de serviços ligados ao comércio, particularmente depois de 1967, como os de representações, transportes, mas sobretudo os de alojamento, alimentação e diversões. Medidas se fariam, portanto, necessárias para reter em Teresina um empresariado que tem revelado iniciativa em alguns setores, quer nos que dizem respeito à vida da ci-

dade quer nos que se referem ao quadro rural.

A atividade comercial também já dá ensejo à formação de pequeno contingente de agentes vendedores. São eles mais freqüentes na comercialização das indústrias de óleo existentes. Quanto à atividade comercial propriamente dita, verifica-se que se trata de agentes comissionados principalmente para a venda de produtos de representação, a partir dos escritórios sediados na capital. São geralmente viajantes vendedores que recebem uma comissão de 2% sobre o salário fixo. Ressaltam nesse particular os produtos farmacêuticos e agroveterinários, veículos, eletrodomésticos, material elétrico. O ramo de tecidos revelou retração quanto à comissão, mantendo esporadicamente vendedor viajante, quando diminui a demanda na cidade. Por sua vez, o tamanho das famílias, que varia em média de 4 a 6 pessoas, abre perspectivas a uma maior fabricação de móveis e utensílios domésticos, que se fazem necessários.

No tocante aos investimentos do comércio de Teresina na região, constata-se que se traduzem em uns poucos empreendimentos. São eles representados principalmente por estabelecimentos filiais que, em última análise, se constituem em veículos de canalização da renda para a praça principal.

Segundo o Registro das Firmas na Junta Comercial de Teresina, de um total de 51 estabelecimentos filiais com matriz, nesta cidade, instalados no período 1960-69, 27 tiveram lugar na própria capital, 18 na região imediata e 6 em outros centros, principalmente em São Luís. Nessa região imediata sobressaem Caxias, Timon e Campo Maior. Trata-se de pequenas unidades, dedicadas, freqüentemente, à compra e venda de gêneros de exportação, aliadas ao comércio de mercadorias em geral como produtos alimentícios. Via de regra, são atividades diferentes das

que se mantém na sede, e que contribuem para caracterizar na região uma estrutura comercial distinta da de Teresina. Esta diferenciação também pode ser aferida por outros aspectos. Nota-se que vendas atacadistas, em 1960, correspondiam a 50,9% do total, superior, portanto, ao próprio índice estadual. O aumento de unidades atacadistas entre 1950 e 1960 foi muito mais elevado do que o da capital, passando de 194 para 586, enquanto os estabelecimentos varejistas cresceram apenas de 1.614 para 1.637. Mesmo em relação a essa região imediata, a capital não concentra todas as atividades de comercialização. Altos, União, Água Branca, Campo Maior mantêm certa atuação nesse sentido, bem como na prestação de serviços.

Os empresários comerciais de Teresina têm igualmente se envolvido por vezes com algumas iniciativas rurais, particularmente no setor pecuário. O maior número de propriedades se encontra no Maranhão, nas terras de engorda do vale do Mearim. Mas o comerciante da capital também guarda outros interesses, ligados, por vezes, ao extrativismo vegetal ou à instalação de granjas, estas no próprio município da capital.

Conclui-se, portanto, que as aplicações do comércio de Teresina, na região, tendem a ampliá-la em direção ao interior maranhense. Dizem respeito principalmente a atividades relacionadas ao setor de exportação extra-regional, enquanto as iniciativas voltadas para a vida local e regional são ainda de pequeno vulto.

A capital do Piauí não apresenta por ora possibilidades de desenvolver a capacidade de mercado da sua região próxima. As condições de expandir-se como centro comercial implicam em assegurar-se de um amplo território, capaz de compensar a fragilidade generalizada do poder de consumo da população e de maior controle sobre aquela área imediata.

Dada a sua posição de entroncamento rodoviário. Teresina captura, para sua esfera comercial, municípios anteriormente subordinados a Parnaíba e a São Luís. Ponto avançado no interior, Teresina mantém contatos mais fáceis, a fretes mais baixos, com as grandes fontes de suprimentos do comércio no Nordeste, no Sudeste e no Sul, apresentando, assim, condições de oferecer mercadorias a preços inferiores aos daquelas praças mais distanciadas.

Essas condições poderiam talvez consolidar-se mediante uma política fiscal que o governo do Estado houvesse por bem solicitar para este fim. Reforçar-se-ia, deste modo, um papel distribuidor que Teresina já desempenha para as principais cidades do Piauí e do Maranhão.

Por outro lado, a oferta de artigos de fabricação local, a preços baixos, pode abrir para o comércio da capital maiores perspectivas de enfrentar a concorrência de Fortaleza ou de São Luís para certos produtos na sua região imediata, vindo a acentuar a função distribuidora da cidade. Essas condições já se confirmam na venda de massas alimentícias, biscoitos, calçados, móveis, café, sabão, ladrilhos hidráulicos produzidos em Teresina.

Conforme assinalamos anteriormente, a cidade exporta principalmente para os municípios maranhenses, apoiando-se em pequenos volumes de vendas, efetuadas quase sempre com pagamentos a vista. A progressão dos eixos rodoviários no Maranhão, assim como o desenvolvimento do sistema viário do próprio Estado, podem significar, portanto, aumento de mercado para o comércio de Teresina, que se veria impedido à absorção de novas técnicas e a mudanças de estrutura mais pronunciadas. Essa perspectiva que ainda interessaria, sobretudo, ao dinamismo da própria cidade, deveria também ter repercussão sobre a região, vindo provavelmente a acentuar seus laços de complementaridade.

Tabela n.º 1 — Teresina: Procedência da População — 1970

| BAIRROS                              | DE TERESINA | NÃO NASCIDO EM TERESINA | DE REG. DE TERESINA | DE OUTRO MUN. DO PIAUÍ | DO MARANHÃO |
|--------------------------------------|-------------|-------------------------|---------------------|------------------------|-------------|
| ZONA NORTE                           |             |                         |                     |                        |             |
| 1 — Cabral.....                      | 18          | 9                       | 3                   | 1                      | —           |
| 2 — Fátima.....                      | 163         | 183                     | 74                  | 62                     | 3           |
| 3 — Feira de Amostra.....            | 60          | 37                      | 41                  | 6                      | 3           |
| 4 — Mafuá.....                       | 30          | 18                      | 12                  | —                      | 5           |
| 5 — Matadouro.....                   | 45          | 43                      | 26                  | 5                      | 11          |
| 6 — Matinha.....                     | 19          | 11                      | 12                  | 2                      | 2           |
| 7 — Porenquanto.....                 | 42          | 29                      | 20                  | 2                      | 9           |
| 8 — Primavera.....                   | 46          | 16                      | 12                  | 2                      | 1           |
| 9 — São Cristóvão.....               | 14          | 38                      | 18                  | 17                     | 2           |
| 10 — Vila Operária.....              | 90          | 33                      | 8                   | 14                     | 9           |
| 11 — Vila Militar.....               | 20          | 35                      | 29                  | 3                      | 1           |
| TOTAL.....                           | 547         | 452                     | 253                 | 114                    | 46          |
| 12 — CENTRO.....                     | 295         | 254                     | 156                 | 48                     | 19          |
| ZONA SUL                             |             |                         |                     |                        |             |
| 13 — Catarina.....                   | 74          | 33                      | 12                  | 18                     | 2           |
| 14 — Cidade Nova.....                | 87          | 43                      | 29                  | 5                      | 9           |
| 15 — Ilhota.....                     | 16          | 27                      | 13                  | 10                     | 2           |
| 16 — Macaúba.....                    | 53          | 70                      | 34                  | 19                     | 4           |
| 17 — Monte Castelo.....              | 31          | 41                      | 18                  | 7                      | 8           |
| 18 — Picarra.....                    | 68          | 36                      | 16                  | 7                      | 8           |
| 19 — Tabuleta.....                   | 54          | 91                      | 46                  | 30                     | 13          |
| 20 — São Pedro.....                  | 43          | 51                      | 20                  | 5                      | 21          |
| 21/22 — Vermelho e N.S. das Graças.. | 52          | 23                      | 12                  | 9                      | 1           |
| TOTAL.....                           | 478         | 415                     | 200                 | 110                    | 68          |
| TOTAL.....                           | 1 320       | 1 211                   | 609                 | 272                    | 133         |

| BAIRROS                              | DO CEARÁ | DE OUTROS EST. DO NE | DO NORTE | DO SUL E SE | TOTAL DE PES. ENTRE-VISTADAS |
|--------------------------------------|----------|----------------------|----------|-------------|------------------------------|
| ZONA NORTE                           |          |                      |          |             |                              |
| 1 — Cabral.....                      | 44       | —                    | —        | 3           | 27                           |
| 2 — Fátima.....                      | 38       | 2                    | —        | 5           | 347                          |
| 3 — Feira de Amostra.....            | 1        | —                    | —        | —           | 97                           |
| 4 — Mafuá.....                       | 1        | —                    | —        | —           | 48                           |
| 5 — Matadouro.....                   | —        | 6                    | —        | —           | 88                           |
| 6 — Matinha.....                     | 3        | —                    | —        | —           | 38                           |
| 7 — Porenquanto.....                 | —        | —                    | —        | —           | 71                           |
| 8 — Primavera.....                   | 1        | —                    | —        | —           | 62                           |
| 9 — São Cristóvão.....               | —        | —                    | —        | —           | 52                           |
| 10 — Vila Operária.....              | 5        | —                    | —        | —           | 123                          |
| 11 — Vila Militar.....               | 1        | —                    | —        | —           | 55                           |
| TOTAL.....                           | 54       | 8                    | —        | 8           | 1 008                        |
| 12 — CENTRO.....                     | 10       | 11                   | 1        | 9           | 549                          |
| ZONA SUL                             |          |                      |          |             |                              |
| 13 — Catarina.....                   | 1        | —                    | —        | —           | 107                          |
| 14 — Cidade Nova.....                | 3        | 1                    | —        | —           | 130                          |
| 15 — Ilhota.....                     | 1        | 1                    | —        | —           | 43                           |
| 16 — Macaúba.....                    | 9        | 9                    | —        | 3           | 123                          |
| 17 — Monte Castelo.....              | 8        | —                    | —        | —           | 72                           |
| 18 — Picarra.....                    | 5        | —                    | —        | —           | 104                          |
| 19 — Tabuleta.....                   | 5        | —                    | —        | —           | 145                          |
| 20 — São Pedro.....                  | 4        | 1                    | —        | —           | 94                           |
| 21/22 — Vermelha e N.S. das Graças.. | 1        | 1                    | —        | —           | 75                           |
| TOTAL.....                           | 37       | 13                   | —        | 3           | 893                          |
| TOTAL.....                           | 101      | 32                   | 1        | 20          | 2 450                        |

Tabela n.º 2 — Teresina: Período da Migração

| BAIRROS                          | ANO DE CHEGADA A TERESINA |                   |                   |                   |                   |                   | N.º DE<br>RESPOSTAS<br>OBTIDAS |
|----------------------------------|---------------------------|-------------------|-------------------|-------------------|-------------------|-------------------|--------------------------------|
|                                  | Antes<br>de 1920          | De 1920<br>a 1929 | De 1930<br>a 1939 | De 1940<br>a 1949 | De 1950<br>a 1959 | De 1960<br>a 1970 |                                |
| ZONA NORTE                       |                           |                   |                   |                   |                   |                   |                                |
| Cabral.....                      | 0                         | 0                 | 1                 | 0                 | 4                 | 4                 | 9                              |
| Fátima.....                      | 1                         | 0                 | 2                 | 13                | 44                | 124               | 184                            |
| Feira de Amostra.....            | 0                         | 0                 | 1                 | 1                 | 9                 | 26                | 37                             |
| Mafuá.....                       | 0                         | 0                 | 2                 | 0                 | 6                 | 10                | 18                             |
| Matadouro.....                   | 0                         | 1                 | 2                 | 8                 | 20                | 13                | 53                             |
| Matinha.....                     | 1                         | 0                 | 2                 | 2                 | 7                 | 7                 | 19                             |
| Porenquanto.....                 | 0                         | 2                 | 4                 | 3                 | 2                 | 18                | 29                             |
| Primavera.....                   | 0                         | 0                 | 1                 | 3                 | 9                 | 3                 | 16                             |
| São Cristóvão.....               | 0                         | 0                 | 0                 | 1                 | 1                 | 36                | 38                             |
| Vila Operária.....               | 0                         | 2                 | 3                 | 5                 | 8                 | 15                | 31                             |
| Vila Militar.....                | 0                         | 0                 | 1                 | 6                 | 2                 | 26                | 35                             |
| TOTAL.....                       | 2                         | 5                 | 19                | 42                | 121               | 286               | 459                            |
| CENTRO.....                      | 5                         | 12                | 8                 | 42                | 75                | 112               | 251                            |
| ZONA SUL                         |                           |                   |                   |                   |                   |                   |                                |
| Catarina.....                    | 0                         | 1                 | 3                 | 8                 | 14                | 6                 | 33                             |
| Cidade Nova.....                 | 1                         | 1                 | 0                 | 6                 | 6                 | 29                | 43                             |
| Ilhota.....                      | 0                         | 2                 | 1                 | 3                 | 11                | 10                | 27                             |
| Macaúba.....                     | 0                         | 0                 | 0                 | 4                 | 16                | 50                | 70                             |
| Monte Castelo.....               | 0                         | 0                 | 4                 | 5                 | 14                | 21                | 41                             |
| Piçarra.....                     | 0                         | 2                 | 4                 | 5                 | 8                 | 17                | 17                             |
| Tabuleta.....                    | 0                         | 0                 | 0                 | 3                 | 26                | 62                | 91                             |
| São Pedro.....                   | 0                         | 0                 | 0                 | 5                 | 8                 | 38                | 51                             |
| Vermelha e N. S. das Graças..... | 0                         | 0                 | 3                 | 2                 | 11                | 7                 | 23                             |
| TOTAL.....                       | 1                         | 6                 | 15                | 41                | 114               | 240               | 403                            |
| TOTAL.....                       | 8                         | 23                | 42                | 125               | 310               | 638               | 1 116                          |

FONTE: Pesquisa Direta — IBG — 1970.

Tabela n.º 3 — Teresina: Causas das Migrações

| BAIRROS                     | ORIGEM DO MIGRANTE |       | CAUSAS DA MIGRAÇÃO  |                            |         |       |                    |                          |                 |      |       |
|-----------------------------|--------------------|-------|---------------------|----------------------------|---------|-------|--------------------|--------------------------|-----------------|------|-------|
|                             | Urbana             | Rural | Procura de trabalho | Melhores condições de vida | Estudos | Saúde | Mudança de família | Transfêrência de emprego | Serviço militar | Seca | Total |
| ZONA NORTE                  |                    |       |                     |                            |         |       |                    |                          |                 |      |       |
| Cabral.....                 | 2                  | —     | 1                   | —                          | 1       | —     | 0                  | 0                        | 0               | 0    | 2     |
| Fátima.....                 | 32                 | 16    | 13                  | 1                          | 3       | 1     | 3                  | 4                        | 0               | 0    | 48    |
| Feira de Amostra.....       | 11                 | —     | 4                   | 3                          | 1       | 1     | 1                  | 1                        | 0               | 0    | 11    |
| Mafuá.....                  | 7                  | —     | 1                   | 3                          | 1       | 0     | 1                  | 1                        | 0               | 0    | 7     |
| Matadouro.....              | 13                 | —     | 7                   | 3                          | 2       | 0     | 0                  | 1                        | 0               | 0    | 13    |
| Matinha.....                | 7                  | —     | 3                   | 2                          | 0       | 0     | 1                  | 0                        | 0               | 0    | 7     |
| Porenquanto.....            | 9                  | 2     | 4                   | 3                          | 1       | 0     | 1                  | 0                        | 2               | 0    | 11    |
| Primavera.....              | 6                  | 2     | 4                   | 2                          | 1       | 1     | 0                  | 0                        | 0               | 0    | 8     |
| São Cristóvão.....          | 5                  | 4     | 3                   | 5                          | —       | 0     | 0                  | 0                        | 1               | 0    | 9     |
| Vila Operária.....          | 13                 | 2     | 7                   | 5                          | 1       | 0     | 2                  | 0                        | 0               | 0    | 15    |
| Vila Militar.....           | 6                  | 2     | 2                   | 6                          | 0       | 0     | 0                  | 0                        | 0               | 0    | 8     |
| TOTAL.....                  | 111                | 28    | 69                  | 33                         | 11      | 3     | 9                  | 7                        | 3               | 0    | 139   |
| CENTRO.....                 |                    |       |                     |                            |         |       |                    |                          |                 |      |       |
|                             | 66                 | 9     | 25                  | 8                          | 17      | 2     | 15                 | 5                        | 2               | 0    | 75    |
| ZONA SUL                    |                    |       |                     |                            |         |       |                    |                          |                 |      |       |
| Catarina.....               | 9                  | —     | 2                   | 3                          | 1       | 0     | 2                  | 1                        | 0               | 0    | 9     |
| Cidade Nova.....            | 9                  | 5     | 2                   | 5                          | 1       | 1     | 3                  | 0                        | 1               | 1    | 14    |
| Ilhota.....                 | 9                  | 1     | 3                   | 2                          | 1       | 0     | 1                  | 1                        | 0               | 0    | 10    |
| Macaúba.....                | 12                 | 5     | 6                   | 1                          | 3       | 0     | 5                  | 2                        | 0               | 0    | 17    |
| Monte Castelo.....          | 9                  | 2     | 3                   | 2                          | 1       | 0     | 2                  | 0                        | 3               | 0    | 11    |
| Piçarra.....                | 20                 | 2     | 13                  | 4                          | 3       | 1     | 0                  | 1                        | 0               | 0    | 22*   |
| Tabuleta.....               | 11                 | 2     | 7                   | 3                          | 1       | 0     | 2                  | 0                        | 0               | 0    | 13    |
| São Pedro.....              | 7                  | —     | 1                   | 1                          | 1       | 1     | 2                  | 0                        | 0               | 0    | 7     |
| Vermelha e N. S. das Graças | 7                  | 4     | 4                   | —                          | 1       | 2     | 2                  | 0                        | 1               | 1    | 11    |
| TOTAL.....                  | 93                 | 21    | 41                  | 22                         | 13      | 5     | 19                 | 5                        | 5               | 2    | 114   |
| TOTAL.....                  | 270                | 58    | 135                 | 63                         | 41      | 10    | 43                 | 17                       | 10              | 2    | 328   |

FONTE: Pesquisa Direta — IBG — 1970.

Tabela n.º 4 — Teresina: População por Sexo e Idade

| BAIRROS                                    | GRUPOS DE IDADE |     |               |     |                 |     |                 |     |                 |     |
|--|-----------------|-----|---------------|-----|-----------------|-----|-----------------|-----|-----------------|-----|
|  | Até 4 anos      |     | De 5 a 9 anos |     | De 10 a 14 anos |     | De 14 a 19 anos |     | De 20 a 29 anos |     |
|  | H               | M   | H             | M   | H               | M   | H               | M   | H               | M   |
| ZONA NORTE                                 |                 |     |               |     |                 |     |                 |     |                 |     |
| 1 — Cabral .....                           | 2               | 2   | 5             | 2   | 3               | 1   | 2               | 2   | 1               | 4   |
| 2 — Fátima.....                            | 37              | 34  | 29            | 31  | 20              | 30  | 20              | 21  | 12              | 24  |
| 3 — Feira de Amostra.....                  | 11              | 14  | 11            | 7   | 4               | 4   | 8               | 3   | 5               | 7   |
| 4 — Mafuá.....                             | 3               | 1   | 7             | 7   | 5               | 9   | 6               | 2   | 1               | 1   |
| 5 — Matadouro.....                         | 4               | 7   | 7             | 5   | 4               | 6   | 0               | 11  | 6               | 7   |
| 6 — Matinha.....                           | 0               | 0   | 2             | 2   | 6               | 3   | 2               | 2   | 1               | 1   |
| 7 — Porenquato.....                        | 1               | 6   | 3             | 6   | 3               | 4   | 6               | 6   | 4               | 7   |
| 8 — Primavera.....                         | 6               | 5   | 3             | 5   | 3               | 4   | 2               | 6   | 6               | 5   |
| 9 — São Cristovão.....                     | 7               | 1   | 2             | 5   | 8               | 4   | 1               | 4   | 3               | 3   |
| 10 — Vila Operária.....                    | 8               | 5   | 7             | 11  | 12              | 13  | 7               | 9   | 8               | 13  |
| 11 — Vila Militar.....                     | 5               | 2   | 9             | 2   | 6               | 6   | 4               | 5   | 2               | 2   |
| TOTAL.....                                 | 90              | 77  | 85            | 86  | 74              | 81  | 58              | 71  | 49              | 74  |
| 12 — CENTRO.....                           | 31              | 34  | 38            | 37  | 32              | 33  | 40              | 39  | 36              | 52  |
| ZONA SUL                                   |                 |     |               |     |                 |     |                 |     |                 |     |
| 13 — Catarina.....                         | 8               | 5   | 4             | 8   | 10              | 8   | 7               | 8   | 10              | 7   |
| 14 — Cidade Nova.....                      | 5               | 12  | 8             | 12  | 9               | 8   | 5               | 11  | 11              | 12  |
| 15 — Bhoá.....                             | 5               | 1   | 1             | 2   | 4               | 4   | 4               | 5   | 2               | 4   |
| 16 — Macaúba.....                          | 12              | 10  | 6             | 11  | 9               | 12  | 9               | 8   | 6               | 7   |
| 17 — Monte Castelo.....                    | 4               | 4   | 4             | 6   | 3               | 6   | 8               | 2   | 1               | 10  |
| 18 — Piçarra.....                          | 7               | 5   | 5             | 11  | 10              | 7   | 7               | 9   | 6               | 10  |
| 19 — Tabuleta.....                         | 9               | 14  | 6             | 16  | 6               | 8   | 10              | 7   | 11              | 13  |
| 20 — São Pedro.....                        | 9               | 11  | 7             | 9   | 5               | 5   | 5               | 6   | 6               | 10  |
| 21 e 22 — Vermelha e N. S. das Graças..... | 10              | 5   | 5             | 2   | 6               | 7   | 5               | 5   | 7               | 6   |
| TOTAL.....                                 | 74              | 67  | 46            | 77  | 62              | 65  | 69              | 61  | 61              | 79  |
| TOTAL.....                                 | 195             | 178 | 169           | 200 | 168             | 182 | 158             | 171 | 145             | 205 |

| BAIRROS                                       | GRUPOS DE IDADE    |     |                    |    |                    |    |                    |    | Total de<br>Pessoas<br>Entrevistadas |    |
|---|--------------------|-----|--------------------|----|--------------------|----|--------------------|----|--------------------------------------|----|
|   | De 30 a<br>39 anos |     | De 40 a<br>49 anos |    | De 50 a<br>59 anos |    | Mais de<br>60 anos |    |                                      |    |
|   | H                  | M   | H                  | M  | H                  | M  | H                  | M  |                                      |    |
| ZONA NORTE                                    |                    |     |                    |    |                    |    |                    |    |                                      |    |
| 1 — Cabral.....                               | 1                  | 1   | 0                  | 1  | 0                  | 0  | 0                  | 0  | 0                                    | 27 |
| 2 — Fátima.....                               | 24                 | 21  | 9                  | 7  | 1                  | 5  | 5                  | 6  | 347                                  |    |
| 3 — Feira de Amostra.....                     | 4                  | 7   | 3                  | 4  | 2                  | 1  | 1                  | 1  | 97                                   |    |
| 4 — Mafuá.....                                | 4                  | 0   | 0                  | 1  | 3                  | 0  | 2                  | 0  | 48                                   |    |
| 5 — Matadouro.....                            | 5                  | 8   | 4                  | 2  | 3                  | 3  | 3                  | 3  | 88                                   |    |
| 6 — Matinha.....                              | 4                  | 2   | 2                  | 4  | 2                  | 1  | 3                  | 1  | 38                                   |    |
| 7 — Porenquanto.....                          | 2                  | 5   | 6                  | 2  | 2                  | 3  | 2                  | 0  | 71                                   |    |
| 8 — Primavera.....                            | 3                  | 7   | 2                  | 2  | 1                  | 0  | 0                  | 1  | 62                                   |    |
| 9 — São Cristovão.....                        | 5                  | 6   | 2                  | 1  | 0                  | 0  | 0                  | 0  | 52                                   |    |
| 10 — Vila Operária.....                       | 8                  | 4   | 3                  | 2  | 5                  | 5  | 0                  | 0  | 123                                  |    |
| 11 — Vila Militar.....                        | 2                  | 4   | 3                  | 3  | 0                  | 0  | 0                  | 0  | 55                                   |    |
| TOTAL.....                                    | 62                 | 65  | 34                 | 29 | 29                 | 18 | 16                 | 11 | 1 008                                |    |
| 12 — CENTRO.....                              | 26                 | 34  | 27                 | 23 | 11                 | 19 | 19                 | 18 | 549                                  |    |
| ZONA SUL                                      |                    |     |                    |    |                    |    |                    |    |                                      |    |
| 13 — Catarina.....                            | 9                  | 8   | 6                  | 5  | 2                  | 1  | 1                  | 0  | 170                                  |    |
| 14 — Cidade Nova.....                         | 8                  | 3   | 2                  | 7  | 6                  | 3  | 2                  | 6  | 130                                  |    |
| 15 — Ihota.....                               | 2                  | 3   | 1                  | 1  | 1                  | 2  | 1                  | 0  | 43                                   |    |
| 16 — Macaúba.....                             | 3                  | 12  | 7                  | 6  | 1                  | 1  | 1                  | 3  | 123                                  |    |
| 17 — Monte Castelo.....                       | 4                  | 6   | 4                  | 2  | 2                  | 2  | 3                  | 1  | 72                                   |    |
| 18 — Piçarra.....                             | 9                  | 8   | 3                  | 1  | 2                  | 1  | 2                  | 2  | 104                                  |    |
| 19 — Tabuleta.....                            | 12                 | 14  | 5                  | 4  | 2                  | 2  | 4                  | 0  | 145                                  |    |
| 20 — São Pedro.....                           | 3                  | 6   | 4                  | 4  | 1                  | 2  | 0                  | 0  | 94                                   |    |
| 21 e 22 — Vermelha e N. S. das<br>Graças..... | 2                  | 2   | 4                  | 3  | 3                  | 3  | 0                  | 0  | 75                                   |    |
| TOTAL.....                                    | 52                 | 62  | 36                 | 33 | 20                 | 16 | 14                 | 12 | 893                                  |    |
| TOTAL.....                                    | 140                | 161 | 97                 | 85 | 70                 | 53 | 49                 | 41 | 2 450                                |    |

Tabela n.º 5 — Teresina: Grau de Instrução

| TERESINA — POPULAÇÃO MAIOR DE 14 ANOS<br>— GRAU DE INSTRUÇÃO |           |     |       |          |         |          |         |          |         |            |         |             |         |          |         |       |                     |      |      |               |
|--|-----------|-----|-------|----------|---------|----------|---------|----------|---------|------------|---------|-------------|---------|----------|---------|-------|---------------------|------|------|---------------|
| 2.º CICLO  |           |     |       |          |         |          |         |          |         |            |         |             |         |          |         |       |                     |      |      |               |
| BAIRROS  | SABEM LER |     |       | PRIMÁRIO |         | GINASIAL |         | COLEGIAL |         | PEDAGÓGICO |         | TEC. E COM. |         | SUPERIOR |         | TOTAL | ESTUDANTES EM CURSO |      |      | SEM INSTRUÇÃO |
|  | Sim       | Não | Total | Comp.    | Incomp. | Comp.    | Incomp. | Comp.    | Incomp. | Comp.      | Incomp. | Comp.       | Incomp. | Comp.    | Incomp. |       | Prim.               | Sec. | Sup. |               |
| ZONA NORTE   |           |     |       |          |         |          |         |          |         |            |         |             |         |          |         |       |                     |      |      |               |
| Cabral.....  | 10        | 2   | 12    | —        | 1       | 1        | 7       | —        | —       | —          | —       | —           | —       | —        | 1       | 10    | —                   | 6    | 1    | 5             |
| Pátima.....  | 124       | 42  | 166   | 24       | 65      | 6        | 15      | 5        | 8       | —          | 1       | —           | —       | —        | —       | 124   | 25                  | 23   | —    | 118           |
| Feira de Amostra.....  | 31        | 15  | 46    | 7        | 19      | —        | 3       | —        | 1       | —          | —       | —           | 1       | —        | —       | 31    | 6                   | 6    | —    | 35            |
| Mafuá.....   | 16        | —   | 16    | 2        | 5       | —        | 8       | —        | 1       | —          | —       | —           | —       | —        | —       | 16    | 2                   | 7    | —    | 7             |
| Matadouro.....   | 45        | 10  | 55    | 10       | 10      | 4        | 7       | 1        | 8       | —          | 1       | —           | 2       | —        | 2       | 45    | 7                   | 12   | 2    | 34            |
| Matinha.....   | 18        | 7   | 25    | 8        | 4       | —        | 2       | 1        | 1       | 1          | —       | —           | —       | —        | —       | 17    | 2                   | 2    | —    | 21            |
| Porequante.....  | 42        | 3   | 45    | 9        | 9       | —        | 15      | 1        | 4       | —          | 2       | —           | 2       | —        | —       | 42    | 1                   | 15   | —    | 26            |
| Primavera.....   | 25        | 8   | 35    | 8        | 7       | —        | 7       | 1        | 1       | —          | 1       | —           | —       | —        | 1       | 25    | 1                   | 6    | —    | 25            |
| São Cristóvão.....   | 19        | 6   | 25    | 3        | 13      | —        | 3       | —        | —       | —          | —       | —           | —       | —        | —       | 19    | 2                   | 2    | —    | 21            |
| Vila Operária.....   | 64        | 8   | 72    | 14       | 26      | 3        | 9       | 2        | 5       | —          | 3       | —           | —       | —        | 2       | 64    | 10                  | 16   | 1    | 49            |
| Vila Militar.....  | 22        | 3   | 25    | 3        | 10      | 1        | 7       | —        | —       | —          | —       | —           | 1       | —        | —       | 22    | 1                   | 7    | —    | 17            |
| TOTAL.....   | 416       | 106 | 522   | 88       | 169     | 15       | 83      | 11       | 29      | 1          | 8       | 1           | 5       | —        | 5       | 415   | 60                  | 102  | 4    | 358           |
| CENTRO.....  |           |     |       |          |         |          |         |          |         |            |         |             |         |          |         |       |                     |      |      |               |
|  | 328       | 16  | 344   | 65       | 49      | 14       | 50      | 29       | 44      | 17         | 10      | 10          | 4       | 24       | 12      | 328   | 17                  | 95   | 8    | 223           |
| ZONA SUL   |           |     |       |          |         |          |         |          |         |            |         |             |         |          |         |       |                     |      |      |               |
| Catarina.....  | 60        | 4   | 64    | 17       | 17      | 5        | 7       | 1        | 6       | 2          | 2       | —           | 1       | —        | 2       | 60    | 12                  | 11   | 2    | 39            |
| Cidade Nova.....   | 50        | 26  | 76    | 15       | 27      | 3        | 8       | 1        | 1       | —          | —       | —           | —       | —        | —       | 55    | 7                   | 5    | —    | 64            |
| Ilhota.....  | 20        | 6   | 26    | 8        | 4       | —        | 5       | —        | 1       | 1          | 1       | —           | —       | —        | —       | 20    | 3                   | 7    | —    | 16            |
| Macaúba.....   | 43        | 20  | 63    | 12       | 21      | —        | 7       | —        | —       | —          | —       | —           | 1       | —        | 2       | 43    | 13                  | 7    | —    | 43            |
| Monte Castelo.....   | 28        | 18  | 46    | 6        | 15      | 4        | 6       | —        | —       | —          | —       | —           | —       | —        | —       | 31    | 7                   | 7    | —    | 33            |
| Piçarra.....   | 49        | 10  | 59    | 11       | 17      | 4        | 10      | 1        | 3       | 1          | —       | —           | 1       | —        | 1       | 49    | 4                   | 10   | 2    | 43            |
| Tabuleta.....  | 64        | 20  | 84    | 14       | 26      | 1        | 14      | 2        | 5       | 1          | —       | —           | —       | 1        | —       | 64    | 4                   | 21   | —    | 59            |
| São Pedro.....   | 34        | 14  | 48    | 9        | 22      | —        | 3       | —        | —       | —          | —       | —           | —       | —        | —       | 34    | 4                   | 3    | —    | 41            |
| Vermelha e N. S. das Graças                                  | 33        | 7   | 40    | 8        | 10      | 3        | 7       | 3        | 2       | 1          | —       | —           | —       | —        | —       | 31    | 4                   | 5    | 1    | 30            |
| TOTAL.....   | 381       | 125 | 506   | 100      | 159     | 20       | 67      | 8        | 18      | 6          | 3       | 2           | 2       | 3        | 2       | 390   | 58                  | 76   | 5    | 368           |
| TOTAL.....   | 1 125     | 247 | 1 372 | 253      | 377     | 49       | 200     | 48       | 91      | 24         | 21      | 13          | 11      | 27       | 19      | 1 133 | 135                 | 273  | 17   | 949           |

NOTA: Pesquisa Direta — IBG — 1970.

Tabela n.º 6 — Teresina: Renda da População

| BAIRROS                          | N.º DE PESSOAS ENTRE-VISTADAS | ATIVOS MAIORES DE 14 ANOS | APOSENTADOS | RENDA              |           |            |                |                   | BISCATE | NÃO DECLARARAM RENDA |
|----------------------------------|-------------------------------|---------------------------|-------------|--------------------|-----------|------------|----------------|-------------------|---------|----------------------|
|                                  |                               |                           |             | Mencs de 1 Salário | 1 Salário | 2 Salários | 3 a 4 Salários | 5 Salários e mais |         |                      |
| ZONA NORTE                       |                               |                           |             |                    |           |            |                |                   |         |                      |
| Cabral.....                      | 27                            | 6                         | 0           | 4                  | 0         | 0          | 1              | 1                 | 0       | 0                    |
| Fátima.....                      | 347                           | 70                        | 5           | 24                 | 15        | 6          | 9              | 5                 | 6       | 5                    |
| Feira de Amostra.....            | 97                            | 23                        | 1           | 10                 | 7         | 4          | 2              | 0                 | 0       | 1                    |
| Mafuá.....                       | 48                            | 10                        | 1           | 2                  | 4         | 0          | 1              | 2                 | 0       | 0                    |
| Matadouro.....                   | 88                            | 25                        | 2           | 11                 | 3         | 2          | 5              | 1                 | 0       | 1                    |
| Matinha.....                     | 38                            | 11                        | 0           | 8                  | 1         | 0          | 0              | 2                 | 1       | 0                    |
| Porequanteo.....                 | 71                            | 19                        | 2           | 5                  | 5         | 4          | 1              | 1                 | 1       | 0                    |
| Primavera.....                   | 62                            | 20                        | 0           | 11                 | 5         | 3          | 0              | 0                 | 1       | 0                    |
| São Cristóvão.....               | 52                            | 12                        | 0           | 3                  | 8         | 0          | 0              | 0                 | 0       | 1                    |
| Vila Operária.....               | 123                           | 26                        | 2           | 12                 | 4         | 1          | 5              | 3                 | 1       | 0                    |
| Vila Militar.....                | 55                            | 11                        | 0           | 4                  | 4         | 0          | 2              | 1                 | 0       | 0                    |
| TOTAL.....                       | 1 008                         | 233                       | 13          | 94                 | 41        | 20         | 26             | 16                | 10      | 8                    |
| CENTRO.....                      |                               |                           |             |                    |           |            |                |                   |         |                      |
|                                  | 549                           | 189                       | 17          | 50                 | 29        | 10         | 22             | 54                | 2       | 7                    |
| ZONA SUL                         |                               |                           |             |                    |           |            |                |                   |         |                      |
| Catarina.....                    | 107                           | 34                        | 2           | 16                 | 9         | 7          | 2              | 0                 | 0       | 0                    |
| Cidade Nova.....                 | 130                           | 34                        | 1           | 7                  | 8         | 1          | 1              | 0                 | 8       | 8                    |
| Ihota.....                       | 43                            | 17                        | 0           | 10                 | 3         | 2          | 1              | 0                 | 2       | 0                    |
| Macaíba.....                     | 123                           | 33                        | 0           | 14                 | 8         | 3          | 0              | 2                 | 4       | 2                    |
| Monte Castelo.....               | 72                            | 19                        | 1           | 10                 | 6         | 0          | 1              | 1                 | 1       | 0                    |
| Piçarra.....                     | 104                           | 35                        | 2           | 20                 | 7         | 3          | 0              | 3                 | 0       | 0                    |
| Tabuleta.....                    | 145                           | 43                        | 2           | 25                 | 8         | 7          | 2              | 0                 | 0       | 1                    |
| São Pedro.....                   | 94                            | 24                        | 3           | 12                 | 8         | 1          | 0              | 0                 | 0       | 0                    |
| Vermelha e N. S. das Graças..... | 75                            | 21                        | 2           | 8                  | 8         | 3          | 0              | 0                 | 0       | 0                    |
| TOTAL.....                       | 893                           | 260                       | 13          | 124                | 65        | 27         | 7              | 6                 | 15      | 11                   |
| TOTAL.....                       | 2 450                         | 682                       | 43          | 268                | 135       | 57         | 55             | 76                | 27      | 26                   |

FONTE: Pesquisa Direta — IBG — 1970.

Tabela n.º 7 — Teresina: Renda Familiar e tamanho da família

| FAIXAS DE RENDA         | NÚMERO DE PESSOAS POR FAMÍLIA |           |           |           |           |           |           |           |           |           | TOTAIS |
|-------------------------|-------------------------------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|--------|
|                         | 1 pessoa                      | 2 pessoas | 3 pessoas | 4 pessoas | 5 pessoas | 6 pessoas | 7 pessoas | 8 pessoas | 9 pessoas | 10 e mais |        |
| Menos de 1 salário..... | 8                             | 12        | 14        | 7         | 7         | 7         | 5         | 3         | 2         | 2         | 67     |
| 1 salário.....          | —                             | 18        | 23        | 27        | 19        | 21        | 15        | 8         | 9         | 7         | 147    |
| 2 salários.....         | —                             | 5         | 6         | 10        | 6         | 9         | 8         | 5         | 5         | 6         | 60     |
| 3 salários.....         | —                             | 1         | 3         | 7         | 3         | 3         | 5         | 3         | 3         | 1         | 29     |
| 4 salários.....         | —                             | 1         | 1         | 0         | 0         | 4         | 0         | 3         | 5         | 3         | 17     |
| 5 salários.....         | —                             | 1         | 1         | 1         | 3         | 3         | 1         | 0         | 3         | 1         | 14     |
| 6 salários a 10.....    | 1                             | 3         | 4         | 1         | 1         | 3         | 1         | 2         | 3         | 6         | 25     |
| 10 e mais salários..... | —                             | 3         | 2         | 3         | 7         | 6         | 4         | 3         | 6         | 4         | 38     |
| Não especificado.....   | 4                             | 1         | 3         | 4         | 2         | 4         | 0         | 3         | 2         | 1         | 24     |
| Biscates.....           | 0                             | 1         | 4         | 2         | 4         | 1         | 2         | 2         | 1         | 0         | 17     |
| TOTAL.....              | 13                            | 46        | 61        | 62        | 52        | 61        | 41        | 32        | 39        | 31        | 438    |

FONTE: Pesquisa Direta — 1970.

Tabela n.º 8 — Região de Teresina: Estabelecimentos Industriais segundo o tipo

| MUNICÍPIOS                    | MENOS DE<br>5 PESSOAS<br>OCUPADAS/<br>MENOS DE<br>Cr\$ 10 000 DE<br>VALOR DE<br>VENDAS | MENOS DE<br>5 PESSOAS<br>OCUPADAS/<br>Cr\$ 10 000 E<br>VALOR DE<br>VENDAS | 5 PESSOAS<br>OCUPADAS<br>E MAIS/<br>MENOS DE<br>Cr\$ 10 000 DE<br>VALOR DE<br>VENDAS | 5 PESSOAS<br>OCUPADAS<br>E MAIS/<br>Cr\$ 10 000 E<br>VALOR DE<br>VENDAS |
|-------------------------------|--|---|--|---|
| Teresina.....                 | 131  | 11  | 72   | 58  |
| Agricolândia.....             | —  | —   | —  | —   |
| Água Branca.....              | 7  | 2   | —  | —   |
| Alto Longá.....               | —  | —   | 4  | —   |
| Altos.....                    | 11   | 1   | —  | —   |
| Amarante.....                 | 7  | 1   | 14   | 1   |
| Angical do Piauí.....         | 18   | 1   | —  | —   |
| Arrozozes.....                | —  | —   | 1  | —   |
| Arraial.....                  | —  | —   | —  | —   |
| Barras.....                   | 16   | 1   | 6  | 1   |
| Barro Duro.....               | 2  | —   | 2  | —   |
| Batalha.....                  | 3  | —   | —  | —   |
| Benedictinos.....             | 5  | —   | 1  | —   |
| Campo Maior.....              | 20   | —   | 17   | 7   |
| Capitão de Campos.....        | 8  | —   | 7  | —   |
| Castelo do Piauí.....         | 3  | —   | —  | 1   |
| Demerval Lobão.....           | —  | —   | —  | —   |
| Elesbão Veloso.....           | 14   | —   | 2  | —   |
| Esperantina.....              | 13   | 3   | 3  | 2   |
| Francinópolis.....            | 3  | —   | —  | —   |
| Francisco Aires.....          | 1  | —   | —  | —   |
| Hugo Napoleão.....            | —  | —   | —  | —   |
| Inhuma.....                   | 3  | —   | 7  | —   |
| José de Freitas.....          | 11   | —   | 9  | 4   |
| Luzilândia.....               | 15   | 3   | —  | —   |
| Matias Olímpo.....            | 28   | —   | —  | —   |
| Miguel Alves.....             | 8  | —   | —  | —   |
| Miguel Leão.....              | 2  | —   | —  | —   |
| Monsenhor Gil.....            | —  | —   | —  | —   |
| N. S. dos Remédios.....       | 3  | —   | —  | —   |
| Novo Oriente do Piauí.....    | 1  | 1   | 5  | —   |
| Olho D'Água Grande.....       | 1  | —   | 9  | —   |
| Palmeirais.....               | 14   | —   | 1  | —   |
| Pimenteiras.....              | 2  | —   | —  | 1   |
| Piripiri.....                 | 33   | 9   | —  | 1   |
| Pedro II.....                 | 8  | —   | 20   | —   |
| Porto.....                    | 6  | —   | 5  | —   |
| Prata do Piauí.....           | —  | —   | —  | —   |
| Regeneração.....              | 3  | 1   | —  | —   |
| S. Félix do Piauí.....        | 4  | —   | 3  | —   |
| S. Gonçalo do Piauí.....      | 2  | —   | —  | —   |
| S. João da Serra.....         | 1  | —   | —  | —   |
| S. Miguel do Tapuio.....      | 68   | 1   | 5  | —   |
| S. Pedro do Piauí.....        | 6  | 1   | 3  | —   |
| União.....                    | 21   | —   | 2  | 4   |
| Valença do Piauí.....         | 5  | 1   | —  | —   |
| Várzea Grande.....            | 3  | —   | —  | —   |
| Afonso Cunha.....             | —  | —   | —  | —   |
| Aldeias Altas.....            | 15   | —   | 2  | —   |
| Caxias.....                   | 25   | 14  | 3  | 11  |
| Coelho Neto.....              | 2  | 2   | 1  | 1   |
| Duque Bacelar.....            | 2  | 1   | —  | 1   |
| Matões.....                   | 22   | —   | —  | —   |
| Parnarama.....                | 32   | —   | —  | —   |
| S. Francisco do Maranhão..... | 6  | —   | 4  | —   |
| Timon.....                    | 33   | 4   | —  | 2   |

FONTE: Cadastro Industrial — 1965.

**Tabela n.º 9 — Registro Anual de Firms Comerciais Individuais — Junta Comercial de Teresina — 1960/69**

| GÊNEROS DE COMÉRCIOS                               | UNIDADES                  |      | 1960      |      | 1961      |      | 1962      |      | 1963       |      | 1964       |      | 1965 |   |
|--|---------------------------|------|-----------|------|-----------|------|-----------|------|------------|------|------------|------|------|---|
|  | T                         | %    | T         | %    | T         | %    | T         | %    | T          | %    | T          | %    | T    | % |
|  | Mercadorias em geral..... | 11   | 21,6      | 12   | 17,4      | 14   | 17,9      | 20   | 23,0       | 44   | 28,8       | 14   | 12,2 |   |
| Mercadorias em geral c/ produtos alimentícios..... | 2                         | 3,9  | 5         | 7,2  | 4         | 5,1  | 4         | 4,6  | 4          | 2,6  | 7          | 6,1  |      |   |
| Mercadorias em geral c/gêneros de exportação.....  | 1                         | 1,9  | —         | —    | 4         | 5,1  | 10        | 11,5 | 14         | 9,1  | 8          | 7,0  |      |   |
| Produtos alimentícios (abastecimento).....         | 1                         | 1,9  | 1         | 1,4  | 1         | 1,3  | 5         | 5,7  | 4          | 2,6  | 4          | 3,5  |      |   |
| Mercearia.....                                     | 14                        | 27,4 | 8         | 11,6 | 4         | 5,1  | 5         | 5,7  | 7          | 4,6  | 5          | 4,3  |      |   |
| Gêneros de exportação.....                         | 1                         | 1,9  | —         | —    | 5         | 6,4  | —         | —    | 3          | 2,0  | 2          | 1,7  |      |   |
| Tecidos.....                                       | 1                         | 1,9  | 7         | 10,1 | 3         | 3,8  | 3         | 3,4  | 6          | 3,9  | 3          | 2,6  |      |   |
| Confecções — butiques — calçados.....              | 3                         | 5,9  | 3         | 4,3  | 11        | 14,1 | 3         | 3,4  | 11         | 7,2  | 9          | 7,8  |      |   |
| Miudezas em geral.....                             | 2                         | 3,9  | 4         | 5,8  | 2         | 2,6  | 1         | 1,1  | 11         | 7,2  | 4          | 3,5  |      |   |
| Papelaria e impressos.....                         | 2                         | 3,9  | —         | —    | —         | —    | 2         | 2,3  | 2          | 1,3  | 2          | 1,7  |      |   |
| Produtos farmacêuticos e afins.....                | —                         | —    | 5         | 7,2  | 4         | 5,1  | 5         | 5,7  | 3          | 2,0  | 15         | 13,0 |      |   |
| Material de construção.....                        | 2                         | 3,9  | 1         | 1,4  | 3         | 3,8  | 4         | 4,6  | 2          | 1,3  | 6          | 5,2  |      |   |
| Veículos — peças e acessórios.....                 | 1                         | 1,9  | 6         | 8,7  | 3         | 3,8  | 5         | 5,7  | 5          | 3,3  | 14         | 12,2 |      |   |
| Combustíveis e lubrificantes.....                  | 1                         | 1,9  | 1         | 1,4  | 2         | 2,6  | 3         | 3,4  | 4          | 2,6  | 3          | 2,6  |      |   |
| Representações e conta própria.....                | 8                         | 15,7 | 16        | 23,2 | 13        | 16,7 | 11        | 12,6 | 27         | 17,6 | 18         | 15,6 |      |   |
| Móveis e artigos de colchoaria.....                | —                         | —    | —         | —    | —         | —    | 2         | 2,3  | 3          | 2,0  | —          | —    |      |   |
| Joalheria, relojoaria, ótica.....                  | —                         | —    | —         | —    | 2         | 2,6  | 3         | 3,4  | 1          | 0,6  | —          | —    |      |   |
| Bicicletas aparelhos e material elétrico.....      | 1                         | 1,9  | —         | —    | 3         | 3,8  | —         | —    | 2          | 1,3  | 1          | 0,9  |      |   |
| Cigarros e art. de tabacaria.....                  | —                         | —    | —         | —    | —         | —    | 1         | 1,1  | —          | —    | —          | —    |      |   |
| Comércio ambulante.....                            | —                         | —    | —         | —    | —         | —    | —         | —    | —          | —    | —          | —    |      |   |
| Equipamento p/hospitais móveis de aço.....         | —                         | —    | —         | —    | —         | —    | —         | —    | —          | —    | —          | —    |      |   |
| Máquinas, ferramentas mecânicas.....               | —                         | —    | —         | —    | —         | —    | —         | —    | —          | —    | —          | —    |      |   |
| <b>TOTAL.....</b>                                  | <b>51</b>                 |      | <b>69</b> |      | <b>78</b> |      | <b>87</b> |      | <b>153</b> |      | <b>115</b> |      |      |   |

180

| GÊNEROS DE COMÉRCIOS                               | UNIDADES                  |      | 1966       |      | 1967       |      | 1968       |      | 1969         |      | TOTAIS DO PERÍODO |   |
|--|---------------------------|------|------------|------|------------|------|------------|------|--------------|------|-------------------|---|
|  | T                         | %    | T          | %    | T          | %    | T          | %    | T            | %    | T                 | % |
|  | Mercadorias em geral..... | 33   | 22,0       | 33   | 18,4       | 86   | 22,3       | 165  | 26,9         | 432  | 23,0              |   |
| Mercadorias em geral c/ produtos alimentícios..... | 8                         | 5,3  | 2          | 1,1  | 45         | 11,7 | 138        | 22,5 | 219          | 11,6 |                   |   |
| Mercadorias em geral c/gêneros de exportação.....  | 14                        | 9,3  | 24         | 13,4 | 32         | 8,3  | 8          | 1,3  | 115          | 6,1  |                   |   |
| Produtos alimentícios (abastecimento).....         | 9                         | 6,0  | 13         | 7,3  | 30         | 7,8  | 64         | 10,4 | 132          | 7,0  |                   |   |
| Mercearia.....                                     | 9                         | 6,0  | 24         | 13,4 | 49         | 12,7 | 73         | 11,9 | 198          | 10,5 |                   |   |
| Gêneros de exportação.....                         | 3                         | 2,0  | 1          | 0,6  | 5          | 1,3  | 1          | 0,2  | 21           | 1,1  |                   |   |
| Tecidos.....                                       | 3                         | 2,0  | 7          | 3,9  | 8          | 2,1  | 2          | 0,3  | 43           | 2,3  |                   |   |
| Confecções — butiques — calçados.....              | 10                        | 6,7  | 10         | 5,6  | 25         | 6,5  | 46         | 7,5  | 131          | 7,0  |                   |   |
| Miudezas em geral.....                             | 4                         | 2,7  | 4          | 2,2  | 9          | 2,3  | 11         | 1,8  | 52           | 2,8  |                   |   |
| Papelaria e impressos.....                         | 7                         | 4,7  | 4          | 2,2  | 8          | 2,1  | 5          | 0,8  | 32           | 1,7  |                   |   |
| Produtos farmacêuticos e afins.....                | 3                         | 2,0  | 7          | 3,9  | 7          | 1,8  | 8          | 1,3  | 57           | 3,0  |                   |   |
| Material de construção.....                        | 3                         | 2,0  | 6          | 3,3  | 8          | 2,1  | 7          | 1,1  | 42           | 2,2  |                   |   |
| Veículos — peças e acessórios.....                 | 8                         | 5,3  | 7          | 3,9  | 6          | 1,6  | 10         | 1,6  | 65           | 3,5  |                   |   |
| Combustíveis e lubrificantes.....                  | 3                         | 2,0  | 1          | 0,6  | 6          | 1,0  | 6          | 1,0  | 30           | 1,6  |                   |   |
| Representações e conta própria.....                | 21                        | 14,0 | 25         | 14   | 31         | 8,0  | 23         | 3,7  | 103          | 10,3 |                   |   |
| Móveis e artigos de colchoaria.....                | 4                         | 2,7  | 2          | 1,1  | 3          | 0,8  | —          | —    | 14           | 0,7  |                   |   |
| Joalheria, relojoaria, ótica.....                  | 5                         | 3,3  | 2          | 1,1  | 3          | 0,8  | 9          | 1,5  | 25           | 1,3  |                   |   |
| Bicicletas aparelhos e material elétrico.....      | 3                         | 2,0  | 4          | 2,2  | 5          | 1,3  | 10         | 1,6  | 29           | 1,5  |                   |   |
| Cigarros e art. de tabacaria.....                  | —                         | —    | —          | —    | 4          | 1,0  | 11         | 1,8  | 16           | 0,8  |                   |   |
| Comércio ambulante.....                            | —                         | —    | 3          | 1,7  | 14         | 3,6  | 16         | 2,6  | 33           | 1,8  |                   |   |
| Equipamento p/hospitais móveis de aço.....         | —                         | —    | —          | —    | 1          | 0,3  | —          | —    | 1            | 0,05 |                   |   |
| Máquinas, ferramentas mecânicas.....               | —                         | —    | —          | —    | —          | —    | —          | —    | —            | —    |                   |   |
| <b>TOTAL.....</b>                                  | <b>150</b>                |      | <b>179</b> |      | <b>385</b> |      | <b>613</b> |      | <b>1 880</b> |      |                   |   |

**Tabela n.º 10 — Teresina: Origem e Destino das Mercadorias Comercializadas, segundo Classes de Comércio (Dados da Amostra) — 1970**

| DISCRIMINAÇÃO               | ORIGEM (1) |       | DESTINO (2) |       |
|-----------------------------|------------|-------|-------------|-------|
|                             | Cr\$ 1,00  | %     | Cr\$ 1,00   | %     |
| I COMÉRCIO VAREJISTA.....   | 4 251 383  | 100,0 | 8 489 312   | 100,0 |
| Teresina.....               | 188 646    | 4,4   | 7 984 275   | 94,1  |
| Cidade.....                 | ...        | ...   | 6 774 385   | 79,7  |
| Município.....              | ...        | ...   | 1 209 890   | 14,4  |
| Piauí.....                  | 5 500      | 0,1   | 15 000      | 0,2   |
| Nordeste.....               | 356 009    | 8,4   | 352 554     | 4,1   |
| Centro-Sul.....             | 3 346 729  | 78,7  | ...         | ...   |
| Não especificado.....       | 354 499    | 8,4   | 137 483     | 1,6   |
| II COMÉRCIO ATACADISTA..... | 1 495 696  | 100,0 | 1 466 608   | 100,0 |
| Teresina.....               | 85 500     | 5,7   | 1 162 827   | 75,2  |
| Cidade.....                 | ...        | ...   | 930 988     | 63,5  |
| Município.....              | ...        | ...   | 171 839     | 11,7  |
| Piauí.....                  | 78 000     | 5,2   | 106 344     | 7,3   |
| Nordeste.....               | 427 668    | 28,6  | 250 704     | 17,1  |
| Centro-Sul.....             | 840 530    | 57,2  | ...         | ...   |
| Não especificado.....       | 64 000     | 4,3   | 6 733       | 0,4   |
| III TOTAL GERAL.....        | 5 747 079  | ...   | 9 955 920   | ...   |

FONTE: COPLAN — Setor Econômico — Pesquisa Direta.

(1) Compras de mercadorias.

(2) Vendas de mercadorias.

**Tabela n.º 11 — Teresina: Setor Terciário — Estabelecimentos, Pessoal Ocupado e Receita (Dados Agregados segundo critério do IBGE, 1970)**

| DISCRIMINAÇÃO                  | ABSOLUTOS               |                 |       |                   | %                       |                 |       | RECEITA |
|--------------------------------|-------------------------|-----------------|-------|-------------------|-------------------------|-----------------|-------|---------|
|                                | N.º de estabelecimentos | Pessoal ocupado |       | Receita Cr\$ 1,90 | N.º de estabelecimentos | Pessoal ocupado |       |         |
|                                |                         | Total           | Emp.  |                   |                         | Total           | Emp.  |         |
| COMÉRCIO.....                  | 830                     | 3 037           | 1 593 | 57 087 811        | 70,1                    | 70,8            | 74,2  | 96,7    |
| Varejista.....                 | 747                     | 2 645           | 1 357 | 48 683 717        | 63,1                    | 61,7            | 63,2  | 82,4    |
| Atacadista.....                | 83                      | 392             | 236   | 8 404 094         | 7,0                     | 9,1             | 11,0  | 14,3    |
| SERVIÇOS (1).....              | 354                     | 1 250           | 554   | 1 976 643         | 29,9                    | 29,2            | 25,8  | 3,3     |
| Alojamentos e alimentação..... | 184                     | 542             | 140   | 644 174           | 15,5                    | 12,7            | 6,5   | 1,1     |
| Reparação e confecção.....     | 70                      | 317             | 201   | 785 363           | 5,9                     | 7,4             | 9,4   | 1,3     |
| Demais serviços.....           | 100                     | 391             | 213   | 547 106           | 8,5                     | 9,1             | 9,9   | 0,9     |
| TOTAL.....                     | 1 184                   | 4 287           | 2 147 | 59 064 454        | 100,0                   | 100,0           | 100,0 | 100,0   |

FONTE: COPLAN — Pesquisa Direta.

(1) Exclusivo Serviços de Saúde e de Construção.

**Tabela n.º 12 — Teresina: Projeção do n.º de Estabelecimentos do Setor Terciário**

| ANOS      | TOTAL  | COMÉRCIO |           |            | SERVIÇOS |
|-----------|--------|----------|-----------|------------|----------|
|           |        | Total    | Varejista | Atacadista |          |
| 1960..... | 1 172  | 862      | 782       | 80         | 310      |
| 1968..... | 2 791  | 1 783    | 826       | 92         | 918      |
| 1970..... | 3 327  | 2 196    | 1 018     | 113        | 1 131    |
| 1975..... | 5 608  | 3 701    | 1 716     | 191        | 1 907    |
| 1980..... | 9 449  | 6 236    | 2 892     | 321        | 3 213    |
| 1990..... | 26 829 | 17 767   | 8 210     | 912        | 9 122    |
| 2000..... | 76 180 | 50 279   | 23 311    | 2 590      | 25 901   |

NOTAS: a) O total foi projetado a taxa de 11% ao ano.

b) A distribuição pelos tipos de atividade foi feita respeitando a proporção amostra.

Tabela n.º 13 — Teresina: Origem e Destino das Mercadorias Comercializadas, segundo o Gênero de Comércio. Dados da Amostra, 1968

| DISCRIMINAÇÃO                      | Cr\$ 1,00 |           |         |          |            |                  |
|------------------------------------|-----------|-----------|---------|----------|------------|------------------|
|                                    | Total (3) | Teresina  | Piauí   | Nordeste | Centro Sul | Não especificado |
| ORIGEM (1).....                    | 5 747 079 | 274 146   | 83 500  | 783 675  | 4 187 259  | 418 499          |
| Produtos agropecuários.....        | 159 150   | 29 000    | 70 000  | 60 150   | —          | —                |
| Ferragens.....                     | 153 846   | —         | —       | —        | 153 846    | —                |
| Máquinas e aparelhos.....          | 1 177 305 | —         | —       | 80 000   | 1 097 305  | —                |
| Veículos e acessórios.....         | 976 281   | —         | —       | —        | 969 281    | 7 000            |
| Móveis.....                        | 106 910   | 78 910    | —       | 19 000   | 9 000      | —                |
| Papel.....                         | 13 500    | 1 500     | —       | —        | 10 000     | 2 000            |
| Produtos químicos.....             | 135 000   | —         | —       | 15 000   | 35 000     | 85 000           |
| Combustíveis.....                  | 10 000    | —         | —       | 10 000   | —          | —                |
| Tecidos.....                       | 166 800   | 1 000     | —       | 37 000   | 128 800    | —                |
| Produtos alimentícios.....         | 871 347   | 97 936    | 7 500   | 429 219  | 63 594     | 273 098          |
| Mercad. em geral c/prod. alim..... | 166 920   | 9 300     | —       | 19 790   | 98 542     | 39 288           |
| Mercad. em geral s/prod. alim..... | 1 760 020 | 9 500     | 6 000   | 113 516  | 1 618 891  | 12 113           |
| Artigos diversos.....              | 3 000     | —         | —       | —        | 3 000      | —                |
| Artigos usados.....                | 47 000    | 47 000    | —       | —        | —          | —                |
| DESTINO (2).....                   | 9 955 920 | 9 087 102 | 121 344 | 603 258  | —          | 144 216          |
| Produtos agropecuários.....        | 200 000   | 40 000    | —       | 160 000  | —          | —                |
| Ferragens.....                     | 594 357   | 562 412   | —       | —        | —          | 31 945           |
| Máquinas.....                      | 1 939 830 | 1 712 338 | —       | 184 000  | —          | 43 492           |
| Veículos.....                      | 1 132 418 | 1 052 314 | —       | 80 204   | —          | —                |
| Móveis.....                        | 118 210   | 118 210   | —       | —        | —          | —                |
| Papel.....                         | 43 000    | 43 000    | —       | —        | —          | —                |
| Produtos químicos.....             | 532 704   | 532 704   | —       | —        | —          | —                |
| Combustíveis.....                  | 11 000    | 11 000    | —       | —        | —          | —                |
| Tecidos.....                       | 2 491 676 | 2 457 166 | —       | 13 510   | —          | 21 000           |
| Produtos alimentícios.....         | 811 551   | 786 764   | —       | 24 787   | —          | —                |
| Mercad. em geral c/prod. alim..... | 116 761   | 116 761   | —       | —        | —          | —                |
| Mercad. em geral s/prod. alim..... | 1 777 413 | 1 475 033 | 121 344 | 133 257  | —          | 47 779           |
| Artigos diversos.....              | 172 000   | 172 000   | —       | —        | —          | —                |
| Artigos usados.....                | 15 000    | 7 500     | —       | 7 500    | —          | —                |

182

| DISCRIMINAÇÃO                      | % (total = 100,0) |       |          |            |                  |
|------------------------------------|-------------------|-------|----------|------------|------------------|
|                                    | Teresina          | Piauí | Nordeste | Centro Sul | Não especificado |
| ORIGEM (1).....                    | 4,8               | 1,5   | 13,6     | 72,9       | 7,2              |
| Produtos agropecuários.....        | 18,2              | 44,0  | 37,8     | —          | —                |
| Ferragens.....                     | —                 | —     | —        | 100,0      | —                |
| Máquinas e aparelhos.....          | —                 | —     | 6,8      | 93,2       | —                |
| Veículos e acessórios.....         | —                 | —     | —        | 99,3       | 0,7              |
| Móveis.....                        | 73,8              | —     | 17,8     | 8,4        | —                |
| Papel.....                         | 11,1              | —     | —        | 74,1       | 14,8             |
| Produtos químicos.....             | —                 | —     | 11,1     | 25,9       | 63,0             |
| Combustíveis.....                  | —                 | —     | 100,0    | —          | —                |
| Tecidos.....                       | 0,6               | —     | 22,2     | 77,2       | —                |
| Produtos alimentícios.....         | 11,2              | 0,9   | 43,3     | 7,3        | 31,8             |
| Mercad. em geral c/prod. alim..... | 5,6               | —     | 11,9     | 59,0       | 23,5             |
| Mercad. em geral s/prod. alim..... | 0,5               | 0,3   | 6,5      | 92,0       | 0,7              |
| Artigos diversos.....              | —                 | —     | —        | 100,0      | —                |
| Artigos usados.....                | 100,0             | —     | —        | —          | —                |
| DESTINO (2).....                   | 91,3              | 1,2   | 6,1      | —          | 1,4              |
| Produtos agropecuários.....        | 20,0              | —     | 80,0     | —          | 5,4              |
| Ferragens.....                     | 94,6              | —     | —        | —          | —                |
| Máquinas.....                      | 88,3              | —     | 9,5      | —          | 2,2              |
| Veículos.....                      | 92,9              | —     | 7,1      | —          | —                |
| Móveis.....                        | 100,0             | —     | —        | —          | —                |
| Papel.....                         | 100,0             | —     | —        | —          | —                |
| Produtos químicos.....             | 109,0             | —     | —        | —          | —                |
| Combustíveis.....                  | 100,0             | —     | —        | —          | —                |
| Tecidos.....                       | 98,6              | —     | 0,6      | —          | 0,8              |
| Produtos alimentícios.....         | 96,9              | —     | 3,1      | —          | —                |
| Mercad. em geral c/prod. alim..... | 100,0             | —     | —        | —          | —                |
| Mercad. em geral s/prod. alim..... | 83,0              | 6,8   | 7,5      | —          | 2,7              |
| Artigos diversos.....              | 100,0             | —     | —        | —          | —                |
| Artigos usados.....                | 50,0              | —     | 50,0     | —          | —                |

FONTE: COPLAN — Setor econômico — Pesquisa Direta.

(1) Compras de Mercadorias.

(2) Vendas de Mercadorias.

(3) Refere-se ao valor total para o qual os estabelecimentos declaram a origem ou o destino das mercadorias comercializadas.

Tabela n.º 14 — Teresina: Importações e Exportações através dos Postos Fiscais

POSTO DE TABULETA

IMPORTAÇÕES

| PRINCIPAIS CENTROS DE ORIGEM | PRODUTOS PRINCIPAIS (% total) ENTRADOS NO POSTO |      |                       |      |                         |      |                          |      |          |      |        |      | Totais importados<br>1 a 15 março de 1969<br>Cr\$ 4 783 483,17<br>1 a 15 outubro de 1969<br>Cr\$ 5 306 048,11 |
|------------------------------|---|------|-----------------------|------|-------------------------|------|--------------------------|------|----------|------|--------|------|---|
|                              | Diversos  |      | Veículos e acessórios |      | Ferragens e mat. const. |      | Máquinas e mat. elétrico |      | Cigarros |      | Açúcar |      |   |
|                              | Março   | Out. | Março                 | Out. | Março                   | Out. | Março                    | Out. | Março    | Out. | Março  | Out. |   |
|                              | 73,6  | 71,6 | 4,9                   | 3,2  | 1,8                     | 5,9  | 1,9                      | 6,2  | 5        | 3,7  | 3,1    | 1,8  |   |
|                              | %   | %    | %                     | %    |                         | %    |                          | %    | %        | %    | %      | %    |   |
| São Paulo.....               | 42,2  | 53,5 | 96,3                  | 87,9 |                         |      |                          | 61,7 |          |      |        |      |   |
| Rio de Janeiro....           | 24,9  | 19,5 |                       |      |                         |      |                          | 29,7 |          |      |        |      |   |
| Recife.....                  | 25,6  | 18,9 | 3,7                   |      |                         | 65,3 |                          |      | 100      | 100  | 48,2   | 20,5 |   |
| Paraíba.....                 |   |      |                       | 6,5  |                         |      |                          |      |          |      |        |      |   |
| Cearuaru.....                |   |      |                       |      |                         |      |                          |      |          |      | 11,7   | 18,4 |   |
| Picos.....                   |   |      |                       |      |                         |      |                          |      |          |      | 5,6    | 14,0 |   |

EXPORTAÇÕES

| PRINCIPAIS CENTROS DE DESTINO | PRODUTOS PRINCIPAIS (% total) SAÍDOS DOS POSTOS |      |       |      |        |      |       |      |        |      |                    |      | Totais exportados<br>1 a 15 março de 1969<br>Cr\$ 709 167,27<br>1 a 15 de outubro 1969<br>Cr\$ 657 115,68 |
|-------------------------------|---|------|-------|------|--------|------|-------|------|--------|------|--------------------|------|---|
|                               | Diversos  |      | Óleo  |      | Babaçu |      | Arroz |      | Múveis |      | Vidros e vasilhame |      |   |
|                               | Março   | Out. | Março | Out. | Março  | Out. | Março | Out. | Março  | Out. | Março              | Out. |   |
|                               | 42,7  | 51,4 | 26,5  | 26,1 | 10,6   | 3,0  | 5,7   | 1,7  | 4      | —    | 4,1                | 11,4 |   |
|                               | %   | %    | %     | %    | %      | %    | %     | %    | %      | %    | %                  | %    |   |
| São Paulo.....                |   |      |       |      | 70,8   | 100  | 25,5  |      |        |      |                    |      |   |
| Minas.....                    |   |      |       |      | 24,8   |      | 13,9  |      |        |      | 55,1               |      |   |
| Guanabara.....                |   |      |       |      |        |      |       |      |        |      |                    | 77,2 |   |
| Recife.....                   |   |      | 69,5  | 29,2 |        |      |       |      |        |      |                    |      |   |
| Florianópolis.....            | 68,8  | 34,6 |       |      |        |      |       |      | 96,2   |      |                    |      |   |
| Imperatriz.....               |   | 31,2 |       |      |        |      |       |      |        |      |                    |      |   |
| Petrolina.....                |   | 24,9 |       |      |        |      |       |      |        |      |                    |      |   |

POSTO DE PARNAÍBA

IMPORTAÇÕES

| PRINCIPAIS CENTROS DE ORIGEM                          | PRODUTOS PRINCIPAIS (% do total) ENTRADOS NO POSTO |      |       |      |                  |      |                   |      |        |      | Totais importados<br>2 a 15 março de 1969<br>Cr\$ 194 145,94<br>1 a 15 outubro de 1969<br>Cr\$ 155 206,58 |
|---|--|------|-------|------|------------------|------|-------------------|------|--------|------|---|
|   | Madeira  |      | Arroz |      | Farinha de trigo |      | Caroço de algodão |      | Babaçu |      |   |
|   | Março  | Out. | Março | Out. | Março            | Out. | Março             | Out. | Março  | Out. |   |
|   | 23,9   | 8,1  | 22    | 21,4 | 13,8             | 12,4 | 9,9               | 12,9 | 7,8    | 29,8 |   |
|   | %  | %    | %     | %    | %                | %    | %                 | %    | %      | %    |   |
| São Luiz.....   | 22,5   | —    |       |      | 99               | 100  |                   |      |        |      |   |
| Matões.....   | 53,9   | —    |       |      |                  |      |                   |      |        |      |   |
| Codó.....   |  |      | 32,3  |      |                  |      |                   |      |        |      |   |
| Caxias, Timon....                                     |  |      | 25,0  |      |                  |      | 70,2              |      | 93,3   | 64,3 |   |
| Pedreiras, Coroatá<br>Gonçalves Dias<br>e outros..... |  |      |       | 69,8 |                  |      |                   |      |        |      |   |
| Barra do Corda  |  |      |       |      |                  |      |                   | 64,5 |        |      |   |

EXPORTAÇÕES

| PRINCIPAIS CENTROS DE DESTINO | PRODUTOS PRINCIPAIS (% total) SAÍDOS DO POSTO |         |           |        |           |        |         |          |                         |        | Totais exportados<br>1 a 15 março de 1969<br>Cr\$ 996 061,47<br>1 a 15 outubro de 1969<br>Cr\$ 914 383,97 |
|-------------------------------|---|---------|-----------|--------|-----------|--------|---------|----------|-------------------------|--------|---|
|                               | Diversos                                      |         | Móveis    |        | Sabão     |        | Óleo    |          | Ferragens e mat. const. |        |   |
|                               | Março 85                                      | Out. 73 | Março 6,7 | Out. — | Março 2,2 | Out. — | Março — | Out. 3,4 | Março 0,9               | Out. 8 |   |
|                               | %   | %       | %         |        | %         |        |         | %        |                         | %      |   |
| Bacabal.....                  | 32,4  |         |           |        |           |        |         |          |                         |        |   |
| São Luís.....                 | 15,9  | 23,1    |           |        |           |        |         | 38,0     |                         | 84,2   |   |
| Munhoz.....                   | 12,4  |         |           |        | 31,3      |        |         |          |                         |        |   |
| Pedreira.....                 |   | 22,3    |           |        |           |        |         |          |                         |        |   |
| Caxias.....                   | 4,0   | 10,8    | 88,2      |        |           |        |         |          |                         |        |   |

POSTO DO RIO POTI

IMPORTAÇÕES

| PRINCIPAIS CENTROS DE ORIGEM | PRODUTOS PRINCIPAIS (% total) ENCONTRADOS NO POSTO |           |           |          |                         |           |          |           |                 |        | Totais importados<br>1 a 15 março de 1969<br>Cr\$ 1 626 400,35<br>1 a 15 outubro de 1969<br>Cr\$ 1 447 011,38 |
|------------------------------|--|-----------|-----------|----------|-------------------------|-----------|----------|-----------|-----------------|--------|---|
|                              | Diversos   |           | Tecidos   |          | Ferragens e mat. const. |           | Cigarros |           | Matérias primas |        |   |
|                              | Março 79,6   | Out. 43,8 | Março 4,8 | Out. 8,5 | Março 3,1               | Out. 16,2 | Março —  | Out. 11,8 | Março 0,9       | Out. 6 |   |
|                              | %  | %         | %         | %        | %                       | %         | %        | %         | %               | %      |   |
| Fortaleza.....               | 97,1   | 99,0      | 100       | 91,7     | 95,4                    | 93,4      |          |           |                 |        |   |
| Recife.....                  |  |           |           |          |                         |           |          | 100       |                 |        |   |
| Miguel Alves.....            |  |           |           |          |                         |           |          |           | 63,6            |        |   |
| União.....                   |  |           |           |          |                         |           |          |           |                 | 62,0   |   |

184

EXPORTAÇÕES

| PRINCIPAIS CENTROS DE DESTINO | PRODUTOS PRINCIPAIS (% total) SAÍDOS DO POSTO |           |                 |           |           |          |           |           | Totais exportados<br>1 a 15 março de 1969<br>743 655,47<br>1 a 15 outubro de 1969<br>Cr\$ 443 141,30 |
|-------------------------------|---|-----------|-----------------|-----------|-----------|----------|-----------|-----------|--|
|                               | Diversos                                      |           | Matérias primas |           | Peles     |          | Óleo      |           |  |
|                               | Março 83,7                                    | Out. 67,3 | Março 17,8      | Out. 24,7 | Março 6,5 | Out. 9,6 | Março 3,2 | Out. 14,5 |  |
|                               | %   | %         | %               | %         | %         | %        | %         | %         |  |
| Fortaleza.....                |   |           | 62,8            |           | 96,0      | 96,5     | 100       | 100       |  |
| Parnaíba.....                 | 80,5  | 67,3      |                 | 66,3      |           |          |           |           |  |
| Campo Maior.....              | 9,4   |           |                 |           |           |          |           |           |  |
| Piripiri.....                 | 8,1   |           |                 |           |           |          |           |           |  |
| Coelho Neto.....              | 8,0   |           |                 |           |           |          |           |           |  |

FONTE: Secretaria da Fazenda do Estado do Piauí (1970).

Tabela n.º 15 — Teresina: Evolução das Atividades Terciárias do Município

| DISCRIMINAÇÃO             | N.º de estabelecimentos | PESSOAL OCUPADO |            | Salários Cr\$ 1,00 | Receita total Cr\$ 1,00 | %                       |                 |            |          |               |
|---------------------------|-------------------------|-----------------|------------|--------------------|-------------------------|-------------------------|-----------------|------------|----------|---------------|
|                           |                         | Total           | Empregados |                    |                         | N.º de estabelecimentos | Pessoal ocupado |            | Salários | Receita total |
|                           |                         |                 |            |                    |                         |                         | Total           | Empregados |          |               |
| 1950                      |                         |                 |            |                    |                         |                         |                 |            |          |               |
| COMÉRCIO.....             | 740                     | 1 451           | 652        | 5 459              | 170 652                 | 61,2                    | 57,5            | 52,2       | 64,2     | 89,1          |
| Varejistas.....           | 697                     | 1 200           | 464        | 3 472              | 99 311                  | 57,6                    | 47,6            | 37,2       | 40,8     | 51,9          |
| Atacadistas.....          | 43                      | 251             | 188        | 1 987              | 71 251                  | 3,6                     | 9,9             | 15,0       | 23,4     | 37,2          |
| SERVIÇOS.....             | 469                     | 1 071           | 596        | 3 013              | 20 762                  | 38,8                    | 42,5            | 47,8       | 35,8     | 10,9          |
| Alojamentos e alimentação | 83                      | 257             | 171        | 485                | 10 312                  | 6,9                     | 10,2            | 13,7       | 5,7      | 5,4           |
| Reparação e confecção..   | 327                     | 724             | 394        | 2 400              | 9 379                   | 27,0                    | 28,7            | 31,6       | 28,2     | 4,9           |
| Demais serviços.....      | 59                      | 90              | 31         | 158                | 1 071                   | 4,9                     | 3,6             | 2,5        | 1,9      | 0,6           |
| TOTAL.....                | 1 209                   | 2 522           | 1 248      | 8 502              | 191 354                 | 100,0                   | 100,0           | 100,0      | 100,0    | 100,0         |
| 1960                      |                         |                 |            |                    |                         |                         |                 |            |          |               |
| COMÉRCIO.....             | 862                     | 2 008           | 996        | 48 094             | 1 513 366               | 73,5                    | 69,0            | 67,4       | 73,8     | 92,1          |
| Varejistas.....           | 782                     | 1 598           | 668        | 27 715             | 957 777                 | 66,7                    | 54,9            | 42,2       | 41,8     | 58,3          |
| Atacadistas.....          | 80                      | 410             | 328        | 21 189             | 555 589                 | 6,8                     | 14,1            | 22,2       | 32,0     | 33,8          |
| SERVIÇOS.....             | 310                     | 902             | 482        | 17 385             | 129 734                 | 26,5                    | 31,0            | 32,6       | 26,2     | 7,9           |
| Alojamentos e alimentação | 140                     | 363             | 145        | ---                | 51 877                  | 11,9                    | 12,5            | 9,8        | ---      | 3,2           |
| Reparação e confecção..   | 59                      | 204             | 134        | 10 980             | 26 033                  | 5,0                     | 7,0             | 9,1        | 16,6     | 1,0           |
| Demais serviços.....      | 111                     | 335             | 203        | ---                | 51 824                  | 9,6                     | 11,5            | 13,7       | ---      | 3,1           |
| TOTAL.....                | 1 172                   | 2 910           | 1 478      | 66 289             | 1 643 100               | 100,0                   | 100,0           | 100,0      | 100,0    | 100,0         |
| 1968                      |                         |                 |            |                    |                         |                         |                 |            |          |               |
| COMÉRCIO.....             | 830                     | 3 037           | 1 593      | ---                | 57 087 811              | 70,1                    | 70,8            | 71,2       | ---      | 96,7          |
| Varejistas.....           | 747                     | 2 645           | 1 357      | ---                | 48 683 717              | 63,1                    | 61,7            | 63,2       | ---      | 82,4          |
| Atacadistas.....          | 83                      | 392             | 236        | ---                | 8 404 094               | 7,0                     | 9,1             | 11,0       | ---      | 14,3          |
| SERVIÇOS.....             | 354                     | 1 250           | 554        | ---                | 1 976 643               | 29,9                    | 29,2            | 25,8       | ---      | 3,3           |
| Alojamentos e alimentação | 184                     | 542             | 140        | ---                | 644 174                 | 15,5                    | 12,7            | 6,5        | ---      | 1,1           |
| Reparação e confecção..   | 70                      | 317             | 201        | ---                | 785 363                 | 5,9                     | 7,4             | 9,4        | ---      | 1,3           |
| Demais serviços.....      | 100                     | 391             | 213        | ---                | 547 106                 | 8,5                     | 9,1             | 9,9        | ---      | 0,9           |
| TOTAL.....                | 1 184                   | 4 287           | 2 147      | ---                | 59 064 454              | 100,0                   | 100,0           | 100,0      | ---      | 100,0         |

FONTE: Dos dados básicos: Para 1950 e 1960 -- IBGE -- Censos Comerciais e de Serviços Para 1968 -- COPIAN -- Pesquisa Direta.

O estudo de uma rede urbana nacional é uma peça básica da compreensão do sistema: nele o objeto mais próximo a uma cidade é outra cidade e o mais próximo a uma rede de cidades é a economia do país, assim integrada por esta rede. A partir desse fato, neste artigo desenvolve-se a concepção teórica do modelo centro-periferia ajustado ao caso brasileiro, em que são analisadas as dimensões regionais do País, através de sua rede urbana como instrumento de integração.

## As dimensões regionais do espaço brasileiro

MIGUEL ALVES DE LIMA  
MARÍLIA VELLOSO GALVÃO  
SPERIDIÃO FAISSOL

### I - Introdução

O conhecimento humano é um valor de síntese global, cujas partes integrantes são dissociadas para efeito de exame ou análise, como forma de redução de sua complexidade.

O desdobramento dos domínios em que pode ser fracionado tem sido objeto de atenção de muitos pensadores, que destacam os conjuntos mais coerentes de fatos ou fenômenos que nos permitem a compreensão do mundo em que vivemos, quer pela maior penetração dos campos específicos de cada um desses conjuntos, tomados em sua relativa individualidade, quer pela associação parcial de alguns deles, considerados em suas inter-relações.

Recordar essa conhecida concepção em ambiente como o da Escola Superior de Guerra poderá parecer da maior trivialidade. No entanto, o também celebrado desenvolvimento nas ciências no mundo contemporâneo, bem como das técnicas e instrumentos que estão à disposição dos homens, conduzem-nos freqüentemente a uma penetração ainda mais profunda em setores limitados de cada um desses múltiplos domínios, em busca de melhor caracterização dos fatores, que condicionam suas naturezas ou comportamento.

É esse o rumo das especializações, cujo número aumenta em rápida progressão, na medida em que novas desco-

bertas são feitas e que novos bens materiais ou espirituais são incorporados às sociedades.

Esses processos trazem no seu bojo atitudes próprias para cada ramo do conhecimento. Objetos e métodos peculiares a cada um deles vão sendo definidos e mesmo a sistemática de trabalho vai-se individualizando.

Em torno de tudo isso cria-se até uma linguagem própria de cada atividade e, se esta melhor define fatos especiais que em cada caso são considerados, com o avanço das especialidades, pode essa linguagem ir-se tornando hermética, o que faz com que a comunicação entre os setores do conhecimento seja cada vez mais entorpecida.

Se do ponto de vista geral e teórico os fatos expostos constituem um problema, muito mais se agrava este quando se trata de aplicações do conhecimento.

Vivemos hoje uma época de estudos e atividades interdisciplinares, nas quais o maior número possível de fatores que compõem um problema deve ser considerado.

Essa atitude implica que um mínimo de entendimentos dos esforços realizados em cada setor especializado seja assegurado por parte dos demais setores envolvidos, de modo a que as conclusões das análises feitas contemplem adequadamente os diferentes ângulos de um problema.

Na impossibilidade de que os especialistas de todos os setores conheçam as peculiaridades de cada um deles e de que possam dominar as diferentes formas de expressão próprias dos domínios específicos, o caminho que vem sendo seguido é o da tentativa de utilização dos métodos desenvolvidos no trabalho de alguns setores em outros, em que esses métodos não eram anteriormente, sequer, tentativamente aproveitados.

A Geografia passou a ser considerada um conhecimento científico desde os meados do Século XIX, quando se pretende ter ela definido seu objeto e métodos próprios.

Não obstante uma longa evolução, na qual traços de sua posição científica foram evidenciados, só a partir do século referido foi essa situação consolidada.

Nesse longo caminho, tomou ela algumas vezes emprestado a outras ciências princípios e técnicas, mas sem que a atitude assim assumida fosse uma busca de melhor comunicação.

São exemplos disso o uso da Lei de Coriolis para explicar o desvio dos ventos, ou a aplicação das idéias do economista VON THÜNEM sobre a distribuição de formas de uso da terra em função da distância ao mercado.

Na atualidade, o esforço interdisciplinar e as necessidades de quantificação dos elementos que compõem os fatores de um problema são exigências inelutáveis nos trabalhos de planejamento e execução de políticas.

A ciência geográfica procura responder a esse chamamento, tratando as informações que deve prestar, por indispensáveis como conhecimento de base às atividades apontadas, de maneira a que possam ser melhor compreendidas e utilizadas no esforço comum de revelar às sociedades a problemática de sua própria existência.

Entre as grandes preocupações que se inserem nessa problemática está a do desenvolvimento econômico, base material da vida de uma nação e de grande significado nas formas de manifestação de sua cultura.

“Nos poucos anos em que as nações têm procurado o desenvolvimento econômico como um objetivo específico, tornou-se claro que a aritmética da macroeconomia tem necessidade e é

tornada mais poderosa através da geometria das considerações regionais. Não apenas decisões devem ser tomadas a respeito do quanto de recursos escassos devem ser alocados para um certo propósito, mas também sobre ONDE os investimentos devem ser feitos. Regiões e espaço são dimensões negligenciadas, mas, necessárias da teoria e da prática do desenvolvimento econômico. Sem o ponto de vista espacial a análise é incompleta, como a projeção bidimensional de um objeto a três dimensões. A nação tem uma paisagem econômica, como a paisagem fisiográfica, com vales e picos, com áreas vivas e áreas mortas. A decisão do ONDE localizar um novo projeto é tão importante quanto a própria decisão de investir.”

Com estas palavras FRIEDMANN e ALONSO iniciam seu volume de artigos sobre “Desenvolvimento Regional e Planejamento”. E mais não seria preciso dizer sobre Geografia e Desenvolvimento Econômico.

Apenas é preciso esclarecer uma posição nova da Geografia: seguindo o caminho das demais ciências sociais ela foi absorvendo conceitos e métodos das outras ciências. Em primeiro lugar através de uma posição nomotética e não mais ideográfica-monográfica, portanto procurando leis genéricas, modelos e sobretudo adaptando-se à idéia de sistemas.

A esta nova concepção — que é interdisciplinar por necessidade e por definição — a Geografia traz a contribuição de ser o elo entre as ciências que estudam processos espaciais sem o homem e as que estudam o homem sem a conotação espacial.

O espaço, na análise geográfica, é uma conotação essencial: a distância é uma medida fundamental. A noção de Física Social é uma decorrência lógica

de que massas de população atraem-se, umas às outras, na razão direta de seu volume e na inversa de suas distâncias.

A esta nova concepção associou-se estreitamente a noção de região nodal, em que as interações entre os lugares, além de serem uma peça fundamental do sistema, regendo seu comportamento, são isomorficamente interdependentes dos aspectos estruturais tradicionalmente levados em conta para caracterizar as regiões homogêneas. O estudo de uma rede urbana nacional é uma peça básica da compreensão do sistema: nele o objeto mais próximo a uma cidade é uma outra cidade e o mais próximo a uma rede de cidades é a economia do país, assim integrada por esta rede.

Na presente conferência desenvolveremos, por isso mesmo, a concepção teórica do modelo centro-periferia ajustado ao caso do Brasil, analisando as dimensões regionais do espaço brasileiro, através de sua rede urbana como instrumento de integração, procurando chegar a uma política alternativa de pólos que, reforçando por ações exógenas o poder de integração da economia brasileira, irá promover uma organização integrada de espaço físico do país.

Neste modelo destaca-se a concepção de um centro desenvolvido e de uma periferia retardada. Nas duas conferências que se seguirão, da parte da equipe do Instituto Brasileiro de Geografia, a periferia e o centro serão estudados separadamente.

Nenhuma das posições aqui assumidas deve ser entendida como uma formulação oficial, mas sim como elementos de pesquisa, que poderão servir de instrumentos válidos para as formulações oficiais de uma política de desenvolvimento.

## II - Um modelo teórico de desenvolvimento e organização espacial em países em desenvolvimento: o conceito de centro-periferia

As teorias tradicionalmente aceitas de desenvolvimento econômico e os modelos conseqüentes sempre se apoiavam na mobilidade dos fatores da produção como fonte geradora de uma "igualização da renda entre as regiões", num mecanismo de compensação e efeitos multiplicadores propagáveis para a área em torno ou mesmo todo o restante do país. GUNNAR MYRDAL<sup>1</sup> foi dos primeiros economistas a introduzir a noção de causação cumulativa para demonstrar que um descompasso inicial produzido por recursos recém-descobertos e recém-utilizados, ou qualquer vantagem locacional inicial, ao contrário do que postulavam as teorias tradicionais, aumenta a desigualdade de renda.

O crescimento inicial de um lugar desenvolver fluxos espontâneos de dinheiro, de mercadorias e de gente, que reforcem o crescimento posterior da área.

MYRDAL acentua, entretanto, que certos efeitos centrífugos propulsores, através do estímulo à demanda de produtos primários, podem produzir crescimento econômico de regiões vizinhas e que se estes estímulos e o crescimento conseqüente forem suficientemente fortes para contrabalançar e vencer os efeitos da causação cumula-

tiva, então um novo processo de causação cumulativa começa a operar nesta nova região, integrando uma à outra.

O processo natural é longo e pode ser acelerado pela ação da intervenção governamental, que seria apenas um aspecto de causação cumulativa artificialmente produzido.

Mesmo considerando algumas tendências de adaptação dos conceitos da teoria dos sistemas gerais, que são equifinais — o que leva à conclusão de que as regiões de um país considerado tenderiam a um equilíbrio final independente dos descompassos iniciais — este equilíbrio seria obtido em um tempo longo demais para a satisfação das aspirações normais do povo. A rigor, esta é a principal objeção às teorias tradicionais. Dela advém a noção de que, num determinado momento da História, há o aparecimento de uma região com crescimento econômico mais acentuado, que domina as outras regiões. Aquela constituindo-se no centro do país ou sua "core area" industrial-urbana, com ampla área subjacente, fornecedora de matérias-primas e consumidora dos produtos transformados, que constitui uma verdadeira periferia.

A idéia de um centro e uma periferia é, segundo FRIEDMAN, e ALONSO, "mais que uma descrição de posição geográfica" e constitui "um conjunto de relações estruturais que mantém a periferia em quase permanentemente subordinação ao coração urbano industrial."<sup>2</sup>

É claro que, em termos de formulação teórica, a idéia de HIRSCHMANN<sup>3</sup> é mais genérica, sendo a concepção centro-periferia um caso particular, em

<sup>1</sup> MYRDAL, G. — *Teoria Econômica e Regiões Subdesenvolvidas*. (Tradução) Ed. Fundo de Cultura, Rio de Janeiro 1961.

<sup>2</sup> FRIEDMAN e ALONSO — "Regional Development and Planning". Cambridge, Mass., 1964 Pág. 211.

<sup>3</sup> HIRSCHMANN, Albert O. — *Estratégia do Desenvolvimento Econômico*. (Tradução) Ed. Fundo de Cultura, Rio de Janeiro, 1961.

que apenas as forças centrífugas funcionam, ou um estágio inicial no processo em que ambas se defrontam, caminhando o sistema para uma posição eqüifinal. Dessa forma o processo de crescimento é definido como um processo estocástico, no qual muitas forças agem em muitos sentidos, produzindo crescimento equilibrado.

Ao longo desse processo de formação de um centro e de uma periferia, um conjunto de relações estruturais se molda, produzindo características particulares na estrutura demográfica e econômica do país.

No caso particular do Brasil e para os efeitos desta conferência, o Centro engloba as regiões Sudeste e Sul, que constituem 27% do território; 60% da população e 80% da renda nacional. A periferia é constituída pelas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, abrangendo 73% do território; 40% da população e 20% da renda nacional.

#### a) *O Modelo Demográfico*

Uma das primeiras manifestações dinâmicas no processo de formação de um centro e de sua periferia é o das migrações, um dos três fluxos indicados como produzidos no contexto do modelo. Migrações da periferia para o centro produzem uma certa transferência de renda da primeira para o segundo, pois ela é uma migração seletiva em idade e em qualidade do migrante: migra parte da força de trabalho que, mesmo não qualificada, constitui a parte mais dinâmica da população da periferia.

Um dos primeiros efeitos da ação centrífuga do centro sobre sua periferia é a da extensão dos padrões, pelo menos em parte, de assistência médica, com resultados imediatos sobre a mortalidade, mas sem contrapartida de diminuição da natalidade.

O balanço, um tanto trágico, desta primeira etapa é a de um crescimento demográfico acentuado na periferia, o qual aliado ao fato migratório seletivo produz uma estrutura etária característica, com enorme proporção do grupo 0-19 anos. Simultaneamente, dadas as condições estruturais da economia, é baixo o índice de escolaridade e elevado o nível de trabalho de menores, especialmente nas tarefas rurais. A consequência destas contingências é o agravamento do desequilíbrio entre o centro e a periferia, com tendência a ampliar a distância produzida inicialmente.

#### b) *O Modelo Econômico*

A teoria econômica tradicional baseia-se na premissa de que as relações de troca entre uma área mais adiantada e outra mais atrasada estimula o desenvolvimento econômico desta última, e que estas forças trabalham no sentido da igualização da renda entre ambas. A noção ou o estágio centro-periferia indica o momento em que estas relações de troca são especificamente desfavoráveis para a periferia. O centro é a "core-area" industrial-urbana do país ou do mundo, se o modelo for supranacional.

Se no modelo demográfico vimos que o fluxo de migrantes fazia-se de forma seletiva e da periferia para o centro, descapitalizando a periferia em capacidade produtiva, no caso do modelo econômico, o fluxo é de capital e de mercadorias. Neste último caso, o exemplo internacional é muito nítido.

Os países subdesenvolvidos são exportadores de matérias-primas e importadores de produtos manufaturados, com reflexos, em termos de troca, profundamente desfavoráveis ao equilíbrio de sua balança comercial e à sua capacidade de importar. As teorias tradicionais procuram explicar o fato com crescimento acentuado no centro, traduzido

na periferia por aumento da demanda de produtos primários, dando início ao processo de causação cumulativa. O mecanismo é simples, porém sujeito a todos os freios dos países industrializados, que naturalmente procuram — nem sempre por meios lícitos nem suaves — manter os termos de troca que lhes são favoráveis, de maneira que o processo se transforma em acirrada disputa.

No plano nacional inter-regional o problema tem que ser posto em termos inteiramente diferentes: em primeiro lugar porque, tratando-se de uma mesma unidade política, a riqueza acumulada no país, seja no centro seja na periferia, é riqueza nacional: em segundo lugar porque, por isso mesmo, o processo pode ser analisado em termos de máxima eficiência do ponto de vista global (observe-se que não estamos falando de uma eficiência simplesmente operacional a curto prazo).

No caso de fluxo de capital, o fenómeno processa-se simplesmente porque as aplicações de capital na área mais desenvolvida são mais rentáveis a curto prazo que nas áreas subdesenvolvidas, entre outras vantagens.

Este é, em suma, o mecanismo da causação cumulativa e que reforça progressivamente o crescimento económico do centro, em detrimento da periferia, que tem o seu processo retardado por via da capacidade competitiva muito maior das indústrias da região mais desenvolvida, que inunda o mercado da periferia com seus produtos de melhores preços e qualidade.

### c) *A Integração Espacial*

A sociedade moderna tem-se desenvolvido sobretudo segundo estágios no qual as atividades secundárias e terciárias vão-se tornando cada vez mais significativas e, como o foco destas ati-

vidades é um núcleo urbano, o grau de urbanização mede simultaneamente o grau de desenvolvimento. Entretanto, torna-se necessário distinguir bem crescimento e desenvolvimento, pois, conforme vimos no modelo demográfico, a população cresce bastante na periferia, porém, estruturalmente, este crescimento pode assumir características negativas. A implicação desta noção é a de que podem existir cidades populacionalmente grandes, mas pouco urbanizadas, índice de um estágio de subdesenvolvimento. Esta noção é também associada a outra característica do modelo demográfico, no qual se observa que a primeira reação no processo centro-periferia é a da difusão da assistência médica na periferia.

Assim, ao mesmo tempo que as cidades do centro crescem, sem que os seus serviços urbanos cresçam na mesma medida, as cidades da periferia crescem proporcionalmente mais que as primeiras e os seus serviços crescem proporcionalmente menos que nas cidades do centro.

Numa sociedade altamente desenvolvida, o desenvolvimento das cidades atinge o ótimo quando tamanho e urbanização são, ou pelo menos teoricamente seriam, proporcionais. Esta asserção concorda com os princípios do processo estocástico de crescimento segundo o qual “muitas forças agem em muitos sentidos”, produzindo assim uma regularidade entre tamanho e hierarquia. Isto pode ser observado em um gráfico logarítmico, onde as cidades se situam de tal maneira que o tamanho da maior cidade é o dobro do tamanho da segunda, e assim por diante, originando uma linha reta perfeita. Fica implícito nesta noção a idéia de tempo que o processo espontâneo se desenvolve e, de certa forma, a existência da grandeza espacial suficiente, para a produção de todos os efeitos possíveis.

Consideradas as variáveis que mais de perto se correlacionam ao modelo demográfico e ao modelo econômico, pode-se produzir um terceiro modelo conjugado, que indique as interações entre os dois processos, que obviamente se correlacionam, projetando assim, no tempo e no espaço, a população e a renda. HERMANN KHANN elaborou um modelo desse tipo e SIMONSEN fez a mesma coisa para o Brasil. Um outro modelo de forma não muito complexa poderia projetar população para um certo número de unidades espaciais ou cidades, por um determinado período, segundo funções especificadas, como por exemplo: a renda *per capita* e as migrações internas; a primeira, afetando simultaneamente o crescimento vegetativo e as próprias migrações.

Partindo-se da premissa de que a igualização da renda quando obtida faria estabilizar o crescimento demográfico e poria fim às migrações, obter-se-ia a estabilização do crescimento e o equilíbrio inter e intra-regional, por efeito da cessação das causas da migração interna, o que indicaria a obtenção de um estado de equilíbrio no processo estocástico, traduzido por aquela regularidade tamanho hierarquia já referida.

### III - As dimensões regionais do espaço brasileiro

- a) *As Dimensões Demográficas:* distribuição, crescimento e estrutura da população.
- b) *As Dimensões Econômicas:* a agricultura e a indústria.

I — O Brasil conta hoje com uma população de cerca de 95 milhões de ha-

bitantes e a diminuição de sua taxa de crescimento tem sido insignificante nos últimos decênios. Os 3% em que é estimada hoje acrescentam aos efetivos do país quase três milhões de pessoas por ano, o que equivale ao total da população do Uruguai.

As projeções desse crescimento, que vêm sendo elaboradas pelo atual Centro de Estudos Demográficos da Fundação IBGE, assinalam que alcançaremos os 100 milhões de habitantes em 1972, e, a continuarem as tendências observadas, seremos cerca de 220 milhões na passagem do milênio, isto é, teremos uma população equivalente à que existe na União Soviética.

O que isso significa como responsabilidade seria motivo suficiente de preocupação, se não estivesse ainda agravado pelo coeficiente de jovens que esses valores brutos encerram.

Os fatos apontados são ainda mais expressivos quando procuramos verificar que parte representa a população brasileira no mundo e na América Latina, como foi feito pelos Profs. JOÃO LYRA MADEIRA e MANOEL AUGUSTO COSTA.<sup>4</sup> Segundo esses especialistas, no início do século XX (1900) a população mundial era estimada em 1.608 milhões de habitantes; a América Latina contribuía para isso com, apenas, 63 milhões e o Brasil com 17,4 milhões. Desse modo, havia na Terra em média, 10,9 brasileiros para cada 1.000 não brasileiros e 381,6 para 1.000 nacionais de outros países da América Latina.

Em 1950, na metade do século, os efetivos e proporções *variaram de tal modo que a população* mundial passou a 2.517 milhões; a da América La-

<sup>4</sup> MADEIRA, J. L. e COSTA, M. A. — Evolução Demográfica do Brasil e Aspectos Estruturais, *In Boletim Estatístico*, n.º 100, Out-Dez 1967 — Fundação IBGE/IBE.

QUADRO 1

BRASIL, MUNDO, A. LATINA COMPARAÇÃO DE POPULAÇÃO

| ANOS      | POPULAÇÃO |           |        | N.º DE BRASILEIROS<br>POR 1.000 NÃO BRASIL. |              |
|-----------|-----------|-----------|--------|---|--------------|
|           | Mundo     | A. Latina | Brasil | Da Terra                                    | Da A. Latina |
|           | MILHÕES   |           |        |   |              |
| 1850..... | 1 171     | 33        | 7,1    | 6,1   | 274,1        |
| 1900..... | 1 608     | 63        | 17,4   | 10,9  | 381,6        |
| 1940..... | 2 295     | 130       | 41,2   | 18,3  | 464,0        |
| 1950..... | 2 517     | 163       | 51,9   | 21,1  | 467,1        |
| 1960..... | 3 005     | 214       | 70,1   | 23,9  | 487,1        |

tina 163 milhões e a do Brasil 51,9 milhões. Significou isso que em 50 anos dobrou o número de brasileiros — 21,1 — com relação a 1.000 não brasileiros na Terra e quanto à América Latina, passamos a ser 467,1 em 1.000. Vale dizer que mesmo dentro de um forte crescimento do conjunto da América Latina, o número relativo de brasileiros aumentou.

Já em 1960, a situação passava para 3.005 milhões no Globo, 214 milhões na América Latina e 70,1 milhões no Brasil, o que resultou em 23,9 brasileiros para 1.000 do total mundial e 487,1 para 1.000 do continente latino-americano.

Os dados revelam a crescente importância da participação de nosso efetivos demográficos no panorama internacional e, mais que isso, o que os autores citados chamam o “abrasileiramento da América Latina”.

Obviamente, se o que acabamos de apontar tem importância do ponto de vista estrito do processo de evolução populacional, o comportamento político, econômico ou social da população brasileira transcende de seu significado nacional ou regional, para influir, cada vez mais, por sua própria expressão, na coletividade mundial de

que participamos. Em outras palavras: o que acontece como o povo brasileiro é, e passará a ser mais ainda, matéria de importância para a vida internacional.

II — Essa grande e crescente massa de população do Brasil não está uniformemente repartida no território do país. Na realidade, distribuição regular de populações nacionais é uma ficção, que se desfaz quando observamos o fato na superfície da Terra.

Quanto maior o país, mais flagrante se tornam as diferenças regionais desse aspecto. Mesmo em nações populosas e desenvolvidas, como os Estados Unidos, é fácil notar o contraste que existe entre a parte da costa oriental, onde se concentram cerca de 50 milhões de habitantes, e a região compreendida entre as planícies centrais e a costa do Pacífico, faixa completamente inexpressiva do ponto de vista do adensamento de efetivos humanos.

De qualquer modo, o problema deve ser considerado e examinadas as circunstâncias que explicam a maior ou menor ocupação de diferentes áreas de um país, pois causas físicas, biológicas e humanas são razões ou fatores que importam na elucidação do problema.

O exame das condições brasileiras revelará, ingualmente, esses marcantes contrastes entre seções do território densamente povoados e grandes espaços não ou insuficientemente ocupados.

Agricultura, mineração e pecuária foram as formas de atividade que conduziram durante séculos o processo de povoamento com a utilização da terra. Os pontos de apoio dessas atividades primárias foram tradicionalmente as cidades criadas ao longo da costa e os portos, que se desenvolveram através da comercialização dos produtos dessas atividades, quando a economia nacional se integrou nos mercados mundiais.

Sistemas agrícolas extensivos caracterizaram tradicionalmente nossas atividades no campo e a mineração de bens de uso imediato, mais interiorizada em nosso território, teve vida efêmera em função dos jazimentos de "placers". Caíram em decadência, cedo, os centros de atividades mineradora e com eles as cidades que edificaram.

A vida agrícola passou a representar, ao longo da história do país, até o começo do século XX, a principal e quase única fonte de riqueza nacional.

Essa atividade, no entanto, dependeu das condições naturais da terra, com métodos de trabalho herdados da cultura indígena.

Agricultura significou, predominantemente, no Brasil, floresta tropical, matas, onde o preparo do solo já havia sido realizado pelas relações entre a vida vegetal, o clima e a rocha, de onde se originava o solo.

Ainda hoje é possível observar-se essa correlação nas atividades agrárias.

Com isso, o povoamento do país desenvolveu-se inicialmente e se desdobrou na zona de florestas tropicais que,

em faixa, acompanha com profundidade variável a linha litorânea, apoiada nos estabelecimentos urbanos que passaram a marcar o contato desse *hinterland* com o mundo exterior.

No que se relaciona com a pecuária, o uso de grandes tratos de terra não significou aumento de população, pois, como é sabido, essa atividade, quando feita para a simples cria de gado, não mobilizava grande quantidade de mão-de-obra.

É de notar-se, também, que a utilização dos espaços agrícolas não foi simultaneamente em todas as partes do país. As diferentes fases em que isso ocorreu marcaram etapas diversas de ocupação de áreas distintas, tendo reflexos característicos, quer no tipo de produto dominante para o mercado quer na estrutura fundiária que se estabeleceu. Assim, cana-de-açúcar no litoral quente e úmido do Nordeste ao Sudeste criou ocupação e paisagem distintas da que apareceu nas fazendas policultoras do planalto interior, que apoiaram e sucederam os esforços da mineração. O advento do "rush" do café moldou novas formas de uso do solo e de comportamento da unidade agrícola de produção no planalto tropical e subtropical, de todo diferentes da colonização eropéica de pequenas propriedades que se iniciou no Sul nos começos do século XIX e floresceu dinamicamente por quase todo ele.

O desenvolvimento desses processos marcou as origens de muitos adensamentos em diferentes regiões e áreas, em que os valores de densidade têm significado igualmente diferente.

O ritmo, mesmo, desses tipos de ocupação não seguiu o mesmo compasso, sedimentando hábitos distintos e traços de cultura que hoje proporcionam comportamentos diversos dos grupos regionais.

Como ilustrações desses fatos, basta lembrar o que foi a marcha avassaladora do café no Oeste de São Paulo e mais recentemente no Noroeste do Paraná e as tradições herdadas dos engenhos de cana do Nordeste ou das fazendas auto-suficientes do Estado de Minas Gerais.<sup>5</sup>

O processo de industrialização do Brasil, depois da longa experiência e verdadeira escola encontrada na fabricação de tecidos, criou não só uma nova dimensão econômica, mas, ao mesmo tempo, mais um fator de variação demográfica, reforçando a posição dos centros urbanos e, finalmente, afirmando-os no comando das atividades de grande parcela da população. Em consequência, geraram-se as necessidades de desenvolvimento de serviços, engrossando ainda mais a corrente que flui para a vida urbana, afetando decisivamente as antigas condições de distribuição da população.

Uma súmula da simples notícia que aqui damos pode ser oferecida no exame dos mapas de distribuição da população brasileira, segundo os resultados dos censos de 1940 e 1960. Neles, as áreas de densidades de 50 a 100, e, mais de cem habitantes por quilômetro quadrado, aparecem com seus núcleos perfeitamente identificados, dominando as regiões circunvizinhas, como em torno do que chamamos hoje o Grande São Paulo, o Grande Rio, Porto Alegre, Salvador e Recife; imeditamente abaixo aparecem destacadamente Fortaleza e Belém, e, estamos certos, o Censo de 1970 fará justiça à posição de Belo Horizonte no processo; a capital mineira já ultrapassou Recife, com mais de 1.300 mil habitantes, dominando, de modo incisivo, ainda que mais recentemente, como cidade nova que é, a parte central de Minas Gerais.

Impressiona, igualmente, a influência relativa de algumas cidades como Cuiabá, Manaus e Crato, esta no sertão cearense.

Mapa similar, feito com dados do Recenseamento de 1920 revela que há um crescimento regular em torno desses centros, cujas funções já se haviam caracterizado àquela época.

A dinâmica de crescimento e expansão territorial do povoamento pode ser sumariamente acompanhada pelo exame do traçado de uma isaritma, como a que delimita a zona de 1 a 5 hab/km<sup>2</sup>, entre duas ou mais referências censitárias. Surpreender-nos-á a constatação do que significou Goiânia, inaugurada em 1941, para a região próximo-vizinha como foco de adensamento populacional.

Em contraposição a essas concentrações, estendem-se os imensos espaços amazônios e do Centro-Oeste, este especialmente em sua parte setentrional. Aí as densidades médias perdem de todo sua significação, uma vez que a população ocupa preferencialmente as barrancas dos rios.

A rodovia Belém—Brasília, no entanto, já está representando uma nova opção e acreditamos que a Brasília—Acre venha a criar novo estímulo ao povoamento do Norte, talvez sem as mesmas características da anteriormente citada, mas, certamente, no reforço que representará para a função de Porto Velho. Aí dar-se-á, efetivamente, a primeira ligação do sistema de transportes terrestres brasileiro, vindo do Sudeste, com a rede de navegação fluvial da Amazônia.

A observação do mapa de densidade de população de 1960 revelará claramente uma tendência da marcha do povoamento.

<sup>5</sup> MONBEIG, PIERRE — *"Pionniers et Planteurs" de São Paulo*. Armand Colin, Paris, 1952; França. Arv — A marcha do café. Livro-guia da Excursão n.º 3. XVIII Congresso Internacional de Geografia, Rio de Janeiro, 1956.

mento na parte central do Brasil em direção ao Noroeste.

Com referência às unidades da Federação, já foram assinalados pelo Professor SPERIDIÃO FAISSOL, em conferência pronunciada em 1969,<sup>6</sup> os fatos mais destacados do crescimento e distribuição da população do país.

Naquela oportunidade, chamava ele a atenção para o que está ocorrendo em três dos principais Estados do Brasil, apontando que Minas Gerais passou de cerca de 3 milhões de habitantes em 1940, para quase 8 milhões em 1950 e perto de 10 milhões em 1960. Nesse intervalo, São Paulo parte de pouco menos da metade do efetivo mineiro — 1.400.000 em 1890 — para cerca de 13 milhões em 1960, representando isso que Minas Gerais havia triplicado sua população no período, enquanto São Paulo havia aumentado de de nove vezes a sua. Acontece, no entanto, que a taxa de crescimento demográfico de São Paulo entre 1940 e 1950 foi de 25%, nível a que estava chegando Minas Gerais entre 1950 e 1960, o que traduz uma reação significativa do comportamento demográfico do Estado.

Quanto ao Paraná, mostra como entre 1920 e 1940 quase dobrou seu efetivo, para entre 1940 e 1950, em dez anos, pois, repetir o que havia ocorrido em 20 anos e ultrapassar o dobro, outra vez entre 1950 e 1960, numa progressão extraordinária.

Em termos regionais, a repartição é bem traduzida pelos valores que se seguem. Observa-se a maior concentração no Sudeste, no qual em 11% da área estão 43,4% da população do país, em contraste com o Norte e Centro-

Oeste, que compreendem 64% da área do Brasil e, apenas, 8% de sua população. A Região Sul, 7% da área e 16,6% da população. Quanto ao Nordeste, de povoamento antigo, mantém níveis gerais que se situam entre o Sudeste e o Sul — 18% da área e 32% da população — sem que, no entanto, esse aparente equilíbrio se traduza em condições demográficas satisfatórias. Há na região uma crônica perda de substância quanto à mobilidade, distribuição urbano-rural e estrutura, pelo menos. Na realidade, o Nordeste vem perdendo sua posição demográfica relativamente às demais regiões do país. Difícil é avaliar-se, nas circunstâncias, se isso resultará para melhor ou pior, em face das dificuldades com que se defronta, no conjunto, a região. Essa referência levanta a questão da mobilidade da população, seja dentro das regiões seja inter-regional.

Nesse particular o Brasil apresenta uma grande movimentação, refletindo o fenômeno através do tempo, no quadro nacional.

Além disso, são significativos os deslocamentos de uma região para outra e o fenômeno de concentração urbana, que passamos a sumariar.

No gráfico publicado em estudo do IBE,<sup>7</sup> ao focalizar-se o problema das migrações inter-regionais, com dados de 1960, são registrados em milhões as pessoas nascidas em cada uma das grandes regiões do país, agrupando-se Norte e Centro-Oeste em uma só unidade.

Apresentam-se, também, em milhares os números de pessoas deslocadas de uma região para outra, bem como os percentuais de pessoas que deixaram a região de nascimento.

<sup>6</sup> C29-69 — FAISSOL, S. As Dimensões Regionais do Espaço Brasileiro.

<sup>7</sup> Madeira, J.L. e Costa, M.A. — Obra citada.

# POPULAÇÃO MIGRAÇÕES INTER-REGIONAIS

BRASILEIROS NATOS, SEGUNDO REGIÃO DE NASCIMENTO E  
REGIÃO DE PRESENÇA - 1960.

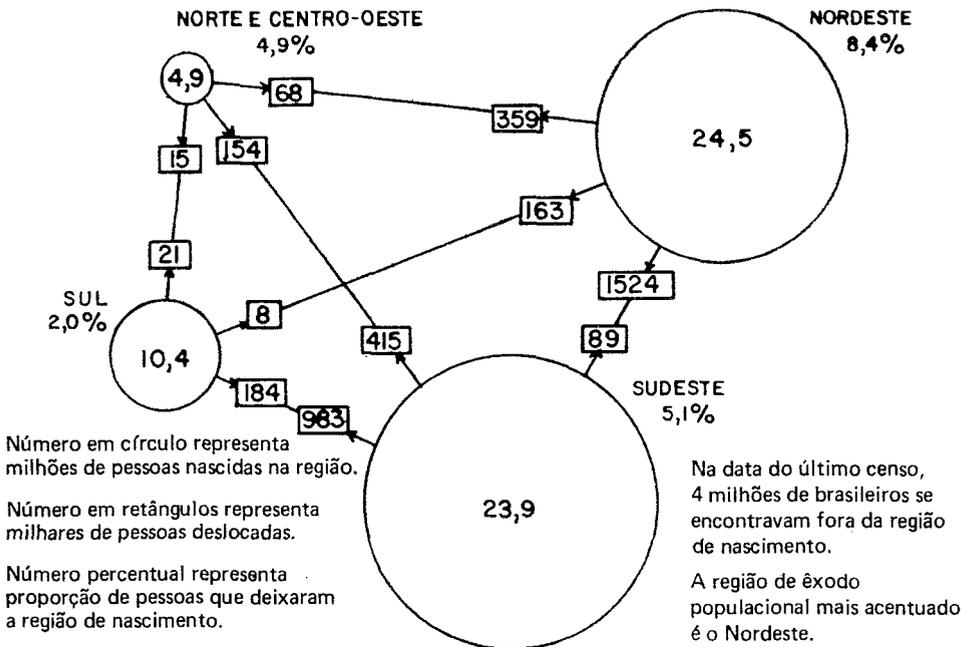


Fig.1

DivEd/D-J.A.C.

Esse registro revela a predominância já assinalada do crescimento do Sudeste, não obstante os progressos que se observam no Sul e Centro-Oeste.

O Nordeste, ainda que acompanhe de perto, nesse ano de referência, a posição do Sudeste, revela-se como o maior supridor de população para as demais regiões, predominantemente para o Sudeste. Apesar de sua forte contribuição demográfica, mantém, assim, considerável nível de ocupação da terra a densidades relativamente altas para o quadro, o que se vem mantendo desde

muito tempo, como região que é de povoamento antigo.

A partir da reflexão de que em uma população excedente migra a porção que ostenta a maior vitalidade e é mais agressiva em busca de oportunidades, o fenômeno significa para a região nordestina um fator de perda de substância, como antes havíamos referido.

No interior da região é sensível, igualmente, a consequência do processo nacional de movimentação rural-urbana, isso mesmo independentemente das

anomalias climáticas periódicas, o que se pode deprender, desde logo, por tratar-se de uma ocorrência nacional.

Do que tem sido esse processo pode-se ter uma idéia mais aproximada pela avaliação feita pelos Profs. J. LYRA MADEIRA e M. A. COSTA (obra citada), que estimam haver uma intensificação considerável desses movimentos dentro das regiões em 1960, mais significativamente, mesmo que com os inter-regionais. Lê-se nesse trabalho na página 20: "Aliado ao processo migratório nacional, têm observado amplas repercussões no fenômeno de urbanização."

"Análises efetuadas pelo Prof. GIORGIO MORTARA indicavam que, no período 1940-1950, metade do crescimento populacional urbano do país se deu às expensas da mobilidade rural-urbana."

"Estudos semelhantes para o período 1950-1960 não ficaram distantes dessas conclusões, isto é, do incremento total de 13,2 milhões de pessoas nos quadros urbanos do país, 6,9 seriam decorrentes dos movimentos internos."

Após essa breve abordagem da situação demográfica do quadro regional brasileiro, voltemos a tentar uma visão de

## POPULAÇÃO CRESCIMENTO URBANO

198

BRASIL

CRESCIMENTO RELATIVO DA POPULAÇÃO URBANA E RURAL  
ANO BASE = 1940 = 100

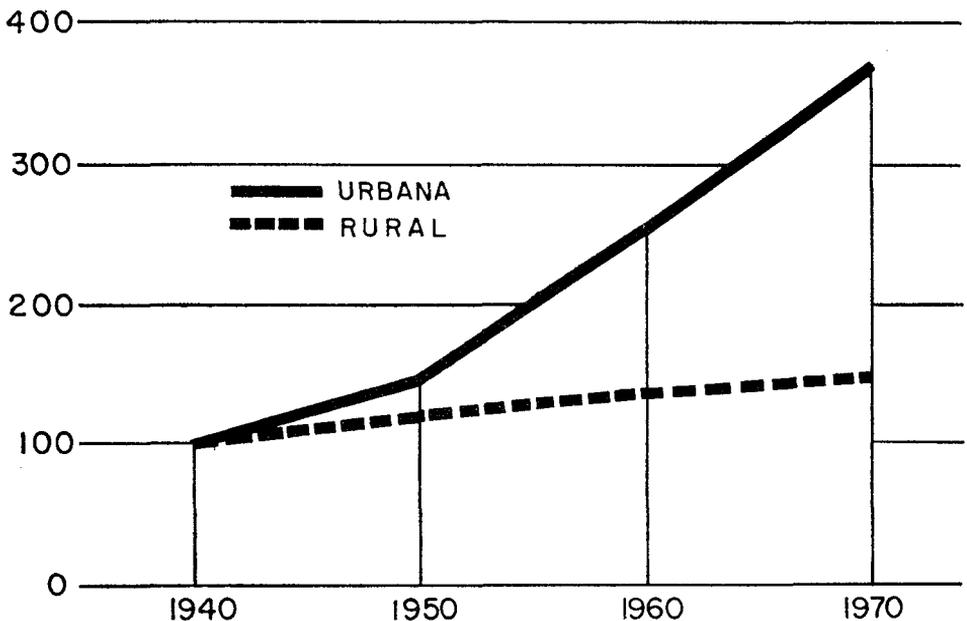


Fig.2

DivEd/D-J.A.C.

conjunto dos problemas que se levantam do âmbito nacional em que aqueles se inserem, pois aí aparecem seguidamente, ora como causa ora como efeito.

Como o painel do crescimento urbano no país tem especial significação para os problemas que iremos discutir, retomemos dele o fio de nossas reflexões.

Esse crescimento foi registrado num gráfico estimativo no qual se fixou o índice 100 para o ano de 1940 e projetou-se o valor desse índice até 1970. O ritmo acelerado da urbanização é facilmente nele perceptível, observando-se que subiu cerca de 50% entre 1940 e 1950; de 1950 e 1955 subiu novamente cerca de 50%, dobrando, desse modo, seu ritmo. Essa aceleração uniforme prosseguiu, de modo a alcançar valor de perto de 250 em 1960, estimando-se que chegue a aproximadamente 370 no corrente ano (1970).

Outra forma de avaliar-se esse processo é a de acompanhar o desdobramento da rede municipal no Brasil,

ainda que muitas distorções modifiquem o sentido correto da estimativa. Como todos sabem, cada município tem obrigatoriamente como sede uma localidade com categoria de cidade. Quando esse critério foi fixado, havia uma série de requisitos a serem preenchidos, para que esses foros de cidade fossem reconhecidos — número de habitantes; número de edificações; renda, etc. Na atualidade, o critério não é bem seguido e essa emancipação, em muitos casos, reflete o interesse de administrações locais ou estaduais em receber benefícios ou ajuda do Governo Federal.

De qualquer modo, os números que traduzem essa transformação aparecem de tal modo marcantes que as deformações neles se perdem, traduzindo, dentro de certa margem, o registro da evolução do processo. No quadro que estamos oferecendo, vê-se que o Brasil passou de, em 1938, quando foi divulgado o Decreto-lei n.º 311, de 2 de março, 1.574 municípios, ou cidades, a 3.951 sedes em 1968.

**QUADRO 2**

**NÚMERO DE CIDADES EXISTENTES NO BRASIL POR GRANDES REGIÕES**

| GRANDES REGIÕES   | 31-XII 1938  | 31- XII 1940 | 31- XII 1945 | 1.º VI 1950  | 1.º VII 1955 | 1.º VII 1960 | 1.º VII 1965 | 31-XII 1968  |
|-------------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|
| N. ....           | 88           | 88           | 97           | 99           | 119          | 120          | 143          | 143          |
| NE.....           | 584          | 584          | 587          | 609          | 739          | 912          | 1 368        | 1 375        |
| SE.....           | 641          | 641          | 707          | 850          | 1 019        | 1 091        | 1 410        | 1 411        |
| S.....            | 181          | 181          | 194          | 224          | 301          | 414          | 698          | 716          |
| CO. ....          | 80           | 80           | 84           | 112          | 185          | 244          | 207          | 306          |
| <i>BRASIL</i> ... | <i>1 574</i> | <i>1 574</i> | <i>1 669</i> | <i>1 894</i> | <i>2 363</i> | <i>2 781</i> | <i>3 926</i> | <i>3 951</i> |

Ainda aqui verificamos que o Sudeste, com 1.411 municípios revela indiretamente o maior índice de urbanização, seguido pelo Nordeste, que conta com 1.375 cidades.

Poderíamos supor que esses dados se limitassem ao enfoque de apenas pequenos núcleos urbanos, mas, quando verificamos que o Brasil, em 1969, já contava com 72 municípios com aci-

ma de 100.00 habitantes,<sup>8</sup> os fatos apontados passam a merecer maior consideração.

Se lembrarmos, por exemplo, que Paisandu, segunda cidade do Uruguai, tem pouco mais de 60.000 habitantes, logo poderemos situar essa parte de nossa rede urbana em sua real hierarquia.

Sabe-se hoje que os países desenvolvidos apresentam tendência para metropolização, isto é, gigantismo e coalescência de grandes núcleos urbanos, com todo seu rosário de conseqüências e problemas.

Nos países em desenvolvimento e dinamicamente povoados, o que se observa é a urbanização, ou seja aumento de número e crescimento relativo de cidades, o que por sua vez não é livre de conseqüências.

A formação de grandes áreas metropolitanas em nossa pátria coloca-nos na

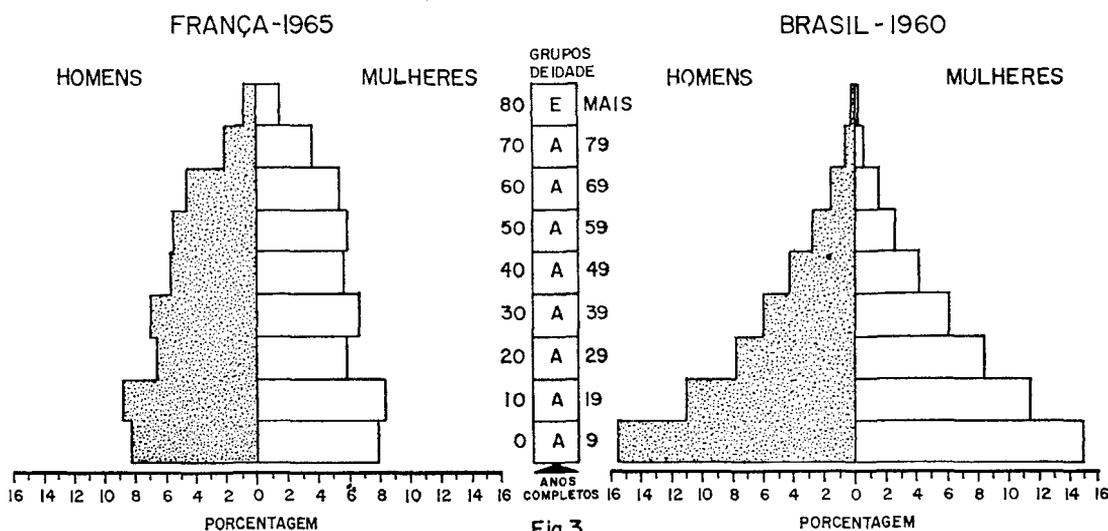
situação de participar dos dois movimentos, vale dizer, situação que nos obriga a enfrentar os dois tipos de problemas decorrentes e, o que é mais sério, sem muito tempo para tomada de decisões, em vista da intensidade e da rapidez desses processos.

Não é fora de propósito só agora tratarmos de examinar a estrutura da população brasileira, ainda que coubesse fazê-lo quando focalizamos seu crescimento e distribuição.

Uma das razões para fazê-lo agora é a circunstância de haver implicações de tal modo sérias no comportamento social e econômico da população em decorrência dessa estrutura, que mais vale colocar esse exame à parte.

Muitos dos problemas brasileiros da atualidade estão ligados a esse fato, pelo que as soluções a serem aplicadas como tentativas não se podem abster de levar em conta as condições em que

## PIRÂMIDE POPULACIONAL



DivEd/D-JAC

<sup>8</sup> Fundação IBGE — Atualidade Estatística do Brasil — 1969.

essa estrutura se apresenta e irá, provavelmente, evoluir por muito tempo ainda.

Está claro que nesta exposição não poderemos ir além de comentários superficiais e que em termos de análises para formulação de políticas, ter-se-á que partir para estudos de profundidade

Parece melhor que comecemos por uma busca de comparação entre a pirâmide etária do Brasil com a de uma nação sedimentada. Tomemos a França como termo de comparação.

A pirâmide brasileira apresentava em 1960 o mesmo aspecto que conserva desde muitas décadas, apoiada sobre

longa base, que se estreita fortemente a partir das idades adultas.

Costuma-se apontar como característica de juventude e de população de crescimento acentuado o fato de haver mais de 40% da população em idades baixas — até 20 anos — e menos de 10% em idades maduras — acima de 65 anos. Como o Brasil supre fartamente o limite mínimo e está longe do máximo, constata-se que é país de estrutura jovem e de dinâmica populacional fortemente progressiva. Deve-se isso, como é do conhecimento, à manutenção de uma alta taxa de natalidade e à diminuição progressiva da taxa de mortalidade, pela melhoria dos serviços.

**QUADRO 3**  
**COMPOSIÇÃO PERCENTUAL DA POPULAÇÃO DO BRASIL**

| ANOS      | IDADES (Anos) |         |           |
|-----------|---------------|---------|-----------|
|           | 0 a 19        | 20 a 59 | 60 e mais |
| 1900..... | 55,1          | 41,6    | 3,3       |
| 1920..... | 54,3          | 41,7    | 4,0       |
| 1940..... | 53,3          | 42,6    | 4,1       |
| 1950..... | 53,1          | 42,9    | 4,0       |
| 1960..... | 51,5          | 43,7    | 4,8       |
| 1980..... | 51,5          | 42,8    | 5,7       |

Fonte: IPEA — Demografia, Diagnóstico Preliminar.

O quadro que se apresenta para a França em 1965 revela forma completamente diversa, em que a base é muito mais estreita do que a que se observa no Brasil e diminui sua largura em gradação suave para as idades adultas, mantendo larga a faixa de idades adultas e senis até o vértice. Figura-se assim o fato de ser, em visão de conjunto, muito mais envelhecida a população da França comparada com a do Brasil, não obstante um certo rejuvenescimento recente, expresso pelo alar-

gamento da faixa que compreende as idades entre 10 e 19 anos.

Como curiosidade, poder-se-á assinalar outra outra faixa mais ampla, a dos trinta a trinta nove anos, que deixa entre a primeira referida a ela um estrangulamento — idades entre 20 e 29 anos. Esse estrangulamento é interpretado como decorrente de baixas na Segunda Guerra Mundial, mas, seguramente, revela a forte baixa de natalidade naquele período, pela grande di-

nuição do número de casamentos. A referência é feita no sentido de ilustrar, também, como certos fatos da história dos povos ficam assinalados em sua demografia.

No que nos interessa mais imediatamente, as vantagens estruturais da pirâmide de idades brasileira tem suas contrapartidas, a mais séria das quais é o ônus em que se constitui a existência de um forte contingente de população infantil e jovem, a ser assistido por um relativamente pequeno número de adultos em idades produtivas.

Se a comparação for estabelecida com a pirâmide de idades do Japão, e nas duas procurarmos destacar a população economicamente ativa, referidas ao mesmo ano de 1960, esses fatos se tornam mais flagrantes.

202 Ainda que a população japonesa não revele uma estrutura envelhecida, como a da França, observa-se que o peso relativo às idades mais baixas é menor do que o que se verifica em nosso país. Mais importante, ainda, é notar-se a participação das idades adultas na composição da estrutura, oferecendo muito mais elementos para a força de trabalho no que ocorre entre nós. Razões de ordem econômica e cultural contribuem para aumentar essa disponibilidade, como se pode depreender da contribuição feminina da população que trabalha, tornando, pelo menos teoricamente, menos pesados os encargos de manutenção do contingente improdutivo.

Se levarmos em conta os níveis de renda individual de cada um dos países, melhor poderemos avaliar as consequências desse aspecto demográfico.

Se chamarmos "encargos sociais" a relação entre a parte da população em idade não produtiva e o valor daquela

fração considerada em idade de ser incluída nas atividades normais de um país, poderemos, como o fez o Professor MANOEL AUGUSTO COSTA,<sup>9</sup> estabelecer índices que nos permitirão comparar as situações que existem em diferentes nações.

No quadro apresentado por aquele mestre da Escola Nacional de Ciências Estatísticas, referido a 1969 — Brasil, 88 milhões de habitantes — é possível conhecer a posição do Brasil, com relação a outros países nesse particular.

O tributo que onera o Brasil nesses "encargos sociais" representa uma taxa de 81,5, enquanto que nas outras nações examinadas haverá: 53,9 para a Inglaterra; 56,7 para a Argentina; 59,3 para a França e 66,4 para o Estados Unidos.

Pelo que vemos, podemos compreender porque a adolescência e a infância no Brasil estão comprometidas no trabalho, notadamente no interior.

Esclarece-se o fenômeno de evasão à escola, que no meio rural não consegue manter a maioria das crianças do ensino primário além das duas primeiras séries.

Sendo o Brasil um país demograficamente dinâmico, como visto até aqui, será essa uma situação transitória, que possamos ultrapassar a prazo relativamente curto? Não parece. Pelos dados já apresentados, a expectativa é de que no ano de 1980 seremos pelo menos cerca de 130 milhões.

A porcentagem de jovens na população diminui vagarosamente, como demonstra a tabela exposta.

A população abaixo de 20 anos constituía, em 1900, 55,1% do total do Brasil; em 1940 53,3%; em 1960 51,5%. A estimativa para 1980 revela que os jovens de menos de 20 anos

<sup>9</sup> COSTA, M. A. — Obra citada.

QUADRO 4

COMPOSIÇÃO POR IDADES E ENCARGOS SOCIAIS  
DA POPULAÇÃO DE 15 A 65 ANOS

| PAÍSES          | PESSOAL SEGUNDO GRUPOS DE IDADE |             |              |                |                  |
|-----------------|---------------------------------|-------------|--------------|----------------|------------------|
|                 | Total                           | 0 a 12 Anos | 15 a 64 Anos | 65 Anos e mais | Encargos Sociais |
| Brasil .....    | 100,0                           | 41,8        | 55,1         | ?,1            | 81,5             |
| E.U.A.....      |                                 | 30,5        | 60,1         | 9,4            | 66,4             |
| México.....     |                                 | 46,3        | 50,4         | 3,3            | 98,4             |
| Argentina.....  |                                 | 29,9        | 63,8         | 6,3            | 56,7             |
| Israel .....    |                                 | 34,7        | 59,5         | 5,8            | 68,1             |
| França.....     |                                 | 24,8        | 62,8         | 12,4           | 59,3             |
| Inglaterra..... |                                 | 22,8        | 65,0         | 12,2           | 53,9             |
| Chile.....      |                                 | 39,6        | 56,1         | 4,3            | 78,2             |

serão 51,5% do total do efetivo, vale dizer, cerca de 65 milhões, portanto quase o total da população nacional que existia no ano de 1960, isto é, há dez anos atrás.

Mesmo se supusermos que venha a ocorrer mudança substancial dessa tendência, com redução proporcional da população jovem, o que restar dela constituirá problema e motivo de preocupação bastante para a vida do país.

Hoje são necessários cerca de 1 milhão duzentos mil novos empregos por ano para atender a entrada de contingentes que se formam na força de trabalho. Isso, numa política de manutenção do *status* socioeconômico brasileiro.

Um processo de desenvolvimento implica novas inversões, e essas devem, sadiamente, provir das poupanças e lucros da economia nacional.

No panorama que vislumbramos e levada em conta a renda *per capita* que se conhece no Brasil, não é missão das mais fáceis enfrentar o problema.

Deverão os brasileiros aceitar essa como que "fatalidade demográfica", ou reagir com os instrumentos criados pela

ciência e pela técnica, com base no conhecimento da realidade nacional?

Não cremos que alguém possa optar senão pela segunda alternativa. E, nesse caso, o papel da Geografia Moderna se realça com a contribuição que pode oferecer, identificando os dados essenciais dos problemas.

### As dimensões econômicas

Já foi apontado antes que o país vem de velha tradição de aproveitamento de recursos primários, que condiciona as formas de ocupação do território, sua evolução demográfica e o comportamento cultural de sua população.

A economia mercantil, que transformou a destinação de sua vida agrícola e o pastoreio, se passou a incorporar riquezas à sua economia, não modificou em essência a atitude da população nela envolvida, até os anos mais recentes.

As técnicas de produção, a gerência econômica do estabelecimento e o conhecimento das condições do mercado não faziam parte das preocupações fundamentais nas unidades de produção.

Durante longos anos reinaram sistemas agrícolas atrasados, em que a terra representava a maior parcela nos fatores de produção, o que explicou uma agricultura itinerante e predatória, insegura quanto à regularidade da produção.

Como e enquanto os valores dos produtos "cash" permaneceram altos e os espaços livres eram relativamente próximos das zonas de comercialização, não havia maior problema, razão pela qual o processo atravessou os anos sem grandes dificuldades.

O baixo nível de vida das populações engajadas nesse trabalho não colocava grandes exigências e seus hábitos de consumo eram perfeitamente atendidos pelo que a unidade produtora, a fazenda ou o engenho, podia oferecer.

Se a mortalidade era alta em decorrência das condições de vida existentes, ou, pelas endemias que ocorriam em determinadas regiões, a natalidade era sempre muito alta, pois o problema de manutenção das famílias não se colocava. Os suprimentos vinham da própria unidade de produção. A falta de contato com o mundo exterior fazia com que quase nada se oferecesse para a modificação desse quadro.

Nem mesmo a colonização européia de pequenas propriedades do século XIX alterou as condições existentes no meio rural brasileiro, pois, em grande parte, esses imigrantes foram absorvidos pelo complexo cultural em que foram instalados.

As realidades atuais, criadas com o processo de desenvolvimento, que eclodiu depois da Primeira Guerra Mundial e se acentuou a partir da Segunda, no qual se inscreveram os progressos da industrialização e a intensificação da vida urbana, produziram forte choque nas estruturas. As conotações desses fenômenos são nossa maior e mais consciente participação

no mercado externo, com uma progressiva reação do mercado interno, ajudado pela melhoria dos sistemas de transporte e comunicação, estas acentuando as asperezas desse encontro de duas épocas da vida nacional.

Na maioria dos textos de Geografia Econômica observa-se que o ângulo fundamental pelo qual se analisa a distribuição espacial da riqueza é o da produção. Pouco se fala em consumo, embora produção e consumo fechem o círculo da economia. Numa economia primitiva consome-se o que é produzido; numa economia evoluída produz-se o que é necessário para o consumo.

No Brasil atual os problemas ligados ao setor consumo, desde a comercialização da produção até o abastecimento propriamente dito, constituem pontos de estrangulamento de importância igual ou mesmo superior aos da produção propriamente dita; isto não só na produção agrícola como também na industrial.

Começaremos esta análise das dimensões econômicas do espaço brasileiro pela agricultura.

Um fato básico precisa ser estabelecido e está no consenso de todos, tornando desnecessário maior exame. A agricultura teve, nos dois últimos decênios, um crescimento qualitativo muito menor que a indústria. A produção cresceu, porém, em função de uma expansão da área cultivada na maior parte do território brasileiro. Aí houve, também, importantes diferenciações regionais.

Muitos economistas chamam a atenção para o fato de que a evolução dos preços agrícolas, comparados com os preços dos produtos industriais, tem revelado um crescimento proporcional maior no setor agrícola que no industrial, produzindo uma transferência de parte da renda gerada no setor indus-

trial, para o setor agrícola; isto produziria um enriquecimento relativo maior do setor agrícola em relação ao industrial. Este fato, e acredito estar também no consenso de todos, não ocorreu. Observando-se o atacado e o varejo, o aumento de preço dos produtos agrícolas, que é o preço pago ao agricultor, e o aumento dos preços dos produtos alimentares que é o preço pago pelo consumidor (muitas vezes do produto sem nenhuma transformação) vê-se que eles variam de forma diferente. Esta relação indica, na Guanabara, que o preço dos produtos agrícolas cresceu de 1950 a 1963 em 19 vezes, enquanto que o preço dos produtos alimentares cresceu no mesmo período, em 27 vezes. Em outras palavras: o preço dos produtos agrícolas cresce, mas os resultados destes aumentos não são pagos ao produtor e sim aos intermediários. Ou, então, o processo de comercialização absorve uma grande parte da renda gerada no setor agrícola, impedindo uma capitalização do agricultor e mantendo-o amarrado a uma tecnologia inadequada e primitiva.

Do outro lado da cadeia, o consumo comportou-se de maneira diferente, pois o processo de industrialização que vem ocorrendo com o conseqüente crescimento das cidades, está aumentando o consumo de produtos alimentares em escala bastante apreciável. Assim, o fenômeno que ocorreu na indústria, o da substituição de importações em função de um mercado interno comprimido, teve a sua contrapartida na agricultura, em termos de aumento da produção voltada para o mercado interno. Daí, os grandes incrementos na produção de gêneros alimentícios, apesar de os mesmos estarem, em grande parte, baseados somente na ampliação da área cultivada. Do que foi dito, resultam dois aspectos fundamentais:

1. A produção aumentou. Porém foi um aumento muito mais em função de expansão da área cultivada, que de melhoria dos processos e houve, como salientamos, importantes diferenças regionais de fundamental importância para a compreensão do desenvolvimento. Ao mesmo tempo, os preços aumentaram, mas o processo de comercialização absorveu uma fração maior que o razoável, não facilitando a capitalização do agricultor nem a sua conseqüente melhoria tecnológica.

2. A estrutura da produção transformou-se em função das implicações de um mercado interno cada vez mais amplo. De tal forma que até 1962 o valor da produção de café era superior à produção de arroz e de lá para cá passou a ser sempre inferior. Arroz é de mercado externo.

Em relação ao primeiro aspecto basta observar que o arroz, em 1946, em 1,5 milhão de área cultivada, deu uma produção de 4,3 milhões de toneladas em 1967 para uma área cultivada de 4,3 milhões de hectares (2,9 vezes maior), a produção foi de 6,8 milhões de toneladas (3,2 vezes maior). Nesse campo existem importantes diferenças regionais. Exemplo: O Rio Grande do Sul teve, em 1967, 390 mil hectares de área cultivada de arroz e 1 milhão e 300 mil toneladas de produto, ou seja, 3,3 toneladas por hectares, ao passo que o Maranhão teve 520 mil hectares com apenas 620 mil toneladas de arroz, ou seja pouco mais de uma tonelada por hectare.

Se analisarmos a cana-de-açúcar, em São Paulo verificamos que seu rendimento é de quase 60 toneladas por hectare, enquanto que em Pernambuco é de pouco mais de 40 toneladas por hectare.

Em relação ao algodão, verificamos que o Ceará tem 1 milhão de hectares cultivados, com rendimento de 1 to-

nelada por 3 hectares. Em São Paulo, a relação é 450 mil hectares com 450 mil toneladas de produção, ou seja, 1 tonelada por hectare, portanto, com rendimento três vezes superior ao do Ceará.

Bastaria isso para demonstrar que houve pouco aumento nos rendimentos da produção, quer dizer, da produtividade agrícola, como um todo. A melhoria que houve foi localizada, restando amplas áreas com produtividade quase inalterada. A conseqüência é que muitas vezes não só não há capitalização na agricultura como na verdade há empobrecimento, uma vez que o agricultor, não tendo nenhuma noção dos custos de sua produção, provavelmente está apenas contando os custos aparentes, sem considerar a terra em que ele trabalha, ou o seu trabalho propriamente dito. Daí o seu estado de estagnação econômica e cultural.

O segundo aspecto diz respeito à estrutura da produção. É um fato conhecido que a agricultura brasileira viveu tradicionalmente voltada para o comércio exterior, e ainda hoje conhecemos a importância do café. Mas, a partir de 1962, o valor da produção de arroz passou a ser superior à do café e, em 1967, para o bilhão e 100 de valor da produção do café, a do arroz foi de 1 bilhão e 400 mil cruzeiros novos. Ao mesmo tempo que isto ocorria, os outros produtos agrícolas despertavam uma atenção progressiva dos agricultores, de tal forma que seu crescimento foi sempre superior ao dos produtos de exportação. Em outras palavras: a produção dos artigos voltados para o mercado interno cresceu mais que a produção dos artigos voltados para o comércio exterior, ressalvadas as flutuações, ano a ano, da produção de café.

À luz destas considerações sumárias verifica-se que o fato de estarem os resultados desta ampliação da capacidade

produtora do setor agrícola em grande parte canalizada para os comercializadores de sua produção, faz com que estes intermediários se constituam no mais importante estrangulamento neste campo, pois afetam simultaneamente o produtor, pelo baixo padrão de vida em que ele se coloca, e ao consumidor, pois faz com que ele pague preços mais altos, que obviamente afetam a estrutura do consumo. E todas estas situações têm efeitos reflexos em cadeia.

Este fato afetou principalmente o trabalhador rural, pois o proprietário das terras sempre pôde, de uma forma ou outra, manter um nível de renda mais ou menos satisfatório. Por isso mesmo, sempre foi muito difícil introduzir sistemas de salário mínimo nas zonas rurais, onde os níveis de remuneração se mantêm sempre abaixo do salário mínimo.

Em relação ao problema da melhoria de qualidade da agricultura, é de importância compreender o porquê das diferenciações regionais, especialmente na medida em que elas estão associadas ao conjunto das instituições rurais, inclusive e especialmente à estrutura fundiária.

O primeiro aspecto é o relativo à tecnologia agrícola, principalmente no que diz respeito à utilização de fertilizantes e tratores, dois elementos fundamentais para incremento da produtividade rural. De acordo com dados do Censo de 1960, a média de área cultivada por trator, no Brasil era de 400/ha, enquanto que na Inglaterra era de 8/ha; 17/ha na Alemanha; 38/ha nos Estados Unidos e 80/ha no Canadá.

No que diz respeito a fertilizantes, observa-se que o seu consumo é ainda muito baixo, muitas vezes reduzido a simples processo de calagem, ou aplicações não orientadas de alguns ferti-

lizantes químicos ou orgânicos. Isto indica que o processo de mecanização está, efetivamente, mais adiantado que o de aplicação de fertilizantes, o que em uma região de clima tropical, como o Brasil, oferece sérios problemas.

Os terrenos arados profundamente, sem a necessária fertilização e proteção, podem ser muito mais intensamente lixiviados que os terrenos não arados. O efeito desta mecanização nos rendimentos agrícolas é, inicialmente, surpreendente pela incorporação de elementos minerais a maior profundidade no sistema de nutrição das plantas; porém, a longo prazo, o sistema é, na realidade, de uma exaustão mais intensa que o das queimadas, embora isto se faça sob o aspecto aparente de uma modernização baseada somente na mecanização.

O segundo aspecto muito importante diz respeito aos problemas ligados à organização da produção, em termos de pessoal ocupado, seja como proprietário seja como arrendatário de qualquer tipo. É comum verificar-se na literatura a respeito que o fato de ter a agricultura brasileira um elevado número de parceiros, trabalhadores, etc., não proprietários de terra, é um fato essencial, retardando a evolução do setor agrícola, em comparação com o industrial. Entretanto, se observarmos o que acontece nos países altamente capitalizados, especialmente nos Estados Unidos, verificamos que há uma diminuição do número de proprietários, um aumento no tamanho das propriedades e uma percentagem cada vez maior de pessoal arrendatário ou empreiteiro nas atividades agrícolas. É que a terra passou a ser, apenas, mais um elemento do capital necessário à empresa agrícola do que um dos três fatores da produção. Então, esta parcela de capital, utilizada como capital fixo, é bastante grande para ficar imobilizada em uma só empresa: daí haver empresas proprietárias de terras e

outras como empresas de exploração. Esta parece ser uma tendência no sistema da verdadeira industrialização da atividade agrícola.

Quando se pensa em reformular todo o sistema agrícola em que se baseia a produção de alimentos no Brasil, as novas dimensões de caráter verdadeiramente empresarial, que a tecnologia moderna está dando à agricultura, precisam ser levadas em conta, especialmente nas áreas onde este sistema pode ou deve ser empregado.

O terceiro aspecto importante a considerar é o da estrutura fundiária propriamente dita.

Uma primeira constatação se faz da análise dos dados do Censo de 1960: dos 3 milhões e 300 mil estabelecimentos agrícolas do país, cerca de 2 milhões e 300 mil têm área inferior a 50 hectares, e a área destes estabelecimentos não chega a ser 40 milhões de hectares dos 250 milhões de hectares de todos os estabelecimentos. Um outro dado importante é o de que, ao lado de mais de 28 milhões de hectares de terras cultivadas em lavouras permanentes e temporárias, há outros 28 milhões de hectares de terras incultas.

Entretanto, os fatos mais impressionantes são os relativos às disparidades regionais, ou mesmo em áreas dentro de um Estado. No Rio Grande do Sul encontram-se desde o fato singular de haver uma propriedade com 124 mil ha, não localizada para evitar identificação, até diferenciações entre regiões como a das Missões e as zonas coloniais. Na zona das Missões, 28 mil estabelecimentos têm 2 milhões e meio de hectares. Na zona de encosta do Nordeste, que é uma das zonas coloniais, 71 mil estabelecimentos, quase três vezes mais, têm uma área de 1 milhão e 300 mil ha, metade da outra. Estes dados mostram bem que o siste-

ma de utilização da terra é de grande importância para a compreensão da estrutura fundiária. É sabido que a atividade principal na zona das missões é a criação extensiva de gado e na zona colonial é a agricultura diversificada. Ressalvadas numerosas distorções que certamente existirão na estrutura fundiária do Rio Grande do Sul, pelos dados mencionados verifica-se que esta estrutura está organizada de forma a atender, nas suas linhas mestras, às necessidades da exploração da terra no Estado.

No Estado de Pernambuco a situação não é semelhante, senão vejamos. Em um município da chamada Zona da Mata de Pernambuco, como o de Igarauçu, dos 2.288 estabelecimentos do município, 1.871 têm área inferior a 5 hectares e somam 3.546 hectares dos 50 mil hectares de todos os estabelecimentos do município. Por outro lado, 27 estabelecimentos de áreas superiores a 500 hectares têm uma área total de mais de 28 mil hectares. Minifúndio e latifúndio em um só município de área pequena. A área média das pequenas propriedades é insusceptível de ser explorada economicamente. A dos outros, de certa forma, também, se considerarmos a não utilização das terras não cultivadas em cana.

Numerosos exemplos podem ser dados de inadequação da estrutura fundiária às necessidades de exploração da terra. Mas este é um aspecto e, sem considerar os outros, estaríamos resolvendo somente parte do problema.

Destas análises de diferentes fatores que afetam a agricultura, verifica-se que, tanto a estrutura fundiária como as técnicas agrícolas utilizadas e o sistema de comercialização, têm contribuído, cada um a seu modo, para o fato essencial de a agricultura brasileira não ter produzido uma renda suficiente ao homem do campo, que lhe dê capacidade de consumo de produ-

tos que a indústria está produzindo em quantidades cada vez maiores. Colocando o problema de forma inversa, observamos que a indústria não encontra, ainda, no homem do campo, um consumidor importante para seus produtos, o que afeta a agricultura, de um lado, e a indústria, de outro, ambos de forma negativa.

Enquanto que os dados de crescimento do Produto Interno Bruto indicam que a Agricultura passou de um valor 138,5 em 1957 para 202 em 1966, a Indústria neste mesmo período passou de 183 para 355. Enquanto a primeira cresceu cerca de 50%, a segunda cresceu cerca de 100%.

Estes valores dão bem a medida da importância do crescimento do setor industrial da economia brasileira.

Decompondo aquele período, para ver o que ocorreu mais particularmente na década de 1950, observa-se que entre 1947 e 1961, enquanto o produto real aumentava de 128%, o produto real na agricultura aumentava 87% e na indústria aumentava de 262%.

Analisando-se, no setor da Indústria, o que aconteceu naquela mesma década, verifica-se em relação ao valor bruto adicionado pela indústria, que indústrias como a do ferro, aço, e produtos metalúrgicos passaram de uma participação de 9,4 para 11,9% no total brasileiro. A de material de transporte de 2,2 para 7,5%; a química, de 5,3 para 8,7%, ao passo que as indústrias têxteis passaram de 19,6 para 12,0 e a de produtos alimentares passou de 20,0 para 16,9.

Estes dados indicam que houve uma alteração importante na estrutura industrial do país, na qual cresceu a participação de indústrias como as metalúrgicas, mecânicas, automobilísticas, químicas etc. e diminuiu a significação proporcional de outras como as têxteis e alimentares.

Este fenômeno é observado em todos os países que passaram por processo semelhante de modificações em sua estrutura industrial. Ao lado disto, no Brasil como em muitos outros países,

fatores locacionais iniciais fizeram o processo de industrialização começar em certas áreas (São Paulo) e por efeito de causação cumulativa nelas continuar.

### QUADRO 5

TABELA DO VALOR DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL, POR PESSOAL OCUPADO

|                                      | GÊNEROS   |          |         |         |
|--------------------------------------|-----------|----------|---------|---------|
|                                      | Alimentar | Mecânica | Têxtil  | Química |
| Valor das vendas (1000)              |           |          |         |         |
| Minas Gerais.....                    | 402,9     | 23,0     | 149,8   | 39,3    |
| São Paulo.....                       | 2 027,5   | 574,3    | 1 594,8 | 1 758,4 |
| Rio Grande do Sul.....               | 614,8     | 41,8     | 68,5    | 106,7   |
| Pernambuco.....                      | 249,9     | 2,2      | 86,5    | 38,2    |
| Pessoal Ocupado (1000)               |           |          |         |         |
| Minas Gerais.....                    | 31,8      | 2,6      | 29,7    | 2,3     |
| São Paulo.....                       | 109,9     | 63,7     | 160,5   | 60,7    |
| Rio Grande do Sul.....               | 40,3      | 7,0      | 9,7     | 3,8     |
| Pernambuco.....                      | 47,1      | 0,4      | 16,6    | 3,9     |
| Relação de 1/2                       |           |          |         |         |
| Minas Gerais.....                    | 12        | 8        | 5       | 17      |
| São Paulo.....                       | 18        | 9        | 9       | 28      |
| Rio Grande do Sul.....               | 15        | 6        | 7       | 28      |
| Pernambuco.....                      | 5         | 5        | 5       | 9       |
| Peso destes dados no cons. do Estado |           |          |         |         |
| Minas Gerais.....                    | 23,40     | 1,62     | 10,56   | 2,77    |
| São Paulo.....                       | 15,46     | 4,37     | 12,16   | 13,40   |
| Rio Grande do Sul.....               | 37,97     | 2,58     | 4,23    | 6,59    |
| Pernambuco.....                      | 46,42     | 0,41     | 16,07   | 7,10    |

209

São Paulo foi a área de maior crescimento industrial nos dois últimos decênios, foi, também, a área de maior modernização, vale dizer, eficiência.

Comparando-se dados de valor da produção de alguns setores industriais por operário ocupado, em quatro estados brasileiros (São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Pernambuco), verifica-se que na indústria alimentar o valor é de Cr\$ 18,00 para São Paulo, 15 para Rio Grande, 12 para Minas

e 5 para Pernambuco. Estes valores indicam uma menor eficiência industrial em Pernambuco, fato tanto mais grave quando se verifica que esta indústria de produtos alimentares representa 46% da indústria de Pernambuco e apenas 15% da indústria de São Paulo. Nos outros setores industriais a situação é mais ou menos a mesma, como se verifica na tabela.

O progresso econômico, que pode ser apresentado em dados globais e que,

realmente, vai sendo absorvido por todos os setores do país, parece ter seu fulcro na vida urbana, que deixou de ser um simples reflexo das diferentes regiões, para exercer uma função dominante sobre as áreas a que se liga.

Passa a ocorrer aí maior oferta de possibilidades, não só pela atividade industrial crescente, como pelo desenvolvimento dos serviços, que acompanham aquele progresso, originando o aumento da população dessa área.

Tal é o ritmo do processo no Brasil que, em muitos casos, predominantemente nos grandes centros, o setor terciário não consegue acompanhar a evolução acelerada da vida urbana.

Correlacionadamente, a diminuição de efetivos populacionais no meio rural deverá ser acompanhada por mudan-

ças técnicas que permitam a compensação da perda de mão-de-obra, através de melhor produtividade. Mais ainda, porque o suprimento do meio urbano representará maior pressão de demanda, em função de seu crescimento e de melhor nível relativo de renda.

Como isso não está acontecendo de maneira equilibrada no Brasil, pelas insuficiências de ritmo de aperfeiçoamento no trabalho que é executado no ambiente rural, o processo se tumultua.

Pode-se ter uma idéia do que representa o problema da evolução da estrutura do Brasil, no quadro a seguir<sup>10</sup> sobre a participação do trabalho nos diferentes setores econômicos em 1940, 1950 e 1960.

**QUADRO 6**  
**BRASIL — PESSOAS PRESENTES, COM 10 ANOS E MAIS,**  
**SEGUNDO O SETOR DE ATIVIDADE**

| ESPECIFICAÇÃO         | 1940     | 1950     | 1960     |
|-----------------------|----------|----------|----------|
|                       | Milhares |          |          |
| Setor Primário.....   | 9.844,1  | 10 369,9 | 12 271,2 |
| Setor Secundário..... | 1 362,2  | 2 192,0  | 2 790,8  |
| Setor Terciário.....  | 2 552,3  | 4 554,5  | 7 589,2  |
| 1.º SUBTOTAL.....     | 14 758,6 | 17 117,4 | 22 651,2 |
| Inativos.....         | 14 279,2 | 19.440,6 | 26 110,4 |
| 2.º SUBTOTAL.....     | 29 037,8 | 36 558,0 | 48 761,4 |
| Menos de 10 Anos..... | 12 198,5 | 15 386,4 | 21 357,7 |
| TOTAL.....            | 41 236,3 | 51 944,4 | 70 119,1 |

Verifica-se que o crescimento econômico das atividades primárias, que foi de 5,3% entre 1940 e 1950, passou a ser de 18,3% entre 1950/60, com uma expansão que não introduziu técnicas revolucionárias nessa atividade.

As transformações industriais tiveram grande impulso na década 1940/50, acusando um crescimento de 61,0% do pessoal ocupado, e de apenas 27,3% no período 1950/60.

<sup>10</sup> J. LYRA MADEIRA E M. A. COSTA — Obra citada.

Enquanto isso, o setor de serviços passava de um crescimento de 28.2% entre 1940/50, para um salto de 66.6% entre 1950/60, revelando, com isso, ao lado de uma grande oferta de emprego, um incremento substancial da população consumidora.

No conjunto, tudo isso traduz a grande transformação que se está operando no Brasil e que levanta permanentemente novas questões que precisam ser enfrentadas.

As condições gerais dessa evolução exigem um contínuo desenvolvimento, capaz, pelo menos, de manter o equilíbrio do sistema, dinâmico por excelência.

As perspectivas para o futuro, no entanto, informam que se quisermos desfrutar de progresso continuado, deveremos manter elevada a taxa de crescimento econômico, o que significa maiores investimentos.

Como o nível de poupança possível é baixo, como já referimos, esses investimentos deverão ser seletivos, tanto quanto para setores da economia, quanto para áreas a serem programadas.

Neste último particular, parece que a Geografia, mais uma vez, poderá concorrer e, decididamente, para o equacionamento dos problemas.

É o que os geógrafos brasileiros vêm tentando honestamente e com todas as forças desde os últimos anos.

#### **IV - A rede urbana brasileira**

À luz do que foi dito em relação ao processo demográfico e ao processo econômico brasileiros, passemos a uma interpretação conjunta do desenvolvimento econômico nacional pelo estudo da rede urbana.

O estudo das cidades fornece importantes indicações sobre processo de desenvolvimento econômico, principalmente porque o moderno desenvolvimento tem ocorrido sempre à base do complexo industrial-urbano, através das economias de escala que cria e das conexões que lhe são inerentes, devido à heterogeneidade de suas funções produtivas e das múltiplas ligações inter-industriais, dentro da cidade, e inter-espaciais, no sistema de cidades.

Os estudos do sistema de cidades brasileiras, que vêm sendo feitos no Departamento de Geografia do IBG, através de técnicas quantitativas e com uso de computadores de grande porte, permitindo a utilização de quantidade maior de dados, bem como uma combinação mais eficiente destes, têm proporcionado a obtenção de índices mais precisos e mais representativos dos padrões de organização espacial no país.

Uma pesquisa desse tipo realizada para 50 das mais importantes cidades brasileiras, que utilizou 31 variáveis definidoras das muitas linhas de diferenciação entre as cidades, oferece indicações muito interessantes sobre os padrões urbanos, dos quais se podem inferir relações com todo o sistema econômico nacional.

O Prof. BRIAN BERRY, da Universidade de Chicago, ao analisar as relações entre cidades e desenvolvimento econômico, elaborou um modelo, cuja hipótese fundamental é a de que crescente regularidade nas relações tamanho-hierarquia dos núcleos urbanos é acompanhada de crescente dinâmica interna no sistema.

A análise do gráfico das relações tamanho-hierarquia nas 50 cidades brasileiras indica claramente uma certa regularidade ao nível de cidades menores, abaixo das metrópoles e centros intermediários: no nível destas últimas aparece, bem nítido, um escalonamento

formando grupos diferenciados: primeiro, São Paulo e Rio; segundo, Recife, Porto Alegre e Belo Horizonte e, terceiro, as outras metrópoles e centros intermediários, como Santos, Campinas, Niterói, etc.

A implicação do fato é a de que o processo brasileiro de desenvolvimento está afetando fortemente as grandes cidades, criando desta forma esta anomalia. Este fenômeno aparece mais tipicamente no Nordeste, onde as deformações do processo têm sido mais flagrantes, ocasionando uma discrepância entre tamanho e urbanização, maior que no Sudeste. No plano das cidades menores, embora existindo também evidentes sinais do processo de desenvolvimento, o compasso entre crescimento demográfico e desenvolvimento tem sido mais regular, principalmente no Sudeste, onde as cidades aparecem bem agrupadas, com grau de urbanização positivo e com distâncias entre tamanho e urbanização bem menores.

A interpretação do processo de desenvolvimento, dentro dos princípios da teoria dos sistemas gerais, isto é, crescimento estocástico, com um conjunto de forças agindo em muitos sentidos, pode levar à interpretação de que o nível inferior de cidades e as áreas que elas comandam atingiram uma posição de equilíbrio na rede, em função de uma dinâmica voltada para dentro do sistema. Ao nível das metrópoles e centros intermediários, ao contrário, o desequilíbrio existente é devido ao fato de que o processo de desenvolvimento, ao tomar um impulso novo, modifica o conjunto de forças, onde passa a prevalecer determinado tipo de fatores, inclusive forças externas. Estas decorrem das ligações produzidas pela função industrial heterogeneizada, que abrange até as conexões extranacionais, portanto fora do sistema.

A implicação desta interpretação é que correções por ações de intervenção devem ser feitas visando a integrar as duas partes da rede.

A primeira observação particular desta análise é relativa à posição de São Paulo e Rio de Janeiro dentro do conjunto da rede urbana brasileira, que assinala uma primazia bem nítida da primeira, com uma dimensão 50% maior do que a segunda. A ser válida esta posição, isto indica que a noção clássica e tradicional de que o Brasil tem duas metrópoles nacionais equivalentes já não é verdadeira. Ao contrário, o desdobramento do processo de desenvolvimento econômico está tornando a rede urbana brasileira mais integrada, realçando o comando exercido por São Paulo, fato fundamental na interpretação do processo de desenvolvimento de que esta rede é uma expressão física e uma manifestação dinâmica.

Uma análise evolutiva do processo indicaria que há vinte anos atrás esta diferença era de forma reversa ou praticamente não existia. A indagação lógica seria: estará ocorrendo uma ampliação dos contrastes entre as duas cidades? Ou as tendências reguladoras já estarão operando no sistema, no sentido de ajustar as duas cidades ao equilíbrio expresso pela regularidade tamanho-hierarquia, antes mencionada?

Abaixo do nível das duas grandes metrópoles aparecem Porto Alegre, Recife e Belo Horizonte, como metrópoles macrorregionais.

Porto Alegre é a cidade mais importante, tanto em tamanho quanto em urbanização, mas situa-se a uma considerável distância de São Paulo e Rio, embora ocupando uma posição bem definida em sua área de influência. Seu "status" no agrupamento imediatamente inferior ao das duas metrópoles nacionais é, no entanto, de des-

taque, tendo tido até agora uma capacidade intrínseca autopropulsora no sistema de cidades brasileiras, comandando de maneira segura uma rede urbana bem estruturada, que extravasa sua área metropolitana e abarca uma zona de influência que ultrapassa os limites do Rio Grande do Sul, abrangendo o Sudoeste de Santa Catarina.

Recife, principal centro da periferia nacional, evidentemente sofreu um processo de crescimento demográfico muito desproporcional à sua urbanização, com sinais evidentes de numerosas população subempregada e desempregada e de sérias deficiências no conjunto de serviços urbanos. Constitui, certamente, entre as três metrópoles deste nível aquela em que se torna mais premente uma ação de intervenção, representada por uma intensificação e aplicação mais seletiva dos incentivos fiscais já aplicados no Nordeste, no sentido de ser promovido o equilíbrio entre crescimento populacional e desenvolvimento.

Em relação a Belo Horizonte, cidade com tradição de urbanização menor que as anteriores, e cujos fatores de crescimento são exógenos, pois muitas de suas indústrias foram induzidas e muitas outras estão ligadas a matérias-primas de áreas próximas, como o minério de ferro, apresenta tamanho e grau de urbanização inferiores ao de Porto Alegre, quando, pela sua maior proximidade do centro dinâmico do país, deveriam ser superiores.

As outras quatro metrópoles, Fortaleza, Salvador, Curitiba e Belém, têm nitidamente uma posição intermediária, tanto na rede comandada por São Paulo, como nas redes regionais comandadas por Recife e Porto Alegre, exceção feita a Belém, que está diretamente vinculada a São Paulo. Por isso mesmo, são mais especificamente centros comerciais, entrepostos intermediários entre a metrópole regional ou

mesmo nacional e os centros subsidiários, com centralidade limitada. Em nenhuma destas quatro cidades observa-se o mesmo grau de crescimento já existente nas outras três metrópoles, seja em termos de estrutura caracterizada por uma fase industrial adiantada seja de espraiamento do crescimento demográfico para fora dos limites municipais.

Em Curitiba, no Sul; Fortaleza, no Nordeste e Belém, no Norte, os índices de urbanização chegam a ser negativos, em função das distorções no processo espontâneo de desenvolvimento. Constitui exceção neste nível apenas Salvador, possivelmente devido a um mais longo processo de urbanização e aos importantes recursos gerados pela indústria petrolífera aí existente.

Ao nível das cidades menores, o processo da macrocefalia urbana está ausente e as cidades apresentam equilíbrio entre tamanho e hierarquia, ocasionando a regularidade desta parte da rede.

Esta análise das relações entre o tamanho-hierarquia das cidades e o processo de desenvolvimento, mostra bem que são estas nove metrópoles que comandam o processo, ocupando uma posição de destaque na rede urbana brasileira. Mesmo considerando Belém em uma posição inferior a cidades como Santos ou Campinas, isto deve ser levado à conta do fato de serem estas duas cidades associadas, muito de perto, ao próprio desenvolvimento metropolitano de São Paulo, a tal ponto que é lícito imaginá-las compondo a Megalópolis paulista, antes do fim do século.

## V - Conclusão

1. Considerando que as cidades são os focos da atividade multiplicadora, que gera o processo de desenvolvimento, e a urbanização é o reflexo

espontâneo deste processo, uma ação organizada de intervenção deveria ser executada naquelas cidades em que o processo espontâneo de desenvolvimento tivesse ocasionado um descompasso entre crescimento demográfico e urbanização.

2. Dentro deste raciocínio, caberia considerar preliminarmente se as duas metrópoles nacionais, São Paulo e Rio, precisariam de incentivos especiais para aumentar sua capacidade de causação cumulativa, e se esta seria mais eficiente nelas localizada, ou em outras cidades da rede. Simultaneamente, a indagação seria extensiva ao que diz respeito à maior eficiência do processo de transmissão do desenvolvimento.

É claro que uma discussão deste tipo foge ao escopo da presente conferência e, mesmo que fosse considerada necessária uma ação de intervenção nestas duas cidades, isto não implicaria em não promover ações semelhantes nas outras metrópoles e demais centros urbanos brasileiros. Note-se que estamos falando de participação de São Paulo e Rio no desenvolvimento nacional, portanto deixando à margem a necessidade de ações de intervenção, tendo em vista a estrutura interna das áreas metropolitanas.

3. Deste modo, o processo de intervenções deveria ser efetivamente seguindo duas direções:

a) Na parte superior da rede, ou seja, nas metrópoles, procurando combater os efeitos dos descompassos entre urbanização e crescimento demográfico;

b) Na parte inferior da rede, onde se situam as causas daquele descompasso, de modo a fazer das cidades menores, que até então têm funcionado como etapas de migração, pontos efetivos de fixação de população, mediante a intensificação de seu desenvolvimento.

Convém destacar que a SUDENE, ao cogitar da implantação de uma política de centros dinamizadores, procura exatamente neles reter parte do fluxo migratório que se dirige para as grandes metrópoles.

É óbvio que tal política se ajusta bem às circunstâncias existentes no Nordeste, porém o mesmo processo não está ocorrendo no Sudeste.

Nesta região existem razões para se acreditar que a rede urbana, abaixo do nível das metrópoles, esteja crescendo, não só de forma mais integrada, como, também, mais rapidamente que as metrópoles. Esta tese encontra apoio nos estudos de economistas urbanos, que indicam que a heterogeneidade produtiva das grandes metrópoles reúne indústrias e serviços de alto e baixo ritmos de crescimento e outras até mesmo estagnadas. Desse fato resulta um crescimento agregado de maior volume, mas proporcionalmente inferior ao das cidades de nível imediatamente abaixo. Assim, justificar-se-iam ações que mantivessem o ritmo de crescimento na parte inferior da rede, e também nas grandes metrópoles, cuja função seria a de centros de inovação, de pesquisa pioneira, enfim, geradoras de fases novas no processo.

Já existe uma tomada de posição quanto à urgência da ocupação racional do cerrado, com numerosas pesquisas, experimentações e demonstração no País, principalmente em São Paulo e Brasília. Contudo, considerado como um dos problemas da fitogeografia brasileira, torna-se difícil a conjugação de todas as causas que podem influir em suas modalidades. No vol. I, de Comptes Rendus, XXXVI.<sup>e</sup> Congrès de Géographie — 1956, ao examinar aspectos referentes à originalidade, e novas ocorrências desse tipo de vegetação, Kurt Hueck enriquece a literatura sobre o assunto.

# A primitividade dos "campos cerrados" brasileiros e novas observações em seu limite meridional

215

KURT HUECK

## O MAPA DE VEGETAÇÃO (FITOGEOGRÁFICO) DO BRASIL POR C. F. P. MARTIUS

No ano de 1858, *Carlos Frederico Philippi Martius* publicou no conjunto de sua *FLORA BRASILIENSIS*, básica para o Brasil, também um mapa das regiões florísticas do país. Este mapa pode ser considerado o primeiro mapa de vegetação que foi organizado para o Brasil. É digno de nota que este país sul-americano conseguiu ter um mapa fitogeográfico muito antes que a maioria dos países europeus cogitasse da execução de tais trabalhos.

Martius, em seu mapa (fig. 1), distingue cinco regiões florísticas, a saber:

1. a região das *Náiades*, isto é, a região da mata pluvial no Amazonas e em seus afluentes;
2. a região das *Hamadriades*, isto é, a região seca da caatinga;
3. a região das *Driades*, isto é, a região de mata pluvial orientada para leste da serra costeira;
4. a região das *Napoeas*, isto é, a região subtropical no sul, que, no entanto, não apenas abrange parte dos estados sulinos até o Estado do Paraná, mas também a parte meridional de Mato Grosso; e

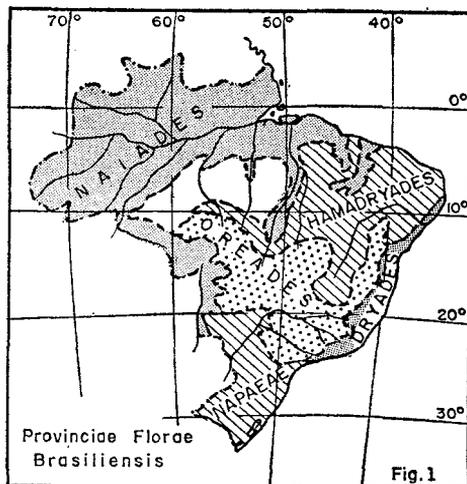
5. a região das *Oréades*, isto é, a grande região floristicamente bastante uniforme do Brasil Central, incluindo as suas abas avançadas para leste.

A região das oréades é caracterizada por MARTIUS como *região montano-campestris*. Destarte se fez pela primeira vez a tentativa de limitar por todos os lados a grande região do interior brasileiro dos CAMPOS CERRADOS, uma vegetação sobremodo característica para o Brasil Central.

Sob campos cerrados, ou simplesmente o CERRADO, compreendemos uma vegetação semelhante em aspecto à savana, de árvores isoladas, baixos e numerosos arbustos, entre os quais se desenvolve, durante a época chuvosa, uma vegetação rica de espécies de ervas e gramíneas. As árvores e os arbustos são, na sua maioria, sempre verdes. Via de regra têm uma casca surpreendentemente retorcido de galhos e ramos (FERRI 1955: "caracterizado pela ocorrência de pequenas árvores e numerosos arbustos situados entre ervas e gramíneas que vegetam enquanto houver bastante umidade disponível. Na seca estas plantas desaparecem. As árvores e os arbustos, em geral de folhagem permanente, apresentam-se freqüentemente com casca muito grossa, troncos retorcidos e sinais evidentes de queimas constantes.") P. E. JAMES (1950) define o cerrado bem mais simplesmente: "um tipo de vegetação que é verdadeiramente intermediário entre uma savana típica, em que as árvores espalhadas permitem passagem em um jipe em qualquer direção e uma floresta na qual a viagem se acha restrita a rotas desimpedidas".

Os campos cerrados ocupam vastas partes do interior da Brasil. A importância que eles têm também para o conjunto da paisagem brasileira evidencia-se pelo fato que a sua extensão superficial costuma ser indicada com

1½ milhões de quilômetros quadrados. A estatística oficial atribui-lhes mesmo uma superfície de 1.849.000 km<sup>2</sup>, portanto mais da quinta parte da superfície do país. Sobre grandes partes dos Estados de Mato Grosso, Goiás, Bahia



DivEd/D-pmsl

Fig. 1 — A articulação da vegetação brasileira segundo C. F. P. MARTIUS, 1858.

e São Paulo e, no sul, avançam em forma de ilhas para dentro do Estado do Paraná. Também penetram no Nordeste seco, e sob a forma de pequenas ilhas e penínsulas entranham-se nas quase infundáveis matas pluviais da Hiléia.

É natural que o trabalho de MARTIUS naquele tempo não pode ser considerado senão como uma primeira tentativa de dar uma ordem geográfica à vegetação do Brasil. Opunham-se a isso enormes dificuldades. Extensos trechos ainda não haviam sido visitados, ao menos não por um botânico. E também da borda da região de campo — interessa-nos nesta conexão apenas a borda meridional — o nosso conhecimento de numerosos pormenores ainda era demasiadamente impreciso; que um mapa da vegetação de então já pudesse dar resultados satisfatórios ou talvez válidos de algum

modo até hoje, o que de modo algum deve diminuir o mérito do grande trabalho pioneiro de MARTIUS que com seu mapa se adiantou à sua época.

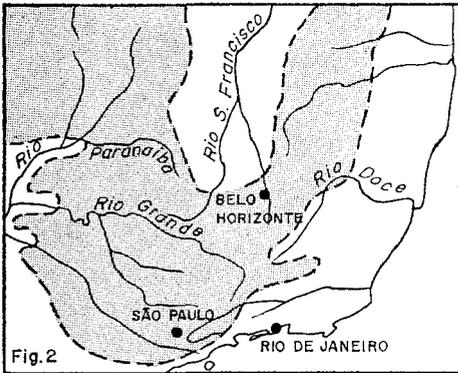


Fig. 2

DivEd/D— pmsl  
Fig. 2 — A extensão das "Oréades", isto é, da vegetação de campo no sul do Brasil, segundo MARTIUS, 1858.

O limite entre a região de campos e das matas decorre, segundo MARTIUS, no sul como segue: saindo de Mato Grosso, através do Paraná (a saber, Paranaíba) e do rio Grande entra no Estado de São Paulo, circunda o território desse estado em um grande arco quase em toda a sua extensão, aproximando-se na Serra do Mar cerca de 30 km do oceano, abarca a parte superior do vale do Paraíba e prossegue para o norte em uma distância de 250 km da costa.

Entre as pranchas ilustrativas que MARTIUS acrescenta à sua FLORA como verdadeiras obras-primas, acha-se também um quadro típico desta região que mostra um campo cerrado do Sul de Minas.

## O QUE É A REGIÃO DAS "ORÉADES" DE MARTIUS ?

De um modo geral o mapa de MARTIUS dá uma boa idéia da extensão dos verdadeiros campos cerrados. O que se considera no mapa como região das "oréades" ou região *montano-cam-*

*pestris* estende-se em grande parte sobre a atual região desta vegetação. Entretanto, a região de MARTIUS abarca bem mais. Em todo o seu trecho meridional há extensas áreas de antigas terras de matas que somente após queimas ou roçados e após transitório cultivo agrícola foram abandonadas ou de outro modo qualquer foram transformadas por cultivo exaustivo (*Raubau*) em terras gramíneas sem valor e sem rendimento. Assim, por exemplo, todo o vale superior do rio Paraiba, indubitavelmente uma antiga região de mata, um dos piores exemplos de devastação que há no Brasil, acha-se incluído por MARTIUS na sua região de campo. Portanto, o mapa de MARTIUS em sua região de campo compreende, além de numerosos outros tipos de vegetação, duas coisas diferentes, a saber:

1. Legítimos campos cerrados, como no interior do país, sobretudo em Mato Grosso e Goiás, isto é, a *Região Central* da geografia moderna. A sua região de difusão, em sua borda meridional, dissolve-se em forma de ilhas: ilhas de campo cerrado situam-se aí em meio de velha região da mata.

2. Região de gramíneas artificialmente formadas, ou PASTAGENS, frequentemente do aspecto de puras estepes de capim. Passaram a ocupar o lugar das matas antigas, somente depois que o homem havia acabado com estas por agricultura exaustiva e desorientada. São todas elas paisagens que desde um ou dois, às vezes também três séculos, ou desde a ocupação do país na época colonial, estiveram cultivadas, ao menos temporariamente, e que foram abandonada sem seguida porque aos poucos o solo se tornou improdutivo. Sem escrúpulo algum ocupava-se terra nova, deixando de lado o solo esgotado. É que então ainda havia terra suficiente à disposição, e ninguém pensava em conservar a produtividade do solo. Destarte surgiram

grandes extensões de terras incultas que em parte já existiam ao tempo de MARTIUS e que agora dão o aspecto a grandes partes do Estado de São Paulo. Surgiram extensas estepes artificiais.

Além de matas (restos de matas) e além dos campos na região aqui tratada, são ainda as CAPOEIRAS que desempenham um grande papel como forma de vegetação que determina a agricultura. São elas também estágios de degradação das matas, nas quais, no entanto, ainda se manteve conservado o crescimento da madeira sob a forma de moitas mais ou menos densas de arbustos. O mundo de organismos do solo ainda não está de tal maneira destruído a não mais poderem reaparecer arbustos e árvores imediatamente após a utilização. Destarte as capoeiras contrastam com as pastagens, nas quais, após decênios de lavoura de café, o reaparecimento de árvores e arbustos se torna extremamente difícil.

## A REGIÃO DE CAMPOS EM REPRESENTAÇÕES CARTOGRÁFICAS MAIS MODERNAS

Durante longo tempo o mapa de MARTIUS ficou sem sucessores. Somente nos últimos decênios fizeram-se várias tentativas de delimitar mais precisamente o território de difusão da paisagem brasileira de campos também no sul, e fixar cartograficamente essa linha divisória. A figura 3, que reproduz apenas uma seleção de tais tentativas, mostra quanta insegurança de nossos conhecimentos se manifesta nesse mister.

K. RÜHLE (1928), cujo mapa contém grandes inexatidões também nas demais partes do Brasil, deixa de considerar a enorme região de cerrado que já era conhecida pelas mais antigas descrições ao norte de Belo Horizonte

(fig. 3,a). O mapa indica uma língua de caatinga que se intromete extensivamente na paisagem de cerrado que aí existe de fato.

PHILIPS (1946) usando a denominação "TROPICAL SAVANA" em um mapa mural que se destina, de preferência, ao uso em escolas americanas (fig.3,b) desloca o limite meridional de uma região de campos para a serra da Mantiqueira, isto é, para o divisor de águas entre os Estados de São Paulo e Rio de Janeiro por um lado e Minas Gerais por outro; desconhece "ilhas" antepostas.

P. E. JAMES (1950) que emprega o termo "SAVANNA" desenha um decurso de linhas muito complicado, mas apenas parcialmente exato (fig. 3, c). As "ilhas indicadas no curso superior do rio Paraíba podem ser talvez interpretadas como forte ampliação da ocorrência em São José dos Campos. A ocorrência perto da cidade de São Paulo acha-se exagerada em sua importância.

C. O. SAUER (que usou o termo "CAMPS"), em seu mapa (fig. 3, d) que se encontra em um manual de indianologia e por isso se tornou pouco conhecido entre os botânicos, generaliza exageradamente o decurso do limite. No mais, esse mapa é bastante digno de menção pela articulação pormenorizada da vegetação sul-americana que aí se acha dividida em 32 unidades. Segundo SAUER, o limite sul, tal como em PHILIPS, alcança a serra da Mantiqueira. Não se encontram assinaladas "ilhas" antepostas.

Conselho Nacional de Geografia (1953). Este mapa, até aí o melhor entre os publicados (fig. 3, e) é encontrado adicionado como pequena cartela-esboço ao mapa do Brasil na escala de 1 : 5.000.000 (aí "Cerrados"). O decurso do limite acha-se um tanto simplificado mas em geral bastante bem reproduzido.

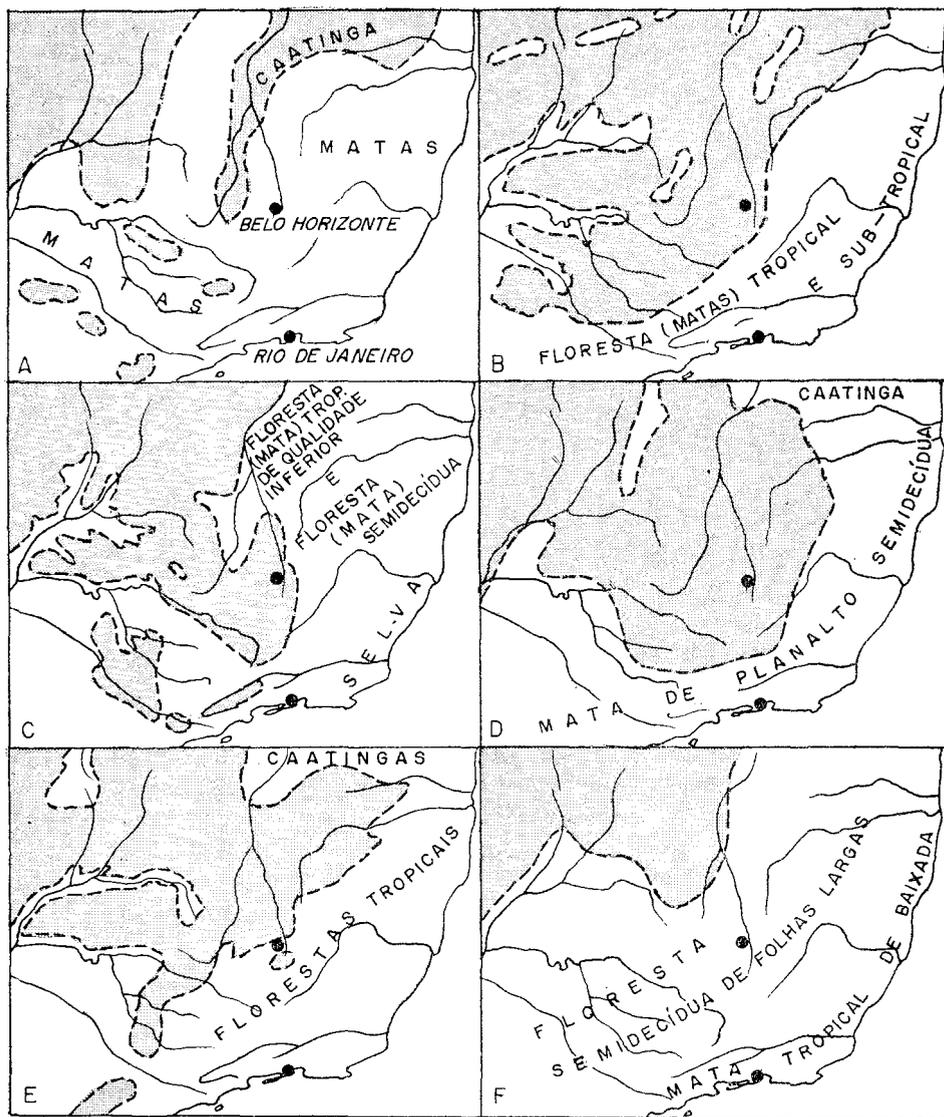


Fig. 3

DivEd/D - pmsl

Fig. 3 — A extensão dos Campos Cerrados no Brasil Meridional segundo diversas representações na literatura — 1929 a 1958.

α) KARL RÜHLE, 1828; b) PHILIPS, 1946, "Tropical Savana"; c) PRESTON JAMES, 1950, "Savanna"; d) C. O. SAUER, 1950, "Camps"; e) Conselho Nacional de Geografia, 1953, "Cerrados"; f) American Geographical Society (1953) "Tropical Grassland and Savana".

American Geographical Society (1953) (aí "Tropical Grassland and Savana"). A região de cerrado acha-se representada evidentemente pequena demais fig. 3, F). O mapa acha-se acrescentado

como um pequeno esboço à margem de um mapa da América.

Como já dissemos, a figura 3 reproduz apenas uma pequena seleção das apre-

sentações na literatura, em parte muito espalhadas sobre a delimitação da região de campos no sul. Poder-se-ia citar mais outros exemplos, o que, no entanto, não tornaria mais nítida a apresentação: apenas mostraria ainda com mais clareza quantas incertezas ainda subsistem.

## A IDÉIA DA PRIMITIVIDADE DE TODOS OS CAMPOS

Quanto à primitividade (originalidade) das regiões isentas de mata, durante longo tempo não se deu tratos à bola. O habitante dessas faixas de terra têm outra preocupação. Sem dúvida ele faz distinção entre CAMPOS CERRADOS e CAMPOS LIMPOS, que são trechos completamente desprovidos de árvores e arbustos. E também conhece as suas PASTAGENS. Também sabe que parte destas se originou pela destruição da mata, mas não será que se vá dar ao trabalho de pensar quais desses tipos de vegetação existiram desde o início e quais mais tarde se formaram de terras de mata por derubada ou queimada.

Nem tampouco os botânicos de então o fizeram, enquanto a pesquisa botânica se movimentou nos limites da sistemática. Sem dúvida, podem supor com segurança que MARTIUS considerou naturais não apenas os campos cerrados mas também a maior parte das pastagens. O meio do século foi para a botânica ainda inteiramente a época de uma contemplação florística da natureza e idéias ecológicas, de conhecimento de vegetação e sucessão que ainda eram estranhas aos botânicos de então. Não surgira ainda uma pesquisa da paisagem original ou primitiva.

Efetivamente, a destruição da mata antiga foi perfeita em várias partes do Estado de São Paulo, no Rio de Janeiro e no Paraná, e assim surgiram aspectos de paisagens tão uni-

formes que a imaginação dessas paisagens incultas, parecidas com estepes, que começam do lado interno da Serra do Mar, ainda era encontrada através da literatura botânica até o fim do século passado.

Particularmente os botânicos europeus que visitaram o Brasil na segunda metade do século XIX e nos dois primeiros decênios deste século, freqüentes vezes durante um prazo excessivamente escasso para compreender também a história do país, foram profundamente impressionados pelas estepes artificialmente criadas, as pastagens, por causa de sua grande extensão e uniformidade. Assim se lê na clássica Fitogeografia de SCHIMPER, 1898: "A leste da Serra do Mar estende-se a majestosa mata costeira do Brasil, a oeste é a savana que predomina". Não explica que nas savanas que realmente começam junto com as matas secundárias das capoeiras subitamente atrás e rente do divisor de águas se trata talvez de uma região artificialmente privada de sua mata. É mais surpreendente que as mesmas idéias se encontrem, ainda quase quarenta anos depois, na última edição dessa obra (1935) aos cuidados de FABER.

De modo semelhante ainda se pronunciou WETTSTEIN, pouco após o início deste século (1904), ao dizer que após transpor o divisor de águas "O aspecto da paisagem e vegetação muda de um golpe, a mata definha-se, e a mais característica formação da segunda região principal da vegetação do Brasil, a savana, rica em gramíneas, se destaca cada vez mais". Também aí expressa-se que à mata pluvial tropical ou subtropical como revestimento florístico em um lado da Serra do Mar, do outro lado da Serra corresponde a savana.

O que SCHIMPER e WETTSTEIN e muitos outros fitogeógrafos viram imediatamente além do *divortium aqua-*

*rum* e descreveram como autóctone para as regiões interiores do Brasil, não é nenhuma estepe natural nem uma savana natural, mas regiões agrícolas abandonadas ou outras regiões incul-tas nas quais se havia cultivado café, algodão, milho, ou cana-de-açúcar, ou que por outras razões havia sido des-pida de sua cobertura florestal.

Campos naturais, legítimos, não ocorrem imediatamente atrás do divisor de águas; não os encontramos senão a certa distância, às vezes, é verdade, bas-tante insignificante.

## **REFLEXÕES CONTRÁRIAS AO CARÁTER SUPOSTAMENTE PRIMÁRIO DO CAMPO, AS CHAMADAS PASTAGENS E SUAS RETIFICAÇÕES**

Todo habitante simples do vale do Paraíba ou de semelhantes paisagens da destruição sabe que suas pastagens, isto é, as supostas estepes naturais, estiveram outrora cobertas de mata. Foram seus pais, seus avós, que fre-quentes vezes, não há tempo demasia-damente remoto, derrubaram a mata. E ele mesmo pôde ver como os restos de mata ainda remanescentes desapa-receram paulatinamente, isto é, foram aniquilados pelo homem. Muitas vezes ele mesmo ajudou nisto esforçada-mente.

Embora seja assim, levou até o perí-odo mais recente que o conhecimento deste fato se formasse também na li-teratura científica. Somente nos últi-mos decênios ocorreu aí uma mudan-ça de opiniões. Desde que os pesquisa-dores se ocuparam não apenas com pes-quisas puramente florísticas, aprendeu-se, antes de tudo, a considerar a vege-tação uma coisa que se origina histo-ricamente ou, por outras palavras, se fazem pesquisas relacionadas à suces-são vegetacional; desde esse momento

reconheceram o verdadeiro caráter das pastagens como vegetação secundária.

Cabe grande parte na retificação de nossas idéias de primitividade da pai-sagem de estepes e savanas à pesquisa da paisagem original que surgiu nesse ínterim, isto é, aquela orientação de pesquisa que tem por fim obter cla-reza sobre o revestimento florístico, não influenciado pelo homem. Apre-ndeu-se, antes de tudo, a avaliar corre-tamente o efeito devastador de incên-dios artificialmente provocados sobre a vegetação. Nisto não deixaram de ficar sem influência observações que haviam sido registradas por botânicos e geógrafos franceses e alemães (prin-cipalmente A. AUBREVILLE, PER-RIER DE LA BATHIE, J. TRO-CHAIN, C. BUSSE), em regiões mais densamente povoadas da África, de Madagáscar e da Ásia, e que permiti-ram reconhecer à saciedade quão efi-cazmente se pode transformar uma pai-sagem de mata em uma estepe, contan-to que seja maltratada em um espaço de tempo suficientemente longo.

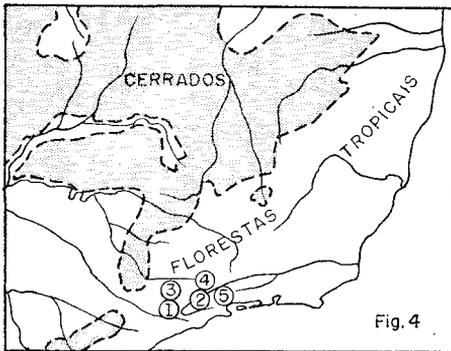
Não apenas em descrições gerais botâ-nicas e fitogeográficas, mas também em outras descrições geográficas, até mes-mo em trabalhos econômicos, tornou-se rapidamente uso apontar as devasta-ções já existentes e as conseqüências a esperar de uma continuada lavoura de devastação. Chegou o tempo em que nos trabalhos e manuais geográ-ficos apareceram cada vez mais mapas e esboços, nos quais se mostrou a "marcha do café" para oeste e simulta-neamente a extensão que as destruições tinham assumido no terreno abando-nado no Brasil.

Hoje é mais que provável que não haja mais dúvida quanto ao fato de que todas as terras das chamadas pas-tagens em São Paulo e Rio de Janeiro foram outrora regiões de mata.

## ALGUNS CAMPOS CERRADOS RECENTEMENTE ENCONTRADOS

A figura 4 mostra alguns campos da região limítrofe sul, recentemente descobertos, que ainda não puderam ser registrados no mapa do Conselho Nacional de Geografia (fig. 3, e). São os seguintes lugares:

1. Uma pequena região com diversas plantas de cerrado perto de Butantã, A. B. JOLY, 1950.



DivEd/D - pmsl

Fig. 4 — A situação de algumas "ilhas" de cerrado que, em anos recentes, se tornaram conhecidas no Estado de São Paulo.

2. Um cerrado de alguns quilômetros quadrados de extensão, bem desenvolvido, ao sul de São José dos Campos, conhecido desde há alguns anos. Altitude de cerca de 1,200 m.

3. Um cerrado rudimentar desenvolvido, ao sul de Atibaia, descoberto em 1953 pelo autor em trabalhos de topografia. Altitude de 800 m, precipitação pluvial de 1.500 mm.

4. Uma pequena mancha com cerrado bem desenvolvido, a 1.450 m de altitude, perto de Campos do Jordão na Serra da Mantiqueira (cerca de 1.700 mm de precipitação pluvial). A esta ocorrência atribui-se uma significação fitogeográfica particular, devido

à sua situação incomumente alta. Encontrada em uma excursão através da região de araucárias de Campos do Jordão, 1956.

5. Pequena ocorrência rudimentar de campos cerrados, rente a Cunha, descoberta em 1954.

## A IDÉIA DO SUPOSTO CARÁTER SECUNDÁRIO DOS CAMPOS CERRADOS

É preciso que neste lugar se diga que na tendência de considerar agora os campos artificialmente condicionados, não se deixou de cometer excessos. Começou-se e considerar não apenas as pastagens uma vegetação secundária, o que é absolutamente certo, mas também os cerrados. E isso, manifestamente, não está certo. Originalmente, quase que não houve — tanto como para as pastagens — dúvida quanto à primitividade dos cerrados, nem com MARTIUS nem com a maioria dos botânicos posteriores. EUGEN WAR-MING, ao qual devemos, em 1901, a primeira descrição pormenorizada de uma paisagem de campos cerrados em Lagoa Santa, em Minas Gerais, confronta os campos cerrados com as matas e pântanos como vegetação primitiva à vegetação secundária. Seguiram-no numerosos outros observadores.

Desde que, porém, se reconheceu a origem artificial das pastagens, avolumaram-se as tentativas de considerar também cerrados totalmente típicos uma vegetação secundária. Encontramos claramente dito que:

1. os cerrados são uma vegetação secundária;
2. ocuparam o lugar de matas destruídas, e
3. a sua origem foi ajudada sobretudo por incêndios artificialmente provocados.

Essas afirmações, que são absolutamente de natureza histórica de desenvolvimento, costumam ser apoiadas em observações ecológicas que, de modo algum, são da região de difusão, por excelência, dos cerrados, mas na borda da área dos campos cerrados, ainda em São Paulo, em uma das mais densamente povoadas regiões do Brasil.

Em tempos recentes encontramos essas opiniões não apenas impressas e publicadas, mas hoje em dia se desenvolveram muito mais por transmissão oral. A situação atual é que, em teoria, se não for combatida prontamente, ameaça tornar-se um perigo para o desenvolvimento da pesquisa relativa à vegetação (primitiva).

## AS RAZÕES PARA A PRIMITIVIDADE DOS CERRADOS

Antes de reunir as razões para a primitividade dos cerrados no Brasil, desejo ressaltar que conheço a vegetação desde os primeiros tempos de minha estada no país, não apenas nas regiões marginais, mas também em numerosos lugares no interior de Mato Grosso e Goiás. Conheço pessoalmente a região amazônica, onde apenas como ilhas interrompem as infundáveis matas pluviais da Hiléia. E justamente a sua origem é que me deu que pensar.

As razões para a primitividade são as seguintes:

1. A região de principal difusão não se situa no Estado de São Paulo, onde, sem dúvida, os cerrados são melhor conhecidos pelos trabalhos dos meus colegas da Universidade de São Paulo e onde realmente a influência humana tem estado particularmente forte desde séculos, onde, porém, agem como corpos estranhos em uma vegetação diversa. Pelo contrário, a sua região principal localiza-se justamente no interior do Brasil, onde o homem influenciou

a vegetação apenas de modo insignificante ou de modo algum. Justamente aí, onde a influência é mínima, encontramos a mais importante região de cerrado de extensões realmente gigantescas.

A densidade da população naquelas regiões é muito rarefeita. Isto não acontece apenas hoje em dia, mas também nos dias em que essas regiões estiveram habitadas exclusivamente pelos indígenas, o que se dá ainda hoje em grande parte. Meus colegas do Serviço de Proteção aos Índios conhecem extensas paisagens nas quais o branco jamais praticou qualquer intervenção tendente a modificar a paisagem e onde também é possível imaginar que a insignificante população nativa não tenha podido influenciar o aspecto da vegetação de modo tão igual e intensivo. Encontramos os cerrados de aspecto típico, sem qualquer intervenção, em vôos de horas sobre Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais. Vemo-los com um quê de enfado e uniformidade quase aterradoros em regiões onde jamais viveu uma população que tivesse sido bastante forte para alterar o revestimento florístico natural, tão profundamente, nem por queimadas nem por desmatamento.

2. A idéia de que a maioria dos cerrados ou de outras savanas e de outras regiões de gramíneas nos trópicos tenham sido causadas por fogo, tem sua origem em grande parte nas observações preferencialmente de colegas franceses em partes mais densamente povoadas do Velho Mundo, na Ásia e na África. Conhecemos essas idéias sobretudo de trabalhos que foram publicados nos últimos três decênios. Ainda até o fim do século passado as mesmas paisagens foram, em grande parte, consideradas naturais e supunha-se que também sua vegetação tivesse se desenvolvido sem maior influência por parte do homem.

Destarte, a teoria do fogo (incêndio, queimadas de cerrados) é bastante nova e para paisagens densamente povoadas é uma teoria perfeitamente acertada. Ninguém desprezará ou contestará a influência do fogo em tais paisagens.

Entretanto, como é freqüente em idéias novas: a sua importância foi superestimada. E pior: a teoria foi transferida a regiões onde não se justifica. Vale isto para vastas partes do interior do Brasil. Não podemos ocultar nem menosprezar as destruições que, já em nossos dias, têm sido causada pela queima, em muitas partes dos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, etc. Qualquer um pode vê-las. Contudo, não podemos aplicar a teoria de fogo a regiões despovoadas. E amplos tratos de terras do Brasil interior, nos quais os cerrados se tornaram a vegetação predominante, ainda hoje se encontram completamente sem habitantes.

3. Os cerrados distinguem-se por uma vegetação muito uniformemente composta. Espécies como *Kielmeyera coriacea*, *Curatella americana*, *Byrsonima verbascifolia* e muitas outras, encontramos-las tanto nos cerrados de São Paulo como nos cerrados (aí denominados "campinas") da região amazônica; significa isso um distanciamento de mais de 2.500 quilômetros. Os cerrados têm a mesma composição, acham-se rodeados por mata pluvial tropical, por tipos de mata subtropical ou por outros tipos de vegetação. Conhecemos agora um cerrado situado na região das araucárias, na serra da Mantiqueira, a mais de 1.400 m de altitude. Também ele tem composição de espécies, embora empobrecida, dos outros cerrados.

Ensina-nos a fitogeografia que toda vegetação natural, se tiver sido destruída por quaisquer razões, é sucedida por uma vegetação secundária perfeitamente determinada. As relações entre a vegetação primária e secundária faci-

litam muito na Europa, mesmo em regiões fortemente influenciadas, reconhecer o revestimento florístico primitivo. Seria uma observação como nunca fizemos, se justamente no Brasil, nos cerrados, queimando o revestimento vegetal anteriormente existente, tanto na Hiléia como nas regiões do Sul ou na região dos tipos de mata subtropicais, deveria surgir sempre uma vegetação de igual aspecto e de igual composição florística de espécies: justamente o que denominamos cerrado. Tal desenvolvimento é bastante improvável.

4. Cabe-nos também verificar diretamente: se queimarmos uma mata dentro da atual região de mata, de modo nenhum se forma em consequência disso um novo cerrado. Apenas nos arredores imediatos de cerrado existente, plantas de cerrado podem porventura penetrar em áreas de destruição contíguas. Aí dá-se, realmente, pela destruição de pequenas ilhas de mata, às plantas do cerrado a possibilidade de penetrar em antiga terra de mata e ampliar o cerrado; mas não podemos transportar essas observações para aquelas paisagens às quais faltam cerrados originais.

5. Tão pouco podemos reconhecer a importância do fogo (queima) como causa de origem para as pequenas ilhas de cerrado em meio da Hiléia. Parece impossível que, sob as circunstâncias atuais, as sementes de plantas de cerrado possam atravessar, centenas de milhas, as densas matas pluviais da Amazônia, para ocupar pequenas áreas que o homem despiu de mata. Ocasionalmente a distância entre tais pequenas ilhas de cerrado e a próxima região de cerrado em bloco importa em mais de 500 quilômetros. Destarte, as pequenas ilhas de cerrado, não podemos considerá-las os primeiros representantes de uma vegetação a surgir de novo, mas pelo contrário, os últimos remanescentes de uma vegetação florística que outrora esteve muito difundida na

Amazônia, mas não se coaduna com as condições ecológicas de hoje e é, cada vez mais, escoraçada pela mata pluvial a aproximar-se.

6. Muitas das mais importantes espécies dos cerrados distinguem-se pelo seu aspecto extraordinariamente uniforme, embora provenham de famílias muito distanciadas entre si. Têm aproximadamente a mesma altura dos troncos, o mesmo aspecto da copa, a mesma grossura da casca e as mesmas formas retorcidas dos galhos. Disto resulta aquele aspecto típico do cerrado, que nos permite distinguir uma planta de cerrado, muita vez à primeira vista, de uma planta da caatinga.

Este fato permite-nos supor que o aspecto de cerrado seja o resultado de uma adaptação muito longa a condições ecológicas que desde épocas remotas pouco ou quase nada se modificaram.

## CONCLUSÃO

Considerando todos os fatos apresentados, temos a considerar os cerrados

uma vegetação primitiva, tal como a natureza a criou.

Explicar a sua origem é tanto um problema da fitogeografia histórica como ecológica. A única explicação satisfatória que nos é dada encontrar, no momento, parece considerá-la remanescente de um revestimento florístico antigo, outrora mais difundido, que teve e ainda tem seu centro de difusão no Brasil central. Podemos fazer idéia que essa vegetação sob condições que diferiram das atuais, mas foram mais favoráveis para o seu aperfeiçoamento, pôde estender-se muito além de seu atual centro até em partes do Paraná, São Paulo, Amazonas e outros estados limítrofes. E com razão podemos supor que após uma mudança das condições climáticas — para a qual não nos faltam indícios — as ocorrências marginais de cerrado foram com tal ímpeto apertadas pela vegetação circundante que hoje aparecem como ilhas de uma vegetação antiga, remanescente em meio dos seus arredores.

## BIBLIOGRAFIA

- ALVIM, Paulo de T. (1954) — Teoria sobre a formação dos Campos Cerrados. *Rev. Bras. Geogr.*, 16 (1.º 496-498).
- Anuário Estatístico do Brasil* (1954) — Conselho Nacional de Estatística. Rio de Janeiro.
- FERRI, M. G. — Transpirações de plantas permanentes dos Cerrados. *Bol. Fac. Fil. Ciênc. Letr. Univ. S. Paulo*, 41, Botânica, 4: 155-224.
- FERRI, M. G. — 1953 — Water-balance of plants from the "Caatinga". *Rev. Brasil. Biol.*, 13, Rio de Janeiro.
- FERRI, M. G. — 1955 — Contribuição ao conhecimento da ecologia do Cerrado e da Caatinga. *Bol. Fac. Ciênc. Letr. Univ. S. Paulo*, 1955. Botânica 12: 1-170.
- FRANÇA, Ary — 1956 — The coffee trail and pioneer fringe; guide book of excursion 3. *Int. Geogr. Congr.* 18 — Rio de Janeiro.
- HOEHNE, F. C. — 1930 — Araucarilândia. Observações gerais e contribuições ao estudo da flora e phytophisionomia do Brasil. São Paulo.
- HUECK, Kurt — 1953 — Distribuição e *habitat* natural do Pinheiro do Paraná. *Bol. Fac. Ciênc. Letr. Univ. S. Paulo*, Botânica 10.156.

- JAMES, Preston E. — 1950 — *Latin America*, 2. ed. New York, Boston.
- JOLY, Aylton B. — 1950 — Estudo fitogeográfico dos Campos de Butantã (São Paulo) *Bol. Fac. Ciênc. Letr. Univ. S. Paulo*, 109, Botânica 8: 13-68.
- MARTIUS, C. F. P. — 1840-1905 — *Flora Brasiliensis*. Munique.
- PHILIPS — 1946 — *South America Natural Vegetation*. In *Philips Series of Comparative Wall maps*. Chicago.
- RACHID, M. — 1947 — Transpiração e sistemas subterrâneos de vegetação de verão nos Campos Cerrados de Emas. *Bol. Fac. Fil. Ciênc. Univ. S. Paulo*, 80, Botânica 5: 140.
- RAWITSCHER, F. — 1948 — The water economy of the vegetation of the "Campos Cerrados" in southern Brazil. *J. Ecology*. 36 (2).
- RAWITSCHER, F. — 1949 — El balance de agua de la vegetación de los campos secos del Brasil meridional y su significación. *Ciênc. e Invest.* 5-(3-4).
- RAWITSCHER, F. — 1952 — Contribuições à questão da difusão natural de savanas naturais. *Mitt. Geogr. Ges.*, Hamburg.
- RAWITSCHER, F. et alli — 1943 — Profundidade dos solos e vegetação em campos cerrados do Brasil Meridional. *An. Acad. Brasil. Ciênc.* 15 (4): 267-294.
- RÜHLE, Karl — 1928 — As formas de vegetação da América do Sul em seu conjunto de condições climáticas. *Petermanns Mitteilugem* 74, Gotha.
- SAUER, CARL O. — 1950 — "Geography of South America" In J. H. Steward, *Handbook of South American Indians*, 6 (Smithsonian Inst.) Bureau of Americ. Ethnology, Bull. 143, Washington; 319-340.
- SCHIMPER, A. F. W. — 1935 — *Fitogeografia em base fisionômica*. 3.<sup>a</sup> edição redigida por Faber, Iena.
- WARMING — 1908 — Lagoa Santa. Contribuição para a geografia fotobiológica, Belo Horizonte. Edição em dinamarquês: in D. Kgl. Dansk. Vidensk. Selkk. Skrifter, G., Raekke, Naturvidensk. og Math. Afd. 6 (3) Copenhagen, 1892.
- WETTSTEIN, T. R. — 1904 — *Quadros de vegetação do Brasil Meridional*, Leipzig, e Viena.

Oceanografia

Divisão do Brasil em Regiões

Funcionais Urbanas

Geografia das Paisagens

Cultural Change in Brazil

Deslocamento das Indústrias Cariocas

e os Aspectos da Geografia de Indústrias

do Rio de Janeiro

Revista de Geografia

Journal of Geography

Photogrammetric Engineering

## Bibliografia

227

### LIVROS

OCEANOGRAFIA — Centro de Cooperación Científica de la Unesco para la América Latina — Bibliografías Latinoamericanas — Montevideo — Uruguay — 1963.

O Centro de Cooperação Científica da Unesco para a América Latina, cumprindo as recomendações do Seminário Latino-Americano de Estudos Oceanográficos realizado em Concepción, Chile, 1961, editou o presente volume, em que se encontram trabalhos de especialistas de diversas disciplinas.

As contribuições para a elaboração desta obra constituem, em alguns casos, extensas bibliografias sobre os respectivos temas. Os dados bibliográficos estão, entretanto, ajustados e uniformizados segundo as normas internacionais.

Os editores apresentam também uma lista de abreviaturas correspondente às publicações mencionadas. Esta lista está atualizada de acordo com a *World List of Scientific Periodicals* e com a lista de abreviaturas preparadas pelo Centro de Documentação Científica e Técnica da América Latina.

*Oceanografia* contém trabalhos sobre assuntos relacionados com a física do mar, os bentos, equinodermos e a biologia dos peixes, e constitui inegavelmente contribuição valiosa para a divulgação da literatura científica latino-americana.

A. S. F.

DIVISÃO DO BRASIL EM REGIÕES FUNCIONAIS URBANAS — Ministério do Planejamento e Coordenação

Geral — Fundação IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia — Rio de Janeiro, 1972.

O Instituto Brasileiro de Geografia, da Fundação IBGE vem de editar a *Divisão do Brasil em Regiões Funcionais Urbanas*, resultante da revisão e reelaboração das áreas de influências das cidades brasileiras propostas em *Esboço Preliminar da Divisão do Brasil em Espaços Polarizados*, publicado em 1967.

Trata-se de modelo de divisão regional apresentado segundo conceito formulado por Haggett e Chorley a partir de “uma estrutura simplificada da realidade, que apresenta, supostamente, características significativas ou relações de forma generalizadas”. A linha metodológica desse estudo — explica a geógrafa Elza Keller — segue, assim, concepção de que a cidade não é apenas uma forma, mas uma estrutura, dada pela existência de uma economia básica urbana, capaz de estabelecer laços econômicos entre as cidades e suas regiões.

Como indicadores de pesquisa foram utilizados os relacionamentos mantidos pelos centros urbanos entre si, empregando-se, por sugestão de J. P. Cole, matriz de dados para se proceder ao somatório das ligações obtidas. Segundo esse critério, foi realizada a hierarquização, a nível nacional, dos 718 centros urbanos brasileiros. Tais centros foram classificados em quatro níveis num sistema de dominância e subordinação: Centros Metropolitanos, Centros Regionais, Centros Sub-regionais e Centros Locais.

Essa nova publicação do Instituto Brasileiro de Geografia, para fins de ação administrativa, oferece, na área geográfica, novos subsídios necessários à compreensão da organização e da regionalização do espaço brasileiro.

L. C. B.

GEOGRAFIA DAS PAISAGENS — Gabriel Rongerie. Coleção “SABER ATUAL”, Difusão Européia do Livro. São Paulo, Brasil, 1971.

SUMÁRIO — Capítulo I — As paisagens litorâneas: I. Paisagens de costas rochosas; II. Paisagens de costas arenosas; III. Paisagens de costas pantanosas. Capítulo II — As paisagens de planícies e planaltos nos países frios; I. Paisagens das regiões circunpolares; II. Paisagens abertas dos meios subpolares; III. Paisagens florestais dos meios subpolares. Capítulo III — As paisagens das planícies e planaltos das latitudes médias: I. Paisagens das fachadas oceânicas nas terras temperadas; II. Paisagens das massas continentais temperadas; III. Paisagens dos *puzzles* mediterrâneos; IV. Paisagens das latitudes médias orientais. Capítulo IV — As paisagens das esplanadas e terras baixas intertropicais; I. Paisagens dos desertos tropicais; II. Paisagens de planícies e de esplanada dos trópicos secos; III. Paisagens de florestas densas nas terras baixas equatoriais. Capítulo V — As paisagens montanhosas. Bibliografia Sumária.

CULTURAL CHANGE IN BRAZIL — Papers from the Midwest Association for Latin American Studies — October 30 and 31, 1969.

Trata-se de publicação referente a estudos sobre mudança cultural no Brasil, assunto a que se dedicou a “Midwest Association for Latin American Studies” em uma de suas reuniões, realizada em outubro de 1969, na “Ball State University”, em Indiana, Estados Unidos da América do Norte.

A matéria é apresentada sob variados enfoques: no campo da atividade política, quanto às transformações da engenharia brasileira, no tocante à influência imigratória e a fixação de grupos sociais, à agricultura das regiões brasileiras, à população rural e ao Go-

verno do Presidente Juscelino Kubitschek, em que se operou a mudança da capital para Brasília.

Os temas são subscritos por cientistas reconhecidamente conhecedores dos assuntos culturais brasileiros, ligados à história e ao desenvolvimento político, tecnológico e social do País.

TEMÁRIO: — “The Military and Change in Brazil”, por Frank D. McCana; — “Transformations in Brazilian Engineering Education: An Indicator of Modernity”, de Richard L. Cummings; — “Developing Democrats: Sociocultural Change among the Brazilian Mennonites”, por R. Herbert Minnich; — “The Agricultural Frontier in Modern Brazilian History: The State of Paraná, 1920-65”, de William H. Nicholls; — “Small Farmer and Rural Worker Characteristics in the Emergence of Brazilian Peasant Pressure Groups, 1955-1968”, de Neale J. Pearson; — “The Kubitschek Years, 1956-61: A Massive Undertaking in a Big Rush”, de Armin K. Ludwig.

C.S.

DESLOCAMENTO DAS INDÚSTRIAS CARIOCAS E OS ASPECTOS DA GEOGRAFIA DAS INDÚSTRIAS DO RIO DE JANEIRO — Estado da Guanabara, Secretaria de Estado de Governo, Coordenação de Planos e Orçamentos — Agosto de 1969.

A secretaria de Coordenação de Planos e Orçamentos do Governo do Estado da Guanabara publicou um opúsculo referente à classificação das indústrias segundo suas dimensões econômicas.

A matéria apresentada constitui parte preliminar dos estudos daquela Secretaria de Estado sobre o deslocamento das indústrias cariocas e os aspectos da geografia dessas indústrias, situadas no Rio de Janeiro.

A classificação das indústrias, em registro, baseia-se em dados fornecidos pela Fundação IBGE, através do Registro Industrial de 1962, contendo o anexo extensa bibliografia que lhe serviu de orientação no desenvolvimento do trabalho.

C.S.

---

## PERIÓDICOS

---

REVISTA DE GEOGRAFIA — Volume III, N.º 2 — Enero-Diciembre, 1969 — Departamento de Geografía de la Universidad de Barcelona — Barcelona — Espanha.

A Biblioteca do IBG incorporou ao seu acervo mais um exemplar desta publicação semestral editada pelo Departamento de Geografía da Universidade de Barcelona, cujo sumário é o seguinte: ARTICULOS: El modelo de la base económica urbana, Horácio Capel Saéz; Deterioración urbana e inmigración en un barrio del casco antiguo de Barcelona: Sant Cugat del Rec, José Olives Puig; INFIRMACION Y DOCUMENTACION. Varios: Simposio sobre la conservación de la Biosfera. La regionalización en los países en vías de desarrollo: el caso de Brasil, Horácio Capel Saéz; Un libro destinado a la enseñanza de la Geografía en América Latina, J. Vilá Valentí; Congresos y asambleas geográficos y cartográficos celebrados en Nueva Delhi (Diciembre 1968), F. Vázquez Maure. BIBLIOGRAFIA. Varios: Las comunicaciones presentadas al XXI Congreso Geográfico Internacional. La cartografía temática en Venezuela, J. Vilá Valentí.

JOURNAL OF GEOGRAPHY — Volume LXXI, January, 1972, Number 1 — Published by the National Council for Geographic Education — Chicago, Illinois, U.S.A.

Este exemplar trata dos seguintes assuntos: Articles: Celebrating Seventy-five years of the Journal of Geography – 1897-1972, Katheryne Thomas Whittemore; Zambia's Changing Pattern of External Trade, Roel C. Harkema; Racial Segregation: A Geographical Adaptation and Analysis, Mark Lawry II; The Random Walk Drainage Simulation Model as a Teaching Exercise, Colin High and Paul Richards; The Amish, The Automobile, and Social Interaction, James E. Landing.

**PHOTOGRAMMETRIC ENGINEERING** – Journal of the American Society of Photogrammetry, vol. . . . XXXVIII, n.º 1. January, 1972 – Virginia – U.S.A.

Publicado mensalmente pela American Society of Photogrammetry, este periódico apresenta artigos do maior interesse para a engenharia fotogramétrica, baseados em estudos em que são empregados métodos modernos, atualiza-

dos com técnicas e instrumental utilizados no Canadá e Estados Unidos, dois dos maiores centros de desenvolvimento da fotogrametria mundial.

Eis o índice da publicação: Image Resolution from Satellites, Alden P. Colvocoresses; Field Measurements with Common Equipment, N. C. Janke; Competition Estimator for Forest Trees, Robert P. Latham; Tolerances in Holography, J. P. Agnard, A. J. Brandenberger and A. Boivin; Stability of Estar-Base Films, P. Z. Adelsstein; Film Diapositive Deformation, M. E. H. Young and H. Ziemann; Triangulation with S-W-A Photos, Dr. Eugene E. Derenyi; AS-II A Radar Program, F. Raye Norvelle; Color, the Kelsh, and the PPV, Joseph O. Danko, Jr. Newsletter: Obituary, Bertil Hallert, Articles for Next Month, Book Review, High School Program at 71 Convention, International Archive, 1968, Photogrammetry Congress in 1972.

Presidência da República

Certames

Unidades Federativas

## Noticiário

231

### PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

**MEDALHA DO MÉRITO INDIGENISTA** — O Presidente da República General Emílio G. Médici baixou decreto, de n.º 71.258, de 13 de outubro de 1972, *que Institui a Medalha do Mérito Indígenista*, a ser conferida a brasileiros ou estrangeiros que se distinguirem pela prestação de serviços relevantes, em caráter altruístico, relacionados com o bem-estar, a proteção e a defesa das comunidades silvícolas do País.

●  
**RESERVA INDÍGENA CRIADA POR DECRETO** — Por decreto presidencial foi declarada como Reserva Indígena área situada no Município de Tocantínia, no Estado de Goiás. É a seguinte a íntegra:

“Art. 1.º — É declarada área reservada aos índios Xerentes, para os efeitos do artigo 198 da Constituição, a situada no Município de Tocantínia, Estado de Goiás, com a seguinte descrição: partindo da barra do rio Piabanha Grande com o Rio Tocantins, seguindo por este abaixo até a barra do Ribeirão Gorgulho; daí subindo por este até sua cabeceira, e fletindo no rumo NE, pela

linha limítrofe do Município de Pedro Afonso, até a barra do Ribeirão Perdida com o rio do Sono; e pelo rio do Sono acima até a barra do Córrego Brejão; e por este acima até sua cabeceira; daí por uma linha seca de direção SW até atingir a cabeceira do Córrego Matias; daí por este lado abaixo até sua barra no Rio Preto; daí descendo por este até a barra do Ribeira Almeida; subindo por este até a barra do Córrego Água Fria; daí por este acima até sua cabeceira; daí por linha seca no rumo SW até à cabeceira do Córrego Bebedouro dos Porcos; e descendo por este abaixo, até sua barra com o rio Tocantins, ponto onde teve início a descrição.

Art. 2.º — A Fundação Nacional do Índio (FUNAI) exercerá administração da área indígena descrita no artigo anterior, podendo requisitar, no exercício dos poderes que lhe confere a Lei n.º 5.371, de 5 de dezembro de 1967, a cooperação da Polícia Federal para impedir ou restringir o ingresso, o trânsito ou permanência de pessoas ou grupos, cujas atividades sejam julgadas nocivas ou inconvenientes ao processo de assistência aos índios, na área referida.

# MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO GERAL

## Fundação IBGE

### INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA

**REGIONALIZAÇÃO** — Estado Atual das Pesquisas no IBG — Os estudos dos processos da regionalização e da estrutura espacial do País, incluídos nestes estudos, centralidade, relação cidade-campo, fluxos, áreas metropolitanas e padrões de produção e consumo vêm alcançando no Instituto Brasileiro de Geografia, altos índices de aplicabilidade operacional.

Seguindo recomendações constantes da I Conferência Nacional de Geografia e Cartografia, os estudos de regionalização do espaço brasileiro, desenvolvidos no Departamento de Geografia, foram apresentados, inicialmente, no artigo "Divisão Regional do Brasil" (GALVÃO, Marília Velloso e FAISSOL, Speridião), publicado na *Revista Brasileira de Geografia*, ano 31, n.º 4.

Fugindo à formulação de uma divisão regional eclética que servisse a todos os fins, esses estudos caminharam no sentido de elaboração de divisões regionais específicas atendendo a três objetivos:

1 — *Fins Estatísticos* — Tomando-se por base os conceitos e critérios de regiões homogêneas, nesse modelo o espaço homogêneo definido como forma de organização, em torno da produção, foi expresso por combinações de fatos físicos, sociais e econômicos e permitiu a individualização de áreas que se indentificassem por certa forma de combinações desses fatos dentro de determinado nível de generalização. Dentro de cada Estado, quanto menor o grau de generalização e maior o número de elementos geográficos considerados, menores e mais numerosos foram os espaços diferenciados.

O resultado final desse estudo, documentado em publicação IBG-Divisão do Brasil em *Microrregiões Homogêneas* — apresenta o espaço brasileiro dividido em 361 unidades homogêneas, e serviram de base para tabulação de dados estatísticos a partir do Censo de 1970, em substituição às antigas zonas fisiográficas.

2 — *Fins de Descentralização de Ação Administrativa*. Constituindo o segundo mode-

lo da Divisão Regional do Brasil e tendo por resultado a recente publicação da *Divisão do Brasil em Regiões Funcionais Urbanas*, nesses estudos 718 centros urbanos brasileiros foram hierarquizados a nível nacional.

Estruturando o espaço brasileiro dentro de um esquema de dominância e subordinação, segundo modelo idealizado a partir de conceito formulado por HAGGETT E CHORLEY, esses centros foram classificados em quatro níveis: centros metropolitanos, centros regionais, centros sub-regionais e centros locais.

O principal objetivo dessa classificação das cidades brasileiras foi servir de modelo na orientação da política regionalizada do desenvolvimento e na racionalização do suprimento dos serviços de infra-estrutura urbana, pela distribuição espacial mais adequada desses serviços, introduzindo critérios racionais de localização dos investimentos e das atividades setoriais dos governos estaduais e federal, favorecendo, assim, à ação administrativa.

3 — *Fins de Planejamento*. Destinadas a definir uma divisão regional de modo a oferecer informações básicas às políticas de desenvolvimento econômico, esses estudos, nesse nível, encontram-se ainda em fase preliminar de levantamentos de dados e definição de critérios.

## CURSO PARA ORIENTADORAS PEDAGÓGICAS DA GUANABARA

Subordinado ao tema geral "Aspecto da Geografia Econômica do Brasil", o Instituto Brasileiro de Geografia, da Fundação IBGE, através do Departamento de Documentação e Divulgação Geográfica e Cartográfica (DEDIGEO), vem de promover mais um Curso para Orientadoras Pedagógicas da Guanabara.

Iniciado em 26 de setembro, com aula do Prof. Ney Strauch, diretor do DEDIGEO, focalizando "A Geografia Econômica e seu Objeto de Estudo", o Curso está sendo realizado no Liceu Literário Português, às terças e sextas-feiras, com carga horária total de 22 horas, encerrando-se no dia 31 de outubro.

Além da aula inaugural, o Curso desenvolve os seguintes assuntos: "O Homem e seu papel na vida econômica: A população em suas implicações na vida econômica (a distribuição, composição etária, nível cultural, especialização profissional, tendências da população). Setores de atividade" — Sonia Alves de Souza; "A organização do espaço econômico: o núcleo e a periferia" — Aluzio Capdeville Du-

arte; "Estruturas urbanas e as novas formas de relações econômicas (distribuição de bens e prestação de serviços; relações cidade-campo) — Dulce Pinto; "O estágio de desenvolvimento da indústria brasileira. As áreas industriais do País" — Diva de Quina Almeida; "Os espaços agrícolas. A agricultura moderna e a lavoura tradicional. Problemas da agricultura brasileira" — Jane de Abreu Ferro; "Panorama Geral da Mineração no Brasil — aspectos dinâmicos e de estagnação. Os diferentes estágios de extrativismo vegetal através de uma visão regional" — Carlos Goldenberg; "A organização dos transportes e o papel dos portos no desenvolvimento do comércio" — Armely Maricato; "Retrospecto do desenvolvimento econômico do Brasil através dos tempos" — Maria Francisca Cardoso; "A vida econômica da Guanabara" — Haidine Duarte; "Projeção" (*Slides sobre o tema central, com orientação*) — José Cezar de Magalhães.

●

#### CURSOS DE ATUALIZAÇÃO E APERFEIÇOAMENTO PARA PROFESSORES DE GEOGRAFIA — Paranavaí (PR) e Bauri (SP)

O Departamento de Documentação e Divulgação Geográfica e Cartográfica (DEDIGEO), durante os meses de setembro e outubro do corrente, realiza mais dois cursos de atualização e aperfeiçoamento para professores de geografia, nível superior: no Paraná, na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Paranavaí, de 21 de setembro a 1 de outubro/72 e em São Paulo, na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras do Sagrado Coração de Jesus de Bauri, no período de 16 a 21 de outubro/72.

"Leitura e Interpretação de Cartas foi o tema desenvolvido em ambos os Cursos, sendo as aulas ministradas pelos professores Maria Francisca Thereza Cavalcanti Cardoso e Carlos de Castro Botelho, chefes, respectivamente, do Centro de Cooperação Técnica do DEDIGEO, que organiza os cursos patrocinados pelo IBG, e da Seção de Coordenação Geográfica do Atlas Nacional do Brasil, DEGEO.

●

#### NOVOS LANÇAMENTOS — *A Cidade de Florianópolis e sua área de Influência*. Foi editado recentemente mais um volume da coleção Subsídios ao Planejamento da Área Nordeste: *A Cidade de Florianópolis e sua Área de Influência*. Até o presente foram editados dez volumes, faltando seis para completar a série.

*Boletim Geográfico* — Já podem ser adquiridos os números 225 e 226 do *Boletim Geográfico*, correspondentes aos bimestres novembro-dezembro/71 e janeiro-fevereiro/72, respectivamente.

Esses exemplares do BG tratam dos seguintes assuntos: BG. 225 — "Macció e sua Área de Influência", Hilda da Silva *et al.*; "O Problema da Alimentação na Civilização Atual", Martin Hengst; "A Aeronáutica Cósmica e sua Utilidade para a nossa Vida", Leopold Kletter; "Circulação no Hemisfério Sul — Chuvas de Verão", Adalberto Serra; e "O Atol das Rocas", Osmar de Azevedo Rodrigues. BG. 226 — "Problemas de Mensuração em Modelos Geométricos, da Percepção e da Preferência", Donald Demk; "O Mar e seu Aspecto Legal", Geraldo Wilson Nunam; "Circulação Hemisférica (Chuvas de Outono)", Adalberto Serra; "Tectonismo Transversal na América do Sul", Louis de Loczy; "A Conservação da Natureza", José Cândido de Melo Carvalho. As seções Bibliografia, Noticiário e Legislação de interesse geográfico e cartográfico completam o *Boletim Geográfico*.

#### INSTITUTO BRASILEIRO DE ESTATÍSTICA

233

**PESQUISA SOBRE RENDIMENTO FAMILIAR** — A Fundação IBGE está realizando pesquisa em inúmeras unidades da Federação abordando o rendimento familiar, emprego, subemprego, desemprego, migração interna e a fecundidade da mulher brasileira, devendo os resultados serem divulgados em abril próximo.

Técnicos do IBGE salientam que a lei 5.534, de 1968, obriga a prestação de informações aos recenseadores credenciados pela entidade para fazer esse levantamento. Frisam que as pessoas não devem recelar dar as informações porque a lei também proíbe a divulgação de dados que terão caráter sigiloso, sendo usados apenas para fins estatísticos e não poderão ser objeto de certidão nem constituirão prova em processo administrativo, executado apenas os processos que resultarem de infração do regulamento.

Os resultados serão apresentados isoladamente para os Estados do Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Guanabara, Minas Gerais, Pernambuco, Rio de Janeiro e Brasília. As outras unidades da Federação serão agrupadas por regiões.

Cumprido ressaltar que esta pesquisa tem capital interesse para o Banco Nacional de Ha-

bitação, já que sua finalidade proporcionará cálculos mais aproximados para a realização dos programas de habitação.

## MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E DO COMÉRCIO

### EMPRESA BRASILEIRA DE TURISMO

EMBRATUR REALIZA CADASTRO — A Empresa Brasileira de Turismo — Embratur — por meio das Secretarias de Turismo dos Estados, iniciou cadastramento de todos os pontos de atração turística em praticamente todas as cidades do País. O levantamento será o mais amplo possível, pois servirá de base para a execução de um programa de incentivos, visando a auxiliar os focos turísticos que, por falta de público, estão ameaçados. Algumas dessas Secretarias já estão pedindo relatórios aos responsáveis por parques de diversões e proprietários de teatros, cinemas, bares típicos e barcos (nas cidades litorâneas) sobre as características e localização de seus estabelecimentos ou de suas propriedades, bem como sobre as dificuldades que por acaso enfrentam. Aceitam-se relatórios sobre eventuais vínculos desses negócios com o turismo na cidade em que se situam.

A Embratur organizará um catálogo especial para circos, grupos mambembes, teatrinhos de marionetes e outros tipos de diversões mais populares, que serão relacionados com o pitoresco da cidade, sua história, sua importância como centro cultural, esportivo etc.

## MINISTÉRIO DOS TRANSPORTES

APOIO RODOVIÁRIO AO PRODOESTE — Segundo informações do Ministro Mário Andreazza, dos Transportes, dentro dos próximos três meses estarão concluídos os estudos para a construção da rodovia Brasília-Cuiabá — Cáceres — Mato Grosso. A nova rodovia faz parte do sistema viário que está sendo implantado na área abrangida pelo Prodoeste, com o propósito de possibilitar o escoamento da produção agrícola da região. O sistema rodoviário do Prodoeste, partindo quase sempre de Brasília, liga-se a algumas rodovias do PROVALE e, cortando o sul de Goiás e Mato Grosso, atinge as fronteiras da Bolívia e Paraguai.

## CERTAMES

V CONGRESSO NACIONAL DE PROCESSAMENTO DE DADOS — De 16 a 20 de outubro de 1972 realizou-se na Guanabara o V Congresso Nacional de Processamento de Dados, reunindo mais de 1.500 participantes, entre usuários e fabricantes de equipamentos.

Na sessão de instalação o Ministro Reis Veloso, do Planejamento e Coordenação Geral, pronunciou o seguinte discurso:

1. “Até o final do Governo Médici o Brasil não mais poderá ser considerado “subdesenvolvido” em matéria de computação.

De um lado, a política industrial transformará o país, no período 1972/1974, em exportador de unidades centrais (UCP), unidades de fita magnética e memórias para computadores comerciais de grande porte. E permitirá a fabricação, no país — caso se comprove a viabilidade dos estudos já em estágio avançado —, em escala industrial, de mini-computadores digitais de controle em tempo real.

Para completar o estudo de viabilidade, deverá em breve ser constituída empresa-piloto. O projeto deverá assegurar efetiva transferência de tecnologia, não apenas quanto à fabricação de componentes mas também quanto à “design” e usos em sistemas. Cinco ou seis dos melhores fabricantes mundiais, nesse campo de computadores de pequeno porte, apresentaram proposta concreta para associar-se ao programa brasileiro, que garantirá, simultaneamente, controle de capital nacional e privado, com participação do BNDE.

De outro lado, o mercado brasileiro para computação já se coloca entre os 8 ou 10 maiores, no mundo, com um crescimento anual esperado de 25 a 30%. O país conta, hoje, com cerca de 800 computadores instalados. Os dispêndios esperados (em “hardware” e “software”), no período 1972/1974, são da ordem de Cr\$ 3,8 bilhões, dos quais Cr\$ 760 milhões na área do setor público.

É de salientar que o estabelecimento de redes de transmissão de dados através não só de troncos locais mas também de canais nacionais (e oportunamente internacionais) da EMBRATEL logo permitirão uma integração nacional em informática, nas pegadas da integração econômica e social já em marcha acelerada.

2. O Brasil vem progressivamente implantando os instrumentos para a configuração de uma efetiva Política Nacional de Informática e Computação.

Essa política deve partir de uma definição nítida dos usos, pelo Governo e pelo setor privado, da informática e computação, para atender às prioridades nacionais do desenvolvimento. Prioridades, principalmente, no sentido da transferência de tecnologia para a infra-estrutura econômica (Energia, Transportes, Comunicações) e Indústria; da política de modernização e reforma administrativa do setor público; da política de fortalecimento do poder competitivo do setor privado, quanto à tecnologia e "management"; e da política de fortalecimento das instituições nacionais de pesquisa científica e tecnológica, no Governo, no setor privado, nas universidades.

Governo, empresa usuária, universidades e instituições de pesquisa devem assumir a iniciativa dessa definição de relações explícitas entre prioridades econômicas e sociais e sistemas de computação, inclusive para que os efeitos sobre o emprego e outras implicações sociais sejam antevistos.

Daí por que a tarefa mais urgente, para evitar distorções e desperdícios, é a de preparar a alta administração, nas mesmas instituições, para o conhecimento das aplicações e perspectivas da computação eletrônica. Só assim decisões de utilização do computador serão razoavelmente eficiente. Do contrário, prevalecerá a tendência, de um lado, a simples indicações vagas de prioridades, nos planos governamentais e empresariais; e, de outro lado, a compras imdoredas, ante o trabalho de "marketing" da indústria fornecedora, realizando a modernização pela modernização e conduzindo ao desperdício.

Aquela preparação do mais alto nível de tomada de decisão, para saber o que pode tirar da computação eletrônica, terá de realizar-se, evidentemente, em seminários e no próprio local de trabalho, através de reuniões de trabalho preparadas especificamente para essa finalidade.

Os instrumentos de política de informática aprovados pelo Governo já incluem:

1) Coordenação da atuação do Governo Federal na área de computação, através dos seguintes mecanismos:

a) a Comissão de Coordenação das Atividades de Processamento Eletrônico (CAPRE), já em operação junto ao Ministério do Plane-

jamento e Coordenação Geral, destinada principalmente a: opinar sobre compras e locações de equipamentos pretendidos por órgãos e empresas governamentais; e propor medidas relativas à elevação da produtividade na utilização dos equipamentos de processamento de dados;

b) o Instituto Brasileiro de Informática, junto ao IBGE, destinado a operar como banco de dados, para atender às necessidades de planejamento econômico e social;

c) o SERPRO, como empresa pública prestadora de serviços de processamento de dados, principalmente na área fiscal.

2) Política Industrial de Computadores, na forma já descrita.

3) Política de treinamento, inclusive pela criação de centros de computação em entidades usuárias — no Governo e em grandes empresas —, para evitar que a política de treinamento e limite aos fabricantes de computadores (que poderiam induzir ao seu uso imoderado) e às universidades (que poderiam superenfatizar o treinamento acadêmico). Evidente que a universidade e as empresas fabricantes devem estar associadas a tais programas.

3. É importante que o setor privado usuário de computação assuma parcela maior de responsabilidade nos aspectos gerais da referida política, e nesse sentido é relevante o papel da SUCESU, além do esforço voltado para os aspectos técnicos da incorporação de tecnologia de computadores.

Dois pontos merecem particular atenção para aquele fim. Primeiro, a colaboração no sentido de mostrar racionalmente as vantagens e desvantagens da utilização de equipamentos de processamento de dados, ada mais importante do que dizer claramente, em muitos casos, que a utilização de processamento eletrônico é prematura tecnicamente, ou economicamente injustificada. A reforma administrativa, de grande número de organismos governamentais, não raro depende mais de medidas pedestres e óbvias no campo da organização ou da política de pessoal, do que de equipamento moderno; o fortalecimento da capacidade empresarial de pequenas e médias empresas se colocaria no mesmo plano.

Talvez tenha havido, da parte dos usuários privados, excessiva dependência com relação aos programas de divulgação dos fornecedores de equipamentos, compreensivelmente suscetíveis de excessiva ênfase na utilização de

equipamentos sofisticados, quando frequentemente se trata, mesmo para a grande empresa, de incorporar nova tecnologia, em sentido amplo, afetando toda a sua estrutura de planejamento, execução e controle.

Segundo, não é apenas o Governo que se deve preocupar com a solução do problema da escassez de pessoal qualificado para processamento de dados, especialmente ao nível de programadores e analistas. A iniciativa do setor privado usuário, nesse campo, ajudará a colocar o assunto na perspectiva devida”.

I SEMINÁRIO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO URBANO — Com sessão de abertura presidida pelo Ministro João Paulo dos Reis Velloso, do Planejamento e Coordenação Geral, e a presença de autoridades e técnicos de diferentes áreas ligadas ao assunto, realizou-se na Guanabara, em setembro de 1972, o I Seminário Nacional de Desenvolvimento Urbano. Participaram o Presidente do BNH, Rubens Costa, o Prefeito Figueiredo Ferraz, de São Paulo e o arquiteto Harry James Cole.

Em seu pronunciamento disse o Ministro Reis Velloso, que: “Novo instrumento estará, em breve, definido: a criação de regiões metropolitanas na forma autorizada pela Constituição. Possivelmente na base de atos específicos para cada região metropolitana, a fim de permitir a necessária adaptação a condições regionais, o mecanismo a ser instituído deverá constituir soluções à altura da magnitude do problema, caracterizado pelo fato de que as áreas metropolitanas em fins da década já deverão abrigar cerca de 25% da população brasileira e parte dominante da atividade econômica nacional.”

Adiantou que:

“Relatório da Comissão Nacional sobre Problemas Urbanos, do Congresso dos Estados Unidos, assinalava, não há muito, que nos anos 60 o desenvolvimento urbano havia passado a constituir tema nacional prioritário.

É hora de, no Brasil, integrar a atuação federal, estadual e municipal, para uma ação nacional e um enfoque global na política de desenvolvimento urbano. Isso significa a promoção do desenvolvimento econômico-social do âmbito urbano, definida com a compreensão do sistema urbano como um todo. Assim se alcançará a ordenação da dinâmica de organização territorial do país e a maior eficiência do sistema urbano, para desempe-

nho das funções econômicas e sociais das cidades, como lugares de trabalho, habitação e lazer.

“O Brasil alcança os 100 milhões de habitantes, com uma população urbana de cerca de 60% do total — isto é, 60 milhões de pessoas —, caracterizando-se como nação predominantemente urbana. Esse nível de população urbana excede o total da população de países como a Alemanha, França, Inglaterra, Itália, México.

Nada mais expressivo da mudança profunda que experimentou a sociedade brasileira, nos últimos 25 anos, do que o fenômeno da urbanização. A cidade transformou as nossas vidas. Novos padrões de conforto foram introduzidos — expressos nos índices substancialmente mais elevados de nutrição, educação e saúde e no consumo amplo de bens manufaturados, duráveis e não duráveis —, coexistindo com igualmente novas condições de desconforto e angústia: o confinamento dos apartamentos, a poluição diversificada, a tortura do trânsito (pelo estudo de viabilidade do Metrô, a velocidade média dos ônibus no centro de São Paulo estava a 7,5 km/h, ou seja, algo comparável a um carro de boi), a ameaça do câncer e do enfarte”.

“Seria inconveniente superdramatizar o problema da urbanização. Cabe, entretanto, referir-lhe as dimensões atuais e perspectivas, para uma ação de envergadura correspondentes, com base nas seguintes verificações:

1) O crescimento da população urbana, na década de 60 (5,1 por cento ao ano), quanto inferior ao da década anterior (5,5 por cento), ainda foi elevado, dada a taxa de urbanização já alcançada. E resulta não apenas de migração excessivamente rápida das zonas rurais para as urbanas, como também de centros urbanos menores para os maiores. Nesse particular, as cidades de menos de 10.000 habitantes tiveram aumento populacional de apenas 2,3 por cento ao ano, para 6,1 por cento das cidades de mais de 10.000 habitantes.

Migrações excessivas e desordenadas, para zonas urbanas, acima da capacidade de absorção de mão-de-obra que tais áreas têm demonstrado, podem significar uma pobre opção de estratégia de desenvolvimento, em país com as condições do Brasil, de ampla expansão da fronteira econômica, inclusive dentro do próprio Nordeste.

2) Regionalmente, é de assinalar que a Região Sudeste já tem quase 75 por cento da sua população em áreas urbanas — índice de urbanização superior ao registrado na França e Bélgica, por exemplo.

Nas regiões menos desenvolvidas — Nordeste e Norte (com taxas de aumento da população urbana também elevadas, 4, 5 e 5,3 por cento, respectivamente) —, a metropolitani-zação prematura de certas cidades pode con-ter forte efeito econômico de debilitação, ao invés de fortalecimento, em relação à área próxima e, menos sensivelmente, a toda a região.

3) Conquanto as cidades de tamanho médio tenham revelado mais altas taxas de expansão populacional, as áreas metropolitanas — já configuradas ou em formação — ainda apresentaram crescimento muito elevado, para aglomerados da dimensão em que se encontram. Ou seja, um aumento anual de 4,7 por cento para cidades com mais de 600.000 habitantes: metrópoles nacionais (São Paulo e Rio) e metrópoles regionais (Recife, Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador). de-vido em breve incorporar-se a este último grupo Belém, Fortaleza e Curitiba. A propó-sito dos aglomerados mundiais com mais de 6 milhões de habitantes, São Paulo é o de maior taxa de crescimento (5,5 por cento ao ano no último decênio, em comparação com o segundo colocado, Pequim, que cresce a 3,8 por cento; ou seja: São Paulo aumenta, anualmente, de uma cidade como Goiânia)."

"A política de desenvolvimento urbano deve fundar-se nas bases seguintes:

1) Integrar-se na estratégia nacional de desenvolvimento, regionalmente orientada no sentido de criar novos pólos macrorregionais: o pólo industrial-agrícola do Nordeste, inclusive com ocupação do vale do São Francisco e outros vales úmidos; o pólo agropecuário e mineral da Amazônia, com proces-samento da base agrícola e mineral; e o pólo agropecuário do Planalto Central e do Centro-Oeste.

Dentro do Centro-Sul, a descentralização industrial deverá permitir a interiorização do processo industrial no Estado de São Paulo, a criação de um "continuum" econômico entre São Paulo e Rio, a consolidação de pólos como o de Belo Horizonte e o do Sul.

2) Situar a cidade dentro do planejamento do pólo econômico em que se encontra, definindo-se a sua função econômica e social e, só então, passando a definir sua configuração físico-urbanística.

Aquele planejamento deve ter enfoque eminentemente dinâmico, por ser a cidade, hoje, animal dinâmico por excelência, evitando-se, como frequentemente ocorre, soluções de tráfego, abastecimento e urbanismo orientados para as cidades de 30 anos atrás.

3) Consolidar um número adequado de ci-dades de dimensão satisfatória (ou seja, su-ficientemente grandes para tirar proveito de economias externas e economias de aglome-ração, mas não tão grandes que signifiquem fortes deseconomias principalmente sociais), como elementos de apoio para uma hierar-quia urbana bem estruturada, nacionalmente.

4) Usar amplamente a tecnologia e os mo-dernos métodos de "management" para dar solução aos problemas urbanos básicos."

"É paradoxal, por exemplo, embora no trans-porte aéreo já se venha evoluindo para nú-mero reduzido de empresas — hoje rentáveis e encaminhadas no sentido de sólidas estru-turas empresariais — e na comercialização de minérios para grandes empresas como a Va-le do Rio Doce — que, inclusive, utiliza supergraneleiros e superpostos para operar a baixos custos — o transporte urbano de ôni-bus e táxis, nas cidades brasileiras, ainda tenda, não raro, para a pulverização de em-presas, com reflexos graves quanto à tecni-logia, "management" e capacidade financeira.

Como o problema urbano passou ao primeiro plano das preocupações dos governos federal e estaduais, a corrente década deverá ser bas-tante fértil quanto a novas soluções e novas formas de colaboração entre as diferentes es-feras do Governo.

A ação federal, auxiliada pelos Estados, já permitiu o encaminhamento adequado dos problemas de energia elétrica, transportes não urbanos, telecomunicações, expansão do en-sino superior e médio. O empenho recente é nos campos de telefones locais, abasteci-mento alimentar (centrais de abastecimento e supermercados), sistema de águas, rede de esgotos, gás canalizado."

Constituem prioridades para as próximas eta-pas, no esforço articulado que a União apoiar-á, em maior ou menor escala:

a) sistema de transportes de massa, princi-palmente para aglomerados de mais de 400.000 habitantes; seria irrealista e contraproducent-e adotar medidas mais severas de limitação de acesso de automóveis ao centro da cidade, sem existirem sistemas de transportes públi-cos de alta velocidade e grande capacidade;

b) combate ao crime; controle da poluição; eliminação progressiva de favelas;

c) uso do solo urbano e metropolitano.

Novo instrumento, em breve, estará defini-do: a criação de regiões metropolitanas, na forma autorizada pela Constituição. Possível-

mente na base de atos específicos para cada região metropolitana, a fim de permitir a necessária adaptação a condições regionais, o mecanismo a ser instituído deverá constituir solução à altura da magnitude do problema, caracterizado pelo fato de que as áreas metropolitanas, em fins da década, já deverão abrigar cerca de 25 por cento da população brasileira e parte dominante da atividade econômica nacional.

A observação final é de cautela para todos nós. A cidade é, antes de tudo, uma sociedade, e não apenas um ente físico ou, de forma menos simplista, um ente econômico-social. Sociedade que, no ritmo de transformação atual, trouxe, para os seus membros, a ameaça da solidão e a busca de valores, em substituição a modos de ser e valores abandonados.

Como sociedade, obviamente, a cidade não deve distanciar-se do homem, principalmente das categorias humanas mais vulneráveis, a quem deve oferecer oportunidade e senso de realização."



**XII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE SIDERURGIA** — Com a participação de mais de 1.000 técnicos, empresários e autoridades internacionais do setor, inclusive dos Estados Unidos, Japão e países europeus, realizou-se em outubro de 1972, na Guanabara, o XII Congresso Latino-Americano de Siderurgia, uma promoção do Instituto Latino-Americano de Ferro e do Aço (ILAFA) em conjunto com o Instituto Brasileiro de Siderurgia. Dentre os temas discutidos figuram: "Comercialização Internacional do Aço"; "A Fabricação de Equipamentos para a Indústria Siderúrgica e Mineração na América Latina"; "O Processamento de Minérios de Ferro" e "Aços Especiais".

Simultaneamente à realização do Congresso foi levada a efeito exposição com modelos em escalas e outros elementos ilustrativos de processos e equipamentos empregados na indústria siderúrgica.



**INTEGRAÇÃO MERIDIONAL SUL-AMERICANA** — Na III Reunião dos Ministros das Obras Públicas e dos Transportes da região meridional da América do Sul, em Cochabamba, (Bolívia), o Brasil, Argentina, Bolívia, Chile, Paraguai e Uruguai expressaram a vontade de superar as dificuldades físicas à sua integração abrindo rapidamente novas vias de transporte.

A reunião decidiu estabelecer "zonas francas" para baratear os custos do transporte; dar uso multinacional à maquinaria para abertura e conservação de estradas — com venda do equipamento disponível de um a outro país, aluguel ou mesmo troca.

A reunião aprovou também o Plano Rodoviário Boliviano, com obras fundamentais para integração da área sul da América.

---

## UNIDADES FEDERATIVAS

---

### AMAZONAS

**APROVEITAMENTO DO SOLO AMAZÔNICO** — Sob o Patrocínio da FAO e coordenação do holandês Klass Jan Beck, especialista em recursos de solos, técnicos do Brasil, Colômbia, Venezuela e Nicarágua, reuniram-se em Manaus, em setembro de 1972, no sentido de trocar idéias e propor recomendações sobre a utilização e manejo de solos na região Amazônica.

Uma das principais sugestões apresentadas pelos especialistas é a de que sejam selecionadas áreas-piloto dentro dos projetos de colonização, para verificar a eficiência prática da política agrária proposta. A maior pressão entre os países da Amazônia comum está concentrada justamente no Brasil, onde o desenvolvimento da região é programa prioritário de segurança nacional.

A Venezuela e Colômbia planejam a colonização na Amazônia para prazo mais longo. O primeiro, com 10 milhões de habitantes, e outras áreas de solos mais férteis disponíveis para a agricultura, reserva o seu aproveitamento para o futuro; o segundo iniciará o levantamento dos solos, porque a pressão demográfica da sua região andina já está forçando o êxodo de agricultores para a Amazônia.

A reunião de Manaus foi parte de um projeto da FAO para levantamento de solos no Trópico Úmido que está sendo financiado pelo plano das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). A atuação da FAO se dá principalmente em termos de cooperação técnica aos países latino-americanos, auxiliando-os na avaliação sistemática de terras e águas. Três especialistas em avaliação e manejo de solos e irrigação e drenagem acompanham o projeto que também envolve o desenvolvimento das zonas secas.

Os 35 especialistas foram divididos em três grupos na reunião: de utilização, manejo e

levantamento de solos e recursos naturais da Amazônia. Entre as principais recomendações gerais está a "seleção de unidades de experimentação e investigação agropecuária em áreas prioritárias para desenvolvimento regional, em cooperação com as instituições competentes". O coordenador do grupo de utilização, Sr. Eduardo Marin Castillo, do Departamento de Estudo de Recursos Naturais Integrados, da Nicarágua, que participou como convidado da FAO, explicou que o colono não deve ser utilizado como guia de experimentação agropecuária, porque seria como fazê-lo de cobaia".

Eles concluíram ainda pela necessidade de estudos integrados de solo, botânica, ecologia, silvicultura, tecnologia, mercado e comercialização e de um inventário para determinar a quantidade e qualidade das espécies nativas. Que o tamanho dos lotes para a colonização deve ser definido pelo tipo de utilização de solo, mão-de-obra e capital disponível para exploração. Recomendaram um estudo mais profundo, necessário para estabelecer uma agricultura permanente e intensiva, ainda que se desenvolvam os cultivos perenes nativos, como o da seringueira e castanha-do-pará.

Os técnicos reunidos pela FAO puderam constatar, em visita a algumas áreas selecionadas para exploração agropecuária, que os solos são em geral, pobres e necessitam de adubagem para que determinadas culturas sejam produtivas. Os fertilizantes corretivos, que em São Paulo são vendidos a 25 cruzeiros a tonelada, na Amazônia custam Cr\$ 200,00. Os Ministérios da Agricultura e dos Transportes estudam a possibilidade de implantar um terminal de fertilizantes, semelhante ao de Santos, para que os produtos cheguem a granel ao Norte do País, e sejam misturados no porto. O agricultor regional não faz corretivo de solo e por isso, concluem os técnicos, há necessidade de um levantamento que indique as culturas mais adequadas para uso primitivo em cada área.

O agrônomo Francisco Brás Nogueira, chefe do Setor técnico do INCRA em Altamira, explicou durante a reunião em Manaus que "a experimentação agrícola demoraria até quatro anos e não podemos abrir a estrada e deixá-la sem ocupação". Neste trecho da Transamazônica, 800 mudas de cacau chegaram e brevemente será iniciado o plantio. A CEPAC (Comissão Executiva do Plano do Cacau) fez um estudo para a Amazônia que indicou determinadas faixas de terras férteis próximas a Altamira como ideais para cultura do cacau. Ela exige solos férteis e um período seco de curta duração. As manchas de terras férteis da Amazônia são esparsas e

estão concentradas principalmente entre Altamira e Itaituba. Mas associadas ao latossolo amarelo e vermelho (solo arenoso e pobre), que predomina em quase toda região. As famílias foram fixadas em lotes de 1000 ha, sem um estudo detalhado de cada área.

Foram selecionadas, pelo INCRA, 16 culturas para orientação do plantio na Amazônia brasileira. Seis anuais — de algodão, amendoim, arroz, mandioca, milho e feijão; três semiperenes — de abacaxi, banana e cana-de-açúcar; quatro perenes — de caju, citrus (laranja e limão) guaraná e pimenta-do-reino. Além de três tipos de culturas que precisam da sombra de outras, porque não podem ser cultivadas a pleno sol: o cacau, café e seringueira, também permanentes. As áreas de pastagens corresponderão a 6 ha em cada lote, para criação familiar de gado leiteiro. E 50 hectares em cada lote (50% do total) estão destinados à reserva florestal.

Os especialistas em solos dos principais órgãos relacionados ao desenvolvimento da Amazônia concluíram, na reunião de Manaus, que a adaptação de culturas necessita de um levantamento a nível de parcela (estudo semi-detalhado de cada área) que permita determinar a estrutura do solo e a seleção de áreas para os diferentes tipos de cultura (de acordo com as características do solo).

Próximo de Altamira, a Divisão de Pesquisas Pedológicas do Ministério da Agricultura foi encarregada pelo INCRA de indicar uma faixa de terras férteis contínuas (terra roxa) para o plantio de cana-de-açúcar. Os pedólogos apontaram o km 60, de acordo com as especificações solicitadas, e a produção servirá para abastecer uma usina de açúcar que vai ser construída em Altamira.

## PARÁ

**DESENVOLVIMENTO DO VALE DO TOCANTINS** — Está sendo providenciada, pela Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), a elaboração de plano de desenvolvimento e estabelecimento de diretrizes para estudos de viabilidade, inclusive indicação de projetos prioritários, para o vale do rio Tocantins, no Pará.

O plano compreenderá, em nível de reconhecimento, a localização, identificação, inventário e avaliação de recursos naturais, abrangendo pesquisas gerais nos campos da climatologia, hidrologia, limnologia (estudo das águas interiores ou lagos), mineralogia e vegetação. Haverá também a determinação dos recursos humanos por meio de estudos de etnografia, estrutura, demografia, colônias espontâneas ou planejadas, migrações temporárias ou defi-

nitivas, famílias e locais preferidos, população ativa, trabalho, educação, saúde, habitação, pobreza e formas patológicas de vida social. Estudará ainda a situação da aplicação de recursos nos setores produtivos, definindo as atuais condições da infra-estrutura econômica da região.

## RIO GRANDE DO SUL

**DESENVOLVIMENTO DA FRONTEIRA GAÚCHA** — Como parte do Plano Agro-Hidrológico da Região Sul, deverá entrar em execução projeto que tem por finalidade o desenvolvimento integrado das bacias hidrográficas dos rios Ibicuí e Quaraí, compreendendo um total de 19 municípios.

Conhecido como Projeto Sudoeste/1, esse plano abrange uma área de 72.000 km<sup>2</sup>. A área é bastante castigada por fenômenos cíclicos com estiagens prolongadas ou enchentes violentas, afetando profundamente a sua economia baseada no setor primário.

A realização das pesquisas agro-hidrológicas revelaram riqueza do elemento do subsolo da região, justificando as perspectivas para o aproveitamento racional de um desenvolvimento integrado da área na agricultura e pecuária, visando ao suporte futuro de um parque industrial transformador da produção regional. Daí a pesquisa ter-se concentrado nos seguintes elementos de amostragem: potencialidade e limitações dos recursos naturais, tais como geologia, hidrogeologia, hidrologia e solos; investigações das agrotécnicas mais adequadas para o setor agropecuário, estudos econômicos e sociais, infra-estrutura, recursos humanos e aplicações práticas dessa tecnologia a nível de unidade rural. Em síntese é esse o projeto Sudoeste/1 que acaba de sair do estágio de pesquisa para o de atuação.

O projeto tem a participação de um total de 24 organismos, entre entidades públicas e pri-

vadas, assim discriminadas: Superintendência de Desenvolvimento da Região Sul — SUDESUL; Departamento Nacional de Obras e Saneamento, Departamento Nacional de Produção Mineral, Departamento Nacional de Águas e Energia Elétrica, Coordenadoria do INCRA, no Estado, Banco do Brasil, Conselho de Desenvolvimento da Pecuária, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade de Santa Maria, Secretaria de Ordenação e Planejamento, Secretaria do Desenvolvimento Regional de Obras Públicas, Secretaria da Indústria e Comércio, Centrais Elétricas do Sul do Brasil, Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul, Companhia Estadual de Energia Elétrica, Instituto Riograndense do Arroz, Departamento Estadual de Portos Rios e Canais, Associação dos Municípios da Fronteira Oeste AMFRO: Prefeitura Municipais de Alegrete, Santana do Livramento e São Pedro do Sul; Federação da Agricultura do Estado, Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural e Sindicato dos Empregadores Rurais de Alegrete.

A SUDESUL explica que após a fase preliminar, que consistiu em estudos de pedologia, geologia, hidrologia, climatologia e sócio-economia rural, foi elaborado o plano diretor e programados dois projetos-piloto e um projeto de desenvolvimento.

Os locais adequados à implantação dos projetos-piloto foram São Pedro do Sul e Santana do Livramento, respectivamente, PP-1 e PP-2. O primeiro, específico para atividades agrícolas e o segundo para a pecuária. Alegrete, o pólo da microrregião, considerado o mais representativo, concentra a terceira etapa do plano de operações. A intenção do projeto Sudoeste/1, em forma globalizada, é implantar um modelo de desenvolvimento representativo para toda a região, essencialmente prático e onde os experimentos e os conhecimentos técnicos adquiridos possam, efetivamente, ser utilizados pelas futuras unidades de produção.

Decreto-lei n.º 1.207, Cria Programa

Especial para o Vale do São Francisco —

Decreto n.º 70.210, Dispõe a respeito da

coleta e apuração das estatísticas de

registro civil — Decreto n.º 70.231,

Dispõe sobre a revisão do cadastro rural —

Decreto n.º 70.296, Altera os artigos 1.º

e 2.º do Decreto n.º 47.446.

## Legislação

241

### ATOS DO PODER EXECUTIVO

#### LEGISLAÇÃO DE INTERESSE GEOGRÁFICO E CARTOGRÁFICO

*Atos do Poder Executivo*

DECRETO-LEI N.º 1.207 — DE 7 DE  
FEVEREIRO DE 1972

*Cria Programa Especial para o Vale do São Francisco (PROVALE) e dá outras providências.*

O Presidente da República, no uso da atribuição que lhe confere o artigo 55, item II, da Constituição, decreta:

Art. 1.º É criado Programa Especial para o Vale do São Francisco (PROVALE), complementar aos programas em execução, para ocupar os vazios econômicos existentes nessa região e acelerar o seu desenvolvimento econômico e social, integrando-a mais rapidamente ao processo de desenvolvimento nacional.

Art. 2.º Consideram-se prioritários na primeira fase de execução do PROVALE:

a) os serviços de dragagem, balizamento, derrocamento, proteção de margens e demais obras de melhoramento das condições de navegabilidade do rio São Francisco, entre as cidades de Pirapora e Petrolina-Juazeiro;

b) o reaparelhamento da frota da Companhia de Navegação do São Francisco;

c) a realização de obras de urbanização, infra-estrutura social, saneamento e irrigação;

d) o apoio aos programas de colonização, irrigação e desenvolvimento agrícola das regiões de Rio Corrente, Rio Grande, Irecê, Jaíba, Paracatu, João Pinheiro, Montes Claros, Petrolina-Juazeiro-Penedo e Propriá;

e) a proteção das nascentes do rio São Francisco e de áreas de sua bacia hidrográfica, mediante a implantação de projetos de reflorestamento e criação de parques nacionais;

f) a construção de eclusas para navegação na barragem de Sobradinho e reurbanização ou relocação das cidades e vilas inundadas pelo reservatório;

g) as seguintes ligações rodoviárias:

BR-316 — trecho Teresina-Picos-Salgueiro;

BR-407 — Trecho Picos-Petrolina;

BR-020-242 — trecho Brasília-Posse-Barreiras-Ibotirama;

BR-242 — ponte sobre o rio São Francisco;

BR-030 — trecho Brasília-Carinhanha — BR-116-BR-101-Campinho;

BR-365 — trecho Montes Claros — Pirapora — Patos — Patrocínio — Uberlândia;

BR-135 — trecho Januária — Montalvânia — Correntinha;

BR-349 — trecho Correntinha — Santa Maria — Bom Jesus da Lapa;

BR-251 — trecho Brasília — Unai — Montes Claros — Salinas — BR-116;

BR-496 — trecho Corinto — Pirapora.

§ 1.º A execução dos serviços e obras de que trata este artigo caberá:

I — Ao Ministério dos Transportes, quanto às alíneas *a*, *b* e *g*, por intermédio do Departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis (DNPVN), Superintendência Nacional de Marinha Mercante (SUNAMAM) e Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER), respectivamente;

II — Ao Ministério do Interior, quanto à alínea *c*;

III — Ao Ministério da Agricultura, quanto às alíneas *d* e *e*, por intermédio do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF);

IV — Ao Ministério das Minas e Energia e ao Ministério dos Transportes, quanto à alínea *f*, por intermédio da Companhia Hidroelétrica do São Francisco (CHESF) e do Departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis (DNPVN).

§ 2.º As ligações rodoviárias básicas ficarão a cargo do Ministério dos Transportes — DNER, sob cuja orientação será construído, pelos Estados respectivos, o sistema de estradas vicinais.

Art. 3.º Os trechos Corinto-Pirapora, Capim-Grosso-Juazeiro e Petrolina-Cabrobó são incluídos no Plano Nacional de Viação, sob

as referências BR-496, BR-425 e BR-497, respectivamente.

Art. 4.º Os recursos do PROVALE provirão:

a) de dotações orçamentárias previstas nos orçamentos anuais e plurianuais de investimentos;

b) de transferências do Programa de Integração Nacional (PIN), de que trata o Decreto-lei n.º 1.106, de 16 de junho de 1970;

c) de transferências do Programa de Redistribuição de Terras e de Estímulo à Agro-Indústria do Norte e do Nordeste ..... (PROTERRA), de que trata o Decreto-lei n.º 1.179, de 6 de julho de 1971;

d) de outras fontes, internas e externas, inclusive dotações especificamente alocadas no Orçamento Monetário, aprovadas pelo Conselho Monetário Nacional.

Parágrafo único. Os recursos provenientes do PIN e do PROTERRA só serão aplicados nas áreas abrangidas por esses programas.

Art. 5.º Sem prejuízo das verbas orçamentárias devidamente autorizadas, o PROVALE contará com dotação de recursos no valor de Cr\$ 840.000.000,00 (oitocentos e quarenta milhões de cruzeiros) distribuídos pelos exercícios de 1972 a 1974, como segue:

— Cr\$ 260.000.000,00 em 1972;

— Cr\$ 280.000.000,00 em 1973;

— Cr\$ 300.000.000,00 em 1974.

§ 1.º As transferências de recursos do Programa de Integração Nacional e do ..... PROTERRA, em cada um dos exercícios mencionados neste artigo, serão aprovados pelo Presidente da República, mediante proposta dos Ministros da Fazenda, do Planejamento e Coordenação Geral e do Interior, e não excederão o limite de Cr\$ 360.000.000,00 (trezentos e sessenta milhões de cruzeiros) para o PROTERRA e Cr\$ 400.000.000,00 (quatrocentos milhões de cruzeiros) para o PIN.

§ 2.º Os recursos orçamentários provenientes do Fundo Especial e de outras dotações, sem aumento de despesa, correspondem a Cr\$ 80.000.000,00 (oitenta milhões de cruzeiros).

Art. 6.º Os recursos previstos no artigo anterior terão as seguintes aplicações:

|   |                |
|---|----------------|
|   | Cr\$           |
| a) implantação e pavimentação da rede de rodovias básicas | 350.000.000,00 |

|   |                |
|---|----------------|
| b) serviços de dragagem, balizamento, derrocamento, melhoramentos das condições de navegabilidade e aquisição de equipamentos ..... | 20.000.000,00  |
| c) reaparelhamento da frota fluvial .....   | 5.000.000,00   |
| d) construção do sistema de estradas vicinais .....   | 15.000.000,00  |
| e) apoio aos programas de colonização e reflorestamento   | 50.000.000,00  |
| f) financiamento de projetos de desenvolvimento agrícola e agroindustrial .....   | 200.000.000,00 |
| g) realização de obras de urbanização, infra-estrutura social, saneamento e irrigação ..  | 100.000.000,00 |
| h) reservatório de Sobradinho:  |                |
| I — Construção de eclusas na barragem .....   | 70.000.000,00  |
| II — Reurbanização ou relocação de cidades e vilas ....   | 30.000.000,00  |

§ 1.º As importâncias destinadas a órgãos públicos, liberadas mediante utilização de fundos provenientes de transferências do PIN e do PROTERRA, não terão caráter reembolsável.

§ 2.º A importância mencionada na alínea d deste artigo destinar-se-á a financiamentos aos órgãos rodoviários estaduais, por conta do Tesouro Nacional e por intermédio do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico, com recursos destacados pelo Banco Central do Brasil, observadas as seguintes condições:

Prazo de resgate: doze anos, com três de carência;

Juros: 10% (dez por cento) ao ano;

Garantia: Obrigações do Tesouro do Estado ou outras a critério do Conselho Monetário Nacional.

Art. 7.º Este Decreto-lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Brasília, 7 de fevereiro de 1972; 151.º da Independência e 84.º de República.

EMÍLIO G. MÉDICI  
*Alfredo Buzaid*  
*Adalberto de Barros Nunes*  
*Orlando Geisel*  
*Mário Gibson Barboza*  
*Antônio Delfim Netto*  
*Mário David Andrezza*  
*L. F. Cirne Lima*  
*Jarbas G. Passarinho*

Júlio Barata  
*J. Araripe Macêdo*  
*F. Rocha Lagóa*  
*Marcus Vinicius Pratini de Moraes*  
*Antônio Dias Leite Júnior*  
*João Paulo dos Reis Velloso*  
*José Costa Cavalcanti*  
*Hygino C. Corsetti*

(Transcrito do D.O. de 7/2/72)

DECRETO N.º 70.210 — DE 28 DE FEVEREIRO DE 1972

*Dispõe a respeito da coleta e apuração das estatísticas do registro civil e dá outras providências.*

O Presidente da República, usando das atribuições que lhe confere o artigo 81, item III, da Constituição, e tendo em vista o Decreto-lei n.º 161, de 13 de fevereiro de 1967, decreta:

Art. 1.º A Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — IBGE — fornecerá os mapas necessários à remessa, àquela Entidade, pelos oficiais do Registro Civil, dentro dos primeiros oito dias dos meses de janeiro, abril, julho e outubro de cada ano, dos dados referentes aos nascimentos, casamentos e óbitos que houverem registrado no trimestre anterior, podendo ainda deles requisitar as correções que forem precisas.

Art. 2.º Fica mantida a transferência, para o IBGE, do acervo da estatística do Registro Civil realizada pelo Serviço de Estatística Demográfica, Moral e Política do Ministério da Justiça.

Art. 3.º Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Brasília, 28 de fevereiro de 1972; 151.º da Independência e 84.º da República.

EMÍLIO G. MÉDICI  
*Alfredo Buzaid*  
*João Paulo dos Reis Velloso*

(Transcrito do D.O. de 29/2/72)

DECRETO N.º 70.231 — DE 3 DE MARÇO DE 1972

*Dispõe sobre a revisão do cadastro rural de que trata o artigo 46 do Estatuto da Terra e dá outras providências.*

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 81, item III, da Constituição, decreta:

Art. 1.º A revisão geral do cadastro rural, a que se refere o § 4.º do artigo 46 da Lei n.º 4.504, de 30 de novembro de 1964, será realizada pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, em todo o território nacional, no período de 15 de março a 15 de junho de 1972, de acordo com os prazos fixados para cada região em Instrução do INCRA aprovada pelo Ministro da Agricultura.

Parágrafo único. A revisão inclui o cadastramento dos proprietários e possuidores de imóvel rural, seus parceiros e arrendatários.

Art. 2.º Os proprietários, titulares de domínio útil ou possuidores, a qualquer título, de imóvel rural são obrigados a apresentar ao INCRA as declarações de cadastro, nos prazos que vierem a ser fixados nos termos do artigo anterior, de acordo com o artigo 49 da Lei n.º 4.504, de 30 de novembro de 1964, e artigo 31 da Lei n.º 5.172, de 25 de outubro de 1966.

Parágrafo único. O não cumprimento do disposto neste artigo sujeitará o contribuinte ao lançamento de ofício dos tributos e contribuições devidas, na conformidade do artigo 149, item II, da Lei n.º 5.172, de 25 de outubro de 1966, calculados com base em dados cadastrais anteriores e levantamentos locais procedidos pelo INCRA.

Art. 3.º Os formulários para o cadastro serão fornecidos gratuitamente pelo INCRA.

Art. 4.º Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Brasília, 3 de março de 1972; 151.º da Independência e 84.º da República.

EMÍLIO G. MÉDICI  
L. F. Cirne Lima

(Transcrito do D.O. de 3/3/72)

DECRETO N.º 70.296 — DE 17 DE  
MARÇO DE 1972

*Altera os artigos 1.º e 2.º do Decreto n.º 47.446, de 17 de dezembro de 1959 e dá outras providências.*

O Presidente da República, usando das atribuições que lhe confere o artigo 81, item III, da Constituição, decreta:

Art. 1. Os artigos 1.º e 2.º do Decreto número 47.446, de 17 de dezembro de 1959, passam a vigorar com a seguinte redação:

‘Art. 1.º É criado, nos Estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, o Parque Nacional de Aparados da Serra, abrangendo terras situadas nos Municípios de Cambará do Sul (RS) e Praia Grande (SC).

Art. 2.º O Parque Nacional de Aparados da Serra, com superfície estimada em 10.250 hectares (102 km<sup>2</sup>), compreende todas as áreas situadas dentro do seguinte perímetro: “Começa na interseção da margem direita do Rio Camisas com a Estrada Cambará-Praia Grande (Ponto 1); segue pelo lado direito desta estrada, no sentido de Praia Grande, até o cruzamento com o Arroio das Perdizes (Ponto 2); daí, continua, na mesma direção, pelo lado direito da estrada até a chamada Escarpa do Faxinal em um ponto de onde se tem a visão, em direção sudoeste, da Serra do Cavalinho (Ponto 3); deste ponto, segue-se em linha reta em direção sudoeste até o sopé da encosta da Serra do Cavalinho no seu ramo oriental (Ponto 4); daí, segue pelo sopé da escarpa em direção oeste até o ponto denominado Baio Branco Faxinalzinho, nas nascentes do Arroio da Pedra (Ponto 5); daí, em direção aproximada norte, em uma distância de cerca de 2.230 metros até o encontro com o Rio Camisas, no local chamado Taquaral (Ponto 6); continua pela margem direita do Rio Camisas até o cruzamento com a estrada para São Francisco de Paula (Ponto 7); daí segue sempre pela margem direita do Rio Camisas, passando pelo local chamado Morro Agudo (Ponto 8); até a interseção com a Estrada Cambará-Praia Grande (Ponto 1).”

Art. 2.º Fica o Ministério da Agricultura autorizado, através do INCRA, a desapropriar as terras abrangidas pela nova delimitação do Parque Nacional de Aparados da Serra e a prosseguir nas ações de desapropriação propostas com base no Decreto n.º 47.446, de 17 de dezembro de 1959.

Art. 3.º O Ministério da Agricultura, por intermédio do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, baixará, dentro do prazo de sessenta (60) dias, o Regimento do Parque e as instruções que se fizerem necessárias para o seu cumprimento.

Art. 4.º O presente Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Brasília, 17 de março de 1972; 151.º da Independência e 84.º da República.

EMÍLIO G. MÉDICI  
L. F. Cirne Lima

(Transcrito do D.O. de 20/3/72)